



A Madeira e os Alemães, 1917-1939
O discurso na imprensa madeirense

Mestranda – Helena Paula Freitas Pernetá

Licenciada em Ciências da Cultura

Orientação:

Paulo Miguel Rodrigues

Anne Martina Emonts

Dissertação apresentada à Universidade da Madeira para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do Grau de Mestre em Gestão Cultural

Funchal, Setembro de 2011

«Não sei por que motivo em Portugal os „anglófilos“ são mais exagerada e intolerantemente ingleses do que os verdadeiros britânicos. Mas também se verifica que os „germanófilos“ são mais facciosos do que a maior parte dos „nazis“ (...) Em Portugal pouco se cuida em ser essencialmente „lusófilo“.»

Visconde do Porto da Cruz, *Como Vi o Fim da Guerra na Alemanha*, [s.d.], p. 20.

AGRADECIMENTOS

Foi para mim foi deveras gratificante explorar as fontes primárias facultadas e em muito possibilitadas pela condescendência, disponibilidade e diligência demonstradas no acesso a estas. Refiro-me à pessoa da ex cônsul da Alemanha na Madeira, a Sra. Elisabeth Elfriede Gesche, que desde Março de 2010 a Junho de 2011 me recebeu em sua casa, a Quinta Olavo, e me transmitiu valiosas informações, com uma precisão e memória acuradas, dignas de nota, apesar da sua avançada idade. Passei página a página os seus Livros de Honra e através dos seus relatos vivi momentos de tempos findos. Transporte-me para as décadas de vinte e trinta do século passado e tentei entender os porquês, as vivências e os discursos de outrora. A esta senhora, a minha mais sincera gratidão. Que viva muitas mais primaveras, a fim de poder testemunhar, a quem se interesse, a experiência de um tempo que já não existe.

A minha gratidão reconhece também a pessoa do Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek, oficial da Aviação Naval e Professor Adjunto em Aviação Marinha. Numa entrevista efectuada em Janeiro de 2010, aquando da sua visita à Madeira, este especialista em área de aeronáutica, prontificou-se a colocar-me a par dos dados essenciais referentes ao historial e especificidades do dirigível LZ 127 Conde Zeppelin, o qual passara pela Madeira em 1928. Fica aqui registado o meu reconhecimento pelo compromisso e pelo esmero da informação.

Não poderia também omitir o meu agradecimento à amabilidade e solícitude da Doutora Fátima Barros, directora do Arquivo Regional da Madeira. Ao indagar sobre o espólio do Colégio Alemão, descobri que este se encontrava no ARM¹. Infelizmente deparo-me com um obstáculo: de facto este lá se encontrava, inacessível ao leitor e há espera, na prateleira, pela sua catalogação. Todavia, graças à prontidão e deferência da Doutora Graça Barros, foi-me possibilitado o acesso à dita documentação, lamentando, no entanto, não poder

¹ Fora informada de tal localização pela presente co-orientadora Doutora Martina Emonts.

usufruir da imensidão interessante de fontes aí encerrada, em virtude da necessária e pertinente triagem de documentação para o presente estudo.

Por fim, reservo os meus mais sinceros agradecimentos aos mais importantes contributos na realização desta investigação: o meu orientador, Doutor Paulo Miguel Rodrigues e a minha co-orientadora, Doutora Anne Martina Emonts. O seu empenho em manter-me na linha de rumo, no caminho delineado sobre o objecto de estudo, representou para mim um apoio de valor incalculável. A sua persistente insistência sobre como questionar-me sobre o que realmente interessava para a pesquisa, sem cair na tentação de perder de vista o objecto de estudo, foi de capital importância para a realização deste trabalho.

Funchal, Setembro de 2011

Sumário

O presente estudo, subordinado à temática «Encontro entre Culturas» e «A Madeira e os Alemães», propõe-se à investigação da representatividade da intervenção alemã sobre o contexto regional, através da análise da visão madeirense sobre o povo e cultura germânicos. Desde recuados tempos o fenómeno «ilheidade» sempre esteve subjacente à sensação do «ser e estar madeirenses», o indagar pelo desconhecido do além-mar, a ânsia de transpor o horizonte fora do que a vista alcança, foram, com o passar dos tempos, sensações despertadas pelo contacto com outras culturas. Com o romper do liberalismo arranca o jornalismo insular e, com ele, a manifestação do discurso público, numa dimensão até então desconhecida. Pela primeira vez na história madeirense, os madeirenses falam de si próprios, dando azo à auto e hetero-observação. A percepção do «outro» remeterá para uma reflexão sobre a visão endógena da identidade cultural madeirense e, simultaneamente, para a visão exógena da «diferença» do «outro», neste caso do «alemão». Neste estudo estarão constantemente perceptíveis os fenómenos da alteridade e da interculturalidade luso-germânica, assim como a rivalidade anglo-germânica. Pela mesma altura começam a desenhar-se na ilha vínculos com a nação emergente, a Alemanha, quer no âmbito terapêutico-científico, demonstrado na questão da «Madeirasache» e da concessão dos sanatórios na ilha, quer no concernente ao interesse germânico pela ilha, segundo conveniências estratégico-militares ou político-turísticas. A conjuntura político-económica e social vigente durante o período 1917-1939 agudizará as relações luso-germânicas, o germanófilo Sidónio de Pais ascende ao poder, cessa a Grande Guerra, floresce o fascismo europeu. O dirigível alemão passa pela ilha, o turismo nazi elege a Madeira como regular destino turístico, a Juventude Hitleriana acampa na ilha, enquanto uma segunda guerra mundial está prestes a eclodir. A opinião pública fervilhará ao ritmo dos acontecimentos, manifestando-se na imprensa local posições pró e anti-germânicas.

Palavras-chave: Madeira; Alemães; Discurso; Imprensa; Alteridade; Interculturalidade.

Abstrac

This study, under the theme «Meeting of Cultures» and «Madeira and the Germans», proposes to investigate the representativeness of German intervention on the regional context, through the analysis of the Madeiran vision on German people and culture. Since long time the phenomenon «insularity» was always behind the sense of «being Madeiran», the wondering of the unknown overseas, the urge to cross the horizon outside of what the eye can see, were, over time, feelings aroused by contact with other cultures. With the breaking of liberalism the island journalism emerges and together with it the manifestation of public speech on a scale hitherto unknown. For the first time in Madeira history, locals were talking about themselves, giving rise to self and straight observation. The perception of «the other» will reflect itself on the endogenous vision of cultural Madeiran identity and simultaneously on the exogenous vision of "difference" of the "other", in this case the 'German'. In this study the phenomena of otherness and interculture will be constantly visible, as well as the Anglo-German rivalry. Around the same time begins to draw on the island ties with the emerging nation, Germany, within the therapeutic and scientific scope, proven on the issue of «Madeirasache» and the granting of a sanatorium on the island, or in regard to german interest of strategic-military or touristical and political conveniences. The political-economic and social setting during 1917-1939 will sharpen the Luso-German relations, the germanophile Sidónio de Pais amounts to government, the Great War ceases, European fascism thrives. The German airship flies over the island, Nazi tourism elects Madeira as a regular touristic destination, Hitler youth camps on the island, while a second world war is about to hatch. Public opinion in the bustling pace, manifesting itself in the local press pro and anti-German positions.

Keywords: Madeira; Germans; Speech; Press; Otherness; Interculture.

ABREVIATURAS UTILIZADAS

ANT	Assistência Nacional aos Tuberculosos
ARP	Acção Realista Portuguesa
DAF	<i>Deutsche Arbeitsfront</i> (Frente de Trabalho Alemã)
FNAT	Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho
GESTAPO	Geheime Staats Polizei (Polícia secreta do Estado)
JCIL	Junta Central do Integralismo Lusitano
JH	Juventude Hitleriana (Hitlerjugend)
KdF	Kraft durch Freude (Força pela Alegria)
LZ	Luftschiff Zeppelin (dirigível, «navio do ar»)
MNE	Ministério do Negócios Estrangeiros
MNS	Movimento Nacional Sindicalista
MP	Mocidade Portuguesa
NS	Nacional Socialismo
NSDAP	<i>Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei</i> (Partido Nacional-Socialista do Operariado Alemão)
PVDE	Polícia de Vigilância e Defesa do Estado
SA	<i>Sturmabteilung</i> (Tropas de Assalto)
SDN	Sociedade das Nações
SPN	Secretariado de Propaganda Nacional
SS	<i>Schutzstaffel</i> (Tropa de Protecção)

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 9

CAPÍTULO I – CONCEITOS, PERSPECTIVAS TEÓRICAS E CONTEXTO HISTÓRICO 11

- 1.1. A Sociedade Madeirense e o Discurso Público 11
- 1.2. A Consciência Nacional, o Princípio de Nacionalidade e o Conceito de Nação 22
- 1.3. O caso da Alteridade: O «Estrangeiro», o «Outro» 29

CAPÍTULO II – DECADÊNCIA E QUEDA DA 1ª REPÚBLICA, 1917-1928 33

- 2.1. O interesse económico-científico. O Turismo Terapêutico e a Saúde Pública:
Hospital anti-tuberculoso, Sanatório e Dispensário 34
- 2.2. Perspectivas e pareceres: A Alemanha na Imprensa Madeirense 49

CAPÍTULO III – DO ADVENTO DO ESTADO NOVO AO LIMIAR DA 2ª G. GUERRA, 1928-1939 69

- 3.1. As ligações com o exterior. 1928: o primeiro voo comercial transatlântico do
Dirigível Zeppelin, Friedrichshafen-Funchal 71
- 3.2. O «Turismo Nazi» na Madeira: os Cruzeiros da *Kraft durch Freude*, 1935-1939 84
- 3.3. Os Acampamentos da Juventude Hitleriana na Madeira, 1935-1937 104
- 3.4. As Relações Internacionais: uma visão da diplomacia luso-alemã na Imprensa
Madeirense 107

CONSIDERAÇÕES FINAIS 120

Fontes e Bibliografia 126

Índice de Ilustrações 144

Índice de Anexos 145

Anexos 147

INTRODUÇÃO

Um dos factores que manifestamente contribuiu para o despoletar do meu interesse pelo contexto cultural «A Madeira e os Alemães» foi uma das conferências realizadas na Universidade da Madeira, em 2009. Esta conferência², intitulada «Alemães na Madeira: negócios, saúde e turismo. Breves notas para a compreensão da presença germânica nesta ilha», integrava-se no Projecto Encontro entre Culturas. Abordagens como a presença e a cultura germânicas na Madeira, desenvolvidas na dita conferência, constituíram uma motivação apelativa para este presente trabalho. As áreas científicas de História e Cultura desde sempre cativaram a minha atenção e é sobre elas que me movo profissionalmente quando em contacto com o público alemão.

Considerarei, por conseguinte, a iminente necessidade de um estudo conclusivo onde se pudesse evidenciar e expor a concreta representatividade do impacto da intervenção alemã no contexto regional e a consequente visão madeirense sobre esta cultura germânica. Achei por bem optar por este tema e pelo período entre guerras, de 1917 a 1939, desde a República Nova até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, período onde sobressaíram as reacções e o discurso madeirense relativamente aos alemães e à Alemanha. A conjuntura político-económica e social vigente nesta altura aproximara e confrontara mais de perto ambas as culturas: o chamado «germanófilo» Sidónio de Pais subia ao poder, a Grande Guerra terminava, o fascismo europeu despontava, o nacional-socialismo crescia na Alemanha, em Portugal o governo de Salazar produzia mudança de condutas. A Europa voltava a ver outra grande guerra nascer.

Um outro motivo que me levou a optar por esta baliza temporal, para além da curiosidade académica, foi a minha curiosidade pessoal e profissional em averiguar a imagem que se fazia na Madeira sobre o povo alemão nesta altura, numa página da História da Madeira relativamente recente. Estes foram tempos chave onde na ilha se assistiu às repercussões do projecto abortado da companhia alemã dos sanatórios anti-tuberculosos; à passagem do dirigível alemão, pioneiro na ligação aérea comercial e

² Conduzida no âmbito da disciplina Cultura Alemã.

intercontinental; à chegada dos navios de cruzeiro da organização nazi *Kraft durch Freude*, trazendo milhares de turistas a bordo, num período de 1935 a 1939; aos acampamentos da Juventude Hitleriana entre 1935 a 1937; e às frequentes escalas de vários navios de guerra alemães. Estas relações luso-alemães marcaram a cultura madeirense, um encontro entre culturas, uma oriunda do Sul outra do Norte.

O cerne do presente trabalho fundamenta-se no olhar madeirense sobre os alemães e a reflexão deste no discurso da imprensa regional, no período referenciado. Os reflexos destas relações de alteridade, da referência do «outro», serão denunciados na base de entrevistas concedidas, em documentos do ARM e nos jornais regionais, testemunhos vivos e diversos, por excelência arautos do discurso público de outrora. Foram estas as fontes privilegiadas, o meu corpus de trabalho, destacando-se a utilização da imprensa como fonte fundamental, um recurso indispensável para qualquer investigação histórica. No referente à selecção destes periódicos, foram salvaguardados dois requisitos: os que revelaram maior adesão e influência no discurso regional e os que se destacaram da maioria, pela sua posição controversa. Em todos eles procurou-se a análise e as tomadas de posição relativas ao objecto em estudo: a visão dos madeirenses sobre o povo alemão. A minha abordagem baseou-se nas questões: O que se lê sobre os alemães no discurso público da Madeira? O que nos leva a uma conclusão esclarecedora sobre o olhar madeirense? De que forma reagiu a população madeirense a dado acontecimento? Recolhi nos vários periódicos seleccionados relatos de acontecimentos sócio-políticos e culturais, fulcrais e pertinentes para a análise do objecto em estudo, e depois procedi ao registo destes num processo de analogia entre si, verificando como se expressaram sobre a mesma matéria na mesma data. A investigação realizada e os dados recolhidos deixaram em aberto ainda alguns problemas, no entanto, com este estudo tentarei demonstrar como se caracterizou o discurso público madeirense sobre a imagem tida sobre os alemães. Esse representa o verdadeiro objectivo do presente ensaio. Espero com este trabalho poder dar o meu contributo para a história da Madeira.

CAPÍTULO I

1. Conceitos, Perspectivas Teóricas e Contexto Histórico

O conceito de sociedade está intimamente ligado ao conceito de comunidade, de pertença a uma nação, à co-identificação com uma consciência nacional comum. A nação é o resultado da sua História política, económica e sociocultural, levada a cabo pelo conjunto dos membros sua comunidade. A História madeirense transformou a sua sociedade, consoante o evoluir dos tempos, dos acontecimentos e dos contactos que se iam proporcionando com o exterior. A comunidade madeirense sentiu na pele os efeitos duplos da insularidade: o receio e estranhamento do outro, do estrangeiro que a visitava e, paradoxalmente, a curiosidade e o desejo de encetar contacto, de observar novas culturas e formas de estar. As características naturais da ilha, a sua situação geográfica privilegiada desencadearam ao longo dos tempos um intercâmbio inter-cultural com o estrangeiro, baseado na alteridade e explícito no discurso da comunidade. Este tema da percepção do outro constituirá o *Leitmotiv*, a questão recorrente do presente capítulo, como também de toda a amplitude do estudo.

1.1. A Sociedade Madeirense e o Discurso Público

No séc. XIX certos núcleos da sociedade madeirense manifestavam interesse pelo factor cultural, nomeadamente a aristocracia inglesa e alguns membros da sociedade madeirense de comerciantes, como também profissionais liberais. A acessibilidade às rodas sociais processava-se em circuitos fechados e a leitura era apenas uma prerrogativa das classes sociais médias e altas, caracterizadas até por um certo seguidismo, ao passo que a grande massa do povo era analfabeta, alheada da realidade cultural e preocupada pela sua auto-subsistência. Em 1900, o índice de analfabetismo rondava os 90%, e em 1901, 82,7%. (Fernandes, 2008: 114). O cosmopolitismo imperava em detrimento do provincianismo, do

ruralismo iletrado. Graça Fernandes descreve o fosso existente entre a literacia da elite e das classes sociais mais baixas:

No período da Grande Guerra, no que se refere aos aspectos culturais, a população era praticamente analfabeta. Não sendo as estatísticas da época rigorosas, sabe-se, contudo, que é na cidade que existem pequenos núcleos de natureza cultural mais elevada, resultantes principalmente, das actividades económicas. É interessante averiguar que os jornais existentes, como por exemplo o Diário de Notícias, na sua origem de influência inglesa, tendo iniciado a sua publicação em 11 de Outubro de 1876, só eram lidos por uma pequena elite (Fernandes, 2008: 123-124).

A praça pública certamente que existia, afigurando-se como espaço de inter-relacionamento e revelando-se mais enérgica e activa nos meios citadinos que nos rurais, onde as vias de comunicação pecavam pela precariedade de acesso e fluidez da comunicação. Na metrópole madeirense, mesmo no período da Grande Guerra, as classes de comerciantes (nacionais ou estrangeiras) continuavam a frequentar os lugares de convívio social. Organizavam-se círculos literários onde se reuniam grupos de tertúlias ou saraus, em espaços públicos ou privados.

(...) os salões requintados, os espectáculos na ordem do dia, como os concertos, a ópera, as récitas, os saraus, o teatro dramático, o teatro de revista, ou os bailes, muitos dos quais eram promovidos pela Cruz Vermelha, no sentido de granjear fundos para os mais necessitados ou para as famílias dos soldados mortos em combate. Os espectáculos de circo, montados em locais reservados para esse efeito, eram outras das atracções para o público funchalense. As representações teatrais em *matinés* ou sessões nocturnas e o cinematógrafo eram distrações que também conseguiam atrair muitos espectadores. Essas movimentações culturais ajudavam a encurtar o desespero que o conflito bélico causava ao povo madeirense, contribuindo para o ajudar a libertar tensões, reconstituir forças e enfrentar a labuta diária (Fernandes, 2008: 49-50).

O teatro Municipal³ e os casinos Pavão, Vitória e Monumental, exercendo a função de salas de espectáculos, de jogo e salões dançantes, como locais de convívio social, seriam

³ O Teatro Municipal do Funchal, inspirado no teatro «La Scala de Milão» foi denominado de Teatro D.Maria Pia, foi inaugurado em 1888. Em Novembro de 1910 o seu nome é alterado para Teatro Manuel Arriaga e em virtude de Manuel Arriaga não consentir o seu nome no teatro, este é alterado, em Janeiro de 1912, para Teatro Funchalense. Após a morte do Dr. Manuel Arriaga, em 1917, este é denominado novamente, pela Câmara Municipal, em 1921, de Teatro Manuel Arriaga. Em 1935, no início da vereação do Dr. Fernão de Ornelas e por sugestão do Dr. Cabral do Nascimento e do Dr. Ernesto Gonçalves, o teatro é definitivamente chamado de Teatro Baltazar Dias, em honra do dramaturgo e «poeta cego» madeirense. Assim se chama na presente data.

eventualmente pólos de difusão de opinião. Relativamente ao Teatro Grande referia já o Elucidário Madeirense numa das suas páginas:

Ali representaram durante muitos anos várias companhias nacionais e estrangeiras. (...) Vieram depois os tempos revoltos das nossas lutas civis, e o teatro esteve encerrado por longos períodos, e, quando temporariamente se abria ao público, logo se davam manifestações de carácter político, chegando por vezes a haver alterações da ordem, em que tinha de intervir a força armada. E foram, por fim, essas demonstrações do facciosismo partidário que lavraram a sentença de morte deste teatro. (...) Em algumas noites de espectáculo, os partidários das ideias constitucionais aproveitavam a reunião do grande número de espectadores, para expandirem os seus sentimentos liberais e fazerem propaganda dos princípios que professavam, estendendo-se essa propaganda do palco à plateia (...) (Silva e Meneses, 1984, vol. III: 347-348).

O panorama sociocultural da ilha foi também enriquecido com os grupos, clubes e academias de tertúlias, os quais constituíram inegavelmente mecanismos de difusão da opinião pública, embora com menor impacto, alcance e instantaneidade que o meio jornalístico. Não obstante, estes organismos movimentaram audiência, incentivaram a reciprocidade, o envolvimento, a argumentação e muitas vezes o debate, entre a classe dominante. Constituíram pontos de vista susceptíveis de divulgação, despoletando assim uma certa dialéctica e dinâmica comunicativa, quer na comunidade em geral, quer mesmo directamente na própria imprensa regional. Na sua íntegra, estas colectividades localizavam-se no seio da capital madeirense, o único pólo centralizador da cultura insular.

A Madeira, no último quartel do século XIX, pelas dificuldades que experimenta, ignora a evolução externa. O insulamento conduziu o ilhéu a agrupar-se em “círculos de estudos, clubes ou tertúlias literárias, de que o Funchal foi pródigo”. Conhecem-se de memória várias sociedades científicas, artísticas e literárias herdeiras do saber erudito e popular com reflexos no Cancioneiro de Resende e no “Ciclo Poético da Madeira” (Goes, 1985:127).

Após 1836, assiste-se, no seio da sociedade madeirense, à fundação de vários clubes, de carácter político ou não-político (literário, social e recreativo, desportivo, artístico, comercial), fruto da inspiração na colónia inglesa radicada na ilha e dos seus *Society Clubs* (Goes, 1985). O «associativismo ilhéu, o clubismo, circunscrito ao ludismo, ao prazer, recreio e distração que, no caso presente da Madeira, deve muito à presença estrangeira» (Goes, 1991: 91), melhor dizendo, à colónia inglesa radicada na ilha. São os casos específicos do *The English Reading Rooms*, fundado em 1830 (prevalecendo até fins de

1976); do *British Country Club*, sediado na Quinta Magnólia e acessível a madeirenses nos seus últimos anos de vida; do *Stranger's Club*, fundado em 1907, no Casino Pavão; e do *The Sports Club*, fundado em 1901. Nove anos após a fundação do *The English Reading Rooms*, é fundado por madeirenses, a 3 de Dezembro de 1839, o famoso *Clube Funchalense* (cujos estatutos teriam sido aprovados pelo Governador Civil já em 1877). Este último perdurou por sessenta anos, constituído inicialmente na zona do Carmo, passando depois para a Rua dos Ferreiros até à data da sua extinção. Aqui eram somente admitidos e votados pela Assembleia Geral os sócios oriundos de um certo nível social, sobretudo oriundos da aristocracia comercial, os quais confraternizavam nos seus famosos bailes e *soirées*, fossem portugueses ou estrangeiros. Muito frequentemente, as personalidades mais ilustres de passagem pela ilha eram recebidas com as honras da casa (Silva e Meneses, 1984).

Igualmente fundado por madeirenses nasce o *Novo Clube Restauração*, em 1908, localizado na avenida «Manuel de Arriaga», antiga Praça da Constituição. Testemunhando o associativismo madeirense vão surgindo então variadas tipologias de clubes, como que instrumentos sociais em voga: *Clube Sports da Madeira* (fundado em 1910); *Clube Sport Marítimo* (com os seus estatutos aprovados em Outubro de 1911, mantendo-se até à actualidade); *Clube Naval Madeirense*, instituído em 1917, projectando-se até aos dias de hoje. (Silva e Meneses, 1984). Os fins destas associações eram invariavelmente «recreio e distração dos seus sócios» através de leituras, de estudos, criação e “jogos lícitos” permitidos – que delimitam extractos da sociedade civil» (Goes, 1991: 92). A par destes núcleos de lazer e convívio social, de carácter não-político, existiam os discretos agregados da maçonaria madeirense⁴. Segundo os autores do *Elucidário Madeirense*, em 1921, destacavam-se o grupo *Trabalho* (fundado em 1901), o *Grémio 5 de Outubro* (fundado a 13 de Outubro de 1911), o *Clube Republicano da Madeira*, fundado em 1911, localizado à avenida «Gonçalves Zarco»; a *Britannic Lodge* (constituída em 1913 e composta na sua maioria por filiados de nacionalidade inglesa) e a *Pátria Portuguesa* (criada a 12 de

⁴ A 19 de Janeiro de 1935, é apresentado na Assembleia Nacional um projecto de lei proibindo a organização e participação em associações secretas, sob pena de aplicação de punições como a pena de prisão e o desterro.

Janeiro de 1916). Os objectivos deste género de colectividades são resumidos pelos autores como:

Sendo os seus fins idênticos aos da maçonaria portuguesa, um dos artigos do seu programa é pôr em obra os princípios avançados, e por isso teve de sofrer grandes perseguições e vexames antes de conquistar as liberdades que de há muito desfruta na nossa ilha (Silva e Meneses, 1984, vol. II: 305).

Dentro do contexto das tertúlias, outra agremiação regional que vem caracterizar o movimento intelectual e as diferentes manifestações do Discurso Público madeirense, é o *Grupo do Centenário*, constituído após o breve governo de Sidónio Pais, por figuras de relevo intelectuais como o Tenente-Coronel Alberto Artur de Sarmiento, João dos Reis Gomes (Major Reis Gomes), o padre Fernando Augusto da Silva e Francisco Bento de Gouveia. Deste núcleo nasceu a iniciativa das festas comemorativas do quinto centenário da descoberta da Madeira, promovida em 1922. No respeitante ao âmbito da arte, digno de referência é o grupo da *Escola de Belas Artes*, sediado no Convento da Encarnação (onde funcionava o Seminário Diocesano, confiscado pelo governo da República): um grupo formado por artistas e intelectuais, coordenado pelo Visconde da Ribeira Brava, tendo em vista a fundação de um partido regionalista. Daqui saíram estudos de carácter histórico-literário, como o famoso compêndio *Elucidário Madeirense* (Visconde Porto da Cruz, 1953:13).

Segundo César Pestana (1952) e o Visconde do Porto da Cruz (1953) *A Geração do Cenáculo*, um expoente da ideologia patriótico-nacionalista da época, tornou-se conhecida pela imagem de prestígio social e intelectual dos seus associados e pela sua incisiva influência exercida no contexto cultural e artístico madeirense. A academia forma-se logo a seguir às festividades do centenário da descoberta da Madeira, em 1922, e prevalece no meio funchalense por cerca de meio século. Os seus fundadores são os mesmos intelectuais da génese do *Grupo do Centenário* e à sua presidência encontrava-se o Major Reis Gomes (escritor, professor do Liceu). Embora sem estatutos, a filiação nesta academia era vedada a terceiros não convidados: era um grupo exclusivista, de elite intelectual, de livres-pensadores, imbuído de uma natureza liberal e conservadora, de um certo eclectismo desprovido de preconceitos político ou religiosos. Em apreciação, colocavam-se problemas de foro urbanístico (pareceres requisitados pela autarquia) em discussão e julgavam-se os

novos contributos na arte e literatura. Eram convidados com certa frequência alguns escritores de Portugal Continental a visitar a academia. Este grupo reunia-se, inicialmente, por volta de 1911, na redacção do *Heraldo da Madeira* e, depois, todas as noites, numa sala privada do então Hotel Golden Gate. Detinha como órgãos oficiais o *Heraldo da Madeira* (1904-1915) e o *Diário da Madeira* (1916- 1940, com direcção do Major Reis Gomes).

(...) havendo-se transfigurado depois, em simples tertúlia, presidida pelo major [Major Reis Gomes], de tarde, a uma mesa do café Apolo, era difícil ingressar. Havia, como nas academias, um número certo de *fauteils*, de sócios efectivos. Eram lugares vitalícios... Para ocupá-los, a lupa crítico-académica do major, teria de lobrigar qualquer centelha de merecimento que lhe agradasse (...) Era este cenáculo o ninho de águia da paisagem intelectual da nossa ilha. Numa aresta dum alto rochedo, em sua volta, escancaravam-se inacessíveis abismos... Para além, no fundo dos vales, havia o sussurro das gentes na faina da vida do espírito (Vieira, 1950: 18).

Ainda em paralelo a esta academia, reunia-se no café Golden Gate outro agrupamento de tertúlias, os *Artistas Independentes* (1918-1933). Uma tertúlia igualmente de carácter restrito, silencioso e composta por pedagogos: os irmãos artistas Francisco e Henrique Franco, o professor Alfredo Migueis, Emanuel Ribeiro, o poeta Jaime Câmara, o médico João Francisco de Almada e o naturalista Adolfo de Noronha. Mais tarde adere o pintor Abel Manta, o poeta João Cabral do Nascimento e o escritor Ernesto Gonçalves. Não muito longe deste café, no café Kit Kat localizado frente ao cais, na entrada da cidade, reunia-se outro núcleo de intelectuais, o *Grupo do Kit Kat*: composto por poetas e jornalistas da época, como Jaime Câmara, Henrique Gouveia e João Marinho de Nóbrega.

Os Cinco Artistas Vagabundos, um agregado de intelectuais, de estudantes universitários e de escritores, teria sido outro foco formador da opinião pública. Era composto por João Cabral Nascimento, Rodolfo Ferreira, Visconde do Porto da Cruz, Luís Vieira de Castro e Álvaro Manso de Sousa, posteriormente acrescido de Ernesto Gonçalves. Manifestaram-se através dos seus artigos irreverentes e revolucionários, publicados no *Diário da Madeira* e causadores de sensação diante do público de leitores. (Visconde do Porto da Cruz, 1953: 13-14). As quezílias literárias entre academias eram realidades frequentemente vivenciadas. O *Ateneu Comercial do Funchal* é fundado em 1898, trazendo consigo a missão de associar os comerciantes, lutar pelos interesses da classe e promover o

desenvolvimento social, intelectual e cultural da colectividade. A partir de 1909 a instituição passa a dedicar-se mais para o âmbito do Desporto, das Artes e Letras, do que do intento reivindicativo dos seus associados. Deste núcleo destaca-se Baptista Santos, reputado jornalista e poeta, colaborador na imprensa da época (*Trabalho e União, Ecos de Santa Cruz e Brado do Oeste*). Em virtude da 1ª Guerra, entre 1914 e 1925 a associação encerra as suas portas, reabrindo ainda nesta década de vinte, com preocupações mais vastas, como reivindicações socioeconómicas e de foro político, defendendo o regionalismo.

De facto os mentores desse regionalismo, que desponta nos primeiros anos da década de 20 deste século [século XX], são em maioria conservadores que irão defender a Autonomia Militar e a supremacia das “Forças Vivas” da região. Muitas das reuniões reivindicativas tiveram lugar no Ateneu Comercial do Funchal. Estes defendiam uma autonomia apenas formal e de raiz burguesa, que satisfizesse os seus interesses económicos, as suas pretensões corporativas (Janes, 1997: 232).

A partir dos anos trinta o ateneu passa a interligar o comércio com a cultura, relevando mais o sector intelectual em detrimento do sindical. A ideia da Festa da Flor nasce já em 1933, onde, segundo o reportado nas suas actas (nº 239 de 11 de Abril de 1933) se decide organizar uma exposição de flores naturais no edifício do Ateneu, intento esse que só viria a concretizar-se em 1954 com a *Festa da Rosa*, seguindo depois nos anos seguintes com o título *Festa da Flor* (Goes, 1985). Em 1936 é fundado por esta associação o Núcleo Fotográfico do Ateneu - uma associação constituída por fotógrafos amadores – a qual promovia palestras, conferências e exposições, acabando por se extinguir em 1938. As exposições promovidas poderiam abranger outras áreas artísticas, como foi o caso da exposição, em Maio de 1939, de um artista alemão, Heinz Joachim Heymann, escultor-modelador, cuja perícia era a execução de retratos e metal. Os seus trabalhos eram modelados em metal, em relevo, partindo de fotografias como base inicial. No *Diário de Notícias* de 18 de Junho de 1939, surgia a informação «A Junta Geral do Distrito, a Câmara Municipal de Santana, certos grémios e sindicatos, o médico Dr. Walter Belmonte, Heinrich O. I. Bethven e outras entidades encomendaram diversos retratos, entre eles os do Presidente da República, do Presidente do Conselho de Ministros, do Dr. Teotónio Pereira, do Dr. Rebelo de Andrade, do Dr. José Nosolini, do Dr. Paulo Amaro, do Dr. Nuno Porto, do tenente Orlando Oliveira e do Dr. Agostinho Cardoso.» (Wilhelm, 2002b: 9-10). O

artista era alemão e de religião judaica, particularidades essas que não influíram na compra dos muito interessados, ainda mais, sendo figuras públicas. E estávamos às portas do conflito mundial, o qual começaria três meses depois, mas tratava-se de uma guerra que não era de Portugal. O relacionamento alemães – madeirenses não se influenciara nos desacates políticos e diplomáticos alemães da altura. A instituição vem a revestir-se de um carisma cultural a partir do fim da década de quarenta até ao final dos anos cinquenta, adoptando como que uma atitude de mecenato e organizando conferências, seguindo a crítica e o diálogo. Nestas dissertações salientaram-se professores liceais especialistas nas áreas da literatura, da educação e instrução, do teatro, da religião, da sociologia, da geografia e do jornalismo (Ângelo Augusto da Silva, Ernesto Gonçalves, Horácio Bento de Gouveia, J. Brito Câmara, Padre Alfredo Vieira de Freitas, G.W. Graham, entre outros tantos). A actividade recreativa é em paralelo com a acção intelectual outro dinamismo da agremiação, organizando-se convívios, bailes e serões (Goes, 1985).

No âmbito da literatura, como importante referência de afirmação cultural, surge, em 1923, a já focada obra *Elucidário Madeirense* da autoria do Padre Fernando Augusto da Silva. Este compêndio assente na História e geografia física e humana da ilha constituiu um importante contributo para o património cultural madeirense; assim como *Os Ensaios Históricos da Minha Terra*, de Alberto Artur Sarmiento, ambos potenciais objectos de estudo para a manifestação do discurso público e da historiografia da época. A partir da década de trinta João Cabral do Nascimento impulsiona a organização do arquivo regional através da publicação, de um seu boletim baseado na historiografia local.⁵ Já nos anos quarenta do século XX emerge uma geração de ficcionistas como Ricardo Jardim, João França e Horácio Bento de Gouveia. Através da sua obra transparece o retrato da população madeirense, do seu quotidiano de costumes, da sua identidade cultural.

Relativamente à imprensa, tema deste trabalho, é com o advento do liberalismo no primeiro quartel do séc. XIX, que a imprensa regional passa a deter a primazia da divulgação cultural, assumindo-se como o instrumento por excelência da expressão de opinião. Por conseguinte, o período de 1820 a 1830 constitui o despoletar do arranque da imprensa regional, com a publicação em 1821, na capital madeirense, do periódico

⁵ É nesta sequência que é publicada, a meados do século, a revista *Das Artes e da História da Madeira*, uma iniciativa de Luís Peter Clode, através da Sociedade de Concertos da Madeira.

pioneiro *O Patriota Funchalense*⁶, um testemunho de uma geração agitada pela conjuntura conturbada da época inscrita. Segue-se um período fecundo no campo jornalístico entre 1850 e 1870, quando se vivencia o nascimento de vários jornais, muitos dos quais focando o debate da situação económica e sociopolítica vivida na época.

O liberalismo traz uma novidade: as propostas de consideração numérica e imediata da opinião pública (...) exprimindo aliás um debate permanente na cultura europeia, se toca na consequência directa do confronto entre a consideração numérica dos votantes e as exigências dessa mesma opinião pública (...) Aumentaram, ao mesmo tempo, os seus meios de informação imediata (...) E surge a pergunta: quem tem razão, o senso comum ou o bom senso? A maioria ou a minoria? Como equilibrar os pareceres e governar? (...) A viabilidade de apresentação de opiniões divergentes, a consideração da sua força numerável obriga à resposta e à tentativa de neutralização, assim como à necessidade da divergência ter de formular em termos maioritários para se manter como alternativa com audiência⁷.

Sem qualquer dúvida, a imprensa madeirense, testemunha ocular da conjuntura económica e sociopolítica do momento, representou um importante *corpus* de estudo, um barómetro da cultura madeirense. Através da sua natureza político-partidária, cultural, informativa ou formativa, nela se expressaram e registaram dia após dia, ano após ano, as peripécias do quotidiano local. «No princípio do século XX a Imprensa, sem a concorrência da rádio nem da televisão, detém uma forte influência na formação da opinião pública, constituindo uma mola de propulsão muito importante da luta político-social.» (Janes, 1997a: 25). Na sua generalidade, cada jornal detinha a sua especificidade, muitas vezes até denunciada pelo próprio título. O periódico poderia ser sectário de uma determinada ideologia político-partidária e/ ou de outros eventuais enquadramentos de natureza cultural, académica, religiosa, ou, simplesmente de raiz generalista. De forma constante e ininterrupta, o jornalismo vem a constituir um meio de caracterização espaço-temporal das maiorias e minorias da comunidade insular, uma expressão documental da concepção da realidade da época. Uma expressão fidedigna, subjectiva ou mesmo sensacional - a forma de opinião mais palpável e perceptível de então. No princípio do século XX a Imprensa, sem a concorrência da rádio nem da televisão, detém uma forte influência na formação da opinião pública, constituindo uma mola de accionamento muito importante da luta político-social.

⁶Cfr. José Augusto dos Santos Alves, 1989; António Ribeiro Marques da Silva, 1986.

⁷ Jorge Borges Macedo (1986), «A opinião pública na História e a História na opinião pública». *Estratégia*, nº 1. [Consult. 12-07-2011]. Disponível em :

http://www.ieei.pt/documentacao/documentos/BM_A_opinioao_publica_na_Historia.pdf

Mais tarde, com a primeira república e após 1933, aquando da instituição e consolidação do Estado Novo, verifica-se novamente na imprensa o seu carácter de intervenção política, não só a nível nacional mas igualmente no contexto regional, e a subsequente acção do exame prévio. A prática da censura fora já anteriormente encetada na I República, durante a Grande Guerra e na derradeira fase da Monarquia Constitucional. Esta intensificara-se após o golpe de 28 de Maio de 1926 e a sua oficialização só teria lugar em 1933, com a entrada em vigor da Constituição Portuguesa e a publicação do diploma que decretava o exame prévio para as publicações periódicas que se manifestassem sobre assuntos de foro político ou social. Em 1936, a Direcção Geral do Serviços da Censura passa a deter o poder de autorizar ou proibir a criação de novos periódicos e de regular a circulação de livros (Matos, 2006).

Muitos jornais publicavam o seu editorial de perfil marcadamente independentista e dissidente, defensores da liberdade de expressão. Outros seguiam pela via de apoio declarado ao regime. Outros havia ainda que, apesar de tendencialmente socioculturais ou económicos, não se podiam alhear ou alienar da situação política vigente. Todavia, imparciais ou facciosos, a supervisão da censura tocou, visou e reprimiu a manifestação da opinião, limitando a liberdade de expressão desta, fosse individual ou colectiva. A opinião pública, no seu sentido de criticismo, criatividade, heterogeneidade, diversidade, racionalidade, espontaneidade e autonomia, sofrera a manipulação da pressão de um grupo político imperante. Segundo Borges de Macedo, era o caso da «...perversão da opinião pública, como guia de governos, grupos políticos e de pressão, onde essa perversão é mais fácil de ocorrer [no campo político] do que no campo cultural e económico.»⁸.

Armas de arremesso contra partidos e facções, os jornais foram cobiçados pelos políticos que, como em outros locais, os compravam, dirigiam e editavam. Constituíam, como também aconteceu no restante território nacional, um meio eficaz para passar ideais político-partidários, para a defesa de causas, sobretudo em períodos eleitorais. Cáusticos, encetaram lutas pessoais muitas vezes difíceis de sustentar na praça pública (...) Revelam modos de pensar, de agir, de sentir. Identificaram-se com os ideais e sobretudo com os homens do seu tempo (Barros, 2007: 31).

⁸ Jorge Borges Macedo (1986), «A opinião pública na História e a História na opinião pública». *Estratégia*, nº 1. [Consult. 12-07-2011]. Disponível em : http://www.ieei.pt/documentacao/documentos/BM_A_opinioao_publica_na_Historia.pdf

Incontestavelmente, a imprensa é, de todos os mecanismos de propagação de opinião existentes na época em estudo (1917-1939), o caso mais convincente para a observação dos pontos de vista da sociedade madeirense. Não obstante a profusão de grupos de tertúlias, de clubes, e outros mais invólucros de expressão de uma comunidade, os contornos do testemunho da opinião pública ficaram mormente registados para a posteridade, nas páginas destes jornais e nas páginas da nossa história comum. Os suportes documentativos ou mecanismos de produção de opinião que relatam a expressividade desta sociedade das primeiras décadas do séc. XX até sensivelmente ao limiar da Segunda Guerra Mundial, foram, afinal, todos aqueles onde existiu «público» ou audiência e meios de comunicação: o adro da igreja, a mercearia, o correio, o telégrafo, o telefone⁹, o teatro, a literatura, o jornalismo, os clubes, as tertúlias, entre outros. Posteriormente, e ao sabor do evoluir dos tempos e da modernização tecnológica dos meios de comunicação, surgirá o cinema¹⁰ e a rádio¹¹, na década de trinta e, nos anos setenta, a televisão¹², tornando a notícia cada vez mais instantânea, imediata e directa. A opinião pública é e sempre foi uma realidade constante da essência da vida pública. «Se se definir Opinião Pública como a explicação pública daquilo que é difundo ou divulgado socialmente, ou seja, a notícia, imediatamente se compreende que a sua função é da maior importância para a evolução da sociedade» (Fernandes, 2008: 306).

⁹ O telefone era um luxo, só para uso dos mais abastados, para situações de urgência. Em 1910, cada conversação de cinco minutos dentro da cidade de Lisboa custava um tostão, dez vezes mais o preço de um jornal. Em todo o país e por altura do final da 1ª república contavam-se cerca de 30000 assinantes. Em 1910 o número total não ultrapassava os 6000 (Marques, 1993). Na Madeira, a rede telefónica foi inaugurada a 5 de Outubro de 1911.

¹⁰ Antes da 2ª G. Guerra Mundial e já desde o início do séc. XX existia o cinematographo de Alfredo Rodrigues e Manuel Luís Vieira, realizador de cinema e autor dos mais conhecidos filmes madeirenses dos anos vinte, *A Calúnia* e *O Fauno das Montanhas*. O filme mais famoso antes da 2ª Guerra Mundial foi *A Canção da Terra*, da autoria de Jorge Brum do Canto (*apud* Marques, João Maurício, *Os Faunos do Cinema Madeirense*). Nas primeiras décadas do século XX, grande parte das casas de espectáculo passavam sessões de cinema, alternadas com sessões de variedades. Estas salas eram frequentadas frequentemente pelas classes populares. A 6 de Janeiro de 1932 inaugura-se o cinema sonoro na ilha, no Teatro Municipal Dr. Manuel Arriaga. Dentro do período de estudo, os locais onde se assistia à projecção dos filmes eram o Teatro Municipal, o Cine-Parque (1940), o Solar D. Mécia (1940). O Praia Oriental, a Esplanada Santiago e o cinema ao ar livre, localizados junto ao Casino, eram conhecidos pelos espectáculos de variedades e pelas sessões nocturnas. Na Ponta do Sol, Ribeira Brava e em São Vicente exibiam-se também alguns filmes (Silva, 1998).

¹¹ A retransmissão da programação da Emissora Nacional é criada a 4 de Agosto de 1935. A 6 de Janeiro de 1948 é fundada a Estação Rádio da Madeira e a 28 de Maio do mesmo ano, o Posto Emissor do Funchal. Apenas em 1969 assiste-se à emissão em FM, e em 1971, a programação é já de produção regional (Vieira, 2001).

¹² A primeira emissão (a preto e branco) na Madeira é em 30 de Junho de 1972, enquanto no continente fora emitida já a 7 de Março de 1957. Apenas em 1982 a emissão passa a ser a cores (Vieira, 2001).

1.2. A Consciência Nacional, o Princípio de Nacionalidade e o Conceito de Nação

Segundo Ernest Renan, historiador fundamentado na partilha da Alsácia-Lorena entre a Alemanha e a França, após a guerra de 1870-1871, o conceito de «nação» constituiu «uma alma um princípio espiritual. Duas coisas, que na verdade são apenas uma (...) Uma pertence ao passado, a outra ao presente, a primeira é a posse comum de uma herança rica de memórias, a outra é o empenhamento, a vontade de viver em conjunto.»¹³ Tanto uma como a outra afirmam-se na consciência nacional e reconhecem-se numa história comum, numa glória comum, nos sacrifícios comuns. Hagen Schulze na sua obra *Estado e Nação na História da Europa* (1997) refere-se ao conceito de «Nação» como sendo mais antigo que o conceito de «Estado». Segundo este autor, a concepção actual de «nação», a qual abrange a totalidade da população, é impossível existir sem haver «Estado». Entre a Revolução Francesa e a Primeira Guerra Mundial, a noção de Nação irá revestir-se de uma nova acepção política. Ainda no início do século vinte, o conceito de «nação» havia conquistado as massas adquirindo uma força material, como que um instrumento da legitimação política na Europa, irradiando-se depois pelo resto do globo (Schulze, 1997).

Para o resto da Europa, a criação dos Estados nacionais alemão e italiano, uma concentração repentina de forças no centro do continente, concretizara os receios demonstrados no Congresso de Viena: a unificação da Alemanha e Itália. Iniciara-se o imperialismo e o colonialismo entre as potências europeias. Esta expansão colonial, que atingira o seu apogeu entre os anos 1880 e a Primeira Guerra Mundial, consistia fundamentalmente em aumentar territórios já conquistados anteriormente. Os motes principais da Nação eram: «preservar a nação do declínio que a ameaçava internamente, devido ao antagonismo das classes e ao socialismo, do exterior pela concorrência crescente da Alemanha, mas igualmente da França» (Schulze, 1997: 237).

Assiste-se, por conseguinte, no período anterior à Primeira Guerra Mundial a uma transformação da sociedade, preparando-a para uma organização militar. O poder do Estado e da Nação parecia ser onipotente perante a frágil representatividade dos partidos

¹³ *Apud* Ernest Renan, *Was ist eine Nation*, in Michael Jeismann, Henning Ritter (ed), *Grenzfälle. Über alten und neuen Nationalismus*, p. 308. Renan foi historiador de religiões e interessou-se pela ideia de Nação, após a guerra de 1870-1871.

e será este nacionalismo integral que irá desencadear a força propulsora para a precipitação das nações europeias na Grande Guerra.

A 26 de Junho de 1919 a Alemanha e os aliados assinam o Tratado de Versalhes, obrigando esta a renunciar às suas colónias e conquistas no estrangeiro, a proceder ao desarmamento, a ceder a Alsácia e a Lorena à França, a entregar o seu material bélico e a pagar as suas dívidas de guerra (cerca de 269 mil milhões de marcos, pagos em 42 prestações anuais) (Opitz, Sanches e Clara, 1998: 305). A derrota na Grande Guerra fora não só encarada como uma derrocada económica mas também como sentimento nacional de vexame e orgulho ferido, como o fora também o Tratado assinado com os aliados.

Segundo Alfred Opitz, Manuela Sanches e Fernando Clara, a República de Weimar nasceria «...de uma situação de emergência, terminando com outra ainda mais fatal para a identidade alemã.». Para estes autores, esta foi «como um símbolo dos riscos e dos limites de uma sociedade que se limitou a gerir esse intervalo entre duas guerras (...) praticando a mera sobrevivência.» (Opitz, Sanches e Clara 1998: 312).

A 9 de Novembro de 1919 Guilherme II abdica do trono, cai a monarquia e é proclamada a república na Alemanha, iniciando-se uma forma mista de governo presidencial e parlamentar sob o governo dos sociais-democratas. A primeira assembleia nacional constituinte é reunida em Weimar e assiste-se ao início de uma instabilidade político-social e económica. O interregno entre 1924 e 1929 pode caracterizar-se por um certo progresso económico, sobretudo em Berlim, o qual transformara a capital num centro cultural e económico a nível europeu, vindo então a assistir-se a uma revolução de intenso esplendor quer no âmbito da arquitectura, como da literatura, da arte e das ciências em geral, como Hauptmann intitula de os «anos dourados de vinte» (Hauptmann, 1990: 24).

Todavia, a crise económica mundial de 1929 vem precipitar a Alemanha no descalabro. Em 1930, o desemprego galopante e a miséria generalizada, incitam à cisão entre os diversos partidos e ao descrédito da população no sistema, a qual associa o parlamentarismo à crise vivida neste período weimariano do pós-guerra. Estavam lançados os germes do declínio da República de Weimar, um símbolo de grande criatividade e explosão cultural. A par desta nova Alemanha, inspirada no humanismo e no pacifismo,

sobrevém outra versão regeneradora: a Alemanha do autoritarismo, do nacionalismo exacerbado, do imperialismo. Ambas são revolucionárias porque tentam reformular a sociedade, partindo da mudança dos aparelhos do Estado e uma destas versões sobrepor-se-á à outra, tornando a governação irrevogavelmente totalitária: «Nem na Alemanha nem noutros países haverá depois *segundas revoluções*: o Estado assume, através de um partido único, a sociedade e elimina o plurarismo democrático.» (Morodo, 1997: 18).

Entre 1930 e 1933 a extrema-direita, fundada na ideologia nacional-socialista, galga terreno, lucrando com os *handicaps* da constituição da frágil república e em 1932, o partido NSDAP¹⁴ ganha as eleições trazendo consigo Adolf Hitler para o governo da nação. Nascera o III Reich, insinuando-se como que com uma contra-revolução à revolução weimariana. O nazismo nascera dum movimento nacionalista originado em 1920, no NSDAP, e caracterizava-se pelo seu totalitarismo, pela posição anti-democrática, pelo militarismo e imperialismo, pela crença na superioridade racial ariana e sua propagação (uma espécie de darwinismo social), pela prática do princípio de controlo do povo (*Führerprinzip*), pelo patriotismo exacerbado e pela criação do apoio das massas através de um aparelho de propaganda esmerado (Fiebiger, 2010). Em 1933, Hitler lança a restrição da liberdade de imprensa, reforça a acção das SA (*Sturmabteilung*) e das SS (*Schutzstaffel*) e dissolve os sindicatos, criando a *Deutsche Arbeitsfront* - DAF (Frente Alemã de Trabalho), anulando assim a organização sindical com o reforço da união assalariado-patronato. Neutraliza ainda a oposição e integra os deputados dos restantes partidos no NSDAP e prossegue com o controlo da sociedade civil, instrumentalizando-a e manobrando-a com o seu forte aparelho de propaganda e submetendo-a à organização partidária, instituindo as organizações juvenis da *Hitlerjugend* (Juventude Hitleriana). A obra de Hitler *Mein Kampf*¹⁵ encerrava o ideário do desfecho radical do *Nationalsozialismus*: a política anti-semita e o expansionismo germânico. A Alemanha, com o seu Nacional-Socialismo sui generis, optava, deste modo, por uma via política não muito distinta de outros estados europeus – a via do fascismo italiano, via essa coincidente, em parte, com o modelo de inspiração do Estado Novo de Portugal, patente na Constituição Portuguesa de 1933.

¹⁴ *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, [Partido Nacional-Socialista do Operariado Alemão].

¹⁵ *Mein Kampf*, 1ª Edição: Julho de 1925, Eher Verlag.

Regra geral, a partir de 1918 e no decurso dos anos entre as duas grandes guerras mundiais, assiste-se em quase toda a Europa a manifestações nacionalistas e discursos fascistas revolucionários que despontarão a nível internacional tensões e radicalismos que irão abalar a democracia liberal e o Estado parlamentar. Estes atingirão o seu auge nos anos trinta. Surgem os nacionalismos pós-coloniais, as ditaduras contemporâneas e as multifacetadas versões de fascismo, alimentadas em parte por fracções do futurismo, do passadismo (negação da caducidade do passado) e do modernismo, movimentos iniciados já na primeira década do século XX.

O golpe de Estado de Sidónio Pais em Dezembro de 1917 introduz a Ditadura em Portugal. O sidonismo «Foi uma experiência pioneira de ditadura moderna, cujas sementes irão frutificar, mais tarde, com o “Estado Novo”» (Lopes, 2008: 27). Este traduzira-se por um acto de ordem contra desordem: a República Nova¹⁶ renovaria a «velha» república e o seu parlamentarismo decadente. Para Fernando Pessoa, o novo «Presidente-Rei» encarnara o renascimento da pátria, o salvador da nação por um ano, apenas. A frustração da morte de Sidónio transpô-la-á para o sebastianismo, o mito do desejado, do fatalismo do prometido e não concretizado. Um ano após o término da Grande Guerra, num seu opúsculo de Maio de 1919, intitulado *Como Organizar Portugal*, Fernando Pessoa expressava a sua opinião sobre a Alemanha, elogiando o sentido de organização e de disciplina desta nação, motivo de inveja por parte dos países aliados, desprovidos deste sentido de organização:

Durante quatro anos suportaram os aliados embates sobre embates dos Alemães. Aguentaram-nos conforme os Deuses foram servidos, ora bem, ora mal, ora confiando, ora descrevendo, até que o mais velho dos Deuses, o Tempo, lhes deu vitória. E durante esses quatro anos, e através da dura experiência que eles foram, aprenderam – com que proveito, ainda não se sabe – pelo menos uma coisa. Repararem que a força da Alemanha provinha, não da perícia dos seus chefes militares. Mas de ser na guerra e na paz e na disciplina particular da vida guerreira o que era na geral de toda a sua vida – uma nação plenamente organizada, coerindo dinamicamente em virtude de uma aplicação inteligente e estudada dos princípios de organização. A inveja é a mãe do estímulo, como a curiosidade o é da ciência; da inveja da organização alemã nasceu o falar-se tanto em organizar tanta coisa (Pessoa, 2006: 5-6).

Em Portugal, também se tentava organizar a nação, o caos político teria de ser disciplinado. A insustentável República torna-se objecto de contínuo descrédito e

¹⁶ A expressão «República Nova» é usada pela primeira vez por Sidónio Pais em Janeiro de 1918 (Veríssimo e Gomes, 1983).

desprestígio: «Incapaz de se consensualizar, e chamada a gerir a muito problemática participação num conflito mundial para o qual o país não estava preparado...» (Sardica, 2011: 52). Com a Grande Guerra vive-se uma crise generalizada e uma espiral inflacionária em Portugal: as despesas do Estado triplicaram, a dívida pública aumentou 50% e a moeda desvalorizara.

O estado da economia, aliado à instabilidade gerada pela República, viria a tornar o terreno fértil para a chegada da ditadura (...) Com a ditadura, veio finalmente a retoma da economia. Que durou até 1929, o ano do início da Grande Depressão (Teixeira, 2009: 89).

Durante um ano a «República Nova» (1919-1926) de Sidónio Pais governara Portugal no pós-guerra com ordem e disciplina ao sabor de «um pré-fascismo», incutindo demagogia à sua forma carismática de governo e descurando a importância do parlamento, das facções partidárias e das eleições. O seu intuito não era destituir a república, sim reformulá-la na sua esterilidade decadente. Contudo, esta só seria derrubada, efectivamente, com o golpe de Estado de 28 de Maio de 1926, o real final da 1ª República Portuguesa (1910-1926) e instituição da Ditadura do Estado Novo. Em 1928, Gomes da Costa, rodeado de nacionalistas, católicos, monárquicos, pró-fascistas, integralistas e republicanos conservadores, executa o golpe incisivo: o liberalismo e o secularismo republicanos são substituídos pela Ditadura Militar que persistiria por sete anos. Foi esse o tempo que Salazar precisou para se preparar para o futuro governo, quando em 1932 toma posse do 8º governo da Ditadura Militar, ao qual presidiria por 36 anos consecutivos, tornando o seu governo exemplo da mais durável ditadura pessoal da Europa do século XX (Sardica, 2011).

Segundo Reis Torgal (2009), o período de formação e consolidação do Estado Novo compreender-se-á desde 1930 até ao final da 2ª Guerra Mundial. «Tudo pela Nação, nada contra a Nação» seria a partir de então o seu lema de governação, associado à trilogia «Deus, Pátria e Família». O salazarismo instala-se e consolida-se de acordo com a prática da instituição do aparelho de poder de Salazar, uma máquina de poder, que segundo José Miguel Sardica assenta em oito pilhars: o Acto colonial (aprovado em Julho de 1930, preconizando o controlo e soberania do império ultramarino português); a União Nacional (criada em Julho de 1930); a ratificação da Constituição Portuguesa em Março de 1933

(marco da transição do regime militar vigorante desde 1926 para uma ditadura constitucionalizada); a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (fundada em Agosto de 1933, depois denominada de Polícia Internacional de Defesa do Estado); o Secretariado de Propaganda Nacional (Setembro de 1933, posteriormente intitulado Secretariado Nacional de Informação); a Acção Católica (Novembro 1933); a Mocidade Portuguesa (Maio de 1936); a Legião Portuguesa (Setembro de 1936). Estas duas últimas instituições foram fundadas com o intuito de precaver a nação da iminente ameaça comunista proveniente da vitória da Frente Popular espanhola (Sardica, 2011: 67-72).

Referindo Reis Torgal «é indubitável que serão os germanófilos e os “fascistófilos” quem constituirão a ala mais significativa do regime em termos de ideologia política interna» (Torgal, 2009:351). Contudo, nem todos os fascistófilos eram germanófilos. A simpatia pelo fascismo era mais genérica, global, e a germanofilia restringia-se apenas à simpatia pelos alemães e pela Alemanha. Procurando identificar o Estado Novo e diferenciá-lo de outros regimes congéneres, Reis Torgal especifica:

Pensamos (...) que o Estado Novo pode ser considerado uma forma «identificada» de sistema político, como o foram o fascismo de Mussolini, o nazismo de Hitler, a ditadura de Miguel Primo de Rivera ou o franquismo, o regime de Vichy, os regimes de Horthy na Hungria, de Pilsudsky na Polónia ou de Antonescu na Roménia... Todos eles são diferentes, como o são as personalidades dos seus «chefes» (Torgal, 2009, vol. 1: 65).

O governo de Salazar inspirou-se no fascismo, adoptando dele os elementos que uniam as ditaduras de direita da altura, como a atitude anti-democrática e anti-parlamentar, a negação dos regulamentos eleitorais e a adopção de uma conduta de culto ao nacionalismo, rejeitando os componentes que personalizavam apenas o fascismo per si. (Sardica, 2011). Contudo dele não apanhou tudo, como por exemplo o anti-semitismo: «Muito menos teve uma componente anti-semita, dado que o problema judaico estava mais do que resolvido em Portugal, sobretudo à acção do marquês de Pombal» (Torgal, 2009: 355).

Nos processos de transição ao autoritarismo, nos anos 20 e 30 do século XX, não existiu uma correlação estreita entre a natureza mais violenta da ruptura com a ordem democrática (Portugal e Espanha), ou de tomada do poder por “via legal” (Itália, Alemanha), e a radicalização após a consolidação da ordem ditatorial. Salazar, chegado ao poder após um golpe de Estado, ou sobretudo Franco, após uma guerra civil, possuíam, nesse caso, muito maior campo de manobra do que Mussolini ou

Hitler, ambos chegados ao poder por “via legal” e com o apoio de uma direita autoritária menos inclinada para aventuras carismáticas e totalitárias. A diferença esteve sobretudo no partido e no chefe que dominaram a transição e não na natureza desta. (...) Como formas de Ditadura, as fronteiras destes regimes foram fluidas, demonstrando a espantosa capacidade do fascismo permear a direita autoritária nos anos 20 e 30, que adoptou muitas das suas instituições, modelos e componentes ideológicos (Pinto, 2006:33).

Ainda definindo o fascismo português e diferenciando-o dos restantes regimes fascistas europeus, Reis Torgal avança:

Trata-se de um “fascismo à portuguesa”, no sentido em que se organiza segundo as nossas próprias características e os nossos condicionalismos, de um povo essencialmente rural e com fraca densidade urbana, dotado de uma mentalidade tradicional e de uma concepção católica, de um estado que fez da manutenção do seu império colonial a sua grande cruzada. Mas, todos os sintomas do estado Novo o aproximam das especificidades de um Estado fascista, naturalmente bem diferente do nazismo alemão ou até do fascismo italiano (Torgal, 2009: 365).

Relativamente às relações Portugal – Alemanha, de 1933 aos primeiros anos da década de quarenta (1942-43), Salazar demonstrou no início uma certa transigência para com a política expansionista de Hitler, até porque as preocupações do domínio territorial do Estado Novo se localizavam no Atlântico, não no continente europeu, e talvez por isso a Alemanha respeitasse a sua neutralidade. Aliás, na perspectiva de Salazar, o expansionismo de Hitler podia até servir de entrave ao perigo bolchevista. Para com os aliados, Salazar teria uma atitude de «neutralidade colaborante» após a pressão de Inglaterra e da queda de Mussolini (Torgal, 2009: 356-357), apesar da mágoa sentida por o final da guerra representar a vitória da democracia e não o triunfo dos estados fortes e nacionalistas.

É este contexto que permitiu que, no espaço entre as duas Guerras Mundiais, as Ditaduras proliferassem na Europa e em muitos países do Mundo. Aí o Nacionalismo foi levado ao extremo, manifestando-se nalguns deles de forma agressiva e exacerbada, o que implicou algumas consequências políticas e sociais importantes, justificadoras dos regimes autoritários e toda a série de tropelias trágicas a que a raça humana foi sujeita (Janes, 1997a: 27)

1.1. O caso da Alteridade: O «estrangeiro», o «Outro»

A hospitalidade da população madeirense perante o estrangeiro de visita à ilha deixara transparecer ao longo dos anos a curiosidade e a necessidade de contacto com o exterior e os tempos de difícil subsistência levariam a que se olhasse para a actividade turística como uma forma de ultrapassar a crise. Os turistas eram bem-vindos, quer fossem ingleses, alemães¹⁷ ou de outra nacionalidade. O factor insularidade contribuía sobremaneira para a abertura desta comunidade ao visitante, realidade evidenciada por Helena Marques, num seu artigo «A memória e os lugares», referindo-se a este sentido de isolamento como uma característica marcante dos seus livros:

Além das memórias familiares, a insularidade também marca acentuadamente, os meus livros. Forneceu-me a matéria prima das sociedades submetidas aos limites implacáveis do mar, inapelavelmente voltadas para dentro de si mesmas e de si mesmas se alimentando, numa quase antropofagia psicológica que não era suficiente, no entanto, para impedir persistentes nostalgias de mundos desconhecidos ou apenas vislumbrados, mas logo apetecidos e, frequentemente, impulsionadores da aventura de partir. As ilhas, todas as ilhas e a Madeira não é excepção _ possuem um duplo e poderoso fascínio: aquele que é sentido a partir de fora e oferece uma face mágica, promissora de generosas revelações e, sobretudo, de uma autenticidade intocada e intrínseca; e aquele que é sentido a partir de dentro e quotidianamente confirmado, mas cuja face mágica revela, sem disfarce, o alto preço por que se faz pagar, ou seja, as pesadas limitações dos seus condicionamentos geográficos, sociais e culturais (Marques, 2005: 172-173).

Urge contextualizar a importância da posição geográfica da ilha no centro do Atlântico, porto de chegada e partida e ponto nevrálgico de confluência de várias rotas de navegação¹⁸. O sentimento de «ilheidade» esteve sempre patente no «ser e estar

¹⁷ Relativamente à atitude política que os madeirenses faziam dos alemães, verificar-se-á nos capítulos seguintes com que contornos esta se definiu.

¹⁸ Segundo Eberhard Axel Wilhelm (1996b) em 1908, na baía do Funchal, ancoraram cerca de 1500 navios a vapor alemães, ingleses, franceses e portugueses. Por volta de 1910, as escalas eram frequentes: os navios do *Südamerikadienst* (da Companhia de Navegação a Vapor Sul-Americano-Hamburguesa) e da *Hamburg-Amerika-Linie* (Linha Americano-Hamburguesa) faziam treze viagens por mês entre Hamburgo e a América, precisando de seis a onze dias para transpor o porto germânico e a Madeira, passando na vinda dez a treze vezes por Lisboa e na ida, treze vezes. O *Afrikadienst* (Serviço de África) da Linha *Woermann* e da *Hamburg-Amerika-Linie* seguiam três linhas: a Linha dos Camarões II que saía de Hamburgo no dia 25 de cada mês, passando no regresso pelo Funchal, no dia 6 de cada mês (8-9 dias de trajecto). Os transatlânticos da *Swakopmund-Linie* passavam pela ilha no dia 4 de cada mês, apenas aquando do regresso para Hamburgo, chegando aí oito dias depois. Na vinda, passando por Antuérpia, os cargueiros da *Südlinie* (Linha do Sul) ancoravam na ilha no dia 7 de cada mês, numa viagem de duas semanas. Com rumo à Cidade do Cabo, os *Royal Mail Steamers* da *Union Castle Line* dirigiam-se todos os sábados à tarde de Southampton à Madeira, em 3-4 dias, regressando todas as terças-feiras. Os navios da *Empreza Nacional de Navegação*

madeirense». A pressão da insularidade sempre marcou o ilhéu, a sua curiosidade pelo além-mar, o desejo de transpor o horizonte, do contacto com outras culturas longínquas, para além do seu alcance visual. Para os ilhéus «Dia de navio era dia de festa. E ir ao porto, mesmo sem pretexto de partida ou chegada, significava muito mais do que um gesto mundano, era um acto social. Implicava encontro e convívio, nostalgia do desconhecido e desejo de viajar ...» (Marques, 1992:21). O oceano esteve continuamente presente, de forma marcante, na história da ilha, contribuiu para o desenvolvimento económico e sociocultural madeirense ao longo dos seus quase seis séculos de povoamento. Este mar fez e faz parte do carácter colectivo madeirense, como faz parte, aliás, de todos os ilhéus envolvidos pelo mar. A Madeira conquistou, ao longo do tempo, a atenção de inúmeros viajantes, artistas, escritores e cientistas que pela ilha passavam. Estes testemunhos multifacetados contribuíram para a revisão do conceito tradicional de identidade regional, assim como se revelaram marcantes para a sua compreensão histórico-cultural, não só no respeitante à peculiaridade do local, mas também por questionarem a formação cultural do povo madeirense. Esta temática da viagem e da visão do «outro», em produções literárias e não literárias, de estrangeiros visitantes, representa material inquestionavelmente importante para uma reflexão sobre a visão endógena ou exógena da identidade cultural madeirense, sobre a diferença, a etnicidade, a alteridade, a inter-culturalidade.

No século XVIII e no século seguinte, a natureza era elogiadíssima pela sua beleza luxuriante. Nas aguarelas, nas gravuras, nos postais, ou noutro tipo de suporte, testemunhava-se a vida e até mesmo a caricatura da sociedade madeirense dos séculos passados. Todos eles, em estilo de memória, deram conta de vários aspectos do património regional, sociocultural e natural da ilha. Sob a forma de diários de viagem, de cartas comerciais, de diários pessoais, compêndios científicos, literatura de viagens, gravuras ou guias turísticos, estes múltiplos registos incentivam a experimentar uma viagem no tempo, a encetar a emoção da busca das próprias raízes, a desafiar a pesquisa e a interpretação de informações dadas por outros sobre nós, de como éramos no passado (Silva, 1985). Porque ainda não nos víamos com os nossos olhos, sim com os olhos dos outros. Em oitocentos,

saíam de Lisboa nos dias 1 e 7 de cada mês, voltando nos dias 10, 17 ou 18. As embarcações da *Empresa Insulana de Navegação* saíam de Lisboa no dia 20 de cada mês, regressando no dia 5 ou 6. Os vapores do Mediterrâneo da *White Star Line*, assim como os da *Société Générale de Transports Maritimes à Vapeur* e os vapores de recreio da *Hamburg-Amerika-Linie* e *Österreichischer Lloyd* (Áustria) passavam esporadicamente pela Madeira.

na sequência do gosto da época de natureza romântica, irrompe a tendência para a literatura de viagens e para a predileção de textos complementados com ilustrações: esboço (*sketch*), litografias, gravuras e desenhos. As narrativas dos visitantes sobre a ilha revestem-se já características típicas de “guias turísticos” ou de “esboços destes.

Segundo António Marques da Silva (2007), o madeirense e o português tiveram, desde sempre, tendência à não-visão do Madeirense pelo Madeirense ou do Português pelo Português, na literatura. Excepções disso manifestaram-se na prosa, nomeadamente em Fernão Lopes com as suas crónicas históricas e em Bernardim Ribeiro; também na poesia, patente na literatura galaico-portuguesa, com a poesia trovadoresca das Cantigas de Amigo, de Escárnio e Maldizer; igualmente no teatro: Gil Vicente refere-se ao «outro» nas suas sátiras sociais. Com o despontar do liberalismo, em 1820, e simultaneamente com influência do romantismo, aflora a literatura assente em memórias. Na ilha, nasce a tipografia e a imprensa, e desde então, assiste-se à fase de arranque do jornalismo insular. Aparecem, pela primeira, vez registos onde “madeirenses falam de madeirenses”. Daqui se poderá concluir que os “olhos” que nos observam, até sensivelmente meados do século XIX, são olhos alheios, de estranhos. Desde então, a auto-observação insular começa a manifestar-se, assim como a reciprocidade do olhar e na mesma medida crescerá a vontade de afirmar opinião sobre o «outro», neste caso, sobre os alemães. Depois, com a evolução da antropologia e das ciências sociais, e dos acontecimentos históricos da época, esses “olhares” mudam aos poucos. O estranhamento ou impacto (atração, repulsa ou indiferença) vai-se modificando, assim como também a forma de relacionamento.

O turismo foi e continua a ser um fenómeno social relevante, por envolver o deslocamento de grandes movimentos de indivíduos, proporcionando múltiplos impactos na sociedade anfitriã e a conseqüente alteridade e dialéctica turista-residente. Indubitavelmente, a influência britânica foi aquela que mais intensamente se manifestou na Madeira, comparativamente a qualquer outra nacionalidade. Esta revelou-se sobremaneira no referente à área económica e cultural, na religião, nos usos e costumes do quotidiano madeirense, mais particularmente na tradição do chá das cinco, no *cricket*, até na própria língua. O adágio madeirense *para inglês ver*, ainda tão frequentemente usado pela população local no quotidiano, traduz admiravelmente o impacto da influência britânica na

ilha. Todavia, a diferença continua a atrair os viajantes, como atraía há muitos séculos e o «outro» permanece na procura do «outro», que lhe é igual, todavia, diferente. São muitos os viajantes que buscam e rebuscam o seu eu, ou a sua sombra. Mesmo quando parecem fugir, estão se procurando no «diferente», no «desconhecido», no «outro». Entrementes, o madeirense continua a falar a sua língua e a língua de quem o visita, hospitaleiro, sempre pronto para o «outro». Segundo Helena Marques, as ligações com o exterior são de capital importância para as ilhas, uma forma de minimizar o isolamento e o esquecimento do mundo exterior, e a Madeira não é excepção:

E de novo aguardam um navio, a vida é assim numa ilha, os barcos levam e trazem, ligam e desligam, sem navios as ilhas não seriam mundo, ninguém saberia delas nem das suas gentes, seria como se não existissem, não estariam representadas em nenhum mapa, nenhum livro daria notícia delas (Marques, 1992:109).

CAPÍTULO II

2. Decadência e Queda da 1ª República, 1917-1928

Nos primeiros anos da república as convulsões internas sucediam-se, verificando-se que os novos dirigentes não tinham pulso para concretizar o ideário inflamado nos comícios de propaganda política. A demagogia incendiava os ânimos públicos, indignados com o descalabro geral das finanças, com a agitação da consciência social e a insegurança a todos os níveis. A corrida ao poder desencadeava o arrebatado atropelo dos partidos políticos entre si e os próprios ideólogos da república viam as expectativas idealizadas para o novo regime desvanecerem-se com o evoluir dos acontecimentos. Um dos periódicos madeirenses datado de 1937, ao assinalar a efeméride do cinco de Outubro, expressava de forma prosaica o que se sentia nessa altura por toda a nação, vivia-se um cansaço geral, um esgotamento doentio e uma certa agonia: «Almejava-se por novo rumo nas coisas públicas. Proclamava-se que a república precisava encontrar-se no caminho das suas anunciadas virtudes. Vozes altivas procuravam despertar o bom senso português e reconduzir a grei para um destino são.»¹⁹

A Primeira República (1910-1926) fracassara na sua promessa de renascimento do liberalismo monárquico. De acordo com Fernando Rosas (Rosas, 2004:33-50) três questões de fundo contribuíram para entender onde errara este pioneiro ensaio do liberalismo democrático português. A primeira questão prende-se com o facto de que o movimento republicano constituía um fenómeno puramente urbano e minoritário no espaço político da nação, como que envolto num «cerco político e social». O Partido Democrático de Afonso Costa manteve-se no poder até 1917, não obstante subestimar a aposta em reformas prementes para a nação, como sendo a reestruturação agrária, social e reestruturação do estímulo industrial. O anticlericalismo, a laicização do estado e a repressão política e social concorreram igualmente para a derrocada do regime. Tanto os afonsistas como a direita republicana pecarão por não saber conduzir o país. Em 1917, a partir do governo de

¹⁹ «Uma data histórica. República Portuguesa», *Diário de Notícias*, 5 de Outubro de 1937, p. 1.

Sidónio de Pais, é facto evidente que os objectivos das elites conservadoras não eram seguir pelo caminho de uma república liberal, sim um governo de natureza autoritária. A tentativa de assalto ao poder através da Monarquia do Norte, em 1919, era prova de que a passividade monárquica continuava desperta. Para além do desencantamento no regime republicano, das consequências da Grande Guerra e do desequilíbrio financeiro, o golpe sidonista e a República Nova, a partir de 1917, irão ferir ainda mais a débil República. Finalmente, o golpe militar do 28 de Maio de 1926, desferido com a experiência ganha pelas falhas políticas anteriores, descerra o pano que encobrirá fatalmente o liberalismo. Outra questão essencial onde a república também errara fora a incompetência demonstrada por esta em democratizar o sistema político, contrariando assim as promessas feitas na propaganda republicana. Não implementou uma política social, não tentou entender-se com o operariado organizado, não reconheceu o sufrágio universal, ou seja, desprezou a política de concertação social. A última questão interveniente no fracasso republicano foi a incapacidade de apresentar um projecto nacional. A crise económica de 1921, a inflação, a desvalorização do escudo, a dívida externa crescente, o desemprego, as ruínas financeiras, constituíam todas elas prova de uma necessidade de intervenção premente, à qual a república não soube dar resposta. Citando Fernando Rosas: «O que não havia era força política e militar para as aplicar. Essa força já estava do outro lado», subentende-se do lado da ditadura, a qual mudará radicalmente o rumo dos acontecimentos. Foi tudo isto que levou Fernando Rosas a concluir que a Primeira República fora a «transição para “outra coisa”» (Rosas, 2004: 45).

2.1. O interesse económico-científico. O Turismo Terapêutico e a Saúde Pública: Hospital anti-tuberculoso, Sanatório e Dispensário.

Por esta altura, no período de 1917 a 1928, a Madeira, apesar de isolada e distanciada do continente português, vivenciara e participara nas lutas republicanas. Algumas figuras madeirenses teriam participado nestas revoluções políticas, como o Visconde da Ribeira Brava, participante activo nas insurreições republicanas e o outro visconde, o Visconde do Porto da Cruz, seguidor e colaborador directo de Sidónio Pais. Mas outras questões de foro científico, turístico, político-estratégico e económico teriam ocupado e preocupado a ilha

da Madeira já em princípios do século XIX, repercutindo-se estas pelas primeiras décadas do século seguinte. A ilha ver-se-ia inevitavelmente no meio de uma contenda naval e colonial entre a Alemanha e a Inglaterra, a qual culminaria na deflagração da Primeira Guerra Mundial. À Alemanha interessava consolidar uma ligação diplomática com Portugal, fundamentada no objectivo de obter prerrogativas que facultassem a sua supremacia naval sobre a Grã-Bretanha. A localização estratégica da Madeira e as suas características climáticas ofereciam uma dupla oportunidade de investimento: a potencialidade estratégico-geográfica e o benefício de cariz comercial²⁰. A partir de 1903, o caminho encontrado pela Alemanha, para concretizar esta finalidade, foi a instalação de sanatórios anti-tuberculosos na ilha da Madeira, conhecida já de longa data pelo clima propício ao tratamento desta doença. Daqui se desenvolverá um enredo que envolverá concertações diplomáticas entre Portugal, Inglaterra e Alemanha e outras repercussões que mais tarde se farão sentir na ilha, tanto a nível da construção de infra-estruturas ligadas às aéreas do turismo e da saúde, como ao nível do intercâmbio sociocultural e até da alteridade, entre portugueses e alemães.

Já nos séculos XVI e XVII a Madeira era um ponto de confluência, de passagem para o Oriente, ou para o Ocidente. A sua excelente posição geográfica, no Atlântico Norte, beneficiada pela propulsão dos ventos alísios, vantajosa para a segurança da navegação à vela, privilegiara a ilha atlântica. Segundo António Marques da Silva, a Madeira «...é, de facto, um centro no Atlântico Norte que congrega, num movimento simultaneamente centrípeto e centrífugo, as ligações com as principais cidades marítimas do mundo ocidental» (Silva, 2007: 36). A partir do século XVIII, começam a chegar à ilha visitantes de origem germânica. Pela ilha permaneciam estes estrangeiros, frequentemente por meses ou mesmo por alguns anos, aumentando aos poucos a colónia alemã na ilha. No período compreendido entre 1815 e 1915, de acordo com as investigações de Eberhard Axel Wilhelm (1996b), dos quase cento e cinquenta alemães que escreveram sobre a ilha, ou apenas a ela se referiram, somente doze visitantes se dirigiram à Madeira com meros pressupostos turísticos. Os restantes teriam sido visitantes com propósitos comerciais (comerciantes de vinho e bordados), científicos ou, sobretudo, terapêuticos. Conforme Eberhard Axel Wilhelm (1993b: 116) teria sido um tisiólogo alemão de Heidelberg, Karl

²⁰ A representação consular da Alemanha na Madeira existe desde 1876.

Mittermaier, o primeiro médico alemão, em 1855, a escrever sobre o clima da Madeira e a sua excelente influência terapêutica sobre a tuberculose²¹. Na sua obra, refere como vantagens a qualidade e pureza do ar da ilha, a baixa amplitude das temperaturas, o clima marítimo e de montanha, condições essas melhores que as verificadas nas estações climáticas do sul de França e Itália, no Cairo, Málaga ou Argel. Daqui nascerá a designação da Madeira de «Insel des ewigen Frühlings», a ilha da «eterna Primavera» (Wilhelm, 1996b: 6). Posteriormente, em 1864, surge a obra do Dr. Rudolf Schultze²², também um guia de auxílio aos tuberculosos (Wilhelm, 1987: 274)²³.

Conforme António Ribeiro Marques da Silva, o guia *Brown's Madeira, Canary Islands and Azores*, de 1826, constituirá, contudo, o testemunho manifesto da tradicional hegemonia britânica na ilha, no concernente à esfera económico-turística. Nesta obra rareiam os nomes de empresários e companhias portuguesas, em detrimento das imensas empresas britânicas sediadas na ilha (depósitos de carvão, linhas de transportes públicos, estâncias hoteleiras, agências e companhias de navegação, lojas de comércio de produtos típicos da ilha e cafés (Silva, 1990). A colónia britânica detinha praticamente todas as operações inerentes à actividade turística.

O turismo do século XIX pouco beneficiou a população madeirense, uma vez que quem dominava grande parte da vida económica do arquipélago eram os comerciantes ingleses e uma classe da burguesia madeirense de alguma forma ligada aos mesmos. É precisamente nesta altura que surge a tentativa de infiltração alemã nas ilhas atlânticas portuguesas, bem patente na questão da concessão dos sanatórios da Madeira, integrada num projecto alemão de disputa do domínio britânico dos mares (Lopes, 2008: 21).

No limiar do século XX, a Alemanha tenta fixar-se na ilha, pedindo ao governo português a concessão para a construção de um sanatório. Esta iniciativa irá, todavia, sucumbir à ofensiva da colónia inglesa estabelecida na ilha: «...os esforços dos anglo-madeirenses, que contribuíram para a entrada de Portugal na Grande guerra em Março de 1916, puseram cobro às pretensões dos súbditos do “Kaiser”» (Wilhelm, 1996b: 2). Após um extenso e

²¹ *Madeira und seine Bedeutung als Heilungsort*, Heidelberg, J.C.B. Mohr, 1855.

²² *Die Insel Madeira, Aufenthalt der Kranken und Heilung der Tuberkulose daselbst. Nach dreijährigen Beobachtungen*, Stuttgart, J.G. Cotta, 1864.

²³ Sandra Rebok, *La exploración naturalista de Madeira en el siglo XIX: los viajeros alemanes y su interés por esta isla*, 2009.

sinuoso desenvolvimento, as pretensões alemãs acabam por se dissipar e o domínio económico inglês persiste quase até à 2ª guerra mundial.

A hegemonia naval em inícios do século XX era disputada pelas grandes potências: Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra. Aliado ao poder naval estava o poder económico, pois o comércio só se poderia desenvolver com boas ligações e uma navegação eficaz. Para a Alemanha era imprescindível a conquista de portos e bases navais fora do Mar do Norte, no Atlântico. Para a Inglaterra, era imperioso dificultar a expansão naval do seu recente e auspicioso concorrente europeu, a Alemanha. Com o intuito de dominar a concorrência naval inglesa, a Alemanha intenta obter concessões em portos estratégicos, onde os Açores e Madeira se afiguram como postos nevrálgicos de reabastecimento de carvão para a navegação das rotas América-Europa, América-Mediterrâneo e África-Europa (Guevara, 1997).

O *Ultimatum* inglês de 1890 provocara em Portugal uma onda de antipatia e hostilidade por Inglaterra e, em consequência desse facto, os britânicos temiam que a opinião pública portuguesa se tornasse favorável à influência germânica. Na realidade, a imprensa portuguesa manifestava uma posição anti-britânica. Propagava-se a ideia de libertação do país do jugo de Inglaterra, surgindo mesmo certos sectores de opinião que defendiam que a «corrente anti-inglesa em Portugal era aproveitada, a nível interno, pelos republicanos, para fazerem propaganda antimonárquica e a nível externo, pelos alemães, para influenciar o governo português» (Guevara, 1997: 33). Agostinho do Amaral Lopes comprova-o:

Aproveitando algum sentimento anti-britânico muito vivo em Portugal, depois da questão do ultimato inglês, e com as dificuldades da política interna no país, a Alemanha conseguia diminuir a influência britânica em Portugal (Lopes, 2008: 21).

Em 1901, o rei D. Carlos visita oficialmente a Madeira e os Açores, tentando travar a investida republicana antimonárquica e, tendo em conta a concorrência naval anglo-alemã, acautelar e promover a soberania da Coroa portuguesa sobre as ilhas atlânticas. «Esta visita era, aliás, atentamente observada pela Marinha alemã, que tinha as ilhas continuamente vigiadas.» (Guevara, 1997: 34).

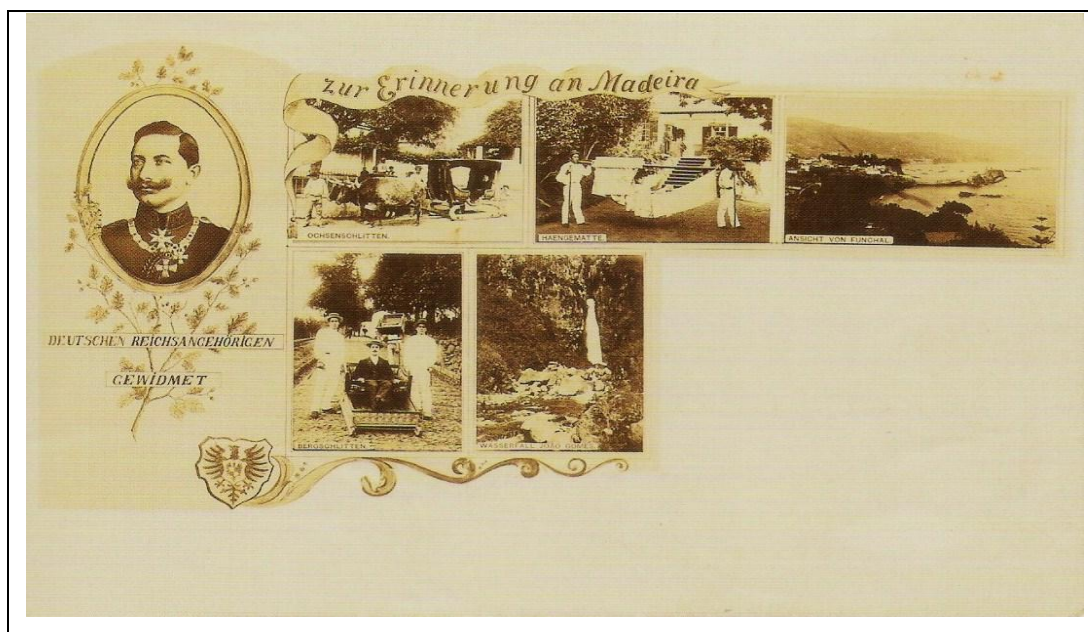


Ilustração 1 – Neste postal a Madeira é apresentada como pertencente ao Reich alemão (“Deutschen Reichesangehörigen gewidmet”).

Em Abril de 1903 um sindicato alemão dirigido pelo príncipe alemão de Hohenlohe-Oehringen consegue do Governo português a autorização para a construção de sanatórios anti-tuberculosos na ilha da Madeira. Rui Carita distingue, no intento desse projecto de grande envergadura, a natureza dos verdadeiros interesses alemães: «A Madeira começara a despertar nos alemães, ao longo do século XIX, um profundo interesse, primeiro científico e lúdico, mas em breve com possibilidades de um vasto projecto de grande interesse político e económico.» (Carita, 2008a: 291).

Segundo Nelson Veríssimo (1990: 126), o projecto alemão previa a construção de um Sanatório marítimo e sanatórios de altitude média, dos quais um direccionado para ricos e o outro para pobres. O sindicato alemão apresentava algumas condições, as quais abrangiam a expropriação por utilidade pública, a isenção de taxa fiscal na importação de materiais necessários para a construção dos empreendimentos e a concessão de exploração dos mesmos, por quinze anos. Uma contrapartida da empresa alemã seria a hospitalização gratuita de doentes pobres numa parte das instalações. Em 1903, no mesmo ano, o Governo português autoriza a concessão, mediante um parecer positivo da ANT (Assistência Nacional aos Tuberculosos). Graça Fernandes comenta as motivações

político-militares que estiveram na base dessa decisão, para além das já conhecidas razões de interesse científico-sanitário:

Devido à situação de interesses comuns que começava a despontar entre a nação espanhola e a inglesa, bem como ao crescente antagonismo entre britânicos e germânicos, no quadro das respectivas marinhas de guerra, Portugal permitiu nesse enquadramento histórico, uma certa abertura à infiltração alemã na Madeira (Fernandes, 2008: 85).

A reacção adversa de Inglaterra a esta autorização não tarda. A companhia alemã tencionava inclusivamente usar o porto do Funchal como escala para as ligações de correio e de passageiros da América do Norte com a África do Sul, ligação essa que se fazia até à data por Southampton ou por Londres e que durava mais três dias em comparação com a projectada ligação directa ao Funchal. Para tal, contava o consórcio alemão com o apoio da companhia de navegação *Norddeutscher Lloyd*. Outro projecto seria também a construção de um depósito de carvão de apoio ao projecto dos sanatórios e hotéis e aos navios alemães de passagem pela ilha, empresa essa que competiria fatalmente com os depósitos de carvão da *Blandy Bros. & C. e da Cory's Coaling & C.*, de propriedade dos ingleses. Com efeito, a *Deutsches Kohlen-Depot* (Depósito Alemão de Carvão)²⁴ vem a ser construída no Funchal, vindo a auxiliar a navegação alemã com escala na Madeira (Veríssimo, 1990: 130). Posto tudo isto, o receio pela forte concorrência alemã inquietava, sobremaneira, a colónia inglesa radicada na Madeira, proprietária de negócios em vias de serem afectados por esta potencial ameaça alemã. A comunidade de comerciantes ingleses enceta, a partir daqui, uma campanha ofensiva à empresa alemã e aos privilégios a esta concedidos pelo governo:

O forte motivo de toda esta campanha contra os propósitos do Sindicato alemão era, sem dúvida, o receio pela concorrência, da parte dos proprietários britânicos de determinadas empresas que monopolizavam a comercialização de alguns produtos, a prestação de alguns serviços ou algumas indústrias (...) contra os privilégios ao consórcio alemão, foi o grupo mais prestigiado dos empresários ingleses na ilha: Blandy, Cossart, Gordon, Leacock e Reid (Veríssimo, 1990: 128).

A contenda revestira-se de acesa animosidade, ao ponto de recorrerem ambas as partes à propaganda na imprensa regional: defendendo a colónia de comerciantes ingleses, manifestava-se o *Diário de Notícias*, enquanto o *Heraldo da Madeira*, especialmente

²⁴ (Tradução nossa).

fundado para difundir e salvaguardar os interesses da empresa alemã *Madeira Aktien Gesellschaft*, se lhe contraponha (Veríssimo, 1990: 130). Nas edições do jornal «pró-britânico» divulga-se a ideia de que a empresa alemã escondia um outro projecto camuflado, por detrás dos sanatórios: a exploração de casinos na Madeira. Os comentários sobre o projecto multiplicam-se, chegando-se a divulgar que «...o edifício onde depois se instalou o Hospital dos Marmeleiros, (...) segundo os boatos populares, fomentados pelos ingleses, constituía um esconderijo de armamento bélico germânico.» (Guerra, 2010b: 106).

Entretanto, a *Madeira Aktien Gesellschaft*, adquire as Quintas Vigia e Bianchi, não conseguindo comprar a Quinta Pavão, por esta ter sido adquirida propositada e estrategicamente pelos irmãos Reid, por se situar exactamente entre as Quintas Bianchi e Vigia, visando estes, com tal acção, obstruir os projectos de construção da concessionária concorrente. (Veríssimo, 1990: 131-132). Estas quintas, próximas umas das outras, teriam sido escolhidas pela comissão técnica alemã, a qual fizera a triagem dos sítios apropriados à construção dos sanatórios, por se localizarem no litoral, perto da cidade, reunindo as características ideais para a construção dos sanatórios de baixa altitude. Os os sanatórios para curas especiais (de tuberculosos com a doença já declarada) se localizariam entre os trezentos metros de altitude até ao Monte (Veríssimo, 1990: 126). Entretanto, os alemães exigem os direitos de expropriação da quinta Pavão por utilidade pública, facto que vem posicionar Portugal no meio de um sério incidente diplomático entre a Alemanha e Inglaterra (Veríssimo, 1990:132). Segundo Desmond Gregory (1988: 116), os jornais ingleses comunicavam que a Alemanha procurava um porto atlântico e de que havia sinais de um esquema bem estruturado para a germanização gradual da ilha. Esta «Questão da Madeira» será designada pelos alemães de *Madeirasache* e exporá a Madeira como um *faits-divers* na imprensa nacional e internacional.

Retorquindo, a Inglaterra pede uma indemnização ao Governo português, em caso de expropriação da propriedade dos súbditos ingleses. Em sequência disso, Portugal sugere então a cedência de novos terrenos para construção aos alemães, contudo, estes são perseverantes e exigem a Quinta Pavão ou uma indemnização. Em Novembro de 1909, o Governo português capitula e acaba finalmente por anular a concessão dos sanatórios,

devendo pagar ao Príncipe de Hohenlohe-Oehringen uma indemnização de 4 425 000 marcos, acrescida dos juros respectivos. Com a rescisão do contrato as ditas propriedades passam para a posse do Governo. E, com isto, concluem-se, em 1908, as negociações luso-alemãs relativas ao sanatório (Veríssimo, 1990: 138). Esta anulação da concessão foi considerada por muitos como um exemplo da manifesta subserviência de Portugal a Inglaterra, tendo causado o efeito de reacender os ânimos anti-britânicos (Guevara, 1997)²⁵. Segundo Desmond Gregory (1988) um autor de uma carta enviada ao jornal *O Século*, acusava uma minoria de ingleses que tentava criar obstáculos a melhoramentos sempre que estes eram propostos na Madeira. Essa teria sido também a questão colocada pelo Conde von Tattenbach, o embaixador alemão em Lisboa, ao interrogar porque é que a Grã-Bretanha sempre se empenhava em obstruir qualquer empreendimento comercial alemão, não importa em que parte do mundo fosse (Gregory, 1988). Com efeito, a 17 de Janeiro de 1907, os hoteleiros britânicos começam a explorar o jogo no *Stranger's Club*²⁶, no Casino Pavão, em funcionamento na quinta com o mesmo nome, a mesma quinta comprada pelos Reids com o intuito de travar o suposto «negócio alemão dos casinos» (Veríssimo, 1990: 138).

Ainda como contrapartida ou moeda de troca à anulação da concessão aos alemães, a Alemanha leva Portugal a assinar o Tratado de Comércio e Navegação Luso-Germânico²⁷, em Novembro de 1908, passando a colocar produtos industriais em Portugal e nas possessões coloniais portuguesas. Os produtos alemães estariam doravante «...sujeitos a direitos regidos por uma pauta mínima» (Guevara, 1997: 101). Por seu lado, Portugal escoaria os vinhos nacionais para o novo mercado alemão, tentando solucionar a superprodução destes e a falta de mercados externos. Estas negociações comerciais

²⁵ Relativamente à animosidade contra a colónia britânica, no Elucidário Madeirense escreviam os seus autores, em 1922: «Todos sabem que, em épocas recentes, alguns estrangeiros adquiriram na Madeira avultadas fortunas, que chegaram a milhões, mas não nos consta que os seus sentimentos humanitários ou de vulgar reconhecimento pela terra que os enriqueceu, se tivessem manifestado em quaisquer obras ou acções que mereçam ficar aqui registadas (...)» (Silva e Meneses, vol. I, 1984:421). «É ocasião oportuna de dizer que a colónia inglesa não chegou nunca a irradiar simpatias no nosso meio, apesar do predomínio e da influência que gozava. O orgulho de raça. O isolamento que quasi sempre procurou guardar, a altivez com que em geral tratava os naturais, as raras manifestações de filantropia ou benemerência em favor da terra que a tornou opulenta, são as principais causas de não ter criado um ambiente que lhe fosse propício e a tornasse benquista aos olhos dos madeirenses. Há, porém, raras e honrosas excepções, e no que diz respeito a actos de assinalada filantropia, não esqueceremos nos lugares respectivos os nomes de Robert Page, J.Phelps e Harry Hinton.» (Silva e Meneses, vol. II, 1984:168).

²⁶ Cfr. *Stranger's Club*, capítulo I, «A Sociedade Madeirense e o Discurso público».

²⁷ Consultar Anexo 1 (Tratado de Comércio com a Alemanha – *Diário de Notícias*, 19 de Julho 1910).

levariam anos mas seriam bem sucedidas. A Alemanha proporá, ainda em compensação, através da companhia dos sanatórios uma nova concessão na Madeira para a construção de um caminho-de-ferro ou a criação de uma estação de carvão, mas ambos os projectos acabam por ser reprovados pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português.

According to the Portuguese foreign minister, von Tattenbach had, in 1906, made certain tentative suggestions that if the sanatoria concession was canceled, German interests might require compensation, either in the form of a railway concession or by the grant of a coaling station. The foreign minister had replied that Madeira was too small for the building of a railway, and as to the matter of a coaling station, Portugal had no wish to upset her allies and especially her oldest ally Britain. (Gregory, 1988: 122).²⁸

No entanto, a estação do caminho-de-ferro foi construída, inclusivamente com financiamento alemão, de acordo com a afirmação de Rui Carita: «estrutura lançada com capitais alemães e que se destinava a apoiar os sanatórios daquela freguesia» (Carita, 2008b: 164) e a origem do material usado na sua construção teria sido também alemã:

(...) o material fixo e circulante [do Caminho-de-Ferro do Monte] teve a sua proveniência na Alemanha, o que indicia a participação, em princípio, do futuro comendador Manuel Gonçalves, que posteriormente se viria a tornar um dos elementos determinantes no desenvolvimento do empreendimento e da sua ligação aos capitais alemães e à futura Sociedade dos Casinos (Carita, 2008a: 502).

A construção desta infra-estrutura envolveu um confronto de interesses, o qual veio a se repercutir na imprensa da altura. O *Diário de Notícias* defendia os interesses da família Blandy e dos irmãos Reids, os quais se opõem ao projecto por este concorrer com os seus interesses comerciais no Funchal, enquanto *O Direito* e *A Lucta* se pronunciavam a favor dos directores da Companhia dos Caminhos de Ferro do Monte. O Caminho-de-Ferro do Monte passou por duas fases de construção. A primeira foi inaugurada a 16 de Julho de 1893 e depois, a 5 de Agosto de 1894, o caminho-de-ferro chega ao Monte. A segunda fase compreendeu o trajecto entre o Monte e o Terreiro da Luta, concluindo-se a 24 de Julho de 1912. A 29 de Março de 1943 a linha férrea é encerrada, devido às consequências da 2ª

²⁸ [De acordo com o ministro dos Negócios Estrangeiros português, von Tattenbach teria, em 1906, tentado apresentar sugestões, já que a concessão dos sanatórios fora cancelada, os interesses alemães poderiam requerer uma compensação, ou por forma da concessão de uma estação de caminho de ferro ou de um depósito de carvão. O ministro dos Negócios estrangeiros respondeu que a Madeira era muito pequena para a construção de uma estação de caminho-de-ferro, e quanto ao assunto do depósito de carvão, Portugal não tinha qualquer desejo de aborrecer os seus aliados, especialmente a sua aliada mais antiga, a Inglaterra.], (tradução nossa).

Guerra Mundial, à ineficiente gestão e à concorrência do automóvel (Carita, 2008 a: 504-505). Ao que tudo indica, os propósitos alemães relativos à construção da estação de carvão também viriam a concretizar-se. De acordo com Desmond Gregory, os alemães teriam arrendado esse depósito a Manuel Gonçalves, o qual passa em 1914 a ser gerido por uma companhia hamburguesa: «the Germans did already control one of the coal wharves in Funchal that was leased to their agent Manoel [sic] Gonçalves and that in 1914 passed into the hands of a Hamburg Company»²⁹ (Gregory, 1988: 123-124). Rui Carita atesta igualmente esse facto, confirmando o nome da empresa alemã, *Deutsches Kohlen-Depot*:³⁰

A empresa de distribuição de carvão à navegação alemã foi assumida pelo futuro comendador Manuel Gonçalves, testa-de-ferro dos interesses alemães na Madeira, tomando a designação de Manuel Gonçalves & Co., passando depois para Deutsch Kohlen Depôt [sic], que em 1913 também se instalava nas Canárias.» (Carita, 2008 a: 465).

Em suma, durante todo este período, as negociações alemães com Portugal gravitaram em torno de quatro questões: a questão naval, a questão colonial, a questão política e a questão comercial. Esta última teria sido um pretexto para a Alemanha consolidar a ligação diplomática entre os dois países, interessando conseguir de Portugal prerrogativas que conduzissem à supremacia naval sobre a Grã-Bretanha. Passados alguns anos, a Alemanha triunfa, ao menos, em três vertentes: na sua aproximação interessada a Portugal, no esbatimento do predomínio britânico no país e na sua própria expansão naval, a qual culminará no eclodir da Grande Guerra.

(...) a Alemanha conseguira, através de uma extraordinária perseverança de anos, diminuir a influência britânica no País e na ilha da Madeira e aprofundar os laços entre os dois países. Nunca tinha sido posta a prova tão dura a tutela inglesa sobre o pequeno Portugal (Guevara, 1996: 43).

Doravante, e até à primeira Guerra Mundial, a posição alemã na ilha da Madeira consolidase, demonstrando certo êxito sobretudo na área comercial. Os alemães introduzem-se no

²⁹ [Os alemães já controlavam um dos depósitos de carvão no Funchal, o qual fora arrendado ao seu agente Manuel Gonçalves e que em 1914 passa para as mãos de uma companhia de Hamburgo], (tradução nossa).

³⁰ A firma *Caldeira & Ca. Lda* era cliente da *Deutsches Kohlen Depot*, dona do vapor *Colmar*, um dos quatro navios alemães ancorados no porto do Funchal (*Colmar*, *Petropolis*, *Guahyba* e *Hochfeld*) apreendidos pelo Governo português, em seguimento do pedido britânico de 17 de Fevereiro de 1916, o qual invocara para tal a aliança luso-britânica (Mello e Carita, 2002). Esta requisição dos cerca de 72 navios alemães e austro-húngaros, surtos em portos portugueses, vem resultar na declaração de guerra da Alemanha a Portugal, e no corte de relações diplomáticas com a Áustria-Hungria.

comércio regional, estabelecem ligações de telegrafia sem fios³¹, lançam-se na indústria dos bordados³² e criam um depósito de carvão. Em 1921, o judeu Willy Schnitzer, proprietário da firma *R. Kretzschmar* (dissolvida em 1914), funda com Emil Gesche, o cônsul da Alemanha na Madeira, a empresa *Gesche & Schnitzer, Lda*, sediada à Rua direita, 18 e respectivo armazém na Rua do Carmo, 14. O seu filho, Gilbert Schnitzer sucede o pai no negócio, após a sua morte, em 1930. Tratava-se de um negócio de exportação e importação de diversos artigos: ferramentas, máquinas fotográficas, harmónios, máquinas de escrever *Adler*, lápis *Faber*, electrodomésticos, motores de navios³³, etc. A firma importava artigos alemães por catálogo e vendia-os na região. Tratava-se de produtos bem reputados no meio madeirense³⁴, não obstante a imposição dos Aliados em exigirem que qualquer produto de origem alemã deveria obrigatoriamente que ostentar o carimbo *Made in Germany*, para «melhor elucidação» do consumidor.³⁵ O

³¹ Durante o decurso da Grande Guerra, a Quinta Santana, localizada em local sobranceiro sobre o Funchal, logo abaixo do Monte, é usada pelo Governo inglês para a instalação de um posto de telegrafia sem fios, o qual transmitirá diariamente as notícias recebidas do exterior nos jornais madeirenses. Este posto é desactivado a 2 de Abril de 1919 (Silva e Meneses, vol. 3, 1984: 354-355).

³² Por volta de 1890, haviam se estabelecido na ilha, as primeiras casas alemãs de bordados e, até sensivelmente 1914, estas proliferariam pelo Funchal. Em 1907, três firmas de bordados alemãs (*Wilhelm Marum, R. Kretzschmar e Georg Wartenberg*) providenciam assistência médica gratuita e medicamentos aos seus trabalhadores (Wilhelm, 1990b). Grande parte da actividade destas cessa por altura da Grande Guerra. Os mercados alemães fecham-se às encomendas e a crise no sector impõe-se até fins de 1918. Após o conflito mundial, grande parte destas casas comerciais são tomadas por empresas americanas e geridas por sírios. O cônsul honorário da Áustria na Madeira, Johann Franz Wagner, foi ele próprio dono de uma casa de bordados, em 1921 (Rua de São Filipe, nº 2) e sócio-gerente de outra firma de bordados *G.Farra & Co. Lda* até à sua morte, em 1957. Este desempenhara as funções de cônsul da Áustria, de 1923 até Março de 1938, altura em que este país é anexado por Hitler (Wilhelm, 1990b). Segundo Wilhelm, este foi «um anti-nazista ferrenho» (1993a: 152). O mesmo se passou com o cônsul honorário da Alemanha, relativamente à indústria de bordados, pois fora sócio da firma Wilhelm Marum, de 1907 a 1916. Em 1901, outro alemão, Paul Max Kiekeben funda a *Madeira Embroidery Co* no Funchal e, mais tarde, em 1909, cria a companhia *Casa Americana*, exportando bordados sobretudo para os EUA. Com a entrada de Portugal na Grande Guerra, Kiekeben aluga a empresa por dez anos aos seus correspondentes americanos e fixa-se nos Açores com a família. Após o conflito mundial, volta à ilha e aposta na tapeçaria, um novo produto, já que a indústria dos bordados havia entrado em crise devido à recessão mundial de fins dos anos vinte, baixando, consequentemente, as importações de Inglaterra e dos EUA. A fabricação iniciou-se em Novembro de 1938, com o seu filho, Herbert Kiekeben. Durante a segunda Guerra Mundial, como as firmas alemãs não são autorizadas, este dedica-se a outras actividades, como o ensino de inglês, alemão e de outras cadeiras, numa escola secundária do Funchal. Em 1946 a firma reinicia a sua actividade, projectando-se com sucesso, até à década de noventa (Wilhelm, 1992: 72-73).

³³ Cfr. Anexos 2 e 3 relativos à firma *Gesche & Schnitzer*: notícia publicada no periódico *O Jornal* sobre a comemoração do fornecimento de um motor Diesel M.W. M. Patent Benz ao navio “Madeirense” por esta firma, e a publicidade da firma *Gesche & Schnitzer* no jornal o *Re-Nhau-Nhau*.

³⁴ Testemunho de Elisabeth Gesche registado nas entrevistas de Março de 2010 a Junho de 2011.

³⁵ Cfr. Anexo 4: Notícia sobre o Certificado de Origem, publicada no *Diário de Notícias* a 20 de Setembro de 1939.

cônsul honorário da Alemanha, Emil Gesche³⁶, estabeleceu-se na ilha iniciando a sua actividade no sector dos bordados. Este fora sócio da firma Wilhelm Marum, de 1907 até 1916, ano em que a firma cessa actividade, em virtude das consequências da Grande Guerra.

Segundo Nelson Veríssimo (1990: 139), as quintas e propriedades que haviam pertencido à *Madeira Aktien Gesellschaft* só seriam colocadas à venda em hasta pública a 30 de Janeiro de 1925, não se apresentando licitantes interessados. Entre estes bens imóveis contavam-se: Quinta Vigia, Quinta Bianchi, prédio urbano e rústico dos Marmeleiros, prédio urbano e rústico Reis e Palmeira, Quinta Sant'Anna, prédio no sítio da Confeiteira (Monte), prédio situado na Torrinha e prédio do Arrebetão. Apenas em 1926 os sanatórios são completamente desocupados, após leilão do seu recheio (móveis, roupas, louças e demais artigos). Novamente, em Abril de 1928, estes bens imóveis voltam a ser colocados à venda, sem interessados em adquiri-los. As quintas estavam praticamente em estado de abandono, sem que o Governo lhes desse qualquer utilidade. Em igual degradação, encontrava-se entre os espólios o equipamento da tipografia «que teve a mesma sorte do trust dos Sanatórios [o *Heraldo da Madeira*]» (Veríssimo, 1990: 140).

O edifício dos Marmeleiros cuja construção não ficara de todo concluída, permaneceu ali ao mais completo abandono e exposto a todas as intempéries, até que o governo

³⁶ Emil Franz Gesche desempenhara o cargo de cônsul honorário na ilha entre 1910 e 1916, novamente de 1921 a 1945, e por fim, de 1957 até 1966, altura da sua morte, quando é sucedido pela sua filha, Elisabeth Elfriede Gesche. Esta representará a Alemanha na região até 1997, sucedendo-lhe Ricardo Dumont dos Santos (até à actual data). Porém, com a entrada de Portugal na Grande Guerra, Gesche abandona a ilha com a família e viaja para Lisboa, seguindo depois para território neutro, para Espanha. Em Algeciras, em 1918, vem exercer a função de vice-cônsul da Alemanha. O consulado alemão na Madeira entretanto fecha em 1916 e só reabre em 1922. A Quinta Olavo, sua residência, fora confiscada pelo Governo, sendo reavida posteriormente pela família Gesche. Após a guerra, em 1919, Emil Gesche desloca-se a Berlim, ao *Auswärtiges Amt* (Ministério dos Negócios Estrangeiros) com o objectivo de se recandidatar à anterior função de cônsul honorário na Madeira, sendo aceite a sua recandidatura por este organismo. Regressa então à ilha em 1920, onde um ano depois entra com sociedade na firma *Gesche & Schnitzer*, Lda. Em meados dos anos trinta, o partido nazista, expandindo a sua acção até à ilha, proíbe Gilbert Schnitzer, sócio de Gesche, de dirigir a empresa devido à sua condição de judeu, situação agravada pelo facto desta possuir como sócio um cônsul honorário, o representante oficial da Alemanha na Madeira. Os sócios são intimados por carta enviada pelo partido alemão a separarem-se (Cfr. Emonts, 2000). A empresa fica apenas em posse de Emil Gesche, o qual se ressentirá economicamente do desmembramento, levando-o, em 1936, a hipotecar a Quinta Olavo, onde vivia com a família. Ainda em 1951, continuando a pagar aos poucos, e com muito custo, a hipoteca da sua casa, Emil Gesche escreve a Salazar declarando que a mais genuína prova de esforço do pagamento da sua livrança era o facto de a maior parte da dívida se encontrar já paga. Não recebeu resposta. Algum tempo depois, é publicado no *Diário do Governo* o anúncio de que a Quinta Olavo se encontrava oficialmente liberada da livrança (Testemunhos de Elisabeth Elfriede Gesche, ex-consul da Alemanha na Madeira, filha de Emil Gesche, registados durante as entrevistas efectuadas entre Março de 2010 e Junho de 2011).

central, no acto mais louvável e mais proveitoso de administração pública, o cedeu à Misericórdia do Funchal, para a instalação do seu hospital, pelos decretos de 9 e 29 de Março de 1928, sendo para ali transferidos os primeiros doentes no mês de Novembro de 1930 e os restantes no ano seguinte. Procedeu-se então à inteira conclusão do edifício e à sua conveniente adaptação àquele fim, sendo, no seu género, uma das primeiras casas hospitalares do país, não só como uma instalação apropriada, mas ainda pela maneira como ali se ministram todos os serviços clínicos e de enfermagem (Silva e Meneses, 1984, vol. II: 134).

Mais tarde, no decurso dos anos trinta e quarenta do século XX e em consequência do relatório do Dr. António de Lencastre³⁷, a Assistência Nacional aos Tuberculosos empreende-se na construção de um sanatório na Madeira, graças ao empenho do Dr. João de Almada, médico dos tuberculosos do Hospício D. Maria Amélia e da Casa de Saúde Câmara Pestana (Pereira, vol. II, 1989: 300). No começo dos anos trinta, como o número de doentes era superior ao número de camas existentes e o Hospício D. Amélia, existente desde o século XIX, revelara-se demasiado exíguo para o volume de pacientes. O Dr. João Francisco de Almada (presidente da comissão da ANT) sugere então a Quinta Santana como local para possível construção de um sanatório de tratamento para a tuberculose. Esta ideia nascera em seguimento de antecedentes, ou seja, do antigo projecto dos sanatórios do príncipe alemão, no início do século. Referira o médico que os competentes técnicos da Companhia alemã do Príncipe de Hohenlohe haviam já seleccionado aquele local para tal finalidade, ao procurar construir sanatórios de qualidade no melhor clima. (Vasconcelos, 2008).

Finalmente, em Julho de 1935, o Dr. Oliveira Salazar cede a Quinta Santana à ANT, assim como o prédio da Confeiteira, o qual se destinaria a Preventório. As receitas para as obras de melhoramento resultaram das contribuições do Ministério das Obras Públicas, da Direcção Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais, mas principalmente do montante arrecadado do imposto sobre o tabaco, decretado em Maio de 1934 (Vasconcelos, 2008: 104). O Preventório é apenas inaugurado em Dezembro de 1951, enquanto o Sanatório é inaugurado já em Dezembro de 1940, sendo denominado dois anos depois de *Sanatório*

³⁷ A 22 de Setembro de 1903, o médico Dr. António de Lencastre, secretário-geral da Assistência Nacional aos Tuberculosos, acompanhou à ilha, em representação do Governo português, o Príncipe de Hohenlohe e a sua comitiva, para fazer o levantamento dos espaços apropriados aos sanatórios. Este redigiu um relatório oficial «...a encarecer a empresa baseado na persuasão de que a tuberculose invadia as classes pobres da ilha, por promiscuidade dos estrangeiros com os indígenas [*sic*]; que o único remédio de evitar “o inconveniente gravíssimo da passagem do tísico pela ilha” era o estabelecimento de tão grandes e numerosos sanatórios» (Pereira, 1989: 299-300).

Dr. João de Almada, prova de mérito do médico empenhado no tratamento da tuberculose na região (Vasconcelos, 2008). «Deste notável empreendimento provieram as obras anti-tuberculosas de que se acha dotado o Funchal para benefício de todo o arquipélago» (Pereira, 1989, vol. II: 300).

A recessão económico-financeira, não só mas também reflexo da Grande Depressão Mundial de 1929, fazia-se sentir de forma intensa na ilha. Algumas instituições bancárias regionais abrem falência e as revoltas populares (Revolta da Farinha, Revolta da Madeira³⁸ a Revolta do Leite) são testemunho da crise política, financeira e social da época. Em virtude da miséria e más condições de vida, aumenta o número de doentes da tuberculose, motivo pelo qual a ANT vem determinar, em complemento dos sanatórios, a construção de um Dispensário anti-tuberculoso no Funchal.

[Dr. Fernão de Ornelas] Analisa a situação do Hospital da Santa Casa da Misericórdia e compra o terreno para construir o Dispensário de Higiene Social do Funchal. Procede à substituição do Delegado de Saúde do concelho, Dr. Carlos Leite Monteiro, por Agostinho Gabriel de Jesus Cardoso, que desenvolve um trabalho meritório ao serviço da população (Lopes, 2008: 216).

O empreendimento irá então nascer a Norte da Praça de Tenerife, localizada no Campo da Barca³⁹. Trata-se de um exemplo do modelo de arquitectura característica dos dispensários do Estado Novo. Para a sua construção contribuiu a angariação de donativos da Semana da Tuberculose, os donativos da ANT⁴⁰, as receitas advindas do imposto sobre o tabaco, e ainda a cedência do terreno pelo município do Funchal. O edifício, mais tarde designado de Dr. Agostinho Cardoso⁴¹, vem a ser inaugurado a 8 de Dezembro de 1933 (Vasconcelos, 2008). Ainda nesta vaga de construções de infra-estruturas anti-tuberculosas, a edilidade funchalense deliberará ainda a construção do Dispensário de Higiene Infantil, dedicado às

³⁸ Esta revolta surge no contexto da Revolta da Farinha, da repressão contra a população e militares envolvidos nos tumultos. Foi um movimento contra a ditadura já preparado previamente pelos deportados políticos republicanos, apoiados pelos militares da força especial do Coronel Silva Leal e alguns madeirenses revoltosos. Esta enquadrou-se «na contestação generalizada de alguns sectores militares e civis ao regime saído do 26 de Maio de 1926.» (Vieira, 2001: 357).

³⁹ Aqui se instala o primeiro aparelho de radioscopia na Madeira (Pereira, 1989).

⁴⁰ Consultar o Anexo 5: referência à alusão da recolha de donativos para a construção do dispensário Dr. Agostinho Cardoso e do sanatório Dr. João de Almada.

⁴¹ Licenciado em pneumonologia, foi médico-chefe do Sanatório Dr. João de Almada e subdelegado do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos da Madeira.

consultas pré-natais. A sua inauguração verificar-se-á já em 1944, à Rua João de Deus, onde hoje se situa o Museu Henrique e Francisco Franco (Vasconcelos, 2008).

Quanto à Quinta Vigia, depois de encerrada por décadas, reabre em Dezembro de 1935 e com ela dá-se a abertura do jogo, explorado «por uma sociedade constituída por iniciativa da Associação Comercial do Funchal (Veríssimo, 1990: 140). Em Setembro de 1936, é criada a Delegação de Turismo da Madeira, a qual recebe a tutela das quintas Vigia, Pavão e Bianchi, para «a instalação de um casino, conservação de uma esplanada e criação de um parque com campos de jogos desportivos, jardins, casa de chá e outras distrações.» (Veríssimo, 1990: 141). A 4 de Julho de 1936 a Quinta Vigia abre as suas portas, adaptada a Casino da Madeira, sendo adjudicado o jogo à Sociedade de Turismo da Madeira. De 31 de Março de 1937 a 1939 é suspensa a exploração do jogo, por falta de consenso quanto à prorrogação do prazo de exploração deste. Eclode a 2ª Grande Guerra, a actividade turística ressent-se com o conflito mundial e, somente em 1958, é decretada a exploração do jogo no Funchal. Como as obras de remodelação não estavam concluídas, a exploração do jogo era inviável. Só em Julho de 1964 é assinado o contrato de adjudicação da exploração de jogos⁴² e, finalmente, abrem as portas do Casino da Madeira. A obra dos arquitectos Oscar Niemeyer e Viana de Lima, o Casino Park Hotel, é inaugurada em Outubro de 1976 e, em 1984, a Presidência do Governo Regional instala-se na Quinta das Angústias, entretanto chamada de «Quinta Vigia», «...em memória de um espaço repleto de história e tradição que o complexo do Casino fez desaparecer...» (Veríssimo, 1990: 141).

Sem qualquer sombra de dúvida, a vaga de construções em torno do tratamento da tuberculose e da Saúde Pública regional, levadas a cabo pelo governo do Estado Novo, e a construção (mais tardia) do Casino da Madeira, estiveram intimamente ligadas à iniciativa alemã outrora vivenciada na ilha. Exactamente nos mesmos locais projectados pelos alemães, exactamente com a mesma funcionalidade, erguiam-se décadas mais tarde os empreendimentos portugueses, antecipados pela *Madeira Aktien Gesellschaft* no limiar do século.

⁴² Empresa concessionária: Sociedade de Investimentos Turísticos na ilha da Madeira, SARL (ITI).

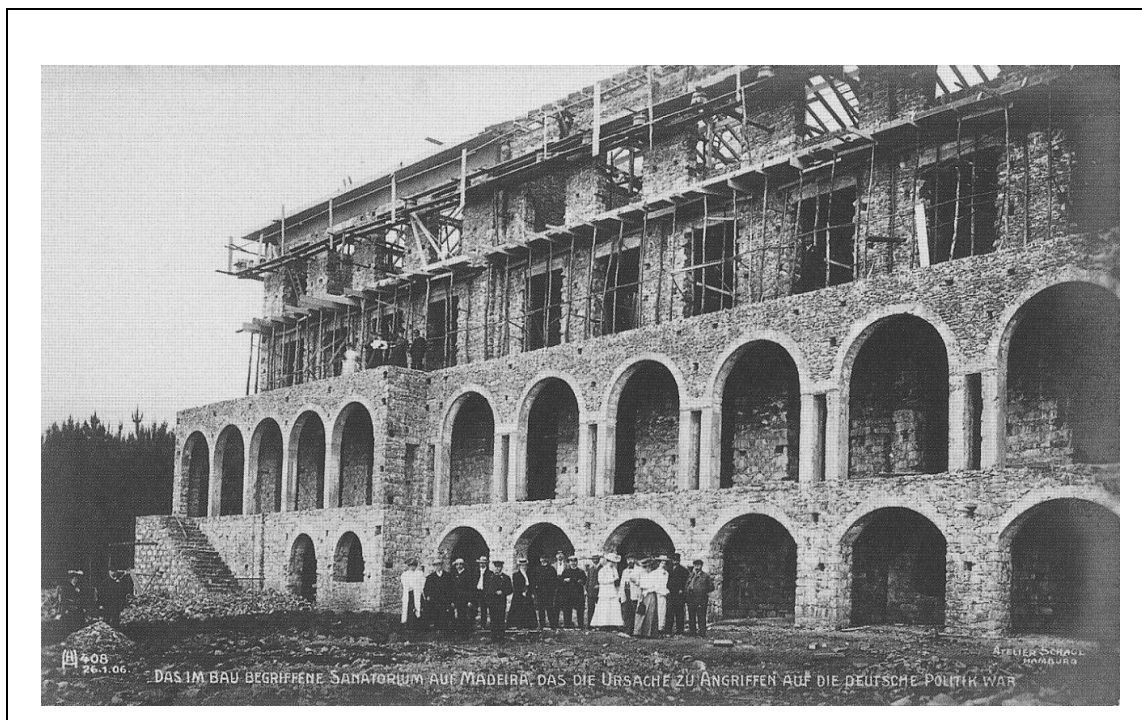


Ilustração 2 - Postal de edição alemã do Sanatório dos Marmeleiros, datado de 26.1.1906 e intitulado «Das im Bau begriffene Sanatorium auf Madeira, das die Ursache zu Angriffen auf die Deutsche Politik war» [O sanatório da Madeira, em fase de construção, o qual despoletou críticas sobre a política alemã].

2.2. Perspectivas e pareceres: A Alemanha na Imprensa Madeirense

A três de Dezembro de 1916 um submarino alemão ataca o porto do Funchal, deixando atrás de si o assombro, o pânico, a revolta e o ressentimento. O *Diário de Notícias*, dois dias após o acontecimento, expressava a sua reacção perante a surpresa atroz do sucedido. Refere-se inclusivamente ao facto de os madeirenses não terem tratado de tal forma os elementos da colónia alemã residente na ilha:

Mal se podia imaginar o brutal e traiçoeiro assalto dum submarino alemão ao porto de Funchal, em pleno dia, manifestando a maior audácia nessa criminosa investida, audácia que já de antemão tinha a certeza de que ficaria impune pela falta de recursos e elementos de defesa da nossa costa. (...) Não quiseram que terminasse o ano de 1916, sem virem deixar à Madeira o seu cartão de visita que é, como quem diz, uma amostra do seu ódio e da sua perversidade sem nome. As granadas que o sinistro submarino lançou sobre a cidade do Funchal, foram também como o cartão de agradecimento pela maneira cavalheiresca e generosa, digna de um povo civilizado

como os Funchalenses trataram os súbditos alemães residentes aqui, depois da declaração de guerra da Alemanha a Portugal.⁴³

Cerca de um ano após o incidente, a 13 de Dezembro de 1917, o mesmo jornal reportava o balanço de um novo ataque de um submarino alemão no dia anterior. Aqui o periódico descreve a reacção de surpresa da população e manifesta a ira e revolta sentidas pela traição, covardia e crueldade dos «piratas» ao serviço da Alemanha:

Bombardeamento do Funchal por um submarino alemão. Registaram-se 5 mortos e ficaram feridas cerca de 30 pessoas. Os estragos na cidade e arredores. O combate com o pirata. Pormenores diversos. Ontem [12 de Dezembro de 1917], pelas 6 horas e 20 minutos [madrugada], foi esta cidade mais uma vez bombardeada pelos canhões dum submarino alemão, semeando a desolação, a morte e ruínas em diferentes pontos no Funchal. Mais uma vez se exerceu sobre nós a acção traiçoeira, covarde e bárbara dos hediondos piratas ao serviço do kaiser. Foi um despertar trágico, idêntico ao dia 3 de Dezembro de 1916, apavorando uma pacífica e laboriosa população, já trabalhada pelas preocupações e cuidados, causados pelo estado de Guerra (...).⁴⁴

A decisão da entrada de Portugal na Primeira Guerra Mundial não fora consensual, fora tomada sem o apoio da opinião pública da maioria da população portuguesa. Inclusivamente, a clivagem partidária fez-se sentir quanto à questão da participação ou não

⁴³ *Diário de Notícias*, 5 de Dezembro de 1916, p. 1. Neste incidente pereceram trinta e três tripulantes dos barcos atingidos e oito madeirenses da firma Blandy, que na ocasião abasteciam de carvão um destes barcos. Em seguimento deste primeiro bombardeamento é organizada uma romagem de penitência e homenagem aos mortos da Grande Guerra, a 1 de Novembro de 1927, por altura da inauguração do Monumento à Nossa Senhora da Paz, no Terreiro da Luta. A ideia da construção nascera já em 1917, fruto da promessa do Padre José Marques Jardim em erguer um monumento a Nossa Senhora da Paz. Para tal financiamento valeram as contribuições de madeirenses, continentais e estrangeiros, como também duas jóias da Imperatriz Zita, em exílio no Funchal, com o Imperador Carlos I de Áustria (após a queda da monarquia no seu país). «Deu lugar a esta emocionante peregrinação o transporte de um gigantesco Terço do Rosário Mariano, feito de calhaus rolados da Ribeira de Santo António, com cerca de dez quilos cada e mais, todos enfiados em correntes de ancoras dos três vapores “Surprise” e “Kanguroo” franceses, e do “Dacia” inglês, torpedeados por um submarino alemão, a 3 de Dezembro de 1916, na baía do Funchal. Transportavam o Terço votivo desde Santo António até ao Terreiro da Luta, no Monte, a pé, seguidos de milhares de peregrinos de todas as freguesias do Concelho do Funchal, rezando e cantando louvores à Virgem, mais de 300 devotos, “carreiros” do Monte, ajudados por outros fiéis que, durante seis horas de percurso, subiram carregando aos ombros aquela mole de pedra e ferro, até à altitude de 874 metros, onde depuseram com grande fé, lágrimas e sangue de seus corpos, a religiosa dádiva aos pés da Virgem em sinal de gratidão pela paz mundial e em sufrágio dos que a ela sacrificaram a vida. E, assim se repercutem e perpetuam pelos séculos fora os sentimentos de crença sincera e religiosidade ardente do povo madeirense.» (Pereira, 1989, vol. II: 497)

⁴⁴ Tratava-se de um U 156 («U» refere-se ao diminutivo de «U-Boot», significando submarino, em alemão), capitaneado por Konrad Gansser e cuja missão englobava o ataque à ilha - provocando o maior prejuízo possível - surpreender e neutralizar o tráfico marítimo localizado na área e sabotar as comunicações atlânticas do cabo submarino. Entre os principais alvos deste capitão contavam-se o porto, a estação radiotelegráfica, os edifícios governamentais, fortalezas, baterias costeiras, armazéns e depósitos (Ramallo, 2010: 108-109). Logo após os dois bombardeamentos dos submarinos ao Funchal, o património da colónia alemã foi confiscado pelo Governo, a pedido da colónia inglesa, em parte para salvaguardar o seu comércio da crescente concorrência alemã.

de Portugal na guerra. Entre os republicanos contavam-se os que se posicionavam pela intervenção e os que discordavam dela. Inclusivamente, dentro da facção monárquica demarcavam-se os seguidores de D. Manuel II, exilado em Londres, considerados anglófilos e logo afectos aos Aliados, e por outro lado, os apoiantes dos alemães - os germanófilos. O panorama nacional dividia-se, portanto, em guerristas e anti-guerristas, uns pela neutralidade, outros pelo patriotismo. Portugal acaba por tomar o partido dos Aliados, constringido pela aliança luso-britânica, não intervindo na guerra com expectativa de conquistar, mas sim, de conservar o que era seu, a manutenção das colónias africanas, e consegue-o.

Tendo em conta a posição geográfica e a quase total dependência do exterior, a Madeira sofre amplamente os dissabores da Grande Guerra. A insegurança na navegação motivada pelo conflito mundial isola ainda mais a ilha, o número de barcos no porto do Funchal diminui abruptamente, advindo daí as dificuldades de abastecimento. No decurso da Grande Guerra a segurança dos mares madeirenses é debilitada pela espionagem e vigilância de submarinos alemães, tornando-se frequente a descrição de embarcações perseguidas ou fundeadas por estes. Novamente, durante a 2ª G. Guerra a ilha é o território português mais lesado: a navegação marítima é grandemente lesada, e em consequência disso, desencadeia-se a crise no turismo, a actividade vital da economia regional.⁴⁵

Por solicitação de Inglaterra, a 24 de Fevereiro de 1916, o Governo português mandara apreender todos os navios alemães ancorados em portos nacionais, pelo que se procede nesse mesmo ano à detenção no porto do Funchal de quatro navios dessa nacionalidade. Os cerca de cem elementos da tripulação são deslocados para o Lazareto, para depois serem deportados para os Açores, para a Ilha Terceira⁴⁶. Relacionado ainda com este assunto é a notícia publicada no semanário *A Verdade*, de 1 de Julho de 1916, comunicando a fuga de três alemães da Madeira, apesar de estarem sob a guarda da autoridade. Entre eles contava-se o capitão do vapor *Colmar*, um dos quatro navios arrestados pelo governo português. O

⁴⁵ Ver Anexo 6: caricatura do jornal *Re-Nhau-Nhau*, referente ao escasso movimento marítimo na ilha, motivado pelo conflito mundial, provocando grande impacto na economia regional.

⁴⁶ Os vapores alemães confiscados são, curiosamente, denominados Madeira, Porto Santo, Desertas e Machico (Mello e Carita, 2002: 69).

redactor refere a possibilidade de estes evadidos levarem informações ao Kaiser. A 9 de Dezembro do mesmo ano, o jornal *A Verdade* escreve:

E sem contemplanções para com os madeirenses que ainda no seu seio abrigam alemães, seus descendentes e partidários, um submarino inimigo, cerca das 8 horas da manhã do fatídico dia 3 de Dezembro de 1916 entra no nosso porto e, traiçoeiramente, afunda três navios, a canhoeira *La Surprise* e o vapor *Kanguroo*, de nacionalidade franceza bem como o vapor inglês *Dacia*, causando-lhes dezenas de mortos.⁴⁷

Este exemplar de *A verdade* fora visado pela censura, pelo que certos extractos teriam sido eliminados, podendo-se, contudo, ainda ler que se estava em guerra com uma nação traiçoeira capaz de tudo. Ainda na mesma edição se encontram artigos relacionados com os alemães. Num deles conjectura o seu autor a hipótese de o submarino ter sido abastecido em alto mar por um outro navio, possivelmente procedente das próximas Canárias ou de outro porto espanhol, o que seria o mesmo que dizer que a Espanha traía Portugal. Apela-se também à população a que não mostre qualquer consideração pelos descendentes do *Kaiser*. Segundo o jornal, eles foram recebidos com hospitalidade e responderam com a maior das ingratidões. Alerta para a situação dos alemães residentes na ilha e de alguns portugueses traidores que tomam o partido dos alemães. Acusa ainda a presença de espões na ilha e da telegrafia secreta.

De acordo com o apurado, *A Verdade* poder-se-á integrar no grupo de jornais de orientação anglófila, fiel à antiga aliança luso-britânica e defensora do nacionalismo português contra os atentados espanhóis e alemães. A 25 de Março de 1916 o semanário publica na sua primeira página um artigo denominado «Os Portugueses na Alemanha e os Alemães em Portugal», onde refere que enquanto a Alemanha havia confiscado as casas dos portugueses aí radicados e os havia internado em instituições (logo após a declaração de guerra a Portugal, a 9 de Março e 1916), na Madeira «os alemães são tratados mais como hóspedes do que como inimigos». Com esta declaração o jornal referia-se à tripulação alemã capturada nos vapores alemães ancorados no porto do Funchal, em Fevereiro do mesmo ano, e internada «comodamente» no Lazareto, usufruindo de relativa liberdade.⁴⁸

⁴⁷ *A Verdade*, 9 de Dezembro de 1916, p. 1

⁴⁸ O capitão do vapor *Colmar* conseguiu evadir-se do Lazareto, comentando-se no Funchal que João de Freitas Martins o auxiliara na fuga. O capitão do *Colmar* havia estado hospedado em Fevereiro do mesmo ano em casa do empresário madeirense, antes de ser transferido para o Lazareto, por altura da declaração de

A 26 de Novembro de 1917, na sua segunda página, *A Verdade* discorre de forma nua e crua sobre a grave situação de carência de bens alimentares e a dificuldade no abastecimento à ilha: «Já é do domínio público que foi torpedeado um navio americano que conduzia trigo para a Madeira. Como consequência da façanha dos boches teremos de novo uma diminuição no fornecimento de farinha, diminuição que ninguém sabe até onde poderá chegar. (...) A situação é grave, repetimos, a acção dos submarinos intensifica-se, enquanto os canaviais ocupam os melhores terrenos e usurpam [sic] toda a água d'irrigação.»⁴⁹. Seria esta uma crítica também extensível aos negócios de Hinton? O sistema de monocultura seguido nesta altura na ilha da Madeira, onde a cana-de-açúcar era produção predominante, teria constituído um dos problemas que se reflectira na crise de subsistência e carência alimentar, aliada à afectação da navegação provocada pela guerra. Defendia-se o recurso ao cultivo de outros produtos variados, criticando-se o Governo pela inacção e não intervenção no problema. Este exemplar foi apreendido.

O ódio, o desdém e a cólera pelo povo alemão é severamente expressa num texto do jornal *A Verdade*, de 27 de Julho de 1918, editado na sua segunda página. Aí deparamo-nos com o artigo intitulado «Germanófilos», nada mais do que uma transcrição de um jornal açoriano, *O Protesto*, de Ponta Delgada. O tom violento e ofensivo com que este texto é redigido pode ser constatado, embora de forma mais comedida, com a frase: «Infelizmente, eles não sofrerão mal nenhum e nós continuaremos a ter o vergonhoso e repelente contacto das suas ascorosas pessoas, infelizmente e para deshonra [sic] nossa.»⁵⁰

Segundo Sara Belo Luís (2009), a imprensa da época não podia reportar todos os pormenores do seguimento do conflito mundial devido à censura militar, instaurada por uma Lei da República de 28 de Março de 1916 e instituída pelo Governo de António José de Almeida, em sequência da declaração de guerra da Alemanha a Portugal. Notícias susceptíveis de fragilizar o moral das tropas como os recuos dos Aliados, baixas e outras más notícias oriundas de França, o evitar assustar a população, eram alguns dos motivos

guerra da Alemanha a Portugal. João de Freitas Martins mantinha relações comerciais com a *Deutsches Kohlen Depot*, proprietária do navio em questão, facto que lhe valeu e à sua firma um lugar na *Black List* engendrada pelo grupo de comerciantes ingleses, membros em maioria da Associação Comercial do Funchal (Bello e Carita, 2002: 69).

⁴⁹ *A Verdade*, 29 de Novembro de 1917, p. 2.

⁵⁰ *Idem*, 27 de Julho de 1918, p. 2.

para a restrição imposta. Informações de foro estratégico, com o intuito de não se revelarem dados importantes ao inimigo, era uma das principais razões para as notícias serem relatadas com uma certa exiguidade, lidas até nas entrelinhas. No entanto, manifestava-se uma certa parcialidade e uma tentativa de contorno da lei, ao que a notícia era eliminada, deixando em branco o seu espaço no jornal, como previsto na lei. De acordo com Fátima Barros (2007: 15), com a lei de 6 de Setembro de 1917, estabelece-se que a censura deverá visar apenas os assuntos que impliquem propaganda contra a guerra e que possam perigar a defesa nacional, económica ou militar. Porém, na realidade, esta prossegue mesmo noutras matérias. A título de exemplo, o *Brado d'Oeste* é censurado a 2 de Agosto de 1917 com a sua rubrica «Crónica da guerra». Os cortes acontecem noutros periódicos regionais, os jornais são enviados para o Comando Militar do Funchal, gerando-se o protesto geral.

A Madeira ainda mais isolada que o espaço continental português, ligava-se ao mundo apenas através dos jornais, da telegrafia sem fios e dos navios, que chegavam cada vez mais em menor quantidade, devido aos possíveis ataques alemães. Não obstante o isolamento e a intervenção da censura, a imprensa regional prosseguiu caminho com os seus editoriais: «Apesar da censura (e da autocensura), a Grande Guerra foi uma prova de fogo para a imprensa portuguesa, até então praticamente dependente do fluxo de notícias dos jornais estrangeiros e das agências internacionais como a Havas e a Reuters.» (Luís, 2009: 84).

A actividade da imprensa regional durante o período em que durou a 1ª Guerra Mundial foi de certa forma intensa, destacando-se jornais de carácter lutador, os quais deram voz à situação de grave carência e de dificuldades de subsistência, na qual (sobre)vivia a população madeirense. Periódicos como o *Brado d'Oeste*, *A Verdade*, *O Madeirense*, *A União*, *O Realista*, o *Diário da Madeira*, o *Heraldo da Madeira*, o *Progresso*, o *Diário de Notícias*, e o *Trabalho e União* preenchiam o panorama jornalístico da época, não obstante a censura, que se agravará com o consolado sidonista. Logo após a declaração de guerra a Portugal pela Alemanha, Sidónio Pais, enviado extraordinário e ministro com plenos poderes diplomáticos em Berlim⁵¹, ciente da amplitude do poderio militar alemão, regressa

⁵¹ Embaixador de Portugal em Berlim, desde 1912 a 1916.

a Portugal, terminando assim, subitamente, o seu consolado. Na figura de Sidónio Pais viam alguns autores a influência germânica, advinda da sua estada em Berlim e personificada no seu extremismo e disciplina:

Sidónio País, regressara de Berlim, onde fora, até à declaração de guerra, ministro de Portugal e os unionistas tinham-no recebido com o carinho orgulhoso votado a um correligionário, lente universitário, inteligente grave, matemático ilustre, sem os alucinados modos dos sábios, oficial que já esquecera o uniforme, mas guardara no porte, na esbelteza, na andada, alguma coisa de militar. A disciplina germânica parecia ter influído no ânimo desse republicano extremista do começo do regime (...) Voltara; os exemplos do estrangeiro tinham influído no seu ânimo e aceitara entrar no comité oposto pelos deputados do bloco ao domínio dum partido rival e já contrariado pela nação.⁵²

A 5 de Dezembro de 1917, Sidónio Pais vem a desencadear a revolta do Dezembrismo, «uma figura quase desconhecida, sem uma orientação programática concreta, nada oferecendo para além da promessa de pôr fim à guerra e derrubar o partido do poder» (Veríssimo e Gomes, 1983: 27). Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais modificara de forma ditatorial as normas fundamentais da Constituição de 1911, o que o faz ser denominado de Presidente - Rei⁵³, o primeiro presidente da República de Portugal e eleito por sufrágio directo universal. Teria sido Sidónio um proto-fascista, o primeiro esboço em Portugal da concepção fascista do Estado? Para alguns autores, Sidónio, filiado da maçonaria portuguesa, não fora um germanófilo convicto, apenas se esforçara por executar as obrigações de Portugal para com os Aliados e incutir no seu consolado, características inusitadas, de sabor ditatorial. Contudo, não obstante a tendência ditatorial de Sidónio Pais, o republicanismo fora a sua matriz ideológica:

Sidónio Pais foi, dentro dos seus particularismos psicobiográficos, um republicano e um democrata e que o dezembrismo/sidonismo não representou qualquer tipo de ruptura ou de alteração substancial relativamente à matriz ideológico-política e político-institucional em que surgiu (...) Ninguém nega hoje o republicanismo de Sidónio (Meneses, 2006: 636).

Em articulação com a maioria das opiniões de diversos autores, este empreendera em Portugal os primeiros laivos da ditadura moderna de natureza fascista, os quais se

⁵² Rocha Martins, *Memórias sobre Sidónio Pais*, edição especial do autor, 1921, p. 5, *apud in A Madeira e o Sidonismo*, Fátima Gomes e Nelson Veríssimo, 1983.

⁵³ Expressão usada pela primeira vez por Fernando Pessoa, no seu poema «Em Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais», *Da República*.

materializaram, posteriormente, em Portugal, com o Estado Novo, com Mussolini em Itália, com Hitler na Alemanha, com Franco em Espanha. Segundo a maioria dos autores, o Sidonismo definira-se por uma combinação de autoritarismo e populismo, como que uma preparação ao Estado Novo, um ideário político resultante da junção das ideias do Integralismo Lusitano e do descrédito na República e no parlamentarismo. O sidonismo seria assim uma passagem ou estágio para o Estado Novo, personalizado pela figura demagógica de Sidónio Pais:

Pela supressão das liberdades democráticas, pela prática da demagogia e da repressão policial contra os trabalhadores, os maçons e os republicanos parlamentares, o sidonismo pré-figurou os regimes fascistas que mais tarde vigoraram na Itália, na Alemanha, em Portugal, na Espanha e outros países. Mas por agora não vingaria nada (Sá, 1989: 358).

[Sidonismo] Foi quando a grande burguesia apareceu por detrás de uma figura demagógica, feita popular, à sombra de quem foram abolidas as instituições democráticas e se procurou impor uma prática repressiva intensa (Sá, 1989: 360).

Na Madeira, corriam nos jornais as críticas ao governo de Afonso Costa em denúncia da participação de Portugal na guerra e da ruína financeira em que o país estava mergulhado. Sidónio Pais pertencia a um grupo de direita que se oponha a esta intervenção no conflito mundial. Na sua maioria, a atitude e posição dos jornais madeirenses, perante o golpe militar de Sidónio Pais, só seria revelada cerca de uma semana após o acontecimento, depois de um certo tempo de delonga e de contra-balanço dos factos ocorridos. A surpresa, o receio de tomada de posições e a incerteza do progresso dos acontecimentos contribuíram para que na imprensa apenas se resumissem as notícias e se esquivasse de observações. «A partir de Janeiro, os editoriais de alguns periódicos começam a incluir considerações acerca da “nova” situação; da expectativa inicial passam à adesão e à crítica.» (Veríssimo e Gomes, 1983: 55).

Ao que parece, a república de Sidónio Pais não surtira tão grande onda de simpatia na Madeira, como no continente. Por se distanciar geograficamente do Governo central e pelas dificuldades de subsistência em que vivia a população, a opinião pública e as atenções dos madeirenses não estavam para aí unicamente centradas. No entanto e apesar de se verificar a tendência autoritária da ideologia de Sidónio, assiste-se a tomadas de

posição a favor da *República Nova*, como por exemplo nos periódicos *O Nacional*, *O Madeirense* (órgão do Centro Católico) e *A Verdade*.

A liberdade coarctada, a imprensa amordaçada e a Constituição política do país por vezes suspensa, não havia quem resistisse a tão despótico governo. Só uma revolução poderia pôr termo a tão desgraçada situação, que nos envergonhava aos olhos de nacionais e estrangeiros. Essa revolução rebentou triunfalmente em 5 de Dezembro último, com o aplauso de todos os bons e sinceros portugueses, em que de novo nasceu a esperança de melhores dias para a nossa querida pátria.⁵⁴

Mas logo as dificuldades económicas, políticas e sociais fazem com que a oposição se faça sentir marcadamente e, com elas, o anseio de voltar à «república velha». A instituição da censura prévia à imprensa a 14 de Junho de 1918, a repressão e perseguição política constituem o rastilho para a explosão do protesto público. Já no início de 1918, na Madeira, vão florescendo os primeiros indícios de descontentamento e reacções adversas ao governo de Sidónio Pais devido a várias causas. Uma das primeiras causas é a crise de subsistência e a inércia do governo em resolução de tal problema. A fome e escassez dos bens de primeira necessidade complicaram-se com os efeitos da guerra, da ineficácia da distribuição e de abastecimento de produtos alimentares, e dos problemas advindos da insularidade. Outros motivos que se lhe juntaram foram: a má administração e orientação da política de subsistência, o desemprego o caos financeiro, o arbítrio e a corrupção, a burocracia, a lei eleitoral, a incompetência do parlamento. A desilusão instala-se e com ela a crítica e oposição ao governo, surgindo registos de ataque ao «Dezembrismo» em periódicos como: *A Verdade*, *A Época*, *A Sentinela* entre outros. A 11 de Novembro de 1918 acaba a guerra e Sidónio celebra o armistício. A 14 de Dezembro é assassinado na estação do Rossio, em Lisboa. Com a sua morte, extingue-se o sidonismo.

Assim como Sidónio, também Alfredo António de Castro Teles de Meneses de Vasconcelos de Bettencourt de Freitas Branco⁵⁵ demonstrou simpatia e admiração pela Alemanha, era um germanófilo assumido. Aderiu ao sidonismo e foi colaborador directo de Sidónio Pais, um dos seus mais diligentes e entusiastas defensores. Fora ele, quem participara na captura do assassino de Sidónio Pais, junto de outros cadetes da Escola de

⁵⁴ *A Verdade*, 28 de Janeiro de 1918.

⁵⁵ O título de «1º Visconde do Porto da Cruz» fora-lhe atribuído pelo exilado ex-rei D. Manuel II, em Abril de 1921.

Guerra, imediatamente após o homicídio do presidente. Esteve ligado à literatura e ao jornalismo madeirenses, publicando obras de natureza política e etnográfica e dirigindo a *Revista Portuguesa* e o semanário *Independência*. Colaborou com a redacção dos seus artigos no *Diário de Notícias* da Madeira, em *O Realista*, na revista *Acção Realista*, no *Diário da Manhã*, em *O Jornal* e nas revistas *Brotéria*, *Arqueologia e História*, e *das Artes e da História da Madeira*. Proferiu palestras na rádio, participou em conferências e fez parte do grupo de estudantes universitários e de escritores *Os Cinco Artistas Vagabundos*, cujas ideias foram reproduzidas no *Diário da Madeira*.

O Visconde do Porto da Cruz vem a integrar o *Centro Monárquico*, a *Junta Central do Integralismo Lusitano da Madeira* (JCIL) e a participar na ditadura de Pimenta de Castro. De acordo com Alberto Vieira «Esta luta pela Monarquia tradicional, ordeira e elitista, [em todo o território português] faz dar aval às ditaduras de Pimenta de Castro (Janeiro - Maio de 1915), Sidónio Pais (1917-1918) e mais tarde à Ditadura Militar e ao Governo do Estado Novo de Salazar, para além da simpatia pública que exprimiu pelo nazismo.» (Vieira, 2001: 279). Em 1915, o Visconde começa por colaborar no semanário monárquico do Funchal *O Realista*, cujo primeiro número fora publicado a 2 de Maio de 1915: «e agora em *O Realista*, eu vou combater declaradamente, enquanto durar a república, só pela restauração da Monarquia, como único regime que pode salvar esta aguerrida Pátria»⁵⁶. A publicação do jornal é interrompida para novamente regressar a 27 de Dezembro de 1917, com o número 4, o primeiro da 2ª série, agora órgão regional da Junta do Integralismo Lusitano. A sua direcção e edição ficam então a cargo de Alfredo de Freitas Branco. Em Janeiro de 1918, desloca-se a Lisboa, acabando por encerrar o jornal a 21 de Fevereiro do mesmo ano.

Na capital lisboeta, cinco anos depois, o Visconde associa-se ao movimento político-cultural *Acção Realista Portuguesa*⁵⁷ (ARP), participando na assinatura do manifesto que a constituirá, com o fundador Alfredo Pimenta⁵⁸ e junto de outros continentais e madeirenses, como Ernesto Gonçalves, João Cabral do Nascimento e Luís Vieira de

⁵⁶ «Pela Monarquia», Alfredo de Freitas Branco, *O realista*, nº 1, 2 Maio de 1915.

⁵⁷ Movimento criado em 1923 por Alfredo Pimenta. Este pretendia ser um movimento nacionalista de valorização do corporativismo, de restauração da monarquia tradicionalista e anti-parlamentar. Os objectivos deste movimento são uma reedição dos princípios defendidos pelo Integralismo Lusitano.

⁵⁸ Por altura da 1ª Guerra Mundial este demonstrara ter uma orientação germanófila. (Janes, 1997 a: 36).

Castro. A luta contra o perigo do bolchevismo é defendida de forma acérrima por estes revolucionários, por meio do fascismo e da ditadura e tendo como protótipo o fascismo italiano. A partir daqui, o Visconde passa a colaborar na revista do grupo intitulada *Acção Realista* (Janes, 1997a). No *Jornal da Madeira* escreve também artigos sobre a restauração da monarquia absoluta, onde ressalta que a conjuntura de crise vivida no país se originara no assassinato do rei D. Carlos I e do príncipe herdeiro Luís Filipe e que para tal situação a solução seria seguir os valores «A Monarquia, o Rei, a Crença.».⁵⁹

O Integralismo Lusitano e António Sardinha haviam proclamado, no princípio do século XX, o ódio ao judeu e, nos escritos do Visconde do Porto da Cruz, vislumbrava-se também, de forma inequívoca, e declarada por ele próprio, a sua vertente anti-semita⁶⁰.

⁵⁹ *Jornal da Madeira*, 2 de Julho de 1925, p. 1.

⁶⁰ Em inícios do século XX o Integralismo Lusitano volta a debruçar-se sobre o ódio ao judeu. Segundo Irene Pimentel (1999), em 1933, a nova Constituição Portuguesa, a qual não concordava com o liberalismo nem com totalitarismo (o qual a «raça» ou a «nação» tudo resumia) vem determinar a soberania do Estado, garantindo a liberdade e proibindo a perseguição de crenças e de práticas religiosas. No ano de 1938, devido ao *Anschluss* da Áustria (a anexação da Áustria pela Alemanha) evadem-se para Portugal judeus alemães, austríacos, italianos e polacos. Em 1939, com o início da 2ª G. Guerra e a grande incursão de refugiados, o acesso aos judeus é então dificultado, mas apesar das restrições continuam a entrar pelo país, muitos judeus, alguns de passagem, à espera de barco. Para combater a fixação destas massas de refugiados em solo português, Salazar proíbe a estes o direito ao trabalho e restringe-lhes a concessão de vistos, quer em Portugal ou nas embaixadas e consulados portugueses no estrangeiro, sobretudo em França. Provavelmente, teriam sido esses os motivos pelos quais o anti-semitismo não tenha contagiado o país, até porque essa ideologia anti-judaica e racista não fazia parte da visão salazarista, como fazia no nazismo. A 7 de Maio de 1940, a Concordata celebrada entre o Estado Novo e a Santa Sé vem atribuir personalidade jurídica à Igreja Católica. Na Madeira verificou-se a acção da arianização a judeus exilados na ilha, por parte de alguns membros da comunidade alemã aqui residente. Segundo Rui Santos (1992), por volta do começo da 2ª Guerra Mundial e do início da perseguição do regime nazi aos judeus, a Madeira é um destino de refúgio para estes fugitivos. Alguns alemães, então radicados na ilha, foram vítimas desta perseguição nazi, como por exemplo o judeu Gilbert Schnitzer e a sua firma Gesche & Schnitzer. A sua irmã, Lisbeth Brendle, filha de Willy Schnitzer, fora igualmente objecto da acção persecutória do anti-semitismo nazista. Esta alemã de ascendência judia, noiva do alemão Eugen Brendle, fora impedida de com este contrair matrimónio, isto em virtude da *Lei da Protecção do Sangue Alemão e da Honra Alemã*, decretada no governo do III Reich, em Setembro de 1935, a qual vigorava para todos os alemães, mesmo aqueles residentes em colónias no estrangeiro (Emonts, 2000). Supostamente Elisabeth e Eugen teriam servido de a inspiração para os personagens principais do romance *Bazar Alemão*, de autoria de Helena Marques (2010) e baseado no trabalho de investigação de Anne Martina Emonts (2000), intitulado «Arianização na Madeira». Segundo Helena Marques, na nota prévia da sua obra, refere que «Elementos da comunidade alemã de origem hebraica, alguns deles longamente estabelecidos e integrados na vida local, viram-se confrontados com insistentes tentativas de discriminação, exercidas não só através de pressões e chantagens directas, mas também de cartas de denúncia anti-semita enviadas aos serviços centrais da Gestapo em Berlim, com imediatas repercussões sobre o Consolado Alemão no Funchal e sobre a vida pessoal e profissional dos cidadãos denunciados. Na época, nenhuma informação passou para a opinião pública: as vítimas da perseguição, atingidas na estabilidade familiar e na segurança profissional, guardaram em silêncio todas as suas tentativas de resistência. Foi só em 1999, mais de 60 anos decorridos, que Anne Martina Emonts, professora do CCAH (Centro de Competências, Artes e Humanidades) da Universidade da Madeira, encontrou essa inesperada informação, datada de 1938 e 1939, no espólio do Consulado Alemão no Funchal (espólio que se encontra actualmente no Arquivo Político da República Federal da Alemanha, em Berlim).» Com

Integralista que fora, filiado e militante dos «camisas azuis», é visível na sua pessoa a veneração, alienada até, pelo fascismo. No início da década de vinte, o Visconde do Porto da Cruz começa a manifestar essa faceta anti-semita, mais precisamente na revista *Acção Realista*. Em dois artigos aí publicados, no número 3, de 1 de Julho de 1924, intitulado «O Perigo Judeu I» e no número 5, de 1 de Agosto de 1924, denominado «Perigo Judeu II» expressa a amplitude do seu pensamento anti-judaico (Janes 1997 a: 163). Em 1928, o Visconde do Porto da Cruz, publica a sua obra *Paixão e morte de Sidónio*, onde descreve o contexto social e político em que se vivia no país nos últimos tempos do consolado de Sidónio Pais. Aí refere-se ao ex-presidente como o maior português do século e o precursor de Mussolini, o homem que os portugueses amavam e veneravam como um herói:

A obra do presidente foi colossal. Em um ano, apenas, de governo, lutando contra tudo e contra todos, vendo comprometido e desvirtuado, tantas vezes, o seu pensamento, trabalhando Ele só, sem elementos que lealmente o auxiliassem, conseguir o que conseguiu é admirável. O Futuro, um dia, lhe fará justiça. Não é exagerar ou estar fanatisado [sic], afirmar que a reforma social e política da Europa se deveu à tentativa de Sidónio. Foi ele o precursor do Fascismo (Visconde do Porto da Cruz, 1928:32-33).

Novamente, em *Notas & comentários para a História Literária da Madeira*, III volume, o Visconde vota a sua atenção a Sidónio:

(...) a revolução de Sidónio Pais representou um golpe profundo no desvairamento demolidor que ameaçava de morte a Nacionalidade, porque o triunfo da Revolução de 5 de Dezembro de 1917, com a colaboração de monárquicos, católicos e republicanos honestos, formando uma força formidável de todos os Portugueses de boa vontade, deu início uma era nova onde as liberdades e as tradições da Raça voltavam a recuperar posições e direitos de que, em nome de uma falsa noção de liberdade, tinham sido esbulhadas (Visconde do Porto da Cruz, 1953:9).

esta obra de ficção fundada numa história verídica, Helena Marques procura «recriar a época, os locais e as circunstâncias, de que me encontrava ainda muito próxima, e procurar reconstruir a história de algumas dessas mulheres e desses homens confrontados com uma perseguição política aberrante, embora suficientemente efectiva para subjugar-los através de directivas recebidas pela engrenagem consular.» (Marques, 2010:12). Na sua obra, Helena Marques, menciona a simpatia madeirense pela ideologia nacional-socialista, personificada no Visconde do Porto da Cruz e, representada aqui, pela personagem do Barão da Penha de Águia, um exemplo de «germanofilia». O romance, fundado em factos verídicos, realça o relacionamento não conflituoso e amistoso do madeirense com o «estrangeiro», apesar de se viver num clima delicado e conturbado pelos prenúncios da guerra, numa nação governada pelo regime fascista, pendente à associação com Hitler e Mussolini, e, todavia afeita à aliança luso-britânica.

No periódico *O Jornal* de 23 de Agosto de 1929 publica-se um artigo intitulado «A Divisão Naval Italiana», da autoria do Visconde, em homenagem a Sidónio Pais, referindo que o presidente «antes de todos, anteviu a solução do problema nacional e social, tentando salvar esta nobre terra de Portugal da desordem em que a política e a desorientação a precipitaram.» Também a 22 de Fevereiro de 1930, no mesmo periódico, faz-se referência a uma conferência, realizada dois dias antes desta data, pelo Visconde do Porto da Cruz, no Centro Monárquico do Funchal, sob o título «A Questão Social». De acordo com o descrito no jornal, o orador enunciava que a democracia e anarquia, instituídas pela Revolução Francesa, começavam a ser travadas por um movimento de proveniência da Itália, da Alemanha, da Sérvia, da Roménia, da Polónia e também de Portugal. Fascinado pelo fascismo, em 1933, o Visconde liga-se ao Movimento Nacional-Sindicalista dirigido por Rolão Preto, atraído que era por Mussolini. É ainda nas páginas de *O Jornal* que expressa o seu empenho na apologia do sindicalismo corporativista.

Segundo Emanuel Janes, a 10 de Junho de 1928, o Visconde do Porto da Cruz inicia a publicação do semanário *Independência*, sendo responsável pela sua direcção. Neste espaço vem a defender os interesses da Madeira, extravasando sobretudo a sua faceta regionalista. Publica também duas revistas ilustradas – *A Ilustração Madeirense* (1929-1934) e a *Revista Portuguesa* (1936-1958) as quais têm como objectivo a promoção do turismo madeirense, a actividade económica com maiores potencialidades para uma rápida recuperação económica da ilha e conseqüente vantagem para o desemprego regional, segundo a visão do Visconde (Janes 1997 a: 167-169). Por altura do I Congresso Nacional de Turismo realizado em Lisboa, a 30 de Novembro de 1935, o Visconde participa neste evento com uma sua tese intitulada *O Turismo na Madeira*, sustentando que a história do turismo na ilha se devia, na verdade, a um príncipe alemão⁶¹, o qual, apesar de haver camuflado esse objectivo por detrás da construção de sanatórios anti-tuberculosos, trazia como verdadeiras pretensões a introdução do jogo e a organização da indústria turística na ilha, aspirações essas malogradas pela acção da colónia inglesa. Nesta intervenção, o Visconde preconizava ainda, entre outras ideias, o melhoramento das estradas, importante para o desenvolvimento turístico, a fiscalização das excursões, o controle das intermediações do embarque e desembarque de passageiros, a organização de um serviço

⁶¹ Príncipe de Hohenlohe, interessado na construção de sanatórios antituberculosos na Madeira.

de policiamento de turismo e de intérpretes, a constituição de uma associação de agências de excursões, a regulamentação da indústria do jogo, etc. (Fernandes, 2008: 104-105). De facto, algumas dessas sugestões vêm a ser concretizadas posteriormente pela edilidade do Funchal e pela Junta Geral.

A obra literária do Visconde foi extensa, tanto no capítulo do jornalismo como da literatura, abrangendo os tempos da Grande Guerra, desde quando escrevia no semanário monárquico do Funchal, *O Realista* (1915), ultrapassando até o advento da 2ª Guerra Mundial. Antes de se afastar da política, entre Maio de 1944 e Julho de 1945, o Visconde do Porto da Cruz encontra-se na Alemanha, país onde vem a efectuar várias palestras na emissora de Berlim. Desta estadia vivida no período conturbado da 2ª Guerra Mundial, derivou a sua obra *Como Vi o Fim da Guerra na Alemanha*. O ministro do Reich, o Barão Von Hoyningen Huene⁶², convidara o Visconde do Porto da Cruz para uma viagem à Alemanha, com o objectivo de este observar «in loco» a estrutura do partido Nacional-Socialista e aí realizar algumas conferências culturais. O Dr. João Ameal, seu amigo, fora já também anteriormente convidado. «(...) nessa digressão, que não deveria ir além de três meses, podia bem formar uma ideia precisa do que eram na realidade esses princípios⁶³, que tinham conquistado no nosso meio tantas simpatias e que se propunham estabelecer uma ordem nova no mundo futuro.» (Visconde do Porto da Cruz, s.d: 37).⁶⁴

De acordo com o próprio Visconde, nesta mesma sua obra, este havia publicado na sua *Revista Portuguesa* um artigo subordinado ao tema da política agrária, na Alemanha nacional-socialista, artigo esse que vem a resultar na revolta de alguns funcionários do Consolado Britânico do Funchal. A atitude destes é ameaçar as firmas anunciantes na *Revista Portuguesa*, nacionais e estrangeiras, para que retirassem a sua publicidade da revista, correndo estas, o risco de serem incluídas na «Lista Negra»⁶⁵. Após os dois

⁶² Dr. Oswald Baron von Hoyningen-Huene foi representante diplomático do Reich em Portugal desde 1934. (Strasen, 1944).

⁶³ Esses princípios referiam-se ao Nacional-Socialismo.

⁶⁴ A obra *Como Vi o Fim da Guerra na Alemanha não apresenta data de edição*.

⁶⁵ Esta «Lista Negra» existira na realidade. Os comerciantes e consolados ingleses uniam-se em apoio aos Aliados, apesar de Portugal ser um país neutro, buscando obstáculos contra os comerciantes alemães ou àqueles que lhes eram associados. Pelos vistos, a conduta da colónia inglesa perante o Príncipe de Hohenlohe, e os seus sanatórios, prosseguira, afinal. A 8 de Março de 1915, a *British Chamber of Commerce* comunica à Associação Comercial de Lisboa para constituir a Associação Comercial do Funchal com os seguintes membros: Charles John Cossart, Harry Hinton, John Ernest Blandy e Charles Blandy Cossart. São

bombardamentos dos submarinos alemães, todos os haveres da colónia alemã foram confiscados pelo Governo, por solicitação dos súbditos ingleses radicados na ilha. Ao que tudo indica, durante e após a primeira Grande Guerra, as firmas madeirenses com relações comerciais com a Alemanha, teriam sido alvo de perseguição, principalmente por parte da colónia de comerciantes ingleses, a qual pressionara já a nacionalização das propriedades alemães. Houve ainda o caso daquelas empresas madeirenses que, se encontrando devedoras das suas associadas alemãs, negligenciassem as suas responsabilidades de pagamento, quer por dificuldades económicas ou por retaliação. Tal foi o caso da firma alemã, *Zeiss Ikon A.G.* de Dresden, a qual, em Dezembro de 1929, reclamava à Associação Comercial do Funchal e ao cônsul alemão, o pagamento de uma avultada dívida por parte de uma firma madeirense, dívida essa, que apesar da insistência continuada por parte do advogado alemão e do consolado, nunca fora liquidada (Mello e Carita, 2002: 98-99). Convém não esquecer que por essa altura se vivia na madeira os efeitos da grande crise económica mundial, desencadeada pela queda da Bolsa de Nova Iorque, em fins de 1929, levando a que muitas casas bancárias madeirenses abrissem falência, arruinando conjuntamente famílias e firmas madeirenses que ali haviam depositado as suas poupanças.

O Visconde propagandeou a causa nazi em Portugal. A sua visão, relativamente ao Nacional-Socialismo, é essencialmente fundada na convicção de que o verdadeiro alicerce da Alemanha se encontrara na nova economia concebida por este movimento nazista. Os homens do NS⁶⁶ teriam sido culpados pelo fosso existente entre o povo alemão e a *Wehrmacht*,⁶⁷ os quais se serviram do partido como escudo para todos os actos prepotentes por eles cometidos. A ambição, a incorrecção, a presunção e os interesses pessoais dos homens do partido levaram à conduta repreensível que acabara por comprometer as

estes que instituem *The Black List*, uma lista onde se incluíam comerciantes com ligações aos alemães. Segundo Mello e Carita (2002) esta «caça às bruxas» institucionalizara também a «Statutory List», a lista da classe B, que se lhe contraponha. Na «Lista Negra» constavam firmas como a *Pastelaria Iris*, a *Caldeira e C^a Lda* (cliente da *Deutsches Kohlen-Depot*) e a *João Freitas e Martins*. Conforme Eberhrd Wilhelm (1993a) esta última agenciava, desde 1903, a companhia de navegação alemã *Norddeutscher Lloyd* e, desde 1926, a *Deutscher Afrika-Dienst*, mantendo relações directas com a Alemanha. O filho de João Freitas Martins, Carlos Martins, negociava com os alemães, vivera em Berlim e Hamburgo, casara com uma alemã, factos pelos quais era conhecido no Funchal por «Germanof». A 10 de Novembro de 1916, o sócio gerente da *Casa Havanesa* solicita a saída da Associação Comercial: os seus fornecedores eram a *S.A.R. o Príncipe Nicolas de Olenbourg*, o controverso príncipe da *Sociedade dos Sanatórios*. Não obstante os atritos existentes, a Associação Comercial do Funchal sempre tentara moderar ambas as partes, prova disso foi em, 1913, escolher para a sua direcção comerciantes alemães, como Willy Schnitzer (Mello e Carita, 2002: 69).

⁶⁶ Nacional-Socialismo.

⁶⁷ [Exército alemão].

qualidades da raça germânica e a nobreza dos princípios e das doutrinas. Censurara, segundo ele, tudo aquilo que lhe parecia ser censurável e enalteceu tudo o que era de enaltecer. Complementando esta ideia, o Visconde conclui que, apesar dos factos, não se dissuadira das suas convicções, até porque «pelo facto de haver maus Padres ou maus católicos, que deturpam ou comprometem as doutrinas, ninguém me convence de que, por isso, a Religião deve ou pode ser condenada!» (Visconde do Porto da Cruz, s.d: 8). Para o Visconde, a derrota da Alemanha não fora motivo para renegar a sua forma de sentir ou pensar: «A sorte da guerra não influiu no meu modo de pensar nem no critério que formei. É por isso que eu posso ser um vencido, mas nunca um convencido.» (Visconde do Porto da Cruz, s.d: 492). Ainda nesta obra, o autor caracteriza, na sua forma de ver, as idiosincrasias da nacionalidade inglesa, alemã e portuguesa:

Não sei por que motivo em Portugal os «anglófilos» são mais exagerada e intolerantemente ingleses do que os verdadeiros britânicos. Mas também se verifica que os «germanófilos» são mais facciosos do que a maior parte dos «nazis». (...) Este fenómeno verificou-se durante a guerra, e agora, passada a tempestade, ainda parece que mais se acentua. Há facciosos que não admitem que no campo para onde pendem as suas paixões políticas haja erros, nem actos, ou personagens que mereçam censura! Em Portugal pouco se cuida em ser essencialmente «lusófilo» (Visconde do Porto da Cruz, s.d: 20).

A sua germanofilia inabalável leva-o a rematar: «sinto pela Alemanha e pelo seu grande e heróico Povo a maior admiração e consagro-lhes a minha maior e mais respeitosa simpatia. Com todos os erros, com todos os contras, eles têm qualidades e virtudes superiores que se sobrepõem a todos os males.» (Visconde do Porto da Cruz, s.d: 506). Mais tarde, afasta-se da política tendo em conta o rumo que tomou o Estado Novo, talvez pelo mesmo motivo que levaria Miguel de Unamuno, em 1935, a referir-se ao salazarismo como um «fascismo de cátedra», conservador, muito aquém daquela vertente mobilizadora e militarista que o Visconde desde sempre idealizara.⁶⁸

(...) o originário movimento fascista subversivo (anticatólico, antimonárquico e antiburguês) recheado de socialistas revolucionários e de anarco-sindicalistas e cultor de uma sistemática violência, que Salazar repudiava, tal como repudiou os transalpinos e germânicos frenesins mobilizadores, pois pretendia que os Portugueses

⁶⁸ «Fascismo de cátedra» poderá ser uma das diversas versões definidoras do Estado Novo, a vertente conservadora e reformista patente no fascismo português. Este reputado catedrático de Salamanca referiu-se pela primeira vez ao salazarismo com esta expressão. Em 1935, foi convidado por Salazar a visitar Portugal, por meio de António Ferro e do SPN, com o objectivo de publicitar no estrangeiro a estrutura interna, política e social do Estado Novo. Fernando Rosas, Luís reis Torgal e Manuel Loff caracterizam o Estado Novo como uma forma de fascismo genérico.

vivessem «habitualmente», e acariciava a ideia de criar um Estado tão forte que não tivesse de ser violento, Estado esse limitado pela moral e pelo direito, muito distante do mussoliniano «stato totalitário». Ora João Medina refere-se largamente a tudo isto - e recorda a luta implacável de Salazar contra os nacional-sindicalistas «camisas azuis» de Rolão Preto – quando contrapõe ao fascismo totalitário e pagão o luso autoritarismo (...) (Lucena, 2001:931).

O semanário *Trabalho e União*, órgão da união dos sindicatos do Funchal e dos trabalhadores em geral, a 28 de Março de 1926, dois meses antes do decisivo golpe da ditadura do 28 de Maio, alertava já nas suas páginas: «Trabalhadores preparai-vos contra o fascismo, porque nas alfurjas revolucionárias – onde se açoitam as quadrilhas das forças vivas, cujo ouro roubado ao povo lhes garante o apoio criminoso das espadas assassinas e liberticidas – trama-se o triunfo do fascismo.»⁶⁹

Segundo Emanuel Janes (1997a), a partir da década de vinte do século XX, as ideologias nacionalistas e ditatoriais começam por despertar a atenção e os ânimos dos políticos e intelectuais nacionais e madeirenses. Estas preocupações, na sua maior parte conservadoras, teriam tido muitas vezes discussão no Ateneu Comercial do Funchal. Eram reivindicações de carácter corporativo e de defesa de certos interesses económicos.

A 24 de Julho de 1925 o *Diário de Notícias* publica um artigo denominado «Em Roma, Mussolini» onde se evidencia o exemplo do fascismo italiano no período pós-guerra, o qual conseguira redimir o país do caos e da instabilidade. O jornal deixa patente a opinião de que o objectivo da ditadura fascista era reestruturar o país até que tudo voltasse à harmonia democrática. Também quanto ao integralismo e ao comunismo russo ou bolchevismo, este manifesta na edição de 3 de Abril de 1925, uma atitude adversa a estas ideologias, facultando até exemplos em como o regime soviético havia falhado.

Sobretudo há que se deixar claro que a situação internacional de crise, entre o pós-guerra e durante década de vinte, era propícia aos ventos contagiantes da ditadura. Posteriormente, as tendências ou manifestações de natureza fascista irão encontrar uma certa compatibilidade com o Estado Novo, juntando-se-lhe ou integrando-se-lhe. O vírus regionalista e autonomista típico dos protestos anti-republicanos extingue-se

⁶⁹ Jornal *Trabalho e União*, 28 de Março de 1926.

irredutivelmente perante a coesa Ditadura, a qual tudo vem acalmar, sem grande oposição, anesthesiando o clima de instabilidade de anos infindos.

O movimento Nacional-Sindicalista fundado por Rolão Preto, em Fevereiro de 1933, em Lisboa, tinha as suas raízes no Integralismo Lusitano e na doutrina social da Igreja. Como princípio contestava o capitalismo liberal e o comunismo. Os seus filiados eram designados de «Camisas Azuis» e organizavam-se em comícios fardados, exibindo a saudação romana, habitual nas organizações nacionalistas da altura.

Uma figura pública madeirense, intimamente ligada à ideologia do Nacional – Sindicalismo, como o Visconde do Porto da Cruz, seria Fernão Favila Vieira. Este intelectual madeirense fora o director e organizador regional Movimento Nacional-Sindicalista, instaurado na Madeira no começo de 1933. Era também responsável pela fundação do jornal *Imparcial* e a *Tribuna da Madeira*, tendo inclusivamente participando na revista católica madeirense *Esperança* e no semanário *Correio da Madeira*. A *Esperança* era uma publicação madeirense, de cariz católico e social, publicada até Outubro de 1938 e cujo editor e proprietário era J. Vieira Júnior. A 1 de Fevereiro de 1933 esta revista publica um artigo intitulado «Nacional-Sindicalismo», indicando que nesta ideologia, da qual a revista se declarava também apoiante, se poderiam associar todos os adeptos da Ditadura.

A 14 de Março de 1933, o jornal continental *Revolução*, órgão nacional do MNS (Movimento Nacional-Sindicalista), edita uma lista de madeirenses que teriam aderido ao movimento, a qual vem desencadear uma ateadada alteração por parte de alguns jornais madeirenses, como *O Jornal*, e uma atitude de chacota por parte do jornal *O Povo* e do *Re-nhau-nhau* (aliás, este jornal humorístico por variadas vezes dedicava a sua crítica de sabor satírico ao Nacional-Sindicalismo). Alguns dos nomes citados no *Revolução* reclamam, indignados, ao jornal católico o facto de não terem aderido a este movimento, como no jornal se afirmava. Enceta-se então uma polémica entre periódicos os pró nacional-socialistas e aqueles que lhes eram adversos (Janes, 1997a: 181-185). O Visconde do Porto da Cruz, que entretanto se encontrava em Portugal Continental, regressa à sua terra natal para representar Rolão Preto, o cabecilha do movimento nacional, nas comissões nacional-sindicalistas na Madeira. Por esta altura começa-se a distribuir na cidade do

Funchal o *Ressurgimento*, folheto propagandístico dos «camisas-azuis» madeirenses. A sua primeira página trazia os retratos de Rolão Preto, de Salazar e do General Carmona, enquanto nas páginas seguintes surgiam os retratos de Fernão Favila, Quirino da Fonseca, do Visconde do Porto da Cruz, entre outros nacional-sindicalistas (Janes, 1997a: 186-187). A questão de que se o MNS teria ou não algum vínculo de similaridade com o movimento congénere alemão do Nacional-Socialismo é desvendada pelos próprios sectários do movimento, no artigo intitulado «Ecos e Comentários – nada de confusões», publicado no jornal *A Tribuna*, a 14 de Março de 1933. No periódico defende-se que os nacional-sindicalistas madeirenses não se identificavam em plenitude com o homólogo movimento Nazi: «...o nacionalismo são e equilibrado que domina em Portugal nada tem a ver com o racismo alemão, que procura colocar a raça germânica debaixo duma só bandeira, nem com o imperialismo político de certos países e o agressivo nacionalismo económico dos mesmos.» (Janes, 1997a: 192).

A 6 de Maio de 1934, surge a notícia no periódico *O Jornal* sobre a chegada do Comissário alemão do Nacional-Socialismo, para Portugal e Espanha, à ilha. Aqui encontra-se documentada a presença de um delegado do Nacional-Socialismo na ilha⁷⁰. Consequentemente, esta notícia origina um esclarecimento do Secretário Distrital do Nacional-Sindicalismo na Madeira, publicado no jornal *A Tribuna*, no artigo intitulado «Nacional-Sindicalismo», de 12 de Maio de 1934. Neste comunicado, procura-se clarificar a situação provocada com a notícia, acentuando-se que o movimento alemão não possui qualquer ligação com o MNS português, nem com Salazar, nem tão-pouco com o seu Delegado na Madeira. O movimento acaba por ser proibido por Salazar, a 29 de Julho de

⁷⁰ Cfr. Anexo 7 «Carta de Emil Gesche endereçada a Wilhelm Hoffmann (o delegado do NSDAP na ilha)». Documento do ARM, do acervo ainda não catalogado, do Colégio Alemão. Segundo Eberhard Axel Wilhelm (2008), desde pelo menos 18 de Novembro de 1938, Wilhelm Hoffmann é chanceler (vice-cônsul) do consolado alemão na Madeira e adjunto de Emil Gesche (Consul alemão) a partir de 28 de Outubro de 1941. Era, inclusivamente, o chefe da secção local NSDAP, do Partido Nacional-socialista alemão, «Ortsgruppenleiter». Segundo Eberhard Wilhelm (2008), foi ele, Wilhelm Hoffmann, quem informou Max Römer, supostamente em finais de 1941, que o artista teria de ser expulso do partido alemão, sob a argumentação de que a sua esposa era javanesa e não de pura raça ariana. Efectivamente, Max Römer é expulso do partido em Janeiro de 1942, alegrando-se este com o facto. Morre na ilha a 18 de Agosto de 1960, «a sua segunda pátria» durante trinta e oito anos, doando o seu filho o património artístico deste à Região Autónoma da Madeira. Foi também Wilhelm Hoffmann que comunicou a Gesche o desejo do partido alemão em este se separar do sócio judeu. Um outro Delegado do NSDAP (*Ortsgruppenleiter*) na Madeira era Kurt Fiché (Testemunho de Elisabeth Gesche, ex-cônsul da Alemanha na Madeira, registado nas entrevistas realizadas de Março de 2010 a Junho de 2011).

1934, advogando que esta ideologia se inspirava em modelos estrangeiros. O seu fundador, Rolão Preto, é detido e depois exilado para Espanha. O movimento nacional-sindicalista acabou por se extinguir, por chocar com a União Nacional.

Não obstante na imprensa madeirense se terem demarcado posições pró-germânicas, em contrapartida, as posições germanóforas não deverão ser ignoradas, particularmente durante o decurso da Grande Guerra e no período que imediatamente se lhe seguiu. Tal foi o caso do jornal *A Verdade*, fundado em Maio de 1915 e encerrado a 3 de Novembro de 1919, praticamente alguns meses após a assinatura do Tratado de Paz com a Alemanha, em Versalhes. Um periódico que durou enquanto durou a guerra, respirando até aos seus últimos ajustes. Nos anos trinta a aproximação das simpatias pela Alemanha começam a evidenciar-se.

CAPÍTULO III

3. Do Advento do Estado Novo ao limiar da 2ª G. Guerra, 1928-1939

A sociedade portuguesa, até ao primeiro quartel do século XX assistira, assim como em outros países europeus, a um manifesto insucesso do sistema liberal, acabando por se aventurar no caminho das ideologias fascistas e anti-democráticas. O malogro socioeconómico e político vivenciado na altura, a extenuação do liberalismo republicano originaram uma coligação de forças predominantes empenhadas numa tentativa anti-democrática para instaurar a recuperação e o tão desejado resgate económico da nação. O golpe do 28 de Maio de 1926 vem determinar o fim da Primeira República e iniciar o advento do Estado Novo em Portugal. Um dos jornais da imprensa madeirense assim se exprimia quanto a este momento decisivo na história da nação «O movimento do 28 de Maio, vibrou o golpe cirúrgico na desordem, e Salazar, surgindo milagrosamente, saneou as finanças portuguesas, restabeleceu a confiança nos espíritos e rasgou novos horizontes para a pátria»⁷¹.

A partir de 1933 o Governo português irá entrar em consonância com a ideologia da «Nova Ordem» que germinava em solo de muitos países europeus. Nos anos trinta e ao longo da década de quarenta, esta nova forma de governo condensará a governação na figura do chefe do Governo e Portugal não será excepção, palco de «uma das mais fortemente personalizadas ditaduras do século XX» (Rosas, 2004: 87). Doravante suprimem-se as liberdades de expressão essenciais, assim como as liberdades de associação e de manifestação: a greve é proscrita, a censura prévia aos meios de comunicação social e espectáculos é instituída; cria-se a PVDE (vigente de 1933 a 1945); fundam-se os sindicatos nacionais, os grémios patronais, a FNAT e as Casas do Povo; institui-se o SPN em 1933, organismo de propaganda com a função de inculcar a ideologia estatal a todos os parâmetros da sociedade; cria-se a organização juvenil MP (Mocidade Portuguesa) e a Legião Portuguesa (protecção militar do regime) em 1936; institui-se o Acto Colonial em

⁷¹ *Diário de Notícias*, 5 de Outubro de 1937, p. 1.

1930, uma tentativa de sabor imperialista empenhada em centralizar a gestão das colónias portuguesas a partir de Lisboa (Rosas, 2004: 87-90). A ameaça comunista evidenciada com o eclodir da guerra Civil de Espanha influenciou de certa forma na germinação do vírus do fascismo em território português: a luta contra o perigo iminente do bolchevismo só seria efectiva com um Estado forte, totalitário. A organização das milícias, o uso da saudação romana, a intransigência do discurso político e a proximidade com países de matriz fascista, em detrimento da atitude de manutenção de um certo distanciamento dos compromissos para com a Aliança luso-britânica – fariam prova desse facto (Rosas, 2004: 88-89). Mais tarde, a partir de 1939, em virtude da ofensiva alemã à Polónia e com o início da Segunda Guerra Mundial, Salazar decide-se diplomática e oficialmente pela posição de neutralidade, influenciando para que aos poucos, e com o decurso do conflito, a Alemanha se distancie. Mais tarde, ao mesmo tempo que reforça os laços com a velha aliança luso-britânica e antevê a derrota alemã, mover-se-á para o flanco dos aliados. Citando Fernando Rosas, chegando «ao termo da guerra numa situação de “neutralidade colaborante” com os vencedores» (Rosas, 2004: 91).

3.1. As ligações com o exterior. 1928: o primeiro voo comercial transatlântico do Dirigível Zeppelin, Friedrichshafen-Funchal⁷²

No mesmo ano do golpe militar do vinte e seis de Maio de 1926, introduzindo a ditadura militar em Portugal, iniciava-se na Alemanha a construção do dirigível, o qual iria concretizar a primeira ligação aérea intercontinental comercial da história – o LZ⁷³ 127 Conde Zeppelin – que inclusivamente passaria pela Madeira.

Após a concepção do seu primeiro dirigível, o LZ-1, o conde Ferdinand Adolf August Heinrich von Zeppelin, testa-o em Julho de 1900, em Friedrichshafen, conseguindo manter-se por dezoito minutos a uma altura de cento e vinte e oito metros de altura (Santos, 1998:20). A empresa aeroespacial *Luftschiffbau Zeppelin*, anteriormente intitulada de *Dornier Metallbau*, é fundada em 1907. Sete anos depois, em 1914, é criada a *Dornier Flugzeugwerk* («fábrica de aviões») em Friedrichshafen, por Claudius Dornier, que vem a ganhar reputação no mercado nas décadas de vinte a trinta, como construtora de grandes hidroaviões em metal e no fabrico de dirigíveis em série. Durante este período, a *Dornier* fabrica os seus hidroaviões fora do território alemão, dado que não estava legalmente autorizada a fabricar aviões, uma das medidas impostas pelo Tratado de Versalhes. Este tipo de transporte fora inicialmente concebido para o transporte de passageiros, porém, durante a Grande Guerra ter-se-ia recorrido a este meio para o lançamento de bombas sobre Inglaterra e França, acabando por se revelar imprestável, devido ao facto de ser

⁷² A informação registada neste subcapítulo fundamentou-se em jornais coevos e em dados pessoais facultados pelo Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek, oficial da Aviação Naval e Professor Adjunto em Aviação Marinha, durante uma entrevista efectuada em Janeiro de 2010, aquando da sua visita à Madeira. Este especialista em área de aeronáutica foi funcionário na firma *Dornier Luftfahrt GmbH*, em Friedrichshafen, onde, de 1987 a 1993 desempenhou funções de Director do Projecto Europeu EUREKA, Programa de Alta Tecnologia - AAA (Aviação Anfíbia Avançada) e, de 1989 a 1994, o cargo de Director do Programa da Aviação Marinha, na área da Navegação Aérea Civil. Interessado em aspectos historiográficos relacionados com a aviação naval internacional, profere actualmente palestras subordinadas ao tema, em várias universidades alemãs e em algumas no estrangeiro. Nos anos noventa deslocou-se ao Funchal com o objectivo de levar a cabo uma iniciativa de foro diplomático: a fundação da geminação das cidades de Friedrichshafen e Funchal. O seu argumento fundava-se precisamente na realização do primeiro voo comercial intercontinental, efectuado pelo LZ Graf Zeppelin, com partida de Friedrichshafen e com ligação sobre esta cidade, a 12 de Outubro de 1928, intento esse infelizmente não consumado.

⁷³ «LZ» refere-se à abreviação de *Luftschiff Zeppelin*. Todos os dirigíveis fabricados no estaleiro de Ferdinand von Zeppelin, no *Zeppelin Werft*, possuíam registo de matrícula começando por LZ, seguido do número de série e do nome de baptismo, pelo que o termo «Zeppelin» não deverá ser usado para denominar aleatoriamente qualquer dirigível.

facilmente atingido e neutralizado pelos projectos inimigos. Por tal facto e a partir de 1920, o Tratado de Versalhes proíbe à Alemanha a construção de dirigíveis de natureza militar, autorizando somente os dirigíveis de exploração comercial, para transporte de passageiros, impondo inclusivamente para estes, uma rigorosa redução das suas dimensões. Por esta razão, alguns hidroaviões são fabricados no lado suíço do Lago Constança (*Bodensee*), nas proximidades de Friedrichshafen. Algumas dessas aeronaves, conhecidas por «barcos voadores» (*Flugboote*)⁷⁴ serão mais tarde enviadas para Portugal, nomeadamente as do tipo «*Wal*» (baleia).

A *Dornier Flugzeugwerk*⁷⁵ concebeu e construiu mais de cem dirigíveis, entre os quais, os modelos mais famosos e conhecidos internacionalmente foram o LZ 127 «Graf Zeppelin», construído em 1927, e o LZ 129 «Hindenburg»⁷⁶, até então o maior Zeppelin construído, o qual acabou por explodir em 1937, nos Estados Unidos⁷⁷. Antes do LZ 127 foram concebidas outras cento e vinte e seis aeronaves, como o próprio número de série indica. Com o fim da Grande Guerra e, de acordo com o estabelecido no Tratado de Versalhes, a Alemanha deveria reparar os prejuízos provocados pelo conflito, aos países dos Aliados. Esta indemnização concretizou-se, em parte, com o envio de Zeppelins a estes países⁷⁸. A Comissão Militar Americana, tendo como base as directrizes do Tratado de Versalhes,

⁷⁴ Os dirigíveis *Zeppelin* são comumente conhecidos na Alemanha por *Luftschiffe*, «navios do ar», (tradução nossa), denominação semelhante dada aos hidroaviões, *Flugboote*, «barcos voadores».

⁷⁵ No final da 2ª G. Guerra, em 1945 a Alemanha é novamente interdita de construir aeronaves, pelo que a *Dornier* opta pelo território espanhol e suíço para exercer a sua actividade de consultoria aeronáutica, voltando apenas em 1954 para a Alemanha. Em 1985, torna-se membro da holding *Daimler-Benz* e, em 1996, a firma *Fairchild Aircraft* compra a maior parte da *Dornier*, acabando esta por entrar em insolvência em 2002.

⁷⁶ Na imprensa regional, em 1936, já se publicavam novidades sobre este Zeppelin: «Esta manhã levantou-se o dirigível “LZ 129”, em viagem de experiência, conduzindo a bordo 24 convidados.» Ver Anexo 8.

⁷⁷ O LZ 129 «Hindenburg» explode em Lakehurst, em Maio de 1937, após uma viagem com origem em Frankfurt. Com uma actividade de oito anos de transporte comercial e uma rodagem de cerca de dois milhões de quilómetros, o «Hindenburg» explode perto de Nova Iorque, devido ao vazamento do gás hidrogénio, altamente inflamável, o qual entrara em contacto com o ar. Por este motivo passa-se a usar outro gás menos inflamável, o hélio, extremamente necessário para inflar e sustentar o balão no ar. As chamas destruíram o dirigível numa questão de segundos, perecendo nele trinta e cinco pessoas. Este teria sido considerado, na época, uma tragédia de impacto mundial e motivo de abalo e frustração para os alemães, especialmente para Goebbels, o Ministro da Propaganda alemão, que recorria a este Zeppelin para exibição em eventos políticos. Mais tarde, Göring ordena a demolição do estaleiro de Zeppelins localizado em Frankfurt, dado que este tipo de aeronave havia já provado na 1ª G. Guerra ser inútil em manobras de guerra.

⁷⁸ A título de exemplo, o LZ 120 *Bodensee* foi enviado a Itália como compensação de guerra; o LZ 126 – ZR 3 *Los Angeles* foi construído com o intuito de o remeter à Marinha Norte Americana; o LZ 121 *Nordstern* foi entregue a França pelas mesmas causas.

propõe a Hugo Eckener⁷⁹, o director da empresa de Friedrichshafen e sucessor de Ferdinand von Zeppelin (após a morte deste) - o fabrico de um dirigível como débito de parte da dívida da Alemanha para com os EUA. Tal proposta é aceite por Hugo Eckener, que obtém, inclusivamente, o consentimento dos Aliados para prosseguir com a construção dos Zeppelins e o apoio financeiro da firma, tendo em vista o avanço do projecto – o LZ 126 «Los Angeles». No dia 12 de Outubro de 1924, este dirigível atravessa o Atlântico, sobrevoando os Açores, rumo a Los Angeles: o predecessor do LZ 127 teria atravessado o Atlântico e alcançado Lakehurst, perto de New York, a 15 de Outubro de 1924, após uma viagem de oitenta e uma horas, levando a bordo 150 quilos de correio. A entrega estava feita.

Em 1934, Hitler investe capital financeiro na firma Zeppelin, passando a geri-la e transformando-a num aparelho da propaganda nazi. Em 1935, o Führer atropela as imposições do Tratado, ordena o rearmamento alemão e institui o RLM, *Reichsluftfahrtministerium* (Ministério da Aviação do Reich), visando o controlo dos projectos das aeronaves militares e civis. Este institui ainda o serviço militar obrigatório e pede a revogação do Tratado de Versalhes, projectando com isto a liberdade de armamento, atitude que obviamente causa grande impacto nos meios de comunicação internacionais. *O Jornal* datado de 19 de Março de 1935 reporta em primeira página o artigo denominado «O governo alemão pede a extinção completa do Tratado de Versalhes» e passa em revista as diferentes posições dos vários países, em radiograma enviados pela Marconi, sem contudo tomar posição ou divulgar opinião quanto ao evento.⁸⁰ Ainda quebrando as regras impostas, em 1936 a Lufthansa realiza uma etapa de ligação aérea entre o novo e o velho continente, com os aviões *Holus* e *Zephyr*, projectando um serviço regular de transportes aéreos Alemanha-Nova Iorque em 48 horas. Numa edição do *Diário de Notícias* de 23 de Outubro de 1936, na sua terceira página e a título informativo, anuncia-se a sétima viagem do avião *Aeolus* pertencente à missão científica da Lufthansa e em serviço nos Açores, para estudar as possibilidades da travessia regular do Atlântico Norte com Nova Iorque. Aqui menciona-se o almoço oferecido pelo Ministro da Alemanha

⁷⁹ *Apud Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"*, Hugo Eckener, edição de Rolf Brandt, Verlag August Scherl G.m.b.H., Berlin SW, 1928.

⁸⁰ Consultar Anexo 9: A Alemanha pede a extinção do Tratado de Versalhes. *O Jornal*, 19 de Março de 1935, p. 1.

em Lisboa em honra dos aviadores alemães e discurso proferido por este agradecendo às autoridades portuguesas a colaboração prestada: «A primeira etapa da ligação pelo ar entre o velho e o novo mundo foi vencida graças ao esforço de Portugal e do Reich, que veio a estreitar a amizade entre os dois países.»⁸¹. Aqui encontravam-se presentes o governador civil de Lisboa, chefes da Aviação Portuguesa e dirigentes da União Nacional.

A entrega do LZ 126 «*Los Angeles*» em 1924 aos EUA, o antecessor do LZ 127, constituirá motivo de considerável protesto e revolta por parte de alguns alemães, inconformados ainda com a derrota da guerra. Porém, graças a esta remessa, a Alemanha conquista um certo avanço na moderação das medidas impostas pelo Tratado de Versalhes, e Hugo Eckener toma o ensejo para se lançar na construção do LZ 127 «*Graf Zeppelin*», para exploração da própria empresa e, sob autorização dos aliados, prossegue com o seu projecto. Assim nasce o empreendimento de maior envergadura até então concebido, o dirigível com o mais extenso período de actividade, funcionando desde Outubro de 1928 até Maio de 1937, sem qualquer ocorrência de acidentes.

A concepção do modelo LZ 127 inicia-se em 1924, começando a ser construído apenas em 1926, devido a dificuldades financeiras da firma. Financiado em cerca de 2,5 milhões de marcos alemães conclui-se, finalmente, em Setembro de 1928. A 18 de Setembro de 1928 é efectuado o primeiro voo de ensaio local com o *Graf Zeppelin*, em Friedrichshafen. Precisamente dez dias após este primeiro voo sobre solo alemão, surge, na imprensa madeirense a notícia sobre tais ensaios: no periódico *O Jornal* é publicado a 29 de Setembro de 1928 um pequeno artigo dedicado ao LZ 127, onde se informa sobre o êxito dos ensaios deste em Friedrichshafen⁸², uma notícia publicada na completa ignorância do facto de que o dirigível sobrevoaria a ilha cerca de duas semanas mais tarde. Os testes terminam a 8 de Outubro de 1928, com o seu sexto voo e quatro dias depois, este passaria sobre a Ilha da Madeira, a 12 de Outubro de 1928, sem pré-aviso, rumo ao outro lado do Atlântico, aos EUA, mais precisamente a Lakehurst⁸³. Curiosamente o LZ 126 teria

⁸¹ *Diário de Notícias*, 23 de Outubro de 1936, p. 3. Consultar Anexo 10.

⁸² Cfr. Anexo 11.

⁸³ A viagem fora programada com destino a Lakehurst por aí se encontrar um hangar próprio para dirigíveis, perto de Nova Iorque. Esta infra-estrutura revestia-se de extrema importância, por oferecer protecção à aeronave contra possíveis adversidades atmosféricas e por possibilitar trabalhos pelo pessoal de terra treinado para intervenções de reparação. Sem o apoio destas instalações seria impensável projectar voos com

também sobrevoado os Açores na mesma data, a 12 de Outubro, exactamente quatro anos antes. Neste ano, de 1928, iniciara-se a era das viagens turísticas a bordo do inovador veículo aéreo, um meio de transporte revolucionário e ideal para o correio expresso da época⁸⁴, assim como para as viagens transatlânticas de luxo apreciadas pela rapidez por este facultada.

Os comandantes que sobrevoaram o Funchal foram o próprio Dr. Hugo Eckener, o comandante Lehmann, o capitão Flemming, o capitão von Schiller, o capitão Wittemann e o capitão Pruß. O dirigível possuía um comprimento de 236,60 metros, um diâmetro de 30,50 metros e um volume de 105 000 metros cúbicos. Pesava uma carga útil de 30 toneladas, contava com cinco motores Maybach com doze cilindros, cada um com uma potência de 530 cavalos, e atingia uma velocidade de cerca de 110 quilómetros por hora⁸⁵. Movia-se com gás hidrogénio⁸⁶ «denominado gaz azul, recentemente descoberto e de que leva quantidade suficiente para um vôo de cento e vinte horas».⁸⁷ O dirigível era designado comumente por *Fliegendes Hotel*, «Hotel voador» de luxo, devido à confortabilidade do interior da sua gôndola, a qual contava com uma sala de convívio, cozinha, dez camarotes, compartimento de rádio e de navegação e, naturalmente, casas de banho: «o requintado luxo, o conforto daquele meio de transporte, que tem lindas salas de fumo e de jantar, quartos de banho, gabinete de leitura e beliches com mais de um leito»,⁸⁸ semelhantes aos mais modernos beliches dos transatlânticos⁸⁹. Segundo informação do periódico *O Jornal*, de 13 de Outubro de 1928, na viagem de passagem pela Madeira, os passageiros teriam pago a módica quantia de três mil dólares por pessoa⁹⁰. De acordo com a informação adiantada pela imprensa local, seguiam a bordo quarenta passageiros e vinte membros da

dirigíveis, tal como são actualmente essenciais os hangares de apoio à aviação. Fora aí que aterrara também o LZ 126, entregue aos EUA como débito das dívidas de guerra.

⁸⁴ Cfr. Anexo 12.

⁸⁵ *Apud* Peter Meyer, *Luftschiffe – Die Geschichte der deutschen Zeppeline*, Edição Verlag Wehr & Wissen, Koblenz/Bonn e Bernard & Graefe Verlag, Bonn, 1996. Informação cedida pelo Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek.

⁸⁶ Esta é a primeira vez em que se utiliza este gás leve, o qual vem proporcionar um trajecto mais longo que qualquer outro combustível líquido. Posteriormente o hidrogénio será substituído pelo hélio, por não ser inflamável, facto apurado após a explosão do LZ 129 Hindenburg. Após esta explosão, sucedida em 1937, a Alemanha tencionava importar gás hélio produzido no Texas, propósito abortado por altura da anexação da Áustria por este país.

⁸⁷ *O Jornal*, 13 de Outubro de 1928, p. 1.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 2.

⁸⁹ *Diário de Notícias*, 13 de Outubro de 1928, p. 1.

⁹⁰ Estima-se ser este valor referente à viagem sentido Friedrichshafen - Nova Iorque, apenas, pois no *Diário de Notícias* da mesma data, menciona-se um valor de oito mil dólares pela viagem.

tripulação: «Entre os passageiros viaja uma jornalista inglesa (...) e delegados do Conselho do Império e do Ministério de Transportes alemão.»⁹¹ O «Conde Zeppelin» destinava-se a inaugurar a carreira aérea Sevilha-Buenos Aires, à linha da América do Sul, projectando-se inclusivamente viagens de exploração ao Pólo Norte, nomeadamente à Lapónia e Alaska - explorações essas de carácter científico, tendo para tal, sido instalado a bordo um aparelho transmissor de radiofotografia, relevante na transmissão de cartas meteorológicas.⁹² Em 1937, depois da explosão do LZ 129 Hindenburg, o LZ 127 «Conde Zeppelin» cessa a sua actividade, passando a ser exibido ao público até 1940, altura em que é desconjuntado e aproveitado para o fabrico de material bélico, durante a 2ª Guerra Mundial. No outro lado do Atlântico, nos EUA, após a explosão do famoso LZ 129 «Hindenburg», em 1936, inicia-se a construção de dirigíveis, os quais virão a ser usados para escolta de navios americanos e para denunciar a localização de submarinos do adversário. Os dirigíveis reaparecem na década de oitenta, passando a ser usados na Alemanha em roteiros turísticos (em Friedrichshafen), para fins de observação atmosférica, para fins publicitários e para fins de vigilância e supervisão aérea.

Relativamente à viagem do LZ 127 passando sobre a ilha da Madeira, segundo o reportado no seu relatório de viagem⁹³, o capitão Hugo Eckener havia programado a dita viagem para o dia 10 de Outubro e convocado os passageiros para tal. Contudo, de um momento para outro o tempo tornou-se desfavorável à viagem, devido às péssimas condições meteorológicas que se faziam sentir no Atlântico Norte, sobre os Açores. A rota inicialmente planeada com partida de Friedrichshafen, deveria seguir pelo Sul de França, Baía de Biscaia, Coruna, Açores e, por fim, Lakehurst. Porém, na latitude do Atlântico Norte colocara-se uma baixa pressão com ventos contrários fortes, alertando-se inclusivamente a navegação marítima para o perigo. Nestas condições, uma viagem projectada com curso pelo sul, sobre os Açores, seria um absurdo. Como trajectos alternativos e tendo em conta as condições atmosféricas, uma possibilidade seria a rota nórdica, mais curta, passando perto da Islândia e na parte sul da Gronelândia, até ao Canadá. Outra hipótese seria a rota mais longa, quase dez mil quilómetros de percurso

⁹¹ *O Jornal*, 13 de Outubro de 1928, p. 2 e *Diário de Notícias*, 13 de Outubro de 1928, p. 1.

⁹² *Diário de Notícias*, 13 de Outubro de 1928, p. 1.

⁹³ *Apud Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"*, Hugo Eckener, edição de Rolf Brandt, Verlag August Scherl G.m.b.H., Berlin SW, 1928.

total, passando sobre Gibraltar, Madeira, Bermudas e Lakehurst. Pouco antes da viagem, Eckener e os seus oficiais, curiosamente, decidem-se pela rota sul, a rota mais longa⁹⁴, sobrevoando assim, não os Açores, mas a Madeira. Após a descolagem o dirigível sobrevoa então Marselha, Barcelona, Gibraltar e o arquipélago da Madeira, atingindo por fim Lakehurst, perto de Nova Iorque⁹⁵. Este seria o seu sétimo voo e o primeiro voo comercial transatlântico, para transporte de passageiros.

A passagem inesperada do «Graf Zeppelin» na Madeira despertou o mais vivo entusiasmo, notando-se um grande interesse em colher notícias e seguir os informes radiografados da grande aeronave. Em algumas freguesias rurais do sul, não faltou quem se assustasse fortemente ao ver surgir de entre as nuvens aquele colossal monstro. Em todos os detalhes da vida há sempre a nota cómica. Mas o interessante foi a visita do dirigível que deve fazer pensar a sério na necessidade e conveniência de se trabalhar eficazmente para que a Madeira se torne ponto de escala obrigatória desde que as carreiras aéreas entre os continentes se normalizem... Devemos pensar e resolver antes que terceiros nos prejudiquem ou que surjam de qualquer forma e sob qualquer aspecto os eternos *empatas* que parecem estar apostados em impedir [sic] o progresso e desenvolvimento do nosso arquipélago.⁹⁶

Através deste artigo do semanário *Independência*⁹⁷, redigido uma semana após a passagem do Zeppelin, o Visconde do Porto da Cruz evidencia efusiva e nitidamente a sua posição de entusiasmo e interesse pelo inovador meio de transporte, projectando até, num futuro próximo, a ligação da ilha com possíveis escalas do Zeppelin, como forma de desenvolvimento insular. Aliás, nas reacções da imprensa madeirense relativas ao evento de 12 de Outubro transparecem, invariavelmente, atitudes generalizadas de grande receptividade pelo acontecimento. São elas atitudes de euforia e demonstração expansiva, de interesse, de alvoroço, de adesão, de estranhamento e de curiosidade pela ocorrência que bafejara ares de novidade sobre a ilha. Teria sido um contacto com o progresso

⁹⁴ Quer na navegação marítima ou aérea tenta-se, tanto quanto possível, seguir pela via mais curta, em linha recta. Em termos náuticos ou aeronáuticos, a ortodromia refere-se à distância mais curta entre dois pontos extremos da trajectória de um navio ou avião. Actualmente, as más condições atmosféricas e o congestionamento aéreo prejudicam, por vezes, essas pretensões. Curiosamente, a rota escolhida pelo capitão Eckener foi a mais longa - possivelmente a que oferecia menor risco relativamente às condições meteorológicas.

⁹⁵ Consultar o mapa do trajecto efectuado pelo dirigível, Anexo 13. Foto extraída do livro de Dr. Hugo Eckener, *Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"*, edição de Rolf Brandt, Editora August Scherl G.m.b.H., Berlin, 1928.

⁹⁶ Semanário *Independência*, 20 de Outubro de 1928, p. 4.

⁹⁷ Jornal dirigido e editado pelo Visconde do Porto da Cruz.

exterior, do mundo, lá fora, eventual promissor de futuras escalas, uma achega económica para colmatar a crise económica em que se vivia na ilha.

No periódico *O Jornal* a informação sobre o dirigível é detalhadamente registada, abrangendo a viagem em si e todo o seu trajecto. Descreve-se como se processara a recepção do correio lançado de bordo sobre o Funchal, informa-se sobre projectos futuros do dirigível, etc. Logo no dia a seguir da passagem do Zeppelin, a 13 de Outubro de 1928, este jornal edita o artigo introdutório ao evento inédito «Travessia aérea do Atlântico. O “Conde de Zeppelin” passou ontem sobre a Madeira na sua viagem para a América do Norte, deixando cair dois sacos de correspondência no Funchal». Reporta na sua primeira página que pela primeira vez passara sobre o Funchal «um aparelho aéreo de tipo desconhecido pela população»⁹⁸, passando pela Ponta do Garajau à uma e cinquenta minutos da tarde e sobrevoando lentamente sobre a cidade, dez minutos depois:

Este facto despertou a atenção de toda a gente pelo sinal de alarme dado pelos primeiros curiosos que viram apontar ao garajau aquela aeronave e pelo ruído do seu motor, tendo o monstro do ar causado grande sensação em toda a cidade. Quasi não houve pessoa alguma que àquela hora não saísse de casa ou não levantasse a cabeça para ver a passagem donairoza do «Conde Zeppelin». Nas ruas, imobilizaram-se, por assim dizer, durante alguns momentos, todos os transeuntes, tendo os mais curiosos acorrido ao cais e ruas marginais da praia para presenciarem melhor as evoluções da referida aeronave.⁹⁹

A 12 de Outubro de 1928, o LZ 127 «Conde Zeppelin», logo após a sua passagem pelo Porto Santo, a primeira ilha avistada pelo dirigível, sobrevoa em seguida a costa sudeste da Madeira, sensivelmente a 860 metros de altitude, contornando a Ponta do Garajau e prosseguindo rumo à capital.

⁹⁸ *O Jornal*, 13 de Outubro de 1928, p. 1.

⁹⁹ *Idem*.



Ilustração 3 – [O primeiro grupo de ilhas da Madeira aparece]. Vista aérea do Porto Santo, a primeira ilha avistada, a 12 de Outubro de 1928.

A viagem do LZ 127 é descrita em *O Jornal* de 13 de Outubro na sua segunda página, de acordo com a comunicação radiográfica recebida da Alemanha. Faz-se referência às trinta e uma horas gastas no trajecto de Friedrichshafen até ao Funchal e à intenção inicial de o dirigível passar nos Açores¹⁰⁰, objectivo que é alterado pelas grandes depressões atmosféricas sentidas no Atlântico Norte, desviando-se este então mais a sul e sobrevoando o arquipélago da Madeira. A aeronave passara antes pelo sul de França, atravessando Espanha e Gibraltar, direccionando-se à ilha, onde, na Ponta do Garajau se detém, supostamente para fotografar o monumento do Cristo Rei¹⁰¹. A correspondência destinada ao Consolado alemão fora atirada de bordo sobre a cidade, em sacos de lona¹⁰², caindo em vários pontos desta, nomeadamente na Quinta Pavão, trazendo atado um bilhete escrito em espanhol que indicava a sua entrega a este consolado¹⁰³. *O Jornal* questiona o conteúdo da correspondência junto do «ilustre representante diplomático», entidade a quem o periódico devota especial simpatia:

Por especial e amável deferência do sr. Emile [sic] Gesche soubemos que a correspondência atirada de bordo do dirigível era constituída por cartas e postais ilustrados, escritos pelos passageiros e pessoal de bordo a suas famílias e várias entidades na Alemanha. As ilustrações dos postais consistiam em reproduções de todas as dependências de bordo do «Conde Zeppelin» (...) Visto que constituía um facto sensacional para esta terra, a passagem de um Zeppelin sobre a Madeira, o sr. Cônsul da Alemanha teve a gentileza de ler-nos alguns dos postais referidos, em que vimos consignadas várias impressões de viagem exprimindo os sinatarios [sic] a sua grande satisfação pela esplêndida viagem que tiveram desde Friedrichshafen até o Funchal, voando a uma altura média de 1.400 metros.¹⁰⁴

¹⁰⁰ No oitavo voo, no regresso América - Europa, o dirigível é ajudado pelos ventos a favor, os quais impulsionam a sua marcha (*Diário de Notícias*, 13 de Outubro de 1928, p. 1).

¹⁰¹ No artigo intitulado «Zeppelin passou há setenta anos» publicado em Outubro de 1998 na revista *Saber*, encontra-se na página 22 uma foto tirada do interior do dirigível, tendo como focagem de destaque a estátua do Cristo Rei, na Ponta do Garajau, vislumbrando-se nesta foto a sombra gigantesca da aeronave sobre o monumento. Esta foto, segundo o autor do artigo supra mencionado, Dumont dos Santos (actual cônsul da Alemanha na ilha) pertence ao espólio do Zeppelin Museum Friedrichshafen, onde se encontram arquivados vários registos e fotografias comprovativos da primeira passagem aérea sobre a ilha e sobre outras paragens por onde passara o LZ 127.

¹⁰² Cfr. Anexo 14.

¹⁰³ Este correio componha-se de postais não franquizados, todos eles destinados à Alemanha. Os passageiros e tripulantes ao serem informados da passagem do Zeppelin sobre a ilha, decidem escrever postais para familiares na Alemanha. O processo de devolução ao país de origem envolvia a certificação dos postais com a data de 12 de Outubro de 1928, pelos Correios Portugueses, e depois a sua remessa pelo consulado da Madeira para os correios alemães, por fim o encaminhamento aos finais destinatários. Uma original e inédita forma de recordação para a posteridade.

¹⁰⁴ *O Jornal*, 13 de Outubro de 1928, p.2.

Ainda referenciando com especial deferência o Consolado alemão no Funchal, *O Jornal* informa que este hasteara a bandeira da Alemanha em «regosijo [sic] pela passagem e feliz êxito do “Conde Zeppelin”»¹⁰⁵. A notícia deste dia de 13 de Outubro no periódico *O Jornal* termina com uma congratulação, na sua segunda página, aos progressos da aviação alemã, dirigida ao cônsul e vice-cônsul daquele país:

Aos srs. Emile [sic] Gesche e Schnitzer, ilustre consul e vice-consul da Alemanha no Funchal, dirigimos os nossos cumprimentos de felicitação pelos progressos da aviação alemã, ao mesmo tempo que agradecemos penhoradíssimos o acolhimento que dispensaram a *O Jornal*.¹⁰⁶

No mesmo periódico, a 14 de Outubro, dois dias após a passagem do dirigível sobre a ilha, acrescentava-se ter-se encontrado um terceiro saco de correio, no mar, nas imediações da baía do Funchal, o qual fora entregue ao Consolado Alemão, porém, já com indícios de violação e de extravio de alguma parte do seu conteúdo, facto que movimentara a investigação policial local, em busca dos objectos extraviados. Ainda nesta edição mencionam-se os correspondentes da imprensa alemã, os quais, viajando a bordo do Zeppelin, teriam enviado mensagens via radiograma para o Funchal, comunicando terem deixado cair sacos de mala postal e telegramas para serem expedidos para o seu país. Nesta comunicação expressam as suas impressões de viagem e adiantam a velocidade do voo em direcção às Bermudas, assim como a provável chegada a Lakehurst no dia seguinte.

A cobertura jornalística do *Diário de Notícias* não teria divergido muito daquela efectuada pelo periódico *O Jornal*, tanto no que se refere à componente informativa como à expressão de opinião sobre o acontecido. Logo na sua primeira página do 13 de Outubro, destacam-se em letras maiúsculas e carregadas a negrito, o título: «O dirigível “Conde Zeppelin”. Em direcção à América passou ontem sobre a cidade do Funchal esta gigantesca aeronave.» Em seguida descrevia a reacção da população e informava a sua proveniência, o trajecto e o número de passageiros:

Cerca das duas horas da tarde de ontem a população desta cidade foi surpreendida com o ruído de um grande dirigível que a essa hora voava sobre o Funchal na direcção do oeste. Tratava-se do «Conde Zeppelin» que, segundo informa o nosso serviço

¹⁰⁵ *Idem*.

¹⁰⁶ *O Jornal*, 13 de Outubro de 1928, p. 2.

radiotelegráfico, saiu ante-ontem [sic], às 7 horas e 55 minutos da manhã, de Friedrichshafen, com 57 pessoas a bordo entre tripulação e passageiros, tendo passado ontem em Gibraltar às 5 horas da manhã.¹⁰⁷

Ao que parece, segundo o mesmo jornal, o cônsul alemão enviara um rádio ao comandante do Zeppelin, junto dos cumprimentos da comunidade alemã na ilha e dos votos de uma boa viagem. Nesta edição estão patentes indícios de manifesta subjectividade por parte deste jornal em relação à visita da aeronave alemã, os quais se resumem nas seguintes passagens:

A passagem daquele dirigível no Funchal provocou grande sensação, tendo sido o seu percurso seguido com interesse por toda a população desta cidade, que afluíu às ruas e janelas das casas a admirar o magnífico voo da aeronave. (...) Ao passar sobre o Funchal o Conde Zeppelin seguiu uma marcha relativamente moderada, a fim, naturalmente, de que os seus passageiros pudessem [sic] admirar as nossas belezas naturais. Os hábeis fotógrafos srs. Perestrelos tiraram algumas fotografias do Conde Zeppelin, que estiveram ontem em exposição dos «ateliers» daqueles distintos artistas.¹⁰⁸

O impacto do evento inédito repercutir-se-ia pelos dias seguintes nos jornais locais, difundindo novidades enviadas quer através de telegramas de Berlim, quer por radiotelegrafia emitida do próprio Zeppelin: a informar que este afinal não teria conseguido passar ao arquipélago dos Açores, como desejado pelos passageiros; a comunicar a passagem pelas Bermudas; as impressões dos jornalistas sobre a viagem; as condições atmosféricas e a velocidade em que esse prosseguia; e, finalmente, a tão ansiada chegada à América:

O “Graf Zeppelin” chegou hoje segunda-feira às 2 horas da tarde ao Washington. Milhares de pessoas o esperavam nas ruas e nos telhados das casas. O comandante da aeronave dirigiu uma mensagem de saudação ao presidente dos Estados Unidos, em seu nome e no de toda a tripulação. A` um enorme regosijo [sic].¹⁰⁹

«A chegada à cidade de Washington, no dia 15 de Outubro pelas 17:30 horas, ficou marcada na vida dos americanos. A cidade parou para festejar a chegada do Zeppelin.» (Santos, 1998: 21) Perante tais informações, a reacção teria sido quase tão efusiva no Funchal quanto o foi em Lakehurst, subindo-se aos telhados das casas, saindo-se às ruas.

¹⁰⁷ *Diário de Notícias*, 13 de Outubro de 1928, p. 1.

¹⁰⁸ *Idem*.

¹⁰⁹ *Diário de Notícias*, 16 de Outubro de 1928, p. 2.

No Funchal a cidade não parou para festejar, pois a passagem surtira um efeito-surpresa e fora efectivamente uma passagem de surpresa, imprevista, ao invés da notícia já largamente divulgada na América sobre a iminente chegada do dirigível. E nos EUA decididamente não se dedicaram dias na busca dos sacos de mala postal extraviados, consciente ou inconscientemente violados, ou voluntariamente entregues, nem se confiou às autoridades a acção para se lançar na demanda destes objectos¹¹⁰. Isto porque o Zeppelin não sobrevoara Lakehurst, aterrara sim nessa cidade, e ali permaneceu por cerca de duas semanas, partindo no dia 1 de Novembro do mesmo ano, de volta à Alemanha¹¹¹.

Segundo *O Jornal*, de 30 de Outubro de 1928, na viagem de regresso à Europa, mais precisamente a Friedrichshafen, na Alemanha, haviam se inscrito mais de cem pessoas, contando-se apenas doze lugares vagos a bordo e custando cada passagem o valor de seiscentas libras. Esta seria a última notícia sobre o dirigível alemão, divulgada na época, nos jornais locais. Segundo Dumont dos Santos, «uma viagem heróica e, ao mesmo tempo, possivelmente trágica» (Santos, 1998: 18), uma «missão cumprida gloriosamente» com o intuito de «fomentar a amizade entre os povos» (Santos, 1998: 21). Podemos reduzir o evento de facto ao aspecto intercultural, como o autêntico fundamento no empenho desta proeza? O factor estratégico-militar, o factor económico, a política externa e a necessidade de expansão e de contactos diplomáticos para o interesse da nação, teriam certamente influído nesta aventura sobre o Atlântico. De qualquer forma, o que aqui se questiona é o factor alteridade, ou se quisermos, a forma como viu a população local a passagem de uma aeronave alemã a cortar os céus madeirenses. Com rota original alterada ou não, esta passagem causou sensação, ainda mais por se ter vindo ultimamente a relatar na imprensa local todos os passos e progressos do dito projecto tecnológico. Certamente se se colocasse em questão a possibilidade de organização de rotas regulares no espaço aéreo madeirense, quase que se arriscaria a não oposição dos «empatas» apontados pelo Visconde do Porto da Cruz, interessados em travar o progresso e o desenvolvimento da ilha. As rotas foram sim, frequentes, mas noutra latitude que não a da ilha, possibilitando voos mais curtos e directos para a América, um requisito primordial para as deslocações de negócios ou mesmo para

¹¹⁰ Na sua rota Friedrichshafen-Lakehurst o dirigível lançara correio também sobre a cidade de Barcelona, pela noite, antes de sobrevoar Gibraltar, seguindo depois para o arquipélago da Madeira.

¹¹¹ Esta data relativa à partida de Lakehurst foi baseada na informação disponibilizada no artigo «Zeppelin passou há setenta anos» (Santos, 1998).

fins turísticos, extraordinariamente mais céleres que os vapores, ou uma excelente oportunidade para as interligações entre factores políticos, económicos e sociais.

3.2. O «Turismo Nazi» na Madeira: os Cruzeiros da *Kraft durch Freude*, 1935-1939

A Frente de Trabalho Alemã – DAF (*Deutsche Arbeitsfront*), constituíra-se em Maio de 1933, substituindo assim a totalidade das organizações sindicais alemãs. Esta instituição nazista ter-se-ia inspirado numa outra semelhante organização italiana, intitulada *Opera Nazionale Dopolavoro* (Matos, 1996: 201). A instituição *Kraft durch Freude* [Força pela Alegria]¹¹² surge então como sub-organização da DAF, gerindo milhares de viagens dentro da Alemanha e no estrangeiro, até antes da 2ª Guerra Mundial, sendo considerada o «maior operador turístico da altura, a nível mundial»¹¹³. Sem ser propriamente uma empresa turística, no sentido restrito, designava-se mais como «uma companhia estatal de propaganda refinada, organizadora de excursões» (Wilhelm, 2002a:51) para trabalhadores alemães provenientes de todas as classes «engenheiros, empregados bancários e de escritórios, operários e camponeses, patrões e serviçais, funcionários e artistas»¹¹⁴. A oferta mais apreciada dos programas da KdF acabaria por ser as viagens atlânticas: cerca de duas semanas com escala de dois ou três dias em Lisboa (Estoril, Cascais e Sintra) e na Madeira, operação continuada entre 1935 e 1939 – totalizando aproximadamente vinte mil visitantes alemães (Matos, 2010: 262). Apesar de *a priori* estas viagens não o deixarem transparecer, serviram basicamente de propaganda política para o partido nacional-socialista e a sua ideologia, quer fosse na Alemanha ou nos países seleccionados como destino turístico. Este contínuo movimento turístico contribuiu para um estreitamento diplomático entre os dois países assim como para uma concepção de alteridade recíproca.

Segundo Anne Martina Emonts estávamos perante uma estrutura para ocupação de tempos livres, onde a ilha da Madeira figurava como atracção ou trunfo principal na propaganda de

¹¹²Anne Martina Emonts explora no seu estudo (1997), «Força pela Alegria». O mito da Ilha da Madeira na versão nacional-socialista», in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (orgs.), *Literatura de viagem. Narrativa, história, mito*. Lisboa, Edições Cosmos, pp. 135 – 146.

¹¹³Apud Spode, Hasso (1991), «Die NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude – ein Volk auf Reisen?», in H.S. (Hrsg.), *Zur Sonne, zur Freiheit! Beiträge zur Tourismus Geschichte*, Berlin, Werner Moser Verlag für universitäre Kommunikation, 79-93.

¹¹⁴*Diário de Notícias*, 12 de Abril de 1936, p. 2.

vendas da organização. Funcionava, em parte como hoje se organizam as chamadas «viagens de incentivo» aos melhores funcionários de uma dada empresa, um mecanismo de estímulo da política de recursos humanos:

Era uma organização nacional-socialista para a ocupação de tempos livres, um ramo do pseudo-sindicato DAF (*Deutsche Arbeitsfront*). Foi criada para substituir, a partir de 1933, os sindicatos uniformizados pela *Gleichschaltung*. Proporcionava um vasto leque de actividades lúdicas, desportivas, culturais e turísticas. Uma destas actividades era a realização de viagens marítimas. Neste contexto a Madeira pode ser considerada como o destino mais atraente e o impulsionador da promoção (...) Os trabalhadores «ganham» as viagens como recompensa por um comportamento exemplar, ou, eles próprios, poupavam para uma viagem através de cadernetas que completavam com selos. (Emonts, 1997: 135).

Neste mesmo estudo, a autora reflecte sobre o fenómeno da interculturalidade, baseada na obra de Hans Biallas, *Der Sonne entgegen*¹¹⁵. Aponta que um *Leitmotiv* no discurso do autor é o tema *Volk kommt zu Volk* (Povo encontra Povo), termo esse que denota o contacto «face to face», o reparo no exotismo do povo e das paisagens do Sul, visto de uma perspectiva nazi (Emonts, 1997: 139-140). No final, como nota pessoal, a autora ressalta faltar no estudo «a perspectiva do olhar madeirense sobre os “Vikings KdF» pela imprensa coeva e deixa o repto para quem se interessar (Emonts, 1997: 144). Aceitei o desafio e passo a reportar o que consegui vasculhar na imprensa regional.

Existe há tempos na Alemanha uma instituição oficial denominada «Kraft durch Freude», o que na nossa língua significa «Força pela Alegria». Um dos fins desta agremiação é proporcionar a todos os alemães, não só viagens maiores, de «weekend», mas passeios dentro do próprio país, para assim conhecerem os do Norte o Sul da Alemanha e vice-versa. É desejo do Estado novo alemão proporcionar aos cidadãos que nunca tenham saído da aldeia ou cidade onde nasceram, o conhecimento de outras partes do seu país por meio de viagens, intensificando assim o intercâmbio entre os compatriotas dos diversos pontos da Alemanha. Uma viagem de recreio cria novas energias e produz uma melhor disposição. Ao voltar dela sente-se cada um mais forte e com mais entusiasmo para o trabalho.¹¹⁶

Esta seria a primeira notícia sobre a «Kraft durch Freude» na imprensa regional, a qual explicava em traços gerais os propósitos da instituição alemã e os «efeitos» de tal iniciativa inovadora. Com esta notícia na edição do *Diário de Notícias*, anunciava-se a pretensão da

¹¹⁵ Biallas, Hans, *Der Sonne entgegen! Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*, Freiheitsverlag G.m.b.H. Berlin, 1936.

¹¹⁶ *Diário de Notícias*, 14 de Março de 1935, p. 1.

Alemanha expandir as áreas visitadas, até então dentro do país e costas da Noruega, para o Atlântico, mais especificamente, para a ilha da Madeira. A notícia baseava-se no pressuposto da chegada daí a uma semana de três vapores «St Louis», «Oceana» e «Der Deutsche», trazendo no total dois mil e seiscentos operários e trabalhadores a bordo, oriundos de todas as partes da Alemanha. Explica-se a grande aderência dos trabalhadores alemães ao incentivo, atraídos pelos preços extremamente baixos pagos pelas viagens, que de outra forma não poderiam aceder e cujos resultados haviam já movido até à data centenas de milhares de excursionistas. Aqui adiantava-se a estada na ilha de dois dias e os percursos previstos, como por exemplo a típica viagem de comboio ao Terreiro da Luta e descida de carros de cesto, ou a exploração da cidade a pé, para aqueles que não pudessem se deslocar de carro, devido às suas parcas condições financeiras. Pela eventualidade dessas dificuldades de ordem económicas, o *Diário de Notícias* referia serem estes turistas não potenciais consumidores dos artigos regionais, seriam contudo, hipotéticos clientes para as carreiras de lanchas, as viagens do comboio e circuitos de carros, e acima de tudo, ótimos meios de propaganda da ilha:

(...) eles serão porém certamente ótimos propagandistas da nossa terra e da nossa hospitalidade, e as boas impressões de que se fizeram eco acerca da Madeira, contribuirão com certeza grandemente para que depois muitos e muitos dos seus compatriotas venham a visitar a nossa ilha. Isso concorrerá de certo também muito para que os vapores de carreiras regulares e os de recreio, tragam de futuro um maior número de turistas alemães para a Madeira.¹¹⁷

Evidentes e claras são as expectativas da redacção do *Diário de Notícias* nesta primeira leva de turistas alemães em solo madeirense. Esta operação de grande envergadura turística, auspiciosa e prometedora de futuros movimentos no porto do Funchal era apresentada como uma potencial mais-valia - e ainda não tinham chegado os milhares de turistas operários, estávamos apenas nas vésperas da chegada.

De acordo com Mário Matos, especialista na questão das viagens *KdF*, a imprensa portuguesa munuiu-se, de 1935 a 1939, de uma «argumentação economicista» para justificar a presença maciça destes excursionistas germânicos e as vantagens de foro material e financeiro para o país (Matos, 2010: 270). O aspecto cultural também sobreviria. Com o

¹¹⁷ *Diário de Notícias*, 14 de Março de 1935, p.4.

intuito de «preparar» a opinião pública para tal visita e incentivar a simpatia e a hospitalidade local subjacentes ao povo português, os jornais locais discorriam já com relativa antecipação o acontecimento.

Na sua primeira página, a 21 de Março de 1935, *O Jornal* anuncia com o título «Chegou ontem ao Funchal a excursão de operários alemães “Alegria pela Força” em uma divisão da Marinha Mercante da mesma nacionalidade» a chegada da frota da KdF composta por três navios num total de 2651 passageiros, a maior excursão até então já alguma vez realizada à Madeira. Segundo este, os turistas proviam de várias regiões alemãs, trazendo algumas destas, o seu traje regional, motivo de interesse para muitos madeirenses. Também na sua secção «Botas Mundanas» de 23 de Março de 1935, o jornal *Re-Nhau-Nhau* expressava no seu característico jeito satírico, o deslumbramento pela aparência e pelos trajes dos germânicos:

A esta cidade chegaram algumas estrangeiras de nacionalidade germânica que puseram os nossos Rudolfos a andarem de roda como numa dobadoira. Para que se visse que na Alemanha, aquilo anda tudo invertido, chegaram também alguns alemães que para aí andaram com a canela à mostra enquanto as fêmeas da mesma nacionalidade nem deixavam ver a mais pequena nesga de perna. S. Ex.cias à partida declararam ter ficado de boca aberta com as belezas de hortaliças desta ilha.¹¹⁸

¹¹⁸ *Re-Nhau-Nhau*, 23 de Março de 1935, p. 3. O *Re-Nhau-Nhau* descrevia supostamente o traje típico da Baviera: o traje masculino conhecido por *Lederhosen* (calças de couro até à altura do joelho) e o feminino composto de ampla saia até aos pés.



Ilustração 4 - Chegada de grupos de turistas da *Kraft durch Freude*. Ao largo, o navio onde viajava Robert Ley.

O Jornal descreve, ainda na mesma edição de 21 de Março de 1935, o percurso efectuado pelos excursionistas após a chegada ao cais. Estes reuniam-se em grupos e seguiam a pé até à estação do Pombal, onde seguiam de comboio até ao Terreiro da Luta. Os restantes turistas deixavam-se ficar na baixa funchalense, explorando esta a pé, de automóvel ou de carro de bois, visitando monumentos, jardins, lojas de souvenirs e caves de vinhos. Ainda de acordo com o mesmo jornal, a bordo viajavam também artistas que se ocupavam da animação interna, fotógrafos e operadores cinematográficos, que se ocupavam em terra da cobertura documental local, exibindo depois os filmes a bordo e que posteriormente seriam distribuídos por vários cinemas alemães como propaganda da organização da KdF¹¹⁹. O

¹¹⁹ De acordo com o referenciado por Mário Matos, no seu artigo de 2010, «Os “cruzeiros atlânticos” da organização nacional-socialista *Kraft durch Freude* (1935-1939) como encenação político-cultural da amizade luso-alemã», a montagem propagandística por detrás da organização KdF era engenhosamente arquitectada, baseando-se em diversos formatos e meios visuais, recorrendo a brochuras, manuais de bolso, postais dos navios fretados pela KdF com versos de canções, livros com fotografias dos cruzeiros, publicidade na imprensa e em revistas, exibição de filmes baseados nas viagens da KdF e exposição de cartazes em vários locais públicos. O regime apostava em todos os meios ao seu alcance e nas novas

movimento na cidade aumentara de tal forma que fora necessário requisitar-se reforços policiais. A bordo do paquete Oceana viajava o director da DAF e de toda a operação¹²⁰, o Dr. Robert Ley, o qual fora recebido pelo cônsul alemão na Madeira e depois orientado por este a uma excursão até ao Pico do Areeiro, à Quinta Olavo e por fim ao Palácio de São Lourenço para cumprimentar o Chefe de Distrito, o Comandante Goulart de Medeiros. Em Lisboa este diplomata seria ainda aguardado para um encontro com António Ferro. Na última noite realizara-se uma festa a bordo do navio *St. Louis* em honra da comunidade alemã radicada na ilha, sendo também convidado o Governador Civil. Poder-se-á articular esta passagem com a ideia defendida por Mário Matos sobre a propaganda política subjacente aos contactos políticos de dirigentes da KdF com as autoridades nacionais:

As implicações políticas, ao mais alto nível, são evidentes. Durante todas as excursões KdF a Portugal houve contactos, convites e visitas mútuas a nível oficial. O próprio Robert Ley, figura de destaque do regime nazi, foi convidado de António Ferro no Secretariado de Propaganda Nacional. A troca de galhardetes entre ilustres da vida pública portuguesa e alemã por ocasião das festas a bordo dos paquetes alemães ou de recepções dadas quer pela embaixada alemã em Lisboa quer pelo SPN quer pela FNAT encontraram na imprensa portuguesa da época em grande destaque, não raramente como notícia de primeira página com adorno fotográfico (Matos, 1996: 210).

O *Diário de Notícias* noticia também na sua primeira página, a 21 de Março de 1935, um dia após a primeira excursão da KdF na ilha, com título destacado «Desembarcaram, ontem, no Funchal, 2651 excursionistas, filiados na organização «Força pela Alegria», destacando no mesmo espaço uma fotografia do porto do Funchal, onde se vislumbra os três paquetes da frota KdF. Aqui se descreve a azáfama vivenciada na cidade e arredores e enumeram-se as excursões realizadas pelos alemães ao Pico do Areeiro, Terreiro da Luta, Ribeira Brava e a Quinta Olavo¹²¹, no Caminho dos Saltos, residência do cônsul da Alemanha. Refere-se a visita do sub-secretário do Estado da Alemanha, Dr. Laferentz, e do director da excursão Dr. Robert Ley ao Governador Civil da Madeira, acompanhados do

tecnologias, seguindo as directrizes do Ministro de Propaganda, Goebbels, e tendo em vista o «recrutamento» dos trabalhadores. O contacto com o exótico, com o «outro» funcionava para captar a atenção dos operários, pois que a propaganda nazi conhecia as aspirações destas massas e sabia exactamente como cativá-las e doutriná-las na sua ideologia. Incutia-se-lhes, desta forma, uma visão comunitária e não individualista, e ocupava-se os tempos livres dos trabalhadores com esta orientação política premeditada. Uma encenação astutamente preconcebida (Matos, 1996).

¹²⁰ *Reichsleiter* da DAF (director nacional da Frente de trabalho Alemã) e da sub-organização desta, *Kraft durch Freude*.

¹²¹ No Livro de Honra da Quinta Olavo encontra-se a assinatura de Robert Ley, como convidado da casa.

cônsul da Alemanha e ainda o convite feito pelo cônsul da Alemanha aos excursionistas para visitarem a sua residência, onde são obsequiados com um cálice de vinho Madeira e bananas regionais. Também como em *O Jornal*, detectamos claramente no *Diário de Notícias* a conotação das suas palavras relativamente à aceitabilidade e total adesão ao acontecimento:

Digno de registo é o facto de alguns jornais alemães, noticiando esta excursão, a apresentarem como uma excursão à Madeira, não obstante os três barcos haverem tocado em Lisboa, fazendo, assim, uma larga e apreciável propaganda da nossa ilha. Oportuno é dizer que a vinda dos excursionistas do «St Louis», «Oceana» e «Der Deutsche» se deve, em grande parte, aos esforços que o digno Cônsul da Alemanha, nesta cidade, empregou, junto de diversas entidades alemães, os quais forma coroados de êxito. E verifica-se, também, agora, que o sr. Emil Gesche tem sido incansável para que os excursionistas levem desta ilha as melhores impressões. E podemos informar os nossos leitores de que o sr. Gesche, grande amigo da Madeira e dos Madeirenses, lida no empenho de que as futuras excursões, promovidas pela «Força pela Alegria», visitem a nossa terra. Pela nossa parte, fazemos votos para que esse objectivo seja alcançado.¹²²

Acrescenta que de Lisboa traziam os turistas as melhores impressões, tendo visitado, além da capital, a Costa do Sol e Sintra, monumentos nacionais e outros pontos de interesse turístico. A impressão dos turistas sobre o acolhimento em Lisboa teria sido excelente, bem como «os obséquios recebidos pelo Secretariado de Propaganda nacional». Refere também que os dirigentes da operação teriam sido recebidos pelo Presidente da República e o general Carmona enviado a Robert Ley a sua fotografia autografada. Aos jornalistas alemães e a uma artista de cinema, Fräulein Falke, fora oferecida uma excursão por João Freitas Martins ao Ribeiro Frio, a qual os deixara encantados pelo tempo primaveril que se fazia sentir nesta altura do ano na ilha. Informado pelos seus colegas alemães, o redactor do *Diário de Notícias* adiantava o objectivo da excursão da KdF: «O fim da viagem é promover a confraternização dos trabalhadores e crear [sic] o espírito da colectividade»¹²³. Esta seria a explicação diplomaticamente resumida, pois as verdadeiras razões desta organização, define-as, claramente, Mário Matos no seu artigo «Turismo nazi em Portugal (1935-1939)», o qual aponta oito objectivos essenciais: «a função regenerativa a nível físico e mental dos trabalhadores», e preparação do povo para as necessidades da política externa do Führer; incentivar «a ilusão de coesão nacional e valorização social» inculcando

¹²² *Diário de Notícias*, 21 de Março de 1935, p. 6.

¹²³ *Idem*.

aos trabalhadores «uma falsa sensação de equilíbrio ou mesmo igualdade social»; consolidar a identificação do operariado com a ideologia do regime nazi, usando-se o espaço isolado do «navio» e da viagem em si para tal fim; incutir o sentimento de nacionalismo e de «amor pela pátria», usando para tal o contraste do estranhamento com o «estrangeiro»; levantar o moral colectivo prejudicado pelas imposições do pós-guerra e do Tratado de Versalhes e prestigiar a política social nazista tanto a nível nacional como internacional; comparar a realidade alemã com outras realidades estrangeiras social e economicamente mais pobres¹²⁴; compensar, a nível internacional, a má imagem da Alemanha devido ao rompimento desta com a Sociedade das Nações, recorrendo-se para tal à denominação das operações da KdF de «Frota da Paz» e dos seus excursionistas de «mensageiros da paz»; por fim, a intenção de integrar as colónias alemães radicados no estrangeiro, no sentimento patriótico de comunhão nacional (Mário Matos, 1996: 202-211).

A bordo do St Louis fora organizada na última noite da estada, dia 21 de Março, uma festa em homenagem da colónia alemã radicada na ilha e das autoridades madeirenses¹²⁵. Segundo o comunicado pelo *Diário de Notícias*, após a orquestra ter tocado a marcha *Badenweiller*, e Robert Ley ter sido simpaticamente cumprimentado pela assistência com a saudação nazista, este discursara perante toda a audiência:

O dr.[sic] Ley, usando da palavra com grande entusiasmo, começa por explicar o significado desta viagem a Lisboa e à Madeira, viagem esta que constitui um grande sucesso das ideias da nova Alemanha, preconizadas pelo Fuehrer Adolf Hitler. A nova Alemanha – disse – tem o objectivo firme de prestigiar o trabalhador, considerando-o, elevando-o de categoria, tirando-o daquela quasi [sic] escravidão em que se vivia. Proporciona-lhe assim aquelas diversões, a que só os ricos, podiam antigamente

¹²⁴ Segundo Mário Matos (1996 e 2010) neste ponto englobava-se o factor «raça», o complexo da superioridade biológica alemã, quando comparada com a portuguesa, facto comprovado nos relatórios secretos da Gestapo, que por vezes viajava discretamente a bordo dos navios da KdF. O complexo de superioridade sociocultural e política seriam também abordados neste ponto.

¹²⁵ Mário Matos (1996: 211): «Nas primeiras noites passadas em portos portugueses, organizavam-se festas a bordo dos paquetes em honra dos convidados alemães residentes em Portugal e de muitos notáveis locais. Os programas destes *Bordfeste* [festas de bordo], em que também os jornalistas dos principais jornais lisboetas e funchalenses não podiam deixar de marcar presença, encarregando-se obviamente de noticiar o evento de forma simpática, eram constituídos por uma considerável diversidade (embora sem grandes variações de visita para visita) de ofertas (inter) culturais: desde concertos de música clássica por orquestras alemães e marchas tocadas por bandas portuguesas, passando por bailes e representações de danças tradicionais de diversas regiões da Alemanha e de Portugal até aos usuais discursos solenes de personalidades alemães e portuguesas. Enfim: uma perfeita encenação de alegria, do convívio e camaradagem, da amizade entre dois povos (...)».

aspirar. Nivelou as categorias. Em traços rápidos, o orador diz uma ideia da nova Alemanha e da vontade de Adolfo Hitler, que pretende fazer do homem mais humilde um elemento categorizado [sic] na sociedade, mostrando a todo o mundo a possibilidade dessa aspiração, com a realização da presente viagem. Assim não existe para o trabalhador alemão a palavra inferioridade. Depois o dr. Ley, cujo discurso foi por vezes interrompido com calorosos aplausos, pôs em relevo a hospitalidade e o bom acolhimento dos portugueses [sic]. A nossa viagem a Portugal – disse – não foi escolhida por acaso. Foi de propósito porque, Portugal é o país [sic] na Europa onde primeiro chega a Primavera e nós somos o País que vive em eterna primavera, procurando a alegria do viver. Em segundo lugar porque Portugal tem na presidência do seu ministério um homem que comunga nas mesmas ideias de Adolf Hitler acêrca [sic] do ressurgimento da Nação. Focou depois em palavras de visível entusiasmo, o passado glorioso de Portugal. Apresentou os seus mais cordiais agradecimentos ao sr. Governador Civil do Funchal, ali presente, e ao povo da Madeira pelo acolhimento dispensado aos excursionistas, acolhimento que o acanha por não poder retribuir. Terminou o seu discurso dando vivas ao sr. General Carmona, ao Governador Civil e ao Führer Adolf Hitler, tendo estes vivas sido entusiasticamente correspondidos. A orquestra toca em seguida os hinos português e alemão.¹²⁶

Nestes aplausos transparece a conivência dos presentes com o exposto pelo subsecretário do Ministério do Trabalho Alemão, Robert Ley. As atitudes de Robert Ley durante o discurso e a assistência foram filmados pelos operadores alemães. No dia seguinte, 22 de Março de 1935, o último dia da estada dos trabalhadores alemães na ilha, o *Diário de Notícias* voltava a dedicar um espaço na sua primeira página, sob o título: «A visita dos três barcos alemães ao Funchal. Passeio a Santa Cruz – Concerto no Jardim Municipal – Visita ao Colégio Alemão. Hitler telegrafou para a Madeira aos excursionistas». Os turistas germânicos começam o dia logo cedo com passeios de carro de bois, de automóvel, de comboio e a pé, visitando pontos de interesse turístico na cidade e arredores. Confessava o *Diário de Notícias*: «A cidade oferecia um aspecto alegre, que se manteve até à hora de embarque dos viajantes alemães.»¹²⁷ Uma comitiva de alemães e madeirenses ter-se-ia deslocado em excursão a Santa Cruz, constituída por vários elementos: o Governador Civil e família, o secretário do Dr. Ley, um representante da Câmara Municipal do Funchal e da Junta Geral, o cônsul da Alemanha, um dentista alemão radicado na ilha, uma professora do Colégio Alemão¹²⁸ (Fraulein Schult), um operário e uma operária alemães. No regresso,

¹²⁶ *Diário de Notícias*, 21 de Março de 1935, p. 6.

¹²⁷ *Diário de Notícias*, 22 de Março de 1935, p. 1.

¹²⁸ O Colégio Alemão era também anfitrião dos visitantes alemães. Possuía um *Gästebuch* [Livro de Honra] datado de 1937. Os primeiros assinantes aí escreveram em Janeiro desse ano e, os últimos, a 15 de Julho de 1939. Durante dois anos esse Livro de Honra teria sido assinado por visitantes alemães, mormente da KdF: a 28, 29, 30 de Abril de 1938, assinam – «Die ersten Urlauber des “Wilhelm Gustlov” grüssen die Deutsche Schule in Funchal» [os primeiros turistas do “Wilhelm Gustlov” cumprimentam o Colégio Alemão no Funchal]; a 3 de Agosto de 1937 outros visitantes assinam: «Die deutsche Kolonie in Funchal, mit Vortrag

estes dirigiram-se ao Jardim Municipal para assistir a um espectáculo executado por uma banda da Baviera, previamente anunciado na cidade. O *Diário de Notícias* descrevia:

(...) magnífico concerto que a banda bávara ali realizou, em homenagem ao povo do Funchal (...) Depois de terem ouvido algumas peças executadas impecavelmente pela magnífica banda, e quando já se preparavam para sair, aquela tocou os hinos português e alemão e canção “Horst Wessel Lied”, que foram ouvidos de braço estendido em manifestação nazista, tendo todos os súbditos alemães, ali presentes, acompanhado em coro o seu hino e a canção nazista. Em seguida, a convite de S. Ex.^a o sr. Governador Civil e de sua esposa, foram todos os excursionistas ao Palácio de S. Lourenço, onde lhes foi oferecido um «Madeira de Honra». Depois de servido o precioso Madeira, foram todos os convidados do sr. Comandante Goulard de Medeiros em visita ao Colégio Alemão, na R. do Carmo, onde todos colheram as melhores impressões.¹²⁹

Uma multidão teria seguido o grupo de excursionistas, que marchara desde o Jardim Municipal até ao cais da cidade. «Às 17 horas principiaram os viajantes a recolher aos seus

über “Bolschevismus” und Vorführung von H.J. Gruppe “Vier Jahre Nationalsozialismus”] [A colónia alemã no Funchal, com a palestra sobre “Bolchevismo” e apresentação do H.J. grupo “Quatro anos de Nacional Socialismo”]. As assinaturas dos turistas da KdF seguem-se: Outubro de 1937: *Madeirafahrt Oceana*; «Ein Volk, ein Reich, ein Führer» [um povo, um império, um líder] assinado a 30 de Abril de 1938; a 20 de Junho de 1938 com o *Wilhelm Gustlov* assina o grupo *Trachtgruppe* [grupo folclórico] de Munique; a 18 e 19 de Outubro de 1938 assinam muitos turistas de Estugarda, vindos no *Wilhelm Gustlov*; a 23, 24 e 25 de Março de 1939, outros assinam, vindos com o navio *Wilhelm Gustlov*; K.d.F. “Robert Ley” 24 de Abril de 1939: *Es ist wieder schön ein Deutscher zu sein und ein Glück in Deutschland zu leben*. “Adolf Hitler” [é belo ser novamente um alemão e uma sorte viver na Alemanha, saudação Adolf Hitler]; a 15 de Julho de 1939 assina um navio de guerra alemão *Kriegsschiff Geisenau*. (Documentação do espólio do Colégio Alemão, ainda não catalogado, pertencente ao ARM). De acordo com Eberhard Wilhelm, baseado no livro de Heinrich Zerkulen «Kommt mit nach Madeira», 1939, os miúdos do Colégio Alemão costumavam acompanhar, com lanchas, os barcos alemães «ornamentadas de flores e distinguidas pela bandeira vermelha com a suástica, fixada na proa. Vêm ao encontro do navio e circundam-no. Uma traz uma tabuleta, em que está escrito, em letras garrafais: “ Es grüsst die deutsche Schule von Funchal!» [Cumprimenta o Colégio Alemão do Funchal] (Wilhelm, 2002a: 60). O Colégio Alemão foi fundado no Funchal em 1928, sediado à Rua do Carmo, nº 27/29. Tratava-se de uma instituição privada, de instrução primária do ensino geral e Jardim de Infância, com ensino especial do idioma alemão e de outras disciplinas, como: religião e moral, inglês, francês, português, labores, canto, desenho e pintura, ginástica sueca, gramática, aritmética, geografia, história, ciências e trabalhos manuais. Para as crianças portuguesas era seguido o programa das escolas portuguesas primárias, por uma professora portuguesa diplomada, enquanto que para as crianças alemãs o programa a seguir era o das escolas alemãs. Tanto para as crianças portuguesas como para as alemãs, eram ministradas aulas em comum de alemão, inglês, francês, ginástica e trabalhos manuais. Este colégio celebrava datas nacionais, promovendo o intercâmbio com a comunidade funchalense (consultar Anexos 15 e 16): a 29 de Abril de 1938 surge um anúncio em *O Jornal*: «Homenagens ao Sr. Dr. Oliveira Salazar no Colégio Alemão. Comemorando o 10º aniversário do Sr. Dr. Oliveira Salazar na Pasta das Finanças, realizou-se anteontem no Colégio Alemão uma sessão solene, a que assistiu o corpo docente e todos os alunos(...)» O Colégio e a sua directora eram supervisionados pelo *Vorsitzende der Deutschen Schulgemeinde Madeira und Ortsgruppenleiter* der NSDAP [Presidente da Comunidade Escolar Alemã e delegado regional do NSDAP], representado na ilha por Wilhelm Hoffman. A 9 de Fevereiro de 1936 é publicado um artigo no *Diário de Notícias*, nas suas páginas dois e cinco, tecendo a redacção deste jornal grandes elogios ao sistema de ensino aqui praticado, um exemplar estabelecimento de ensino», «onde a grande frequência do Colégio justifica em absoluto a honrosa fama de que goza [sic]» (*Diário de Notícias*, 9 de Fevereiro, p. 5).

¹²⁹ *Diário de Notícias*, 22 de Março de 1922, p. 1.

barcos, acabando a pouco e pouco a invulgar animação na cidade que se verificara durante todo o dia.» Assim relatava o *Diário de Notícias*, na sua primeira página, a partida dos grupos. Contudo, a descrição inflamada pelo sentimentalismo do periódico, sobre a partida dos viajantes da KdF, prosseguia ainda na sua segunda página:

Todos os distritos da Alemanha enviaram aos seus compatriotas residentes no Funchal pequenas recordações curiosas, representativas das várias indústrias, ofertas essas que depois de despachadas, ficarão no Colégio Alemão. Ao sr. Emil Gesche, ilustre cônsul da Alemanha, foi também oferecido um artístico alto-relevo, do busto de Adolf Hitler, trabalhado numa pedra de carvão¹³⁰. (...) Aqueles nossos camaradas da imprensa alemã, tiveram a gentileza de vir ao «Diário de Notícias» apresentar cumprimentos de despedida. As bandas de bordo, no momento da partida, tocaram os hinos portugueses e alemão, tendo sido dados muitos vivas a Portugal, à Madeira e à Alemanha. Muitas pessoas, no cais, presenciaram o entusiasmo das calorosas manifestações da despedida. Nos últimos momentos, antes da partida, o sr. dr. Ley e a sua comitiva, manifestaram ao sr. consul da Alemanha a boa impressão que levavam da Madeira, onde tinham sido carinhosamente acolhidos. A bordo dos barcos alemães, no momento de levantarem ferro, foi queimado fogo de artifício [sic] em homenagem à Madeira.¹³¹

A notícia de carácter mediático que mais cativou a atenção nesta edição fora, sem dúvida, aquela divulgada logo na abertura da primeira página - o telegrama enviado por Adolf Hitler destinado a Robert Ley: «A V. Ex.^a e a todos os viajantes da organização “Força pela Alegria”, agradeço os seus cumprimentos. Retribuo-os com os meus melhores desejos da continuação de boa viagem. Adolfo Hitler».¹³² Coincidência ou não, daí a uma semana, de acordo com Anne Martina Emonts, no dia 29 de Março de 1935, realizar-se-ia o plebiscito (*Volksbefragung*) e os turistas da KdF, de viagem à na Madeira, entre 23 e 24 de Março, teriam de votar a bordo. A votação relacionava-se com a ocupação de Hitler da Renânia, a 7 de Março, acto que violara o convencionado no Tratado de Locarno, de 1925. Antes da partida, em Hamburgo, O Dr. Robert Ley (director nacional da DAF), atarefado com a campanha, não viaja com os trabalhadores, por isso despede-se destes cerca de quatro mil auditores, com um arrebatador discurso. A exaltação à nação e ao Führer é manifesta e, com esta atitude de Ley, torna-se perfeitamente claro que a viagem se revestia

¹³⁰ Esta passagem reporta-nos para um dos diversos objectivos da KdF apontados por Mário Matos (1996: 210): «A manifesta tentativa por parte do regime de integrar as diversas classes sociais do povo alemão numa ilusória *Volksgemeinschaft* (Comunidade do Povo) não se restringe apenas àqueles alemães que viviam e trabalhavam na Alemanha mas visava também a sedução e o controlo da diáspora alemã, os *Auslandsdeutsche* [os alemães radicados no estrangeiro].»

¹³¹ *Diário de Notícias*, 22 de Março de 1935.

¹³² Idem. Tradução do *Diário de Notícias*.

de propaganda e mentalização política no partido nacional socialista (Emonts, 1997: 136-138). No dia seguinte, na edição de 23 de Março de 1935, na página dois, o satírico *Re-Nhau-Nhau* lança o seu arrojado artigo denominado «Os nazis», referindo-se à visita dos alemães como uma invasão da ilha por dois mil e seiscentos nazis «ao serviço de Hitler», sem todavia se levantar qualquer manifestação ou contestação contra a Alemanha pelo não cumprimento dos tratados assinados no passado¹³³. Notoriamente seria esta uma crítica jocosa e sui generis ao estilo do jornal, não enquadrada na perspectiva geral, contudo constituindo uma excepção à regra do discurso público.

Também a 23 de Março de 1935, o *Diário de Notícias* se expressava sobre os alemães novamente na sua página de abertura, porém num tom completamente oposto ao do *Re-Nhau-Nhau*, relevando logo de imediato os proventos da visita alemã ou o levantamento positivo desta. Referia que, tanto os comerciantes de artefactos como os motoristas se mostravam satisfeitos com os lucros auferidos nas vésperas. E, incentivando a simpatia pelos visitantes, acrescentava: «Todos os excursionistas, que se portaram sempre com grande correcção e delicadeza, ficaram muito bem impressionados com a sua visita à Madeira.». Estas passagens vêm corroborar a constatação de Mário Matos, já anteriormente focada:

Para reforçar a simpatia com que a população portuguesa deveria acolher esses turistas alemães, além de se apelar à positiva auto - e hetero-imagem do povo luso tradicionalmente tido por hospitaleiro, na imprensa portuguesa também se recorreu a uma argumentação menos «sentimentalista», por assim dizer, mais racionalista, pragmática e economicista, por via da qual se tentava demonstrar os benefícios materiais e políticos para Portugal proporcionados pelas «amigáveis visitas» da «Força pela Alegria» (Matos, 2010: 270).

Prosseguindo ainda nesta sua primeira página, o *Diário de Notícias* concluía: «O contrário não poderia acontecer visto que todos os madeirenses deram o seu tradicional bom acolhimento aos nossos visitantes. Que estas excursões se repitam, são os nossos desejos.»¹³⁴. O repto acabara de ser lançado e a opinião pública dele faria uso nas

¹³³ Este jornal certamente teria baseado as suas acusações no rompimento de algumas cláusulas do Tratado de Versalhes pela Alemanha, como a reinstalação do serviço militar obrigatório e a autorização do rearmamento. Consultar Anexo 17.

¹³⁴ *Diário de Notícias*, 23 de Março de 1935, p. 1.

excursões que se seguiriam até ao ano de 1939, pouco antes da eclosão da 2ª Guerra Mundial.

Um ano depois, a 25 de Março 1936, voltam os trabalhadores da KdF à ilha, ocupando-se obviamente a imprensa madeirense das respectivas coberturas jornalísticas e da simultânea divulgação das suas opiniões sobre o acontecimento. Na sua quarta página, a *Kraft durch Freude* volta a ser notícia no *Diário de Notícias*, com o título: «A grande excursão alemã no Funchal». Este, em forma de constatação de atitudes e condutas de uns e de outros, de cá e de lá, aludindo os viajantes alemães e os comerciantes madeirenses, anuncia em jeito de elogio:

Durante a sua estada na Madeira só colheram, felizmente, as mais agradáveis impressões, não ocultando nenhum deles a sua satisfação. Devemos relatar, como nota interessante, facto de em todos os estabelecimentos, os nossos visitantes, quer na compra de artefactos e bordados regionais, quer na de frutas, vinhos, cervejas, refrescos, etc, terem sido servidos, sem qualquer aumento de preço. Os preços que vigoraram foram os mesmos que qualquer pessoa paga habitualmente. E os alemães, se mais não compraram, foi porque as suas posses não lho permitiram. Mas no entanto foram recebidos com o melhor agrado por toda a parte, desde o estabelecimento mais humilde ao mais elegante. De justiça é também registar a correcção e o apurmo com que todos se apresentaram, não havendo a registar qualquer nota discordante¹³⁵.

Voltava-se a elogiar o concerto executado pela banda de bordo, no Jardim Municipal, o qual teria provocado a afluência de uma multidão que aplaudira todos os trechos da magnífica exibição, com grande entusiasmo. Por fim, refere-se a partida dos três navios com destino a Hamburgo e a chegada nesse mesmo dia de outro navio, o *Oceana*, trazendo mais cerca de setecentos excursionistas alemães da KdF. Exactamente no mesmo dia *O Jornal* publica um artigo dedicado à KdF intitulado: «Excursão Alemã no Funchal». Aqui se explica os trajectos efectuados pelos grupos alemães pela ilha, como a subida de comboio até ao Terreiro da Luta, as idas ao Cabo Girão e Machico, e o grande movimento nas ruas da cidade e no acesso ao cais, tanto que se justificara uma apertada vigilância por onde andavam os excursionistas¹³⁶; o concerto de uma banda de música ao qual afluíram

¹³⁵ *Diário de Notícias*, 25 de Março de 1936, p. 4.

¹³⁶ Eberhard Axel Wilhelm defende que esta vigilância se devera a um telegrama de 20 de Março de 1936, enviado pelo Ministério do Interior de Lisboa ao Governador Civil do Funchal, o qual incumbira este para vigiar despercebidamente os grupos dos turistas da *KdF*, por se suspeitar da presença entre estes de elementos do Governo alemão, viajando com a missão de registar aspectos ligados a estratégia militar. Pedia também o envio de um relatório confidencial. (Wilhelm, 2002 a: 55-57).

autoridades regionais, uma multidão de madeirenses e muitos elementos da colónia alemã. Na tarde anterior ter-se-ia realizado também um concerto de ópera de uma cantora de Berlim, no Casino Victoria à qual assistiram os turistas alemães, outras individualidades e os próprios repórteres de *O Jornal* (por convite da organização alemã). Menciona-se a distribuição de panfletos turísticos pelos visitantes, panfletos esses executados por iniciativa da Junta Geral, a qual merece por tal feito, um elogio de *O Jornal*: «que mais uma vez demonstrou saber aproveitar as oportunidades de servir os madeirenses».¹³⁷ Anuncia-se a chegada do navio *Oceana* para esse mesmo dia, com cerca de setecentos e vinte passageiros os quais irão participar também em excursões organizadas pelo consolado alemão.¹³⁸

A 28 de Março de 1936, três dias após a edição do periódico *O Jornal* supramencionada, um outro periódico regional, o *Re-Nhau-Nhau*, manifesta-se perante a mesma visita alemã, agora num tom mordaz e satírico: «Estiveram há dias no nosso porto 3 barcos alemães repletos de operários (?) germânicos. Vieram esses barcos demonstrar que a Alemanha está armada até aos dentes...».¹³⁹ Esta observação fora registada exactamente na mesma página onde o periódico comenta a ocupação da Renânia pela Alemanha, um comentário, aliás, mediático e bem a propósito sobre a situação política internacional da época. O ponto de interrogação colocado logo após o termo «operários» denota uma eventual dúvida quanto à sua verdadeira representatividade, como que se questionando: «seriam eles verdadeiramente operários?».

A 12 de Abril o *Diário de Notícias* abre a sua edição com o artigo «"Força pela Alegria". Mais uma excursão de operários alemães visitou o Funchal». Informa-se a chegada de três mil e setenta turistas a bordo dos três transatlânticos: *Sierra Córdoba*, *Der Deutsche* e *St. Louis* e o desenvolvimento da viagem em Lisboa, antes da vinda para a ilha: a cem dos operários alemães fora oferecido um almoço na FNAT¹⁴⁰, no qual o ministro da Alemanha em Portugal discursara, frisando os laços de simpatia entre Portugal e a Alemanha:

¹³⁷ *O Jornal*, 25 De Março de 1936, p. 1.

¹³⁸ Consultar Anexo 18.

¹³⁹ *Re-Nhau-Nhau*, 28 de Março de 1936, p. 7.

¹⁴⁰ Mário Matos elucida com nitidez a relação entre as duas organizações FNAT e KdF: «Já do ponto de vista da política social e cultural do próprio Estado Novo, as viagens da *KdF* serviram como exemplo e incentivo imediato à criação de organizações doutrinadoras estruturalmente semelhantes às existentes na Alemanha

Sinto-me orgulhoso por ser ministro da Alemanha, especialmente em Portugal. País como não há outro, ligado à minha pátria pelo intercâmbio feito pela «Força pela Alegria», porque o resultado deste conhecimento é indiscutível! (...) E dirigindo-se aos portugueses presentes: - E então vós falareis do vosso país [sic], que nós devemos amar; da vossa gloriosa História, desde os feitos dos descobrimentos lusos até hoje; da vossa vontade de ferro, do vosso Presidente, general Carmona e do vosso genial homem de Estado Salazar e tereis ainda palavras para os vossos esforços em glorificar também o trabalho neste País [sic] e cuja organização «Alegria no Trabalho» nos proporcionou esta bela e harmónica confraternização.¹⁴¹

O *Diário de Notícias* comunicava ainda as declarações do Dr. Lafferenz, sub-secretário de Robert Ley, feitas ao *Diário de Notícias*, em Lisboa: este enaltecia os feitos heróicos dos portugueses, comparava as vivências políticas entre os dois países e elogiava a hospitalidade portuguesa para justificar o interesse e a decisão em optar por Portugal como um destino predilecto da KdF. Referia ainda a massiva aderência alemã ao projecto e antevia a continuação das viagens a Portugal, tendo como evidente resultado a aproximação das duas nações. O estreitamento dos laços diplomáticos entre a Alemanha e Portugal é reforçado pela analogia dos regimes políticos vigentes nos dois países, usada como pretexto pelo sub-secretário de Robert Ley, e pela promessa de massivo retorno no ano seguinte, dos turistas da KdF.

Portugal é um país que está em moda na Alemanha. Conhece-se desta terra maravilhosa a sua história de grandes feitos, os seus descobrimentos e conquistas. Sabe-se que em Portugal se vive, como na Alemanha, uma hora de intenso nacionalismo e que a hospitalidade aqui é uma virtude praticada sinceramente praticada por todos os portugueses. (...) Se fosse possível teriam vindo nesta viagem, em vez de quatro mil trabalhadores, quarenta mil. As inscrições avultaram e a «Kraft durch Freude» viu-se seriamente embaraçada para poder realizar a distribuição dos pedidos de viagem. (...) Estas viagens, que terão prosseguimento no próximo ano, muito devem contribuir para um maior estreitamento de relações entre alemães e portugueses.¹⁴²

Nesta edição o *Diário de Notícias* expõe ainda as actividades levadas a cabo pelos visitantes, como por exemplo as habituais excursões pela ilha e mais um concerto no

nacional-socialista. Assim, a própria «Força pela Alegria» iria fornecer o modelo para a criação da referida Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho, instituída em Maio de 1935, ou seja, apenas dois meses após o primeiro cruzeiro *KdF* a Portugal, o que – como já a própria escolha do nome para essa nova organização parece indicar – não aconteceu certamente por acaso, conforme comprova um estudo historiográfico da autoria de José Carlos Valente (1999) em que se explica o contexto do surgimento da FNAT e a sua inspiração directa na congénere organização de lazeres alemã.» (Matos, 2010: 279).

¹⁴¹ *Diário de Notícias*, 12 de Abril de 1936, p. 2.

¹⁴² *Idem*

Jardim Municipal, executado pela banda particular de Hitler, fardada a rigor, com os seus «vistosos uniformes». Foca-se a mestria com que este foi cumprido e salienta-se a enorme afluência de espectadores e a profusão dos seus aplausos. Volta-se a sublinhar a importância das excursões para a economia regional e a propaganda que estas potencialmente envolvem para ao turismo da ilha. Remata: «A nós, madeirenses, só nos resta tornarmo-nos sempre credores das simpatias e preferências que a “Força pela Alegria” manifesta pela nossa ilha.» Ao lado, noutra filete contíguo a este, lê-se o título de um outro artigo, também digno de primeira página: «A questão da Renânia – A situação Internacional continua a ser extremamente delicada». A militarização da zona do Reno pela Alemanha não parece ter influído na posição positivista tomada pela redacção do *Diário de Notícias* em relação aos visitantes alemães.¹⁴³

A 5 de Outubro de 1937 o *Diário de Notícias* anuncia em primeira página, como habitualmente, a chegada próxima de «2.500 alemães da “Força pela Alegria” nos transatlânticos *Sierra Cordoba*, *Oceana* e *Der Deutsche* e lembra que esta organização alemã «sintetiza bem o espírito de nação social que caracteriza a nova Alemanha.» Precisamente um dos objectivos da KdF, apontados por Mário Matos, seria o de promover a política social do regime nazi, quer a nível interno ou externo, numa tentativa de compensar a imagem do país pelo não cumprimento do estipulado no Tratado de Versalhes (Matos, 1996: 209). Assim refere o autor: «Os artigos da imprensa de então traduzem, por vezes num discurso verdadeiramente apologético, as simpatias pela Alemanha e “seu interessante organismo social de recreio <Força pela alegria>» (Matos, 1996: 207). E o *Diário* concluía que com a conclusão da construção de novos barcos pela KdF, a ilha passaria a ser frequentemente visitada «...pelos filiados daquela poderosa organização, motivo pelo que se impõe aos madeirenses receber aqueles excursionistas com o maior carinho para o bem do bom nome que gosa [sic] a nossa terra em toda a Alemanha.»¹⁴⁴

A 15 de Outubro de 1937 sai na primeira página do *Diário de Notícias* um espaço dedicado a duas festas celebradas a bordo dos dois barcos, *Sierra Cordoba*, em obséquo à comunidade alemã na Madeira, e no *Der Deutsche*, em honra das entidades oficiais, das figuras públicas e dedicado também à imprensa regional. Assistiu-se a actuações de piano,

¹⁴³ *Idem.*

¹⁴⁴ *Diário de Notícias*, 5 de Outubro de 1937, p. 1.

de harpa e de canto, por «conceituados» artistas alemães, seguidos dos discursos proferidos por oradores alemães e madeirenses, como Dr. Álvaro Favila Vieira, uma figura pública de então:

Falou depois o ilustre madeirense sr. Dr. Álvaro Favila Vieira, deputado e 1º secretário da Assembleia Nacional [após o discurso do representante de Robert Ley, sr. Weberpals]. S. Ex.^a começou o seu curto mas brilhantíssimo discurso de exaltação nacionalista, afirmando que ficaria mal consigo próprio se não agradecesse, em seu nome em nome e no de todos os convivas portugueses, de viva voz, as amáveis referências feitas à Madeira, a Portugal e aos seus chefes políticos pelo sr. Weberpals, dirigente da excursão da “Força pela Alegria” que agora nos visitava. Afirmou-se um velho amigo e admirador da Alemanha e como soldado de uma causa comum saudou e fez o elogio do Nacional-Socialismo que na Europa marcava uma posição decidida e desassomburada contra o inimigo comum. O sr. Dr. Favila Vieira com grande entusiasmo e brilho oratório diz que uma organização como a “Força pela Alegria” só era possível num regime fortemente organizado e de acentuado espírito social que nas suas grandes manifestações políticas mostrava o seu poder de realização, o seu dinamismo e o seu valor espiritual. Saúda nos presentes os construtores da nova Alemanha, terminando por levantar um viva a Hitler e à Alemanha nacionalista. O sr. Dr. Favila Vieira, que é uma das figuras de maior prestígio do moderno movimento nacionalista¹⁴⁵, foi no final do seu discurso vivamente felicitado.¹⁴⁶

Sensivelmente um ano depois, a 24 de Março de 1938, o *Diário de Notícias* volta a noticiar a visita dos trabalhadores alemães. As praxes não se alteram: na primeira e terceira páginas informa-se que o cônsul alemão subira a bordo para apresentar cumprimentos de boas-vindas, invariavelmente refere-se as excursões organizadas pelo cônsul aos excursionistas e às figuras ilustres alemães, o cumprimento dos dirigentes da frota ao governador civil, a tradicional festa a bordo dos navios em honra das autoridades locais, da colónia alemã e imprensa regional e por fim, o concerto no Jardim Municipal realizado por uma banda de bordo. O jornal acrescenta dados estatísticos sobre a operação turística do ano transacto, informando terem visitado a ilha cerca de dois mil e seiscentos operários, prevendo para o presente ano de 1938 cerca e sete mil e oitocentos turistas e um potencial aumento para o ano seguinte, dado as inscrições já existentes. É feita ainda uma observação ao baixo valor que os excursionistas pagam pelo cruzeiro, um valor equivalente a um quinto do preço que pagariam se viajassem a bordo de um navio de terceira classe. De acordo com Mário Matos (1996), teriam sido criadas contas de poupança, «Reise-Sparkarten», para o fim específico das viagens de cruzeiro, tanto no interior da Alemanha, como para o estrangeiro: aos

¹⁴⁵ Cfr. «Perspectivas e pareceres: A Alemanha na Imprensa Madeirense».

¹⁴⁶ *Diário de Notícias*, 15 de Outubro de 1937, p. 6.

fiordes da Noruega, à Itália, à Costa Adriática, à Grécia, a Tenerife, a Tripoli (colónia italiana, na Líbia) e a Portugal, nomeadamente a Lisboa e arredores, aos Açores e à Madeira. As *Atlantikfahrten*, realizadas especialmente na Primavera e Outono, eram, na perspectiva de Mário Matos, consideradas as mais apreciadas entre todas, equivalendo o seu valor aproximadamente à média do salário mensal líquido de um trabalhador. Apesar dos preços vantajados, nem todos os trabalhadores poderiam aceder a estas viagens: «...na realidade nem sequer um em cada mil alemães pôde usufruir dos 700.000 bilhetes para viagens marítimas promovidas pela KdF.» (Matos, 1996: 204).

A 29 de Abril de 1938 é publicado no *Diário de Notícias* uma reportagem relacionada com as Olimpíadas de Berlim, elaborada por um repórter deste diário, convidado pelas entidades oficiais alemãs a visitar o pavilhão da «Aldeia da Força pela Alegria», um recinto instalado nos arredores da Praça Adolf Hitler, com a finalidade de receber os associados da DAF durante o período dos Jogos Olímpicos. Este repórter teria sido recebido e acompanhado pelo presidente do Comité Olímpico Português, pelo Ministro da Alemanha em Portugal, o Barão von Huene, pelo Dr. Lafferenz, secretário do Dr. Ley, e pelo Sr. Paulus, dirigente da «Força pela Alegria». No seu interior o repórter descreve como se surpreendeu com a inesperada publicidade da Madeira, através de um écran onde figuravam paisagens da ilha e se exibiam documentários de todas as viagens realizadas pela KdF. De acordo com o explicado pelo repórter, todas as noites ali afluíam cerca de vinte mil pessoas. Ali se exponham paisagens captadas pelos operadores de bordo dos navios KdF, como vistas de São Vicente, Encumeada, Machico, Poiso e de outros pontos da ilha. O dirigente da «Força pela Alegria» declarava: «Uma viagem à Madeira é um dos sonhos dourados de todo o alemão de qualquer categoria social; é uma aspiração que desejam ver realizada breve.»¹⁴⁷ Esta aldeia fora montada num espaço de uma semana, com o objectivo de acolher os associados da DAF que se dirigiam às Olimpíadas e componha-se de seis pavilhões com capacidade para cerca de vinte mil pessoas, estação de caminho de ferro com ligação a várias estações de Berlim, parque com cinema ao ar livre, restaurantes e animação.

No entretanto, no intervalo do espectáculo, que decorre com animação comunicativa, um «regisseur» chega ao palco e tece o elogio à Madeira “a terra linda que tão

¹⁴⁷ *Diário de Notícias*, 29 De Abril de 1938, p. 4.

carinhosamente recebe as excursões da força pela Alegria”. Toda a assistência se manifesta ruidosa e simpaticamente, num aplauso que nos sensibiliza, de verdade. Tivemos então ocasião de, mais uma, vez de constatar quanto a Madeira é lembrada pelos associados da “Força pela Alegria”. Terminados os ruídos da manifestação clamorosa, esclarece-nos o Professor Roth: “ Mais de 200 mil alemães, que é o número de associados da Força pela Alegria que durante o período olímpico passará por este recinto, ouvirão, nos diferentes pavilhões, as mais lisonjeiras referências à Madeira, isto sem contar com os milhares de visitantes, alemães e estrangeiros, curiosos, que aqui vêm todas as noites, compartilhar da alegria que se vive neste encantador ambiente”.¹⁴⁸

O jornalista conclui que o reportado era mais que suficiente para ter uma noção do que era na verdade a «grandiosa» organização «Força pela Alegria» contando com cerca de vinte e três milhões de associados, informando sobre a próxima visita do seu mais moderno navio que visitará a ilha, na sua primeira viagem – o pacote de luxo *Wilhelm Gustloff*. De facto, no dia seguinte, 30 de Abril de 1938, o *Diário de Notícias* comunica a chegada, na véspera, de três navios da KdF – *Der Deutsche*, *Sierra Cordoba* e o já anunciado *Wilhelm Gustloff*¹⁴⁹ trazendo na totalidade três mil e duzentos filiados. A bordo, na tradicional festa dedicada aos ilustres da Madeira e da colónia alemã, assistiu-se a interpretações de canto, ao concerto de uma orquestra alemã e a uma exibição de bailados madeirenses executados por um grupo da Escola Industrial e Comercial do Funchal, os quais foram aplaudidos calorosamente pela assistência.

Ainda a 24 de Julho de 1938, o *Diário de Notícias* publica um artigo de opinião, assinado por Luís Vieira de Castro, intitulado «Von Reichenau». Neste espaço o autor comenta o discurso do general «nazi»¹⁵⁰ von Reichenau, referente à intervenção da Alemanha na guerra espanhola, e a explanação das razões apontadas por este na decisão desse acto. De certa forma, tomando uma atitude de cepticismo perante os factos apresentados pelo general, Vieira de Castro observa:

Com acerto observava Varillon que as costas de Marrocos e as imediações de Gibraltar se tinham tornado ponto de reunião habitual das esquadras inglesa, francesa

¹⁴⁸ *Idem.*

¹⁴⁹ Este navio de luxo foi posteriormente, ainda antes do eclodir da 2ª G. Guerra, usado para transporte de tropas alemães que participaram no conflito espanhol, ao lado do General Francisco Franco, sendo depois adaptado a hospital, a partir de 1939. Ainda no fim do governo do III Reich recorreu-se a este navio para salvar os foragidos alemães da parte oriental da Alemanha, da investida soviética. Acabou por ser alvo de torpedos soviéticos em Janeiro de 1945, afundando-se com mais de cinco mil pessoas a bordo (Matos, 2010: 280).

¹⁵⁰ Termo usado por Luís Vieira de Castro.

e alemã – com visitas frequentes aos portos de Lagos, Lisboa e Funchal, para onde são sempre dirigidas também as «excursões de treino» da *Kraft durch Freude*. A Madeira, a acreditar no que contam de Von Reichenau, é um ponto ideal de observação à entrada do Mediterrâneo...¹⁵¹

Esta observação alude ao interesse de natureza estratégica e político-militar representada por detrás da aproximação luso-alemã das viagens da *Kraft durch Freude*. Este seria o último artigo encontrado sobre o assunto, na imprensa coeva. Assim se manifestaram os jornais regionais, os construtores de opinião pública, perante a visita massiva e assídua da frota da *Kraft durch Freude*. Em termos gerais, exceptuando o caso do jornal *Re-Nhau-Nhau* e deste último caso, estivemos perante uma visão calorosa e receptiva, enaltecedora até sobre esta organização alemã. Na imprensa local não faltaram os elogios à política social alemã, os constantes apelos à hospitalidade madeirense, a referência à fraternidade e amizade entre os dois países, as implicações na política externa, as vantagens do contacto com o «outro», a interculturalidade de dois povos de regiões geográficas distintas. Não deixando, porém, de se relevar ou «incutir» nos leitores o factor económico – o potencial interesse turístico e os subsequentes dividendos bem-vindos num período de difícil conjuntura económica. Tudo interessava, já não havia reservas anglófilas.

¹⁵¹ *Diário de Notícias*, 24 de Julho de 1938, p. 1.

3.3. Os Acampamentos da Juventude Hitleriana na Madeira, 1935-1937



Ilustração 5 - Elementos da Juventude Hitleriana, por altura do 3º Acampamento na ilha, de 23 de Julho a 18 de Agosto de 1937.

Grupos de membros da Juventude Hitleriana visitaram a ilha também durante o período em que na ilha estiveram as excursões da KdF. Em vez de aqui se deslocarem na Primavera e Outono como estes, vieram durante os Verões de 1935 a 1937, a convite do cônsul da Alemanha, Emil Franz Gesche. Eram grupos diferentes todos os anos mas sempre acompanhados do mesmo líder, constituídos por onze a catorze elementos, com idades de onze a dezasseis anos. Paul Busch era o seu líder, o qual em todas as estadas deixava as suas dedicatórias registadas no Livro de Honra da Quinta Olavo. O primeiro acampamento realizou-se de 18 a 30 de Julho de 1935¹⁵², o segundo de 15 de Julho a 5 de Agosto de 1936¹⁵³, e o último, de 23 de Julho a 18 de Agosto de 1937¹⁵⁴. Os jovens montaram as suas

¹⁵² Cfr. Anexo 19.

¹⁵³ Deste acampamento fez parte Kurt Gesche, filho do cônsul da Alemanha, na altura com quinze anos. Ver Anexos 20 e 21.

¹⁵⁴ Cfr. Anexo 22.

tendas nos jardins da Quinta Olavo, residência do cônsul da Alemanha, onde foram recebidos durante todas as estadas na ilha. De acordo com o testemunho de Elisabeth Gesche, filha do cônsul, Emil Gesche, e Eberhard Wilhelm, estes teriam vindo de vapor, directamente da Alemanha e desembarcado no porto do Funchal com isenção de direitos de embarque e desembarque, tanto na chegada como na partida – a pedido da Legação Alemã, por não possuírem meios financeiros para tal (Wilhelm, 2002a: 61).

As suas actividades na ilha eram diferenciadas. O cônsul Gesche teria organizado jogos de futebol na própria Quinta Olavo, com os escuteiros madeirenses, acompanhados pelo seu chefe, o capitão Eduardo dos Santos Pereira. Fornecera-lhes também mapas da ilha e dera-lhes instruções por onde fazer as suas explorações a pé e de camioneta. Estes ter-se-iam deslocado até ao Poiso, Ribeiro Frio, Pico do Areeiro, Queimadas, Santana e até ao Caniçal. Iam nadar para o cais da cidade, para a Praíinha e para o Lido. Por ocasião do segundo acampamento na ilha, fora organizado um serão de convívio na Quinta Olavo com os jovens da Juventude Hitleriana, onde o Delegado do NSDAP na Madeira, Wilhelm Hoffmann, também fora convidado¹⁵⁵. No entanto, como medida preventiva, o Ministério dos Negócios Estrangeiros português, tomando conhecimento através da Delegação da Alemanha em Lisboa da chegada a Portugal do grupo da *Hitlerjugend*, teria providenciado através da PVDE, a abertura de um dossier especialmente dedicado a estas visitas:

Numa carta, datada de 8 de Maio de 1936 (Processo 13 nº 96), a Secretaria Geral do Ministério dos Negócios Estrangeiros deu conhecimento ao Ministério do Interior de ter sido informada pela Delegação da Alemanha de Lisboa da chegada ao Funchal, em Julho, de uma excursão de dez membros da «J.H.». Tinham sido convidados pelo cônsul da Alemanha na capital madeirense. A viagem era organizada pela Administração da Juventude do Reich («Reichsjugendführung») (Wilhelm, 2002a: 61).

A reacção da imprensa local foi apenas evidenciada pelo *Diário de Notícias*, o qual publicava a 8 de Agosto de 1936 um artigo, em primeira página, intitulado: «Impressões de visitantes sobre a Madeira» - este fundava-se nas impressões descritas e vividas pelo chefe do grupo da Juventude Hitleriana na Madeira. O *Diário de Notícias* expressa-se subjectivamente sobre as palavras enviadas por este líder à sua redacção: «O sr. Paul

¹⁵⁵ Estas informações foram fundadas no testemunho de Elisabeth Gesche, facultado durante as entrevistas efectuadas à ex cônsul da Alemanha, de Março de 2010 a Junho de 2011.

Busch, chefe do grupo de jovens hitlerianos, que passou uns dias na Madeira, tendo regressado ontem à sua pátria, enviou-nos, por escrito, as suas impressões que gostosamente arquivamos nas colunas do nosso jornal.»¹⁵⁶ Nesta carta transbordam os elogios constantes à Madeira tecidos pelo líder da juventude Hitleriana. Nela se relatava que após três semanas de estada na ilha, causava-lhes pesar terem de partir. Este referia-se à ilha como um dos recantos mais bonitos da terra, e enaltecia o inesquecível tratamento polido e atencioso com que nela foram recebidos. Paul Busch expressa da seguinte forma a atenção recebida da família anfitriã e de outros amigos madeirenses:

Os madeirenses trataram-nos não como visitantes, mas sim como amigos (...) Com os escutas do grupo comandado pelo Ex.mº Sr. Capitão Eduardo dos Santos Pereira, travaram os meus rapazes relações de verdadeira amizade. Alimentamos o desejo que esta amizade venha a abraçar não só as nossas pessoas, mas também as nossas respectivas pátrias, Portugal e Alemanha, que nós amamos com todo o nosso coração e que a mocidade dos dois países aprendeu a conhecer para respeitar-se mutuamente. Termino, dando um «Viva» cordial aos nossos amigos Portugueses e agradecendo a sua hospitalidade.¹⁵⁷

Assim se manifestara o intercâmbio cultural e as reacções resultantes de ambas as partes, da Juventude Hitleriana para com os madeirenses e particularmente, a resposta-reacção do objecto aqui em estudo, a imprensa madeirense, através do *Diário de Notícias*, para com esta organização da juventude alemã. O empenho empreendido pelo cônsul da Alemanha, Emil Gesche, no relacionamento entre a *Hitlerjugend* e os escuteiros madeirenses, assim como na organização da vinda destes à Madeira, havia sido coroado de êxito, chegando estes inéditos acampamentos a repetirem-se ao longo de três anos. Contudo, para a concretização de um verdadeiro intercâmbio teria faltado o convite para os escuteiros madeirenses acamparem na Alemanha. Segundo o reportado pela ex cônsul da Alemanha, Elisabeth Gesche, um destes jovens da *Hitlerjugend* teria revisitado a ilha pela vigésima vez, em 2010, tendo revisto a Quinta Olavo, a fim de trazer à memória as férias da sua juventude, cerca de três quartos de século antes, na década de trinta. De facto, como declarava em todas as suas dedicatórias, o seu líder Paul Busch, «esta feliz experiência de férias significará para os rapazes uma alegre recordação para toda a vida e é a mais bonita homenagem para todos os esforços e preocupações».

¹⁵⁶ *Diário de Notícias*, 8 de Agosto de 1936, p. 1.

¹⁵⁷ *Idem*.

3.4. As relações Internacionais: uma visão da diplomacia luso-alemã na Imprensa Madeirense

Nesta abordagem às manifestações da diplomacia luso-alemã na Imprensa Madeirense, seguir-se-á uma ordem cronológica, atendendo à baliza temporal do estudo, de 1917 a 1939. Um dos periódicos regionais mais coniventes com a facção anglófila e sectário da aliança luso-britânica era *A Verdade*. Fundado por altura da Grande Guerra, em Maio de 1915, vem a cessar actividade pouco depois da Assinatura do Tratado de Versalhes, em Novembro de 1919, vivendo praticamente durante quase todo o período do conflito mundial. Já a 7 de Agosto de 1915, o jornal *A Verdade* publicava um artigo intitulado «Acção parlamentar» o qual elucidava claramente a sua opinião quanto à diplomacia portuguesa perante a Grande Guerra. Tendo em conta a situação conflituosa com a Alemanha, acusa-se a atitude do país em permitir a permanência do ministro da Alemanha em Portugal e o ministro de Portugal na Alemanha, assim como o silêncio do parlamento quanto à revolta dos jornais indignados com a saudação do ministro da Alemanha ao Kaiser:

Não se discute nem se define a atitude de Portugal ante o tremendo conflito europeu. Os alemães invadiram o território portuguez [sic] e massacraram alguns dos nossos compatriotas, na África Ocidental, mas o ministro de Portugal continua em Berlim e o da Alemanha em Lisboa! Não se sabe, nem houve ainda um deputado que, no parlamento, interpelasse o Governo a fim de saber-se se Portugal é neutro ou beligerante. E, para eterna vergonha de quem tal acção cometeu, houve quem em nome de Portugal fosse cumprimentar o Kaiser, no dia do seu aniversário, na pessoa do seu ministro em Lisboa! E o parlamento uma vez normalizado [sic], ainda não repudiou essa afronta de que vários jornaes[sic] se fizeram eco!¹⁵⁸

A 18 de Março de 1916 a notícia da declaração de guerra da Alemanha a Portugal surgia no jornal *A Verdade* com o título «Portugal e a Guerra Europeia. A Alemanha declara guerra a Portugal». Esclarecia que tal declaração não teria constituído uma verdadeira surpresa, já que tudo levava para tal participação. Evoca o ataque alemão às colónias portuguesas em África, salientando a ambição, a arrogância, a tirania alemã e troça do ressentimento alemão pela apreensão de Portugal dos seus barcos:

¹⁵⁸ *A Verdade*, 7 de Agosto de 1915, p. 1.

A Alemanha que em plena paz e abusando da sua força planeava absorver a nossa bela província d'Angola, esqueceu-se cega pela ambição, de que o direito da força poderá temporariamente atormentar e enxovalhar a força do direito, mas jamais conseguirá aniquilá-lo, porque cedo ou tarde, a luz sobreleva as trevas e a verdade suplanta e emudece o imbuste [sic], a arrogância e a tirania. A Alemanha que não hesitou invadir o nosso território d' além-mar, e traiçoeiramente massacrar os nossos irmãos nas terras de Naulila, sentiu-se agora ferida no seu orgulho imperial e militarista por Portugal se utilizar d'alguns dos seus vapores, utilização [sic] de que o nosso Governo se comprometeu dar as devidas compensações em tempo competente.¹⁵⁹

A 18 de Janeiro de 1919 é assinada a Conferência de Paz em Paris e sensivelmente quatro meses depois, a 22 de Maio de 1919 *A Verdade* editava um artigo relacionado, denominado «Na Conferência de Paz. Portugal e os seus Aliados» - onde se expressava a preocupação pelo não pagamento da indemnização de guerra a Portugal e o desejo em que o país tivesse direito a fazer parte nesta Conferência de Paz. Salieta a cooperação de Portugal com Inglaterra durante o conflito e o comprometimento deste no respeito pela aliança luso-britânica, não sendo por esse mesmo facto justo a não concordância com a devida indemnização de guerra. Inconformado, o jornal declara ser incompreensível uma Alemanha derrotada ficar mais beneficiada do que uma nação colaborante com os vencedores, como Portugal:

O que a imprensa nacional e estrangeira relata acerca da situação de Portugal na conferência da Paz, é caso para sérias apreensões, pois que, não havendo uma indemnização, o nosso paiz [sic] ficaria arruinado. A Alemanha vencida, mas com enormes recursos, não ficaria ainda assim numa situação tão desesperada como o nosso Portugal, que tudo arriscou ao lado das nações aliadas, por amor da justiça e da liberdade. E a nossa fiel aliada, a Inglaterra será capaz de consentir em tal? Impossível. Portugal, que desde o início da guerra poz [sic] os seus portos incondicionalmente à disposição dos aliados, que os auxiliou com homens, material de guerra e cumpriu lealmente os tratados de aliança com a Gran [sic] Bretanha, não pode nem deve ficar equiparado às nações neutras que se limitaram a mandar os seus caixeiros viajantes à França. Isso, como bem diz Afonso Costa, representaria a maior das injustiças até hoje perpetradas, seria uma ingratidão, uma iniquidade, uma inqualificável vergonha para as grandes nações que tal consentissem. Pois que? Então uma nação vencedora hade [sic] ficar em peores [sic] condições que a vencida? Neste caso a Alemanha ainda viria a impor-nos a entrega dos seus vapores apresados e dos bens dos seus súbditos leiloados.¹⁶⁰

Ainda no concernente ao período da guerra, a 14 de Agosto de 1919 *A Verdade* anunciava na sua terceira página o título «Hindenburg e a Alemanha», onde se noticiava que

¹⁵⁹ *A Verdade*, 18 de Março de 1916, p. 1.

¹⁶⁰ *A Verdade*, 22 de Maio de 1919, p.1.

Hindenburg se havia demitido após a derrota da Alemanha, declarando publicamente que o seu país não estava derrotado, sim provisoriamente debilitado. O jornal informava que este general proclamava o renascimento da Alemanha, o seu revigoramento e vingança. Uma semana depois, a 21 de Agosto de 1919, um redactor do jornal *A Verdade* expressa-se em tom de protesto e de ironia sobre o avantajado empréstimo pelos EUA à Alemanha:

Os jornaes dão a notícia dum empréstimo de cem milhões de dollars, feito pelo Norte da América à Alemanha. Neste andar, não admira que a Alemanha, vencida na mais cruenta guerra que reza a história, se levante e, daqui a 5 anos esteja mais rica e poderosa que as nações vencedoras. Quem não sabe vender fecha a loja!¹⁶¹

Mais tarde, por altura do rearmamento da Alemanha, a 23 de Março de 1935, encontra-se um grupo da *KdF* na ilha da Madeira. Nesta mesma data, o *Diário de Notícias* publica um artigo de primeira página, denominado «Momento Internacional. Horas de incerteza», artigo esse não assinado. Aqui neste espaço o jornal exterioriza a sua preocupação pela iminência de um conflito mundial, baseando-se no armamento generalizado, adoptado como medida de precaução de muitos países europeus. Este refere que, apesar de passado relativamente pouco tempo após a última guerra, o mundo ainda transtornado, volta a viver uma situação de preocupação e ansiedade, de incerteza pelo futuro. Neste contexto, o redactor do *Diário de Notícias* refere o ressentimento e inconformidade manifestos pela Alemanha em relação às medidas impostas pelo Tratado de Versalhes, deixando transparecer, de certa forma, uma vaga empatia e compreensão pela motivação da conduta alemã, denotado nos últimos quatro períodos da citação:

A grande guerra terminou pelo Tratado de Versailles. A Alemanha vencida teve de aceitar as condições que lhe foram impostas. Mas o espírito alemão é que não se conformou nunca com as restrições que lhe eram impostas à sua expansão naval e militar. E, desde o dia seguinte, ao da assinatura do célebre Tratado que poz [sic] termo á grande guerra europeia, o engenho alemão poz [sic] em prática um plano, metódico e ordenado, há muito, porventura, conhecido, mas agora, plenamente revelado com as sensacionais revelações do chanceler germânico. Á diplomacia alemã, impregnada do espírito de Bismark [sic], cabe na organização deste plano formidável um papel importantíssimo. A princípio deu-se ao mundo a ilusão aparente de se querer viver dentro do tratado. Dentro mais do seu espírito do que da sua letra. Mas, em todo o caso, dentro da orientação pacifista que o tratado representava. Desde as instituições políticas, feitas à imagem e semelhança das adoptadas pelos países vencedores, à conduta pública dos seus políticos mais representativos, tudo parecia denunciar uma orientação nova nos costumes, no rumo, nas directrizes políticas da

¹⁶¹ *A Verdade*, 21 de Agosto de 1919, p. 1.

nação vencida. Mas o espírito alemão permanecia estruturalmente o mesmo e não tardou, dentro em pouco, a fazer-se ouvir a voz das reivindicações germânicas. Numa Europa cansada e horrorizada [sic] pela guerra, animada por sinceros desejos de paz e dominada pelas ideias pacifistas que tiveram em Briand¹⁶² a sua mais alta expressão, não foi difícil à política bismarkiana[sic] de Stresemann¹⁶³ [sic] conseguir para o seu país [sic] uma série de acordos e concessões que foram o primeiro, mas ao mesmo tempo, o grande golpe no Tratado de Versalhes. O tempo encarregou-se, depois, de assegurar à diplomacia germânica um triunfo mais completo. Iludido aquele tratado nalgumas das suas disposições fundamentais, sofismado e alterado noutras, o espírito alemão aproveitou, apenas, um momento de exaltação nacionalista para afirmar ao mundo que não podia de forma alguma conformar-se com as restrições que lhe foram impostas e que representavam a negação da soberania alemã, considerado este país [sic] como uma nação independente e livre. Os homens, a política, as instituições que se seguiram ao Tratado de Versalhes caíram. A sua missão estava terminada. Era necessário reatar a tradição alemã em toda a sua pureza. Outra não é a finalidade de Hitler¹⁶⁴

Assim elucidava o *Diário de Notícias* os fundamentos para a reacção da Alemanha quanto ao rearmamento e ao não cumprimento das cláusulas do Tratado de Versalhes – a reconquista da soberania alemã e o renascimento do espírito alemão lesado pelo tratado. Não sendo apologista de uma nova guerra, o *Diário de Notícias* afirmava ainda neste artigo «Se se pudessem prever, com exactidão, os resultados de uma nova guerra talvez nenhum país quizesse [sic] lançar o mundo numa aventura dessa natureza.».¹⁶⁵ A visão do jornal *Re-Nhau-Nhau* sobre a Alemanha enquadrada na mesma situação internacional e na mesma data, 23 de Março de 1935, é expressa na página quatro, com o texto intitulado «Politiquices». O jornal denuncia um discurso nitidamente distinto daquele expresso pelo *Diário de Notícias*, seja na forma de expressão ou no conteúdo. Em formato de radiogramas e num tom trocista, comentador da realidade, como é aliás de sua natureza, este faz um relato das reacções de diversos países sobre a violação de Hitler ao Tratado de Versalhes:

Lisboa, 17 – O Hitler, há dias, deu-lhe um renaço e pegou no tratado de Versailles e reduziu-o a fanicos. As outras nações, arregalaram-lhe o olho e ficaram mais tontos que uma barata ante aquele gesto subversivo do Fuehrer. A França ficou completamente abanada e não sabe se prega ou não prega uns bananos bem chegados na Germania belicosa. Londres, 18 – Tanto a França como a Inglaterra e a Itália, estão a cortar prego pelo facto de Hitler não se por com espinhas para rasgar o

¹⁶² Aristide Briand foi Primeiro Ministro de França por seis vezes, entre 1909 e 1929, Ministro da Relações Exteriores da França e detentor do Prémio Nobel da Paz, em 1926, pelo Tratado de Locarno.

¹⁶³ Gustav Stresemann foi Chanceler da República de Weimar de Agosto a Novembro de 1923 e detentor do Prémio Nobel da Paz, em 1926, pelo Tratado de Locarno.

¹⁶⁴ *Diário de Notícias*, 23 de Março de 1935, p. 1.

¹⁶⁵ *Idem*.

tratado de Versailles. Roma, 18 – Mussolini mandou as tropas engraxar as botas e encher o bernal de e provisões para se tanto for necessário, estarem prontos a irem escovar o fato dos alemães. Paris, 19 – As chancelarias teem [sic] estado de noite e de dia, sem pregar olho. Laval, ontem à noite, disse ao John Simon para não ir a Berlim sem primeiro falar com ele. Declarou também que a Alemanha está a pedir um bonito enxerto de pancadaria. Berlim, 19 – Hitler num discurso proferido e frente de um milhão de nazis, disse que a Alemanha está disposta a torcer o pescoço a toda a nação que apareça. Disse também que só quer que as nações aliadas se lixem e lhe passem para as mãos as colónias, um sabonete e uma toalha.¹⁶⁶

O *Re-Nhau-Nhau* consegue transmitir na sua ironia, na sua sátira e humor peculiar, as peripécias diplomáticas vividas na comunidade dos países europeus. Ridiculariza a aviação portuguesa, supostamente comparando-a com outras forças aéreas mais potentes; refere as tentativas de concertação diplomática por parte do secretário inglês dos Negócios estrangeiros, John Simon e menciona Monsieur Laval, e a sua denúncia na SDN acerca de Hitler; expõe a ambição de Hitler em querer recuperar a suas colónias, perdidas com a derrota da 1ª Guerra Mundial:

Lisboa, 20 – A aviação portuguesa tem feito inúmeros exercícios diurnos e nocturnos. As forças de terra e mar, idem na mesma data, só para fazer constar lá fora que se quizerem [sic] alguma coisa com Portugal é só lhe tocar na pontinha do nariz. Londres, 20 – Continuam as nações aliadas a cortar prego e danadas pelos tratos de polé que Hitler infligiu ao tratado de Versailles. John Simon¹⁶⁷ está na disposição de ir a Berlim dar dois dedos de cavaco ao Hitler e pedir-lhe para não ser mauzinho para a Inglaterra para que a Inglaterra não seja mazinha para a Alemanha. Paris, 20 – Monsieur Laval¹⁶⁸ mandou para a Sociedade das Nações um infólio diplomático dizendo que Hitler não tem o direito de abusar da paciência da França. Disse mais que se chegar a mostarda ao nariz da França vai haver bordoadas de criar bicho. Paris, 20 – Monsieur Laval mandou uma cartinha a Hitler nestes termos: Hitler, meu bom amigo, desculpa que te diga directamente mas saíste-me um galinha. Até parece que te queres alambazar com toda a Europa, depois de teres metido já no papo a região do Sarre, e de teres feito um aceno subversivo às dívidas de guerra. Bem sabemos que vocês os germanos querem as suas colónias mas nós franceses também não temos vontade de as largar porque nos estão a fazer um grande arranjo. Hitler, por quem és, deixa-te de coisas e vamos à Sociedade das Nações para eu ter o prazer espiritual de te apertar os ossos.¹⁶⁹

Nestes radiogramas finais alude à invasão da Polónia pela Alemanha e no final, na nota da redacção, o autor do artigo revela certa ambiguidade semântica: «Por todos os radiogramas que acima damos à estampa, estamos a ver que os céus internacionais ameaçam borrasca» pode referir-se à intervenção da censura sobre o editorial, ou a uma iminente deflagração mundial, ou a ambas.

¹⁶⁶ *Re-Nhau-Nhau*, 23 de Março de 1935, p. 4.

¹⁶⁷ Secretário inglês dos Negócios Estrangeiros.

¹⁶⁸ Primeiro-Ministro da França no regime de Vichy.

¹⁶⁹ *Re-Nhau-Nhau*, 23 de Março de 1935, p. 4.

Moscovo, 21 – Reina a paz em Varsóvia... com uma mobilização de 10 milhões de homens e mulheres! ... N. da R.- Por todos os radiogramas que acima damos à estampa, estamos a ver que os céus internacionais ameaçam borrasca. Quanto a nós estamos impávidos e serenos a ver a desbobinagem desta fita internacional, na disposição de continuarmos com até à data, a ganhar o pão à custa do suor do nosso rosto. Se eles querem guerras que as vão fazendo à sua vontade, e podem contar connosco tanto como nós contamos com eles quando de portas a dentro não há brazas [sic] na nossa lareira nem batatinhas no nosso tacho.¹⁷⁰

O mesmo jornal, *Re-Nhau-Nhau*, a 4 de Abril de 1935, volta a comentar a conturbada situação internacional, colocando a Alemanha no centro convergente das atenções mundiais. A luta pela restituição das colónias alemãs retiradas ao país, por altura da assinatura do Tratado de Versalhes, volta a ser tema, assim como a reinstalação do serviço militar obrigatório decretado pelo governo do Reich é também focalizada. O discurso jocoso deixa no ar a ameaça de guerra:¹⁷¹

A barafunda internacional continua: a Inglaterra ora se alia com a França, ora com a Alemanha, ora com a Rússia. A França ora está com a Rússia, ora com a Pequena Entente, ora bem, ora mal acompanhada. A Alemanha ora quer a paz, ora a guerra, ora as colónias, ora um sabonete e toalha. Ora acende ora apaga os altos fornos. A França mobiliza e desmobiliza forças na fronteira. A Itália, também ora mobiliza tropas para a Abissínia, ora para a fronteira. A Alemanha, mente e desmente a questão do corredor polaco. Faz exercícios bélicos em Berlim mas diz que só quer a paz, as suas colónias e mais nada. Bolas que isto é demais para um mundo só.¹⁷²

A 14 de Março de 1936, o *Re-Nhau-Nhau* volta a dirigir a sua crítica satírica à generalidade dos Estados europeus¹⁷³, em especial à nação alemã e ao *Führer*, buscando o tema da ocupação militar da Renânia. No meio do caos dos entendimentos europeus, salienta também o recurso dos vários países à moderação da Sociedade das Nações. O *Re-Nhau-Nhau* deixa, inclusivamente, transparecer os vários males que vigoram no inter-relacionamento dos diferentes países, como sendo a irresponsabilidade e inconsequência dos actos, a hipocrisia, a desconfiança, a falta de palavra, a insegurança contagiante, a audácia, o medo. Atitudes essas características dos tempos em que se vive no espaço europeu, contudo desprovidas de conteúdo:

¹⁷⁰ *Idem*.

¹⁷¹ Cfr. Anexo 23. Caricatura de Hermann Goering, responsável pela articulação do rearmamento da Alemanha. Comentário sobre a insegurança e preocupação internacional relativa à ameaça de guerra. *Re-Nhau-Nhau*, 4 de Abril de 1935, p. 7.

¹⁷² *Re-Nhau-Nhau*, 4 de Abril de 1935, p. 7.

¹⁷³ Cfr. Anexo 24. Caricatura dos líderes europeus, concebida pelo *Re-Nhau-Nhau*, 4 de Abril de 1935, p. 8.

A Alemanha preconiza a a criação [sic] de uma zona desmilitarizada e por isso militarizou a Renânia que era uma zona desmilitarizada, propriamente dita... O Führer afirmou que só quer a paz universal. No entanto vai-se armando por causa das carochas – que é como quem diz – arma-se até aos dentes para garantir a paz... em Varsóvia... No meio de toda esta barafunda internacional, estamos a verificar que há um só homem, que cumpre o que diz: esse homem é Hitler. Disse que os tratados se rasgam e lá está ele a rasgar os tratados. Os outros, que afirmam que os tratados se respeitam, não os respeitam, ou porque não podem ou porque dizem aos botões das suas casacas: - Tem-te não caias porque quem fez este corpinho já não faz outro. Devido a este rasgo de audácia dos alemães ocuparem militarmente a Renânia os franceses já se estão a doer dos cabelos e desataram a atar todo o material disponível em pessoas coisas e animais e, ergue-lo em pose agressiva – em ar de quem «avinça» e avisa: ó Führer se não te agachas, bebes do côco... Como era praxe, nestas emergências bélicas, as nações de calças na mão, acorreram pressurosas à mamã «Sociedade das Nações». Possivelmente a mamã há-de dizer o que sempre tem dito: - meninos, tenham juízo... e paciência, que isto são sinais dos tempos: aqui há muita parra, mas pouca uva...¹⁷⁴

Quinze dias depois, a 28 de Março de 1936 o jornal humorístico volta a incidir a crítica mordaz sobre a Alemanha. A ocupação da Renânia é ainda tema, assim como a inquietação, a apreensão e a ansiedade geral provocadas pelo silêncio da estratégia alemã.

A Renânia continua ocupadíssima pelos alemães e os franceses continuam ocupados em desocupar a Renânia. Por via disto tem havido em Londres conferências em tarda, nas quais os representantes das diversas potências teem [sic] falado pelos cotovelos. Só Hitler se matem caladinho como um rato, porque sabe que pela boca morre o peixe e que o silêncio é de oiro... O silêncio da Alemanha tem sido motivo das maiores agruras das potências que esperam pelo embaixador Ribbentrop¹⁷⁵, como os meninos esperam por um bombom... Em face destas atitudes temerárias, estamos já convencidos de que a única potência que sabe ser potência é a Alemanha, porque sempre que tem prometido chuva dá chuva, enquanto que as outras quando prometem chuva dão vento.¹⁷⁶

Dentro do âmbito das relações sócio-culturais e do desporto, a 25 de Abril de 1938, no *Diário de Notícias*, na primeira página, surge a notícia do jogo de futebol das selecções portuguesas e alemãs, em Frankfurt - «Grandes competições desportivas. Portugal, 1 – Alemanha, 1. Um memorável encontro de “foot-ball”. O madeirense Carlos Pereira foi o melhor jogador da selecção portuguesa.» O redactor referia ser uma competição de grande responsabilidade que motivara não só os aficionados ao desporto mas também as duas nações em campo. Na seguinte citação é evidente o constante elogio aos adversários alemães, inclusive até a simpatia do público alemão pelos jogadores

¹⁷⁴ *Re-Nhau-Nhau*, 14 de Março de 1936, p. 4.

¹⁷⁵ Embaixador da Alemanha na Inglaterra, de 1935 a 1938.

¹⁷⁶ *Re-Nhau-Nhau*, 28 de Março de 1936, p. 7.

portugueses no estádio de futebol, ainda mais em território alemão. A troca de galhardetes, os «emblemas com fitas nas cores de Portugal e da Alemanha», inclusivamente o empate do jogo a um a um, acentuam indubitavelmente a fraternidade, o mútuo e franco entendimento que o autor do texto quer insinuar existir entre as duas nações «irmãs»:

A imprensa alemã, salientava a categoria da selecção portuguesa, fazendo elogios aos nomes dos nossos azes de foot-ball. O mesmo sucedeu em Portugal quanto à selecção da Alemanha, que contava nas suas linhas um dos mais perigosos jogadores, o médio esquerdo (...) O jogo decorreu com uma lealdade extraordinária, de parte a parte, sem violências, o que facilitou a acção do árbitro que foi imparcial (...) Todo o público tributou à selecção portuguesa uma verdadeira manifestação de aplauso, atitude que muito sensibilizou os nossos compatriotas. O público foi correctíssimo, aplaudindo as boas jogadas dos portugueses. O frio era intenso, prejudicando os nossos jogadores, que não estão habituados a baixas temperaturas. No entanto, os portugueses ofereceram momentos de perigo às redes alemãs (...) O público tributou aos nossos jogadores uma calorosa manifestação de simpatia e de aplauso pela sua brilhante exibição, que causou verdadeiro assombro (...) Nas ruas de Berlim, durante o dia de ontem, venderam-se emblemas com fitas nas cores de Portugal e Alemanha, entrelaçadas (...) O capitão da equipa portuguesa ofereceu ao capitão da equipa alemã uma linda caravela, maravilhoso trabalho de filigrana.¹⁷⁷

Ainda dentro do mesmo contexto sociocultural e desportivo, a 8 de Agosto de 1938 o *Diário de Notícias* publica um artigo, assinado com as iniciais A.C., o qual deixa transparecer as impressões deste seu enviado especial, destacado para a cobertura dos Jogos Olímpicos, organizados nesse mesmo ano em Berlim. Viajando de comboio de Bremen para Hamburgo e, após ter provado uma cerveja «na origem», o jornalista experimenta sensações novas, fazendo a descrição da paisagem que por si passa. Descreve o verde das planícies, aponta as chaminés das fábricas, os «quarteirões de casas com malvas nos parapeitos», e sentindo o movimento estonteante das grandes cidades, descreve o lago Halster, o «lago de sonho e magia», deixando vislumbrar-se o seu enaltecimento pelos poetas e pensadores alemães:

Só ali, contemplando a quietude das águas espelhentas em que a tonalidade do poente põe laivos curiosos de cor – só ali – passeando sob as frondosas árvores de ramagens fofas – testemunhas confidentes de tanta promessa vã... - só ali, repito – se pode compreender a razão da Alemanha ser o país dos poetas e dos pensadores...¹⁷⁸

¹⁷⁷ *Diário de Notícias*, 25 de Abril de 1938, p. 1.

¹⁷⁸ *Diário de Notícias*, 8 de Agosto de 1938, p. 1.

A Madeira teria sido visitada com certa frequência por navios de guerra alemães, viajando nestes, por vezes, oficiais de altas patentes do III Reich. O hastear da bandeira alemã, as saudações e as praxes das visitas mútuas dos comandantes ao Palácio de São Lourenço e as das entidades oficiais madeirenses a bordo dos navios, eram uma constante¹⁷⁹. A título de exemplo, a 23 de Outubro de 1936 o *Diário de Notícias* informa os leitores sobre um navio da Marinha de Guerra alemã que se encontra na baía do Funchal, o cruzador *Schlesien*. De acordo com as palavras do repórter, o comandante v. Seebach, convidara a imprensa regional para uma recepção a bordo onde os jornalistas teriam sido obsequiados com champanhe e sanduíches. O redactor agradece «os requintes de gentileza com que foram recebidos» e descreve o «fino chá», oferecido pelo ilustre cônsul da Alemanha na sua residência, a Quinta Olavo, ao comandante do navio e aos seus oficiais, às «autoridades superiores do distrito e ao melhor da sociedade»¹⁸⁰. Na chegada das entidades oficiais à Quinta Olavo, a banda do navio toca o hino português. A distinta festa teria acabado com uma dança acompanhada por esta banda. Informa ainda que esta dará um concerto nesse dia no Jardim Municipal e que o comandante v. Seebach organizará um chá dançante a bordo no dia seguinte, em honra do cônsul alemão, das autoridades regionais, sendo também convidados outras ilustres figuras da sociedade madeirense e elementos da colónia alemã.

¹⁷⁹ Consultar Anexo 25. Visita oficial de dois navios de guerra alemães, *Panzerschiffe Deutschland* e *Admiral Scheer*.

¹⁸⁰ *Diário de Notícias*, 23 de Outubro de 1936, p. 1.



Ilustração 6 - Visita de Oficiais da Marinha Alemã. Foto tirada por altura de um jantar oficial. À direita, o representante do Governador Civil, Favila Vieira; terceiro da direita para a esquerda – o cônsul da Alemanha, Emil Gesche; ao centro Dorothea Gesche, esposa do cônsul; os restantes fazem parte da comitiva visitante da Marinha e dos anfitriões madeirenses, [s.d].

Na efeméride da instauração da República Portuguesa, neste caso a 5 de Outubro de 1937, o *Diário de Notícias* anuncia em letras grandes, na primeira página «Von Blomberg visitará em breve a Madeira». Esta notícia vinha acompanhada de fotografia do General. A visita do General von Blomberg, uma das grandes figuras do exército alemão, embarcado no navio *Grille*, realizar-se-ia por motivos de férias, planeando este visitar não só a Madeira, mas também os Açores. A notícia teria vindo de Berlim. Efectivamente, quatro dias depois, aparecia neste jornal, em primeira página, a informação enviada por telegrafia, sobre a chegada do General alemão, também Ministro da Guerra. O jornalista refere-se a este como a figura máxima do exército alemão, denominando-o de marechal. É evidente o deslumbramento do redactor pela distinta visita à Madeira, neste extracto da notícia:

Figura máxima do Exército Alemão, o marechal von Blomberg honra-nos com a sua preferência pela nossa acolhedora ilha e vizinhas ilhas dos Açores, para rota da sua viagem de férias, descanso merecido a quem tem as preocupações e responsabilidades

do seu alto cargo. Viajando absolutamente incógnito, longe da etiqueta protocolar, que transformaria por completo a finalidade do seu passei marítimo, o marechal Blomberg, como o afirma a imprensa autorizada do seu país, desprende-se assim de qualquer suspeição política que se possa atribuir ao objectivo desta sua viagem. Militar distinto, integrado absolutamente adentro do espírito renovador que anima a nova Alemanha, von Blomberg, pelo seu prestígio, pela sua inteligência e valor militar, ascendeu à mais alta patente do Exército Alemão, como um digno sucessor do marechal Hindenburg. A Madeira, que terá como seu hóspede, durante três dias, o ilustre Ministro da Guerra da Alemanha, honra-se altamente com esta categorisadíssima [sic] visita, que muito deverá contribuir para acreditar ainda mais o bom nome de que goza no seu país a nossa ilha. Apezar [sic] de S. Ex.^a viajar sob o mais rigoroso incógnito, como acima dizemos, o nosso diário não se dispensa de, na ilustre pessoa do cônsul da Alemanha nesta cidade e nosso distinto amigo, sr. Emile Gesche, de apresentar-lhe a suas mais respeitadas saudações e cumprimentos de boas vindas, apeteendo a S. Ex.^a, um estégio agradável nesta encantadora e hospitaleira ilha.¹⁸¹

Ainda nesta mesma página, ao fundo, a redacção do diário reserva um espaço para a informação sobre o navio de guerra *Grille*. Com aspecto de iate de recreio tratava-se de um navio usado para os trajectos das altas figuras governantes do Reich, inclusivamente para viagens de descanso de Adolf Hitler. As visitas e festas a bordo da praxe não estariam previstas. Na página dois da mesma edição surge um anúncio escrito em alemão, a comunicar um chá no Casino da Madeira em honra da tripulação do navio *Grille* e assinado pela DAF.

No dia seguinte, a dez de Outubro, faz-se referência, na segunda página, ao cumprimento a bordo, pelo cônsul alemão ao marechal Blomberg, acompanhado do seu filho, Kurt Gesche e do chanceler do consolado, Wilhelm Hoffmann, assim como aos passeios e visitas efectuados pelo marechal, junto da sua comitiva: ao Casino da Madeira (para a recepção do chá supramencionado com a colónia alemã), ao hotel Reids, ao Terreiro da Luta, Poiso, Pico do Areeiro, Ribeiro Frio, Santo da Serra, Portela, Machico, Santa Cruz. «Logo depois da chegada do “Grille“, grande número de curiosos acorreu ao cais, para admirar aquele lindo barco de linhas elegantíssimas.»¹⁸² O capitão do navio ter-se-ia deslocado ao Palácio de São Lourenço para cumprimentar o Governador Civil, o Comandante Militar e o Capitão do Porto, na capitania. A imprensa local fora convidada pelo comandante do navio para a sua visita, sendo-lhes aí também oferecido um «copo-de-água». Após a dita recepção, «os jornalistas retiraram para terra, trazendo a mais grata impressão de tão

¹⁸¹ *Diário de Notícias*, 9 de Outubro de 1937, p. 1.

¹⁸² *Diário de Notícias*, 10 de Outubro de 1937, p. 2.

interessante visita.»¹⁸³ A reportagem terminava com a informação da visita de automóvel á ilha, pelos cento e vinte marinheiros, e no dia seguinte de outros cento e vinte. Como é evidente neste artigo, o relacionamento com a marinha alemã era porventura salutar e fazia parte já da rotina portuária estas escalas pelos mares madeirenses.

No *Diário de Notícias* a 7 de Setembro de 1939, na primeira página publicava-se um artigo relacionado com as possíveis implicações da guerra no espaço insular madeirense. Aqui, o jornal realça a potencial afectação do turismo e da navegação, fatalidade que poderá ser resolvida pela opção de neutralidade do país, perante o conflito mundial. Essa seria, efectivamente, a solução eleita por Portugal, diante da Alemanha. O turismo constituía já uma prioridade na economia madeirense e esta tomada de posição minorizaria as circunstâncias e hipoteticamente, também os alemães continuariam a visitar o solo neutro da ilha:

A Madeira é sem dúvida das terras portuguesas a mais afectada pela actual situação internacional. A nossa situação atlântica, a importância da navegação e do turismo em toda a economia insular fazem com que se tenha de olhar apreensivamente o futuro que se abre diante de nós. Não é possível fazer prognósticos sobre a extensão e duração do conflito que agora começa, a medida em que uma neutralidade pode favorecer o nosso porto, as consequências definitivas que a guerra trará à navegação e ao turismo da Madeira. O governo português, conservando, perante a guerra, uma atitude de neutralidade, vai canalizar todas as suas energias no sentido de dar a todos os portugueses meios de vida e de trabalho (...)¹⁸⁴

Este corpus de opinião difundida pela imprensa madeirense é vasto¹⁸⁵, apesar disso sobressalta a crescente admiração pela Alemanha no período entre guerras. As relações económicas com este país não seriam de desconsiderar. De acordo com Armando Malheiro da Silva, as exportações alemãs teriam aumentado até ao deflagrar da Grande Guerra, nomeadamente, produtos como o carvão, produtos químicos, cimento, açúcar, papel, artigos de diversos metais, relógios, pianos, automóveis, oriundos sobretudo da Renânia. Portugal exportava para os mercados alemães essencialmente os vinhos (vinho do Porto e

¹⁸³ *Idem*, p. 5.

¹⁸⁴ *Diário de Notícias*, 7 de Setembro de 1939, p. 1.

¹⁸⁵ O presente subcapítulo engloba temas dispersos e pertinentes para a temática em questão, vivenciados no período em estudo e reportados pelos jornais coevos. Vinte e dois anos constituem uma margem de tempo relativamente extensa, se quiséssemos explorar a totalidade das dezenas de milhar de exemplares editados nesta referida baliza temporal. Sem possibilidades de ser comportado nesta estrutura, este subcapítulo constitui, por conseguinte, um desafio para um hipotético e futuro estudo exaustivo, subordinado ao tema.

da Madeira), uvas, pirite e volfrâmio, por volta de 1913 (Silva, 1995: 66). Segundo Oliveira Marques, antes da Primeira Guerra Mundial a Alemanha, depois de Inglaterra, seria o segundo país que mais exportava matérias-primas para Portugal (maquinaria, álcool, arroz, açúcar, aparelhos, etc). Após o hiato do período do conflito mundial, as relações comerciais mantidas com a Alemanha renasceram rápido, vindo nos anos vinte a tornar-se num dos melhores países importadores e exportadores para Portugal (Marques, 1993: 200). Como daqui se depreende, as relações comerciais com a Alemanha interessavam a Portugal, para não falar do turismo, no caso madeirense. A situação de neutralidade durante a Segunda Guerra Mundial irá permitir o seguimento das relações comerciais, enfraquecendo a partir do momento em que a derrota da Alemanha é já previsível.

Com referência à diplomacia luso-alemã, já em 1876 existia o consulado alemão na Madeira, representado por Georg Friedrich Sattler, que se deslocara à Madeira por motivos de doença da sua esposa, aconselhada a curar-se na ilha. Georg Sattler manter-se-ia no cargo até 1909, vindo a ser substituído pelo seu genro, Emil Gesche, em 1910. Este mantém-se no consulado até 1916, quando começa a grande guerra. Só em 1922 as suas portas reabrem, até 1945. No término da Segunda Guerra Mundial, aquando do corte de relações diplomáticas de Portugal com a Alemanha, o Consulado Alemão na Madeira é oficialmente encerrado entre 1945 e 1957. Oficiosamente, este continuará aberto para casos prementes. Em 1957 Emil Gesche, já com 81 anos, volta ao consulado, onde permanece até à sua morte, em Junho de 1966¹⁸⁶. A sua filha, Elisabeth Gesche, vem a ocupar o cargo de cônsul de 1967 até 1997, quando pede para se retirar, sendo substituída então por Ricardo Dumont dos Santos até à actual data. Durante a 2ª Guerra Mundial, o Consulado alemão fora assaltado, desaparecendo documentos de arquivo, os quais, mais tarde, lhos serão devolvidos pelo consulado inglês. O acervo deste é depois enviado para a Embaixada da Alemanha em Lisboa, a qual o envia para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Berlim, onde se encontra na presente data¹⁸⁷.

¹⁸⁶ Um dia após a sua morte, por coincidência, os navios alemães, *Deutschland* e *Ruhr* atracavam no porto do Funchal e, em memória do cônsul, os seus oficiais realizaram o funeral da Marinha, no cemitério inglês, onde descansa.

¹⁸⁷ Informação acedida através do testemunho de Elisabeth Gesche, ex cônsul da Alemanha na Madeira, registada nas entrevistas efectuadas entre Março de 2010 a Junho de 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tentou fazer emergir das profundezas do passado a imagem e o discurso madeirenses sobre o povo alemão e a sua nação. Vasculhando os testemunhos da época de então, juntamos um corpus de opinião que, pela sua amplitude e carácter multifacetado, adivinharia *a priori* uma complexa e multifacetada avaliação sobre o objecto em estudo. Por entre o envolvimento e profusão de documentação com conteúdos desiguais, uma atitude inquiridora levava-nos inevitavelmente a levantar questões de forma ininterrupta. O que se lê sobre os alemães no discurso público da Madeira? O que interessa verdadeiramente para se chegar a uma conclusão esclarecedora sobre o olhar madeirense? Esse discurso seria, na verdade, representativo? Representaria em uníssono a opinião da população madeirense? Certamente que não. Chegando a uma conclusão, verificamos que existiam os conservadores defensores da aliança luso-britânica, menos receptivos à influência germânica, os madeirenses passivos e não participantes em facções, e os «amigos dos alemães». Especificando, detectamos que a duplicidade de simpatias e antipatias foi manifesto expresso neste espaço entre guerras, verificando-se, em linhas gerais, uma incidência de atitude menos positiva perante a Alemanha, nos delicados e agitados picos das duas guerras mundiais, devido às consequências a ela inerentes. Porém, o mais interessante revelara-se: descobriu-se, neste referido espaço intermédio, de 1917 a 1939, um razoável afluxo de afinidades crescentes com o referido país e o seu povo, como sendo a simpatia de alguns madeirenses pela ideologia nacional-socialista e a empatia generalizada pela Alemanha, traduzida num relacionamento amistoso e interessado. Em forma de sumário final apontamos as ilações apuradas no presente estudo.

É falacioso tentar encontrar uma congruência na orientação e posicionamento ideológico nos jornais. A imprensa segue os acontecimentos que sistemática e inevitavelmente se alteram ao ritmo das ocorrências e peripécias do quotidiano, alterando-se por vezes a opinião. Além deste facto, há a considerar a existência de jornais de carácter situacionista que diligenciam o agrado geral, deixando assim transparecer uma ambiguidade de postura ideológica.

A vantagem das relações comerciais com a Alemanha não seria de forma alguma a desconsiderar na atitude da simpatia por este país. A Madeira vivia numa interminável e continuada crise económica. Todas as iniciativas que estimulassem a economia e o progresso da ilha importavam a esta causa. A Madeira poderia exportar vinho, bordados, vimes e outros mais produtos regionais para a Alemanha. A título de exemplo deste empenho em selar relações comerciais com este país, relembramos o Tratado de Comércio Luso-Alemão, assinado já em 1908, o qual possibilitava a entrada no país de produtos industriais alemães, em troca da exportação de vinhos. A urgência de escoamento de produtos regionais era premente, sobretudo dos bordados e do vinho: em fins do século XIX começara uma crise de superprodução vinícola, levando à baixa de preços e à falta de mercados externos para o escoamento do produto madeirense. Vista a situação do outro lado, para a Alemanha, a influência comercial em Portugal Continental e na Madeira seria igualmente importante, pois serviria de subterfúgio para o estreitar de relações políticas entre os dois países, tendo em vista não só o aspecto comercial, mas também a aproximação estratégico-política e diplomática. Tal facto foi constatado no empenhamento alemão demonstrado na tentativa de construção de sanatórios anti-tuberculosos na Madeira e de casinos, na primeira década do século XX. Como daqui se depreende, as relações comerciais com a Alemanha interessavam aos dois países, para não falar dos fluxos de turismo dirigidos à Madeira.

O factor Turismo como actividade de subsistência foi, sem qualquer dúvida, um aspecto a pesar na afinidade e na simpatia interessada pela Alemanha. Esse é, aliás, um fenómeno que continua a fazer-se sentir na presente data. Essa actividade fulcral e de capital importância para a economia madeirense, tivera já no passado, em fins do século XIX a experiência do turismo terapêutico e, no começo do século XX, a Madeira vira nascer o embrião de uma promessa de grandes potencialidades económicas, todavia abortada, com o fim da concessão dos negócios projectados pelo Príncipe de Hohenlohe. O turismo terapêutico de fins do século XIX, pouco beneficiara o grosso da população madeirense, pois fora uma actividade explorada pelos ingleses radicados na ilha e apenas por escassos madeirenses a estes ligados. No princípio do século XX surgiu a oportunidade da fundação de casinos e de hotéis de luxo na ilha pelos alemães mas a iminente e promissora expansão turística fora travada com a situação do fim da concessão dos sanatórios alemães, pela

colónia inglesa, receosa da concorrência. Restara a desilusão, a esperança adiada. Esta actividade económica constituiria uma inegável solução para o combate ao deprimente desemprego e ao salvamento da economia regional, não esquecendo ainda, a animação e alegria de uma cidade e ilha esquecidas no meio do Atlântico. A população humilde, mergulhada na miséria, teria como único remédio a emigração para o estrangeiro, uma derradeira forma de superar a situação conjuntural negativa. A crise económica e social manteve-se e fez-se sentir mesmo até meados do século XX, atribuindo-se ao governo central a responsabilidade e incapacidade de resolução da crise vivida. Com a chegada das frotas da *KdF* e a passagem do *Zeppelin* sobre o Funchal em 1928, a população madeirense deixara claramente transparecer o desejo de ultrapassar a crise geral através da prometedora actividade turística. Comprovando o esforço na aposta turística, em 1935, Fernão de Ornelas, então presidente da edilidade funchalense, delibera a pavimentação das ruas da cidade, segundo este, um péssimo piso para os naturais e para os estrangeiros visitantes da ilha. Delibera ainda a construção do Mercado dos Lavradores para venda de frutas, peixe e flores, lança a postura sobre a venda de flores e de gado no centro da cidade, arquitecta uma nova urbanização da cidade com base em novas avenidas, largas e alinhadas, como as Avenidas do Infante e do Mar. Constrói ainda vários miradouros, introduz o roteiro turístico do Funchal, determina a plantação de buganvílias sobre as ribeiras da cidade e a limpeza destas. Para este edil estas obras eram necessárias e importantes para levar a efeito o bom nome de uma terra de turismo, como a cidade do Funchal, para a qual aquela indústria se revestia de importância capital na economia da ilha (Lopes, 2008: 67).

Num artigo do *Diário de Notícias*, datado de 22 de Outubro de 1937, exemplificava-se perfeitamente como o turismo e uma política direccionada ao marketing turístico, constituía uma inquestionável fonte de riqueza para a economia regional. Este artigo fora escrito por um jornalista do *Diário de Lisboa* e transcrito pelo *Diário de Notícias* da Madeira. Aqui se exemplificava como a indústria do turismo era já uma sólida instituição na ilha e exemplo a seguir no continente português. No fim, após enumerar positivos exemplos de marketing seguidos na Madeira, este repórter conclui em como a falta de uma política comercial pode fatalmente resultar no seguinte:

Em tempos presenciei no miradouro do Monte uma cena – cuja descrição corresponde com eloquência a quaisquer dúvidas. Um numeroso bando de turistas alemães admirara com ruidoso entusiasmo o deslumbrante panorama da cidade. Depois os alemães procuraram, ali à volta, um estabelecimento onde comprassem coisas que lhes recordassem mais tarde, na Alemanha, aquela maravilha. Depararam apenas com um vendedor ambulante de gravatas. E todos compraram gravatas...¹⁸⁸

Também o Visconde do Porto da Cruz era apologista de uma política de fomento turístico. Durante o Congresso Nacional do Turismo, realizado em Lisboa a 30 de Novembro de 1935, este defendera uma tese denominada «O Turismo na Madeira», onde apresentava as suas convicções de que o turismo seria de capital importância para o progresso económico da ilha, indicando soluções para a Madeira se tornar no primeiro centro turístico da Europa. Aqui defendia o melhoramento das estradas, a fiscalização nas excursões, a organização serviço de polícia de turismo e de intérpretes, a fundação de uma associação de agências de viagens e a regulamentação da indústria do jogo. Lembrara a iminente possibilidade da construção dos sanatórios, minada pelos ingleses. Ainda impulsionado pelo empenho no fomento ao turismo, como sendo a via mais rápida para o ressurgimento da economia madeirense, o Visconde publicara duas revistas de propaganda e divulgação da ilha, a *Ilustração Madeirense* e a *Revista Portuguesa*. Esta perspectiva fundada no turismo como meio essencial para a economia madeirense, foi, sem qualquer dúvida, a mais representativa na empatia pelos alemães, ou seja, pelas qualidades atribuídas aos mesmos.

A questão da neutralidade e a não participação de Portugal na Segunda Guerra Mundial, assim como o conciliador período de paz vivido desde o período pós Grande guerra, irão proporcionar e incentivar uma atitude amistosa perante a Alemanha. A neutralidade portuguesa durante a Segunda Guerra Mundial, irá permitir o seguimento das relações comerciais e diplomáticas entre Portugal e a Alemanha, enfraquecendo apenas a partir do momento em que a derrota da Alemanha era já previsível. Como averiguamos, o consolado da Alemanha na Madeira encerra somente as suas portas em 1945, estando sempre aberto durante o período do conflito mundial. Contudo, logo que Portugal entrara na Grande Guerra e durante o decurso do conflito até ao seu término, a animosidade perante os alemães era naturalmente evidenciada, sobretudo no jornal *A Verdade*. O consolado alemão na ilha fechara entre 1916 e 1922. Após a Grande Guerra, entre Portugal e a

¹⁸⁸ *Diário de Notícias*, 22 de Outubro de 1937, p. 1.

Alemanha não teriam existido situações de contencioso, apenas o receio português pelas suas colónias africanas, sendo o respeito, regra geral, recíproco, sem quaisquer motivos para levantamento de hostilidades. Um ponto em comum unia os dois países: ambos haviam enveredado pela via do fascismo e o empenho na luta contra o comunismo, como em mais alguns países europeus, era um objectivo para os dois países. No período entre guerras o país não representara um papel simplesmente inerte e passivo no contexto da política internacional: permitira a crescente aproximação da Alemanha e tentara desvincular-se da sufocação da velha aliança com a Inglaterra, atitude que não lhe fora possível no decurso da Grande Guerra. Portugal resguarda-se sob a sombra da Alemanha, numa atitude táctica, mas ambos os países tentam retirar o que lhes interessa das relações mútuas. Contudo, agora, e citando Salazar: «Felizmente os deveres da nossa aliança com Inglaterra – a que não queremos eximir-nos a confirmar em momento tão grave – não nos obrigam a abandonar nesta emergência a situação de neutralidade.»¹⁸⁹ Agora seria permitido ao país optar pela participação no conflito internacional, ou eximir-se. Eximiuse. A opinião dos periódicos madeirenses sobre a violação alemã dos tratados, sobre o rearmamento alemão, sobre a reintrodução do serviço militar obrigatório e sobre a ocupação militar da Renânia, em geral, parecia não intervir negativamente no discurso público, exceptuando o jornal *Re-Nhau-Nhau*, que criticava tudo e todos. Na Madeira existiu, efectivamente, um *corpus* de discursos representativo, o qual denunciou visivelmente uma admiração pela Alemanha. Desta forma se manifestaram na sua generalidade os jornais locais quanto às relações internacionais, testemunhos coevos dos trâmites da diplomacia luso-alemã, cautelosos alguns e comedidos muitos, outros mais arrojados, frontais e belicosos, como o *Re-Nhau-Nhau*, contudo sobreviventes promotores do discurso público.

O interesse pela Madeira por parte da Alemanha foi sintomático durante todo este período em estudo. Evidenciaram-se situações recorrentes dignas de reflexão, dados importantes para explicar as razões da contínua ligação com a ilha. Os *Leitmotive* basearam-se na mobilidade, nos transportes e nas ligações aéreas e marítimas, nas viagens, nos contratos comerciais. As viagens da organização nazi *Kraft durch Freude* e da *Hitlerjugend*, por

¹⁸⁹ Nota Oficiosa de Salazar sobre a deflagração da 2ª Guerra Mundial, «O Governo fala à Nação», *O Jornal*, 3 de Setembro de 1939, p. 1.

exemplo, ressaltaram não apenas o teor turístico desta operação alemã, mas sobretudo a sua verdadeira natureza diplomática, estratégica e político-militar. O mesmo se passou com as frequentes escalas de navios de guerra alemães no porto do Funchal e respectivas visitas diplomáticas ao governador civil da Madeira, com a construção do depósito de carvão para apoio à navegação, com a almejada construção de casinos e de sanatórios anti-tuberculosos e com as ligações marítimas e aéreas de ligação com a América e outros destinos. A estratégia diplomática e político-militar sobressaiu sempre e continuamente por detrás de todas as relações com esta nação, não sendo, contudo, de menosprezar os laços culturais e o inter-relacionamento humano.

A busca do passado serve para tentar compreender as razões do presente. Sabemos que a ilha da Madeira continua a viver da sua principal fonte económica, o turismo, sendo os seus principais visitantes os alemães. Esta investigação dá o seu contributo para que nos seja possibilitada uma melhor compreensão das razões que levaram à actual situação, a procura do destino Madeira. A promoção directa, comumente denominada «promoção boca-orelha», foi certamente influenciada pelos milhares de visitantes da *Kraft durch Freude* e por todos aqueles alemães que visitaram a ilha no passado¹⁹⁰, os quais transmitiram na sucessão das gerações o afamado destino Madeira. Este estudo contribui para uma melhor compreensão das relações luso-alemães no período evidenciado, para uma pista na resolução dos problemas da problemática turística actual e serve como base de inspiração para um vasto leque de organizações de eventos culturais ligados às relações luso-alemães do passado, considerando integrar a presença histórica e actual alemã na ilha, no cartaz turístico e na gestão cultural.

¹⁹⁰ Um exemplo deste facto: a mãe do Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek desejava vir à Madeira nas viagens da *Kraft durch Freude*, não tendo a oportunidade de conseguir um bilhete, nunca esqueceu o sonho de visitar a «eterna Primavera», só conseguindo concretizá-lo em 1998, cerca de sessenta anos depois.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES PRIMÁRIAS

1 – Arquivo Regional da Madeira

1.1. Colecção de Jornais do ARM

1.1.1. *A Verdade* (1915-1919)

1.1.2. *Diário de Notícias* (1917-1939)

1.1.3. *Heraldo da Madeira* (1904-1915)

1.1.4. *Independência* (1928-1933)

1.1.5. *Jornal da Madeira* (1923-1926)

1.1.6. *O Jornal* (1927-1939)

1.1.7. *Re-nhau-nhau* (1929-1939)

1.2. Junta Geral do Distrito do Funchal

1.2.1. Presidência do Conselho de Ministros – FNAT (Ct.2614)

1.2.2. Embaixadas (Ct.2700)

1.2.3. Instituto Nacional do Trabalho/Correspondência com a FNAT (Ct.2744)

1.2.4. Assuntos de Turismo e realização de Propaganda da Madeira (Ct.2830)

1.2.5. Assunto de Radiodifusão (Ct.2840)

1.3. Colégio Alemão (ainda não catalogado)

2 - Arquivos Particulares

- 2.1. Documentos pessoais de Elisabeth Elfriede Gesche (Livro de Honra III e IV) da Quinta Olavo.
- 2.2. Arquivo pessoal Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek.
- 2.3. Colecção de postais de José Manuel Melim Mendes

3 - Fontes Orais

- 3.1. Entrevistas a Elisabeth Elfriede Gesche (Consul honorária da Alemanha na Madeira, entre 1967 e 1997) – Várias entrevistas desde Março de 2010 a Junho de 2011, na Quinta Olavo.
- 3.2. Entrevista ao Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek, oficial da Aviação Naval e Professor Adjunto em Aviação Marinha, efectuada em Janeiro de 2010, no Funchal.

4 - Outros recursos

4.1 - Internet

4.1.1. **MACEDO**, Jorge Borges (1986), «A opinião pública na História e a História na opinião pública». *Estratégia*, nº 1. Pesquisado a 12 de Julho de 2011. Disponível em: http://www.ieei.pt/documentacao/documentos/BM_A_opinioao_publica_na_Historia.pdf

4.1.2. [http:// nesos.madeira-edu.pt](http://nesos.madeira-edu.pt)

4.2 - Recursos Audiovisuais (Filmes /Documentários)

4.2.1. «Kraft durch Freude – Wilhelm Gutsloff _ Schiff ohne Klassen», vídeo da 1ª viagem à Madeira do *navio Wilhelm Gustloff*, em 1938. (pesquisa no endereço <http://www.youtube.com>.)

BIBLIOGRAFIA

1 - Teoria e Metodologia

ECO, Umberto, (2009) [ed. original: *Como Si Fa Una Tesi Di Laurea*, Casa Editrice Valentino Bompiani & C., Milão, 1977], Ana Falcão Bastos e Luís Leitão (trad.), *Como se faz uma Tese em Ciências Humanas.*, Lisboa, Editorial Presença, 15ª ed.

PEREIRA, Alexandre e Poupá, Carlos (2008), *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico usando o Word*. Lisboa, Edições Sílabo. .

2 - Bibliografia Geral

BARKOW, Ben, e **ZEIDENITZ**, Stefan (1993), *Die Deutschen Pauschal (The Xenophobe's Guide to the Germans)*. Londres, Oval Projects Ltd.

BIALLAS, Hans (1936), *Der Sonne entgegen! Deutsche Arbeiter fahren nach Madeira*. Berlin, Freiheitsverlag G.m.b.H.

BIZARRO, Rosa (org.) [s.d.], *Eu e o outro, estudos multidisciplinares sobre entidade(s) e práticas interculturais*. Areal Editores.

BÖHLE, Klaus (1998), *A Short History of the German People*. Bonn.

BROSZAT, Martin (1988), *Nach Hitler - Der schwierige Umgang mit unsere Geschichte*. München, Deutsche Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG.

ECKENER, Hugo (1928), *Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"*. Berlin, Verlag August Scherl G.m.b.H.

FIEBIGER, Andreas (coord.) e Almeida-Müller, Maria José de (trad.), (2910), *Perfil da Alemanha*. Frankfurt am Main, Societäts-Verlag.

GARCIA, José Luís (coord.), (2000), *Migrações e Relações Multiculturais – uma Bibliografia*. Oeiras, Celta Editora.

GLASER, Hermann (1997), *Deutsche Kultur, 1945-2000*. München, Büchergilde Gutenberg, Carl Hanser Verlag.

HAUPTMANN, Günter, (trad.) José Camurça (1990), *História Alemã – Sinopse*. Bonn, Verlagsgruppe Bertelsmann GmbH.

KOLINSKY, Eva e Wilfried van der Will (eds) (1998), *The Cambridge Companion to Modern German Culture*. Cambridge, University Press.

MARQUES, A.H. de Oliveira (1993), *História de Portugal Contemporâneo (Economia e Sociedade)*. Lisboa, Universidade aberta.

MATOSO, José (1993) *História de Portugal*. Lisboa, C. Leitores, (7 vols.).

MEDINA, João (1993), *História de Portugal*. Alfragide, Ediclube, (15 vols.).

NÜNNING, Ansgar e NÜNNING, Vera (1994), *Der Deutsche an sich, einem Phantom auf der Spur*. München, Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG.

OPITZ, Alfred; Sanches, Manuela Ribeiro e Clara, Fernando (Coord.), (1998), *Sociedade e Cultura Alemãs*. Lisboa, Universidade Aberta.

PEUKERT, Detlev J.K. (2009), *Moderne Deutsche Geschichte (MDG). Von der Reformation bis zur Wiedervereinigung / Die Weimarer Republik, Krisenjahre der Klassischen Moderne*. Frankfurt am Main, Suhrkamp.

RENAN, Ernest (1882), *Qu'est que c'est une nation?* (Conferência realizada na Sorbonne, a 11 de Março de 1882), Paris.

ROSAS, Fernando e BRITO, J.M. Brandão (1996), *Dicionário de História do Estado Novo*. Lisboa, Bertrand Editora, vols. I e II.

ROSAS, Fernando (2004), *Pensamento e Acção Política. Portugal, século XX (1890-1976). Ensaio histórico*. Lisboa, Editorial Notícias.

_____ e Oliveira, Pedro Aires (coord.), (2006), *As Ditaduras Contemporâneas*. Lisboa, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

SARDICA, José Miguel; Veríssimo, Isabel (trad.), (2011), *O Século XX Português*. Alfragide, Texto Editores.

SCHULZE, Hagen, Trad. de M. Augusta Júdice e A. Hall (1997), [ed. original: *Staat und Nation in der europäischen Geschichte*] *Estado e Nação na História da Europa*. Lisboa, Presença.

SPODE, Hasso (1991), *Die NS-Gemeinschaft Kraft durch Freude – ein Volk auf Reisen?* in *Zur Sonne, zur Freiheit!, Beiträge zur Tourismus Geschichte*. Berlin, ed. Hasso Spode.

STRASEN, E.A. e Gândara, Alfredo (1944) , *Oito Séculos de História Luso-Alemã*. Berlim, Instituto Ibero-Americano de Berlim.

TENGARRINHA, José (1989), *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª ed. revista e aumentada, Lisboa, Caminho.

_____ (2006), *Imprensa e Opinião Pública em Portugal*. Coimbra, Minervacoimbra

3 - Bibliografia Específica

3.1 – Portugal Continental

3.1.1 – Livros

ARRIAGA, Lopes (1976), *Mocidade Portuguesa. Breve História de uma Organização Salazarista*. Lisboa, Terra livre (coleção História do Regime Salazarista).

CRUZ, Manuel Braga da (1988), *O Partido e o Estado no Salazarismo*. Lisboa, Presença.

DAEHNHARDT, Rainer (1998), [ed. original: *Geheimnisse der deutsch-portugiesischen Geschichte*] *Segredos da História Alemã*. Lisboa, Publicações Quipo.

DELILLE, Manuela Gouveia (2010), *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários. Segundo Volume. Séculos XIX e XX*. Coimbra, Minerva-Coimbra.

ESTRELA, Rui (2004), *A Publicidade no Estado Novo, vol. 1 (1932-1959)*. Coleção Comunicando.

FERNANDES, António José (2008), *As Relações Internacionais e Portugal. Da Europa do Mundo ao Mundo da Europa*. Lisboa, Prefácio - Edição de Livros e Revistas, Lda.

LOFF, Manuel (1996), *Salazarismo e Franquismo na época de Hitler (1936-1942)*. Porto, Campo da Letras - Editores S.A.

LOUÇÃ, António (2005), *Hitler e Salazar. Comércio em Tempos de Guerra, 1940-1944*. Lisboa, Terramar.

MEDEIROS, Fernando (1980), *A Sociedade e a Economia Portuguesa nas origens do Salazarismo*. Lisboa, A Regra do Jogo.

MEDINA, João (1978), *Os primeiros fascistas portugueses: subsídio para a história ideológica dos primeiros movimentos fascistas em Portugal anteriores ao nacional-sindicalismo: Estudo antológico*. Coimbra, Atlântida Editora.

_____ (1979), *Salazar e os fascistas: salazarismo e nacional-sindicalismo, a história de um conflito, 1932-1935*. Amadora, Bertrand.

_____ (1994), *Morte e transfiguração de Sidónio Pais*. Lisboa, Cosmos.

_____ (1996), *Salazar e Franco: dois ditadores, duas ditaduras*. Câmara Municipal de Cascais.

MORODO, Raúl (1997), *Fernando Pessoa e as Revoluções Nacionais e Europeias*. [s.l.], Editorial Caminho.

PESSOA, Fernando (1974), *A Doença da Disciplina, Obras em prosa*. Cleonice Berardinelli (org. e notas), Rio de Janeiro.

_____ (2006), *Como Organizar Portugal*. Lisboa, Editorial Nova Ática.

PIMENTEL, Irene Flunser (2007), *Mocidade Portuguesa Feminina*. Lisboa, Esfera dos Livros.

PINTO, António Costa (1994), *Os Camisas azuis. Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal, 1914-1945*. Lisboa.

PIRES, Ema Cláudia (2003), *O Baile do Turismo. Turismo e Propaganda no Estado Novo*. Casal de Cambra, Edição Caleidoscópico.

RODRIGUES, Luís Nuno (1996), *A Legião Portuguesa. A Milícia do Estado Novo, 1936-1944*. Lisboa, Editorial Estampa.

ROSAS, Fernando (1990), *Portugal entre a Paz e a Guerra. Estudo do Impacto da II Guerra Mundial na economia e sociedade portuguesas (1939-1945)*. Lisboa, Editorial Estampa Lda.

_____ (1996), *O Estado Novo nos Anos Trinta. Elementos para o Estudo da Natureza Económica e Social do Salazarismo (1928-1938)*. Lisboa, Editorial Estampa Lda.

SARAMAGO, José (1984), *O ano da morte de Ricardo Reis*. Lisboa, Caminho.

TELO, António José (1977), *O Sidonismo e o movimento operário: luta de classes em Portugal, 1917-1919*. Lisboa, Ulmeiro.

_____ (1990), *Propaganda e Guerra Secreta em Portugal (1939-1945)*. Lisboa, Perspectivas & Realidades.

_____ (2000), *A Neutralidade Portuguesa e o ouro nazi*. Lisboa, Quetzal.

TORGAL, Luís Reis (2009), *Estados Novos, Estado Novo. Ensaios de História Política e Cultural*. Vols. 1 e 2, Coimbra, Edição da Imprensa da Universidade de Coimbra.

_____ *et al* (coord.), (2011), *O Cinema sob o olhar de Salazar*. Maia, Circulo de Leitores e Temas e Debates.

3.1.2 - Capítulos de livros

CANAVEIRA, Manuel Filipe (1996), «A Descida ao Limbo. As fragilidades sócio-económicas da República de Weimar e as suas influências na modernidade cultural alemã dos anos vinte», in A.H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara (coord.), *Portugal – Alemanha – África, do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. *Actas do IV Encontro Luso-Alemão*. Lisboa, Edições Colibri, pp. 254-263.

GROSSEGESSE, Orlando (1996), «A Lição Alemã na Mocidade Portuguesa», in A.H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara (coord.), *Portugal – Alemanha – África*,

do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político». Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Lisboa, Edições Colibri, pp.185- 197.

MAZOWER, Mark (2006), «Ditaduras no século XX», *in* Fernando Rosas e Pedro Aires Oliveira (coord.), *As Ditaduras Contemporâneas*. Lisboa, Edições Colibri e Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, pp. 9- 25.

OPITZ, Alfred (1996), «Ciências Culturais e Política Cultural. Para uma Descontaminação», *in* A.H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara (coord.), *Portugal – Alemanha – África, do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão*. Lisboa, Edições Colibri, pp.179- 184.

PIMENTEL, Irene Flunser (2006), «Interpretações Historiográficas do Nazismo», *in* Fernando Rosas e Pedro Aires Oliveira (coord.), *As Ditaduras Contemporâneas*. Lisboa, Edições Colibri e Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, pp. 37-60.

PINTO, António Costa (2006), «O Regime Fascista Italiano», *in* Fernando Rosas e Pedro Aires Oliveira (coord.), *As Ditaduras Contemporâneas*. Lisboa, Edições Colibri e Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa, pp. 27-36.

SILVA, Armando B. Malheiro da (1995), «A Alemanha no princípio do século XX à luz da correspondência consular portuguesa», *in* Marília dos Santos Lopes, Ulrich knefelkamp e Peter Hanenberg (orgs.), *Portugal e a Alemanha a Caminho para a Europa*. Bamberg, Centaurus, pp. 47- 67.

THOMAS, Paul Brysch (1996), «Wahrnehmung in der Krise. Thesen zum Verhältnis von Eigen - und Fremdwahrnehmung», *in* A.H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara (coord.), *Portugal – Alemanha – África, do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político. Actas do IV Encontro Luso-Alemão*. Lisboa, Edições Colibri, pp. 153-168.

TORGAL, Luís Reis (1995), «Salazarismo, Alemanha e Europa. Discursos políticos e culturais», *in* Marília dos Santos Lopes, Ulrich knefelkamp e Peter Hanenberg (orgs.), *Portugal e a Alemanha a Caminho para a Europa*. Bamberg, Centaurus, pp. 193- 219

3.1.3 - Artigos de Revistas Científicas

CARRILHO, Francisco (2009), «O Enigma de Sidónio Pais». *Visão História*, nº 4, pp. 60-61.

KUIN, Simon (1993), «A Mocidade Portuguesa nos anos 30: anteprojectos e instauração de uma organização paramilitar da juventude». *Análise Social*, vol. XXVIII (122), pp. 555-588.

_____ (1994), «Alegria no Trabalho». Revista do semanário *Expresso*, 24 Setembro, pp. 36-37.

LUCENA, Manuel de (2001), Entre lucidez e paixão». *Análise Social*, vol. XXXVI (160), pp.925-938.

LUÍS, Sara Belo (2009), «Notícias dos nossos bravos». *Visão História*, nº 4, pp. 82-84.

MARTINS, Luís Almeida (2010), «Viagem ao país de 1900». *Visão História*, nº 7, pp. 23-31.

MATOS, Álvaro Costa de (2006), «Revistas Políticas no Estado Novo: uma primeira aproximação histórica ao problema». *Media & Jornalismo*, nº 9, pp. 41-56.

MENESES, Filipe Ribeiro (2007), «Armando Malheiro da Silva, Sidónio e Sidonismo». *Análise Social*, vol. XLII (2º), nº 183, pp. 634-637.

PIMENTEL, Irene Flunser (1999), «O Anti-semitismo Português na Primeira Metade do Século XX. Marginal e importado». *História*, Ano XXI (Nova Série), nº 15, pp. 42-53.

RODRIGUES, Pedro Caldeira (2010a), «A caminho da Hecatombe». *Visão História*, nº 7, pp. 50-52.

_____ (2010b), «O Ultimato e o início do Nacionalismo Colonial». *Visão História*, nº 7, pp. 48- 49.

ROSAS, Fernando (2001), «O Salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo». *Análise Social*, vol. XXXV (157), pp. 1031-1054.

SÁ, Victor de (1989), «Reflexão (cronológica) sobre o Sidonismo». *Revista da Faculdade de Letras do Porto: História*, série II, vol. VI, pp. 355-364.

TEIXEIRA, Clara (2009), «Casa onde não há pão». *Visão História*, nº 4, pp. 88-89.

_____ (2010), «Portugal na Bancarrota». *Visão História*, nº 7, pp. 42-43.

VALENTE, José Carlos (1995), «A FNAT: das origens a 1941. Estado Novo e Alegria no Trabalho». *História, (Nova Série) ano XVII*, nº 6, pp. 4-17.

3.2 – Madeira

3.2.1 – Livros

ARAGÃO, António Marques da Silva (1994), *Apontamentos sobre o Quotidiano Madeirense, 1750-1900*. Lisboa, DRAC, Editorial Caminho.

BARROS, Fátima e Santos, Marisa (coord.), (2007), *Terra de Jornais, a Imprensa Pontassolense, 1909-1923*. Funchal, Edição da Câmara Municipal da Ponta do Sol, SREC, DRAC, Arquivo Regional da Madeira.

BRAZÃO, Elisa e Abreu, Manuela (2008), *A Revolta da Madeira. 1931*. Funchal, DRAC.

CÂMARA, Benedita (2002), *A economia da Madeira (1850-1914)*. Lisboa, Edição Imprensa de Ciências Sociais – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

CARITA, Rui (2008a), *História da Madeira. O longo século XIX: do Liberalismo à República. A Monarquia Constitucional (1834-1910)*. Funchal, Edição Secretaria Regional de Educação e Cultura.

FERNANDES, Graça (2008), *A Verdade Madeirense e a Grande Guerra*. Coimbra, Edições Almedina.

FREITAS, António Aragão e VIEIRA, Gilda França (1980), *Madeira Investigação Bibliográfica*. 3 vols., Funchal, DRAC.

GREGORY, Desmond (1988), *The Beneficent Usurpers. A History of the British in Madeira*. London and Toronto, Fairleigh Dickison University Press.

GUERRA, Jorge Valdemar (2010a), *Funchal: Breve cronologia, 1419-1976. Separata da Publicação Funchal 500 Anos: Momentos e documentos da História da Nossa cidade*. Funchal, Edição DRAC, SREC e Arquivo Regional da Madeira.

_____ Barros, Fátima (coord.), (2010b), *Funchal 500 Anos: Momentos e Documentos da História da nossa Cidade*. Funchal, Edição DRAC, SREC e Arquivo Regional da Madeira.

GUEVARA, Gisela Medina (1997), *As relações luso-alemãs antes da Primeira Guerra Mundial: a Questão da Concessão dos Sanatórios da ilha da Madeira*. Lisboa, Colibri.

JANES, Emanuel (1997a), *Nacionalismo e Nacionalistas na Madeira nos Anos Trinta (1928-1936)*. Funchal, CEHA.

LOPES, Agostinho do Amaral (2008), *A Obra de Fernão Ornelas na presidência da Câmara Municipal do Funchal, 1935-1946*. Funchal, Edição Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”.

MARQUES, Helena (1992), *O Último Cais*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

_____ (2010), *O Bazar Alemão*. Alfragide, Publicações Dom Quixote.

MELLO, Luís de Sousa e Carita, Rui (2002), *Associação Comercial e Industrial do Funchal (1836-1933). Esboço Histórico*. Funchal, Edição Edicarte.

MENDES, José Manuel Melim (2007), *Memórias do Funchal – O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX*. Funchal, Edição dos 500 Anos da Cidade do Funchal.

PEREIRA, Eduardo C.N. (1989), *Ilhas de Zargo*. 4ª ed., vol. I e II, Funchal, CMF.

SILVA, Padre Fernando Augusto da; Meneses, Carlos Azevedo de (1984), *Elucidário Madeirense*. 3 vols, Funchal, Edição DRAC.

VASCONCELOS, Teresa (2008), *O Plano Ventura Terra e a Modernização do Funchal (Primeira Metade do Século XX)*. Funchal, Edição Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”.

VERÍSSIMO, Nelson e **GOMES**, Fátima Freitas (1983), *A Madeira e o Sidonismo*. Funchal, DRAC, Funchal.

VIEIRA, Alberto (1995), *Guia para a História e Investigação das Ilhas Atlânticas*. Funchal, CEHA, SRTC.

_____ (2001), *História da Madeira*. Funchal, Editorial Eco do Funchal.

_____ (2003), *A Vinha e o Vinho na História da Madeira. Séculos XV a XX*. Funchal, Coleção Memórias, nº 46, Edição CEHA.

VISCONDE DO PORTO DA CRUZ (s.d) [Alfredo António de Castro Teles de Menezes de Vasconcelos de Bettencourt de Freitas Branco], *Como Vi o Fim da Guerra na Alemanha*. Lisboa, Editorial do Povo.

_____ (1928), *Paixão e morte de Sidónio*. Funchal, Tipografia Esperança.

_____ (1953), *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira. III volume. 3º Período – 1910-1952*. Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.

WILHELM, Eberhard Axel (1997a), *Visitantes e Escritos Germânicos da Madeira, 1815-1915*. Funchal, Coleção Cadernos Madeirenses, 3ª edição, SRTC e DRAC

3.2.2 - Capítulos de livros

ALVES, José Augusto dos Santos, (1989), «”O Patriota Funchalense” ou o elogio do contrapoder», in António Marques da Silva, *Actas do II Colóquio Internacional de História da Madeira*. Funchal, pp. 279-400.

EMONTS, Anne Martina (1997), «”Força pela Alegria”. O mito da Ilha da Madeira na versão nacional-socialista», in Ana Margarida Falcão, Maria Teresa Nascimento e Maria Luísa Leal (orgs.), *Literatura de viagem. Narrativa, história, mito*. Lisboa, Edições

Cosmos, pp. 135 – 146, (Conferência proferida no colóquio sobre Literatura de Viagem, Universidade da Madeira, 11 a 14 de Julho de 1995).

MARQUES, A. H. de Oliveira (2003), «Relações Luso-Germânicas em Períodos de Crise», in Orlando Grossegeesse *et al.* (orgs.), *Portugal-Alemanha-Brasil. Actas do VI Encontro Luso-Alemão*. Braga, Edição da Universidade do Minho/Centro de estudos Humanísticos, pp. 19- 30.

MARQUES, Helena (2005), «A memória e os lugares», in Ana Isabel Moniz, Diana Pimentel e Thierry Proença dos Santos (orgs.), *e depois? Sobre a cultura na Madeira*. (Ciclo de Conversas) Funchal, Edição da Universidade da Madeira, pp. 172-173.

MATOS, Mário (1996), «Turismo Nazi em Portugal (1935-1939)», in A.H. de Oliveira Marques, Alfred Opitz e Fernando Clara (coord.), *Portugal – Alemanha – África, do Imperialismo Colonial ao Imperialismo Político*. Actas do IV Encontro Luso-Alemão. Lisboa, Edições Colibri, pp. 199-214.

MATOS, Mário (2010), «Os “cruzeiros atlânticos” da organização nacional-socialista Kraft durch Freude (1935-1939) como encenação político-cultural da amizade luso-alemã», in Maria Manuela Gouveia Delille (coord. e prefácio), *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários. Segundo Volume. Séculos XIX e XX*. Coimbra, Minerva-Coimbra, pp. 255 – 283.

SILVA, António Ribeiro Marques da (1990), «Os inícios do Turismo na Madeira e nas Canárias. O domínio inglês», in *II CIHM*. Funchal, DRAC, pp.469-475.

WILHELM, Eberhard Axel (2008), «Postais da Madeira dão a volta ao mundo. Max Römer (1878-1960) pintou a ilha durante 38 anos», in Francisco Faria Paulino (coord.), *O Funchal na Obra de Max Römer, 1922/1960*. Funchal, Edição Empresa Municipal “Funchal 500 Anos”, pp. 15-35.

ZIMMERER, Jürgen (2003), «“Der bestregierte Staat Europas“: Salazar und sein „Neues Portugal“ im Konservativen Abendland-Diskurs der frühen Bundesrepublik Deutschland», in Orlando Grossegeesse *et al.* (orgs.), *Portugal-Alemanha-Brasil. Actas do VI Encontro*

Luso-Alemão. Braga, Edição da Universidade do Minho/Centro de estudos Humanísticos, pp. 81-101.

3.2.3 - Artigos de Revistas Científicas

CARITA, Rui (1987), «Andrew Picken e a Madeira». *Atlântico*, nº 10, pp. 107-110.

_____ (2008b), «Memórias do Funchal. O bilhete-postal ilustrado até à Primeira metade do séc. XX, de José Manuel Melim Mendes». *Isleña*, nº 42, pp. 162-165.

EMONTS, Anne Martina (2000), «Arianização na Madeira». *Isleña*, nº 26, pp.55-67.

FERNANDES, Maurício (1985), «Inaugura-se uma estátua». *Atlântico*, nº 3, pp. 225-228.

FERRONHA, António Luís Alves (1987), «Revolta na Madeira, 1931». *Atlântico*, nº 12, pp. 303-307.

_____ (1989), «A Madeira e a República». *Atlântico*, nº 18, pp. 144-147.

GOES, José Laurindo (1985), «Estabelecimento e evolução do Ateneu Comercial do Funchal». *Atlântico*, nº 2, pp.127-133.

_____ (1991), «Registos de Ontem». *Isleña*, nº 8, pp.89-93.

GUEVARA, Gisela Medina, (1996), «A questão da Concessão dos Sanatórios da ilha da Madeira e as relações Luso-Alemães antes da Primeira Guerra Mundial». *Isleña*, nº 19, pp. 35-43.

JANES, Emanuel (1996), «O integralista Ernesto Gonçalves e o Estado Novo». *Isleña*, nº 18, pp. 154-158.

_____ (1997b), «As Conferências de Salazar e Mário de Figueiredo na Madeira». *Isleña*, nº 20, pp. 73-82.

MEDINA, João (1995), «As imagens de Salazar: estudo de iconologia histórica sobre a representação do ditador português na caricatura, na escultura e na pintura». *Isleña*, nº 16, pp. 5-21.

PESTANA, César Pestana (1952), «Academias e Tertúlias da Madeira». *Das Artes e da História da Madeira*, nº 12, pp.35-36.

_____ (1968), «Academias e Tertúlias da Madeira.O Cenáculo». *Das Artes e da História da Madeira*, nº 38, pp. 21-23.

PITA, Gabriel de Jesus (1985), «Decadência e Queda da Primeira República analisada na Imprensa Madeirense da época (1924-1926)». *Atlântico*, nº 3, pp. 194-208.

_____ (1986), «Decadência e Queda da Primeira República analisada na Imprensa Madeirense da época. 1924-1926 (2ª e última parte)». *Atlântico*, nº 5, pp. 37-50.

_____ (1997), «A Propaganda da Ideologia Salazarista na Imprensa Madeirense. Análise de dois casos». *Isleña*, nº 20, pp.83-92.

RAMALLO, José António Tojo (2010), «La guerra de las Comunicaciones. Operaciones navales alemanas contra las islas portuguesas de Ultramar (1916-1918)». *Isleña*, nº 47, pp. 95-113.

REBOK, Sandra (2009), «La exploración naturalista de Madeira en el siglo XIX: los viajeros alemanes y su interés por esta isla.». *Arbor, Ciencia, Pensamiento y Cultura*, CLXXXV 740, pp. 1323-1337.

SANTOS, Ricardo Dumont dos (1998), «Zeppelin passou há setenta anos». *Saber*, pp. 18-22.

SANTOS, Rui (1992), «O Cemitério Israelita no Funchal». *Isleña*, nº 10, pp. 125-164.

SILVA, António Ribeiro Marques da (1985), «Visitantes Estrangeiros na Madeira. Uma tradição de violência. O tipo físico e o carácter do madeirense». *Atlântico*, nº 1, pp. 20-27.

_____ (1986), «Almeida Garrett e “O Patriota Funchalense”». *Atlântico*, nº 8, pp. 289-292.

_____ (1992), «Viajando com Ackermann». *Isleña*, nº 10, pp. 97- 98.

_____ (1997), «A Madeira na 2ª Guerra Mundial. Uma guerra epidérmica?». *Islenha*, nº 20, pp. 69-72.

_____ (1998), «A Guerra de 39-45, e o Funchal. Cinemania». *Margem*, nº9, pp. 35-38.

_____ (2007), «A Madeira e os seus espaços: O testemunho dos visitantes estrangeiros sobre o Funchal e as Ilhas Atlânticas». *Islenha*, nº 41, pp. 34-40.

SOUSA, Francisco Clode de (1987), «À descoberta do Descobridor». *Atlântico*, nº 12, pp. 289-293.

SOUSA, João José de (1990), «A Madeira no período dos Habsburgos: alguns aspectos». *Islenha*, nº 6, pp. 5-8.

SOUSA, Jorge Moreira de (2003), «Liceu de Jaime Moniz, uma escola de prestígio e de qualidade». *Islenha*, nº 32, pp. 22-23.

SOUSA, Luís (1989), «Quirino de Jesus. Ideólogo do Estado Novo?». *Atlântico*, nº 19, pp. 209-219.

SOUSA, Pedro Clode de (1997), «A Canção da Terra, de Jorge Brum do Canto. Anos 30 e 40: o Estado Novo e o Cinema». *Islenha*, nº21, pp. 63-65

VERÍSSIMO, Nelson (1985), «Em 1917 a Madeira reclama autonomia». *Atlântico*, nº 3, pp. 229-232.

_____ (1989), «A Nossa Autonomia. Um inquérito de Armando Pinto Correia». *Atlântico*, nº 19, pp. 197-202.

_____ (1990), «A Questão dos Sanatórios da Madeira». *Islenha*, nº 6, pp. 124-144.

_____ (1991), «Ernesto Gonçalves e o Integralismo Lusitano». *Islenha*, nº 8, pp. 23-30.

VIEIRA, G. Brazão (1950), «Um grande vulto que a morte levou, João dos Reis Gomes. Página de Memórias». *Das Artes e da História*, nº 2, pp.17-19.

WILHELM, Eberhard Axel (1987), «Na Madeira há 125 anos. Observações dum médico de tuberculosos alemão». *Atlântico*, nº 12, pp. 274-285.

_____ (1988), «Estrangeiros na Madeira: João Wetzler – industrial de bordados, antiquário e doador duma colecção de pratas». *Islenha*, nº 2, pp. 69-76.

_____ (1990a), «Visitantes de língua alemã na Madeira (1815-1915)». *Islenha*, nº 6, pp. 48-67.

_____ (1990b), «As casas alemãs de bordados entre 1880 e 1916 e a família Schnitzer». *Islenha*, nº 7, pp. 52-60

_____ (1990c), «Estrangeiros: João Wetzler era, de facto, vienense». *Islenha*, nº 7, p. 148.

_____ (1992), «A Tapeçaria Madeirense e a família Kiekeben». *Islenha*, nº 10, pp. 72-77.

_____ (1993a), «O aventureiro mais famoso da cidade: Carlos Martins descreve como virou meio Funchal». *Islenha*, nº 12, pp. 145-160.

_____ (1993b), «A Madeira entre 1850 e 1900: uma estância de tísicos germânicos». *Islenha*, nº 13, pp. 116-121.

_____ (1994a), «Uma figura ilustre da antiga colónia alemã do Funchal: o médico judeu Walter Belmonte». *Islenha*, nº 15, pp. 37-40.

_____ (1994b), «A genealogia dos Kiekeben da Madeira (adenda)». *Islenha*, nº 15, pp. 41-42.

_____ (1996a), «Os Madeirenses na visão de alguns germânicos. O seu aspecto e carácter e a sua maneira de viver. II (1861-1930)». *Xarabanda*, nº 9, pp. 2-16.

_____ (1996b), «Os Primeiros guías turísticos alemães da Madeira (1900-1915)». *Xarabanda*, nº 10, pp. 1-15.

_____ (1996c), Ernesto Walther Boesser na Madeira (1937 a 1950). Os treze anos de exílio de um pintor e botânico alemão». *Islenha*, nº 19, pp. 119-123.

_____ (1997b), «Rainer Maria Rilke passou pela Madeira? O mistério da visita do célebre poeta austríaco». *Xarabanda*, nº 12, pp. 32-44.

_____ (1998), «Os Germânicos e o mar: a incómoda viagem à Madeira». *Islenha*, nº 23, pp. 61-71.

_____ (2002a), «"Vêm aí os Nazis!": Em 1935-1936, 10.000 Alemães ocuparam o Funchal». *Origens*, nº 6, pp. 51-64.

_____ (2002b), «O Mistério Da Obra Desaparecida. Heinz Joachim Heymann Expôs No Funchal em 1939». *Origens*, nº 7, pp. 9-16.

_____ (2002c), «Os estudos etnográfico-linguísticos da alemã Käte Brüdt: Um ano e meio na Madeira (1932-1933)». *Margem*, nº 14, pp. 48-54.

_____ (2006), «Três dias na Madeira, no Outono de 1928. O navio-escola alemão "Pommern" de visita à ilha». *Xarabanda*, nº 16, pp. 58-63.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1	Neste postal a Madeira é apresentada como pertencente ao Reich alemão (“Deutschen Reichesangehörigen gewidmet”). Foto de <i>O Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX</i> , p. 33, de José Manuel Melim Mendes. Edição de P. Marinho Pht. O Gr.
ILUSTRAÇÃO 2	Postal de edição alemã do Sanatório dos Marmeleiros, datado de 26.1.1906 e intitulado «Das im Bau begriffene Sanatorium auf Madeira, das die Ursache zu angriffen auf die Deutsche Politik war» (O sanatório da Madeira, em fase de construção, o qual despoletou críticas sobre a política alemã). A sua construção iniciou-se a 24 de Junho de 1905 e, segundo o projecto da concessionária alemã, este seria o «sanatório dos pobres», em contraposição com o <i>Kurhotel Sant’Anna</i> , o «sanatório dos ricos». Foto de <i>Bilhete-Postal Ilustrado até à Primeira Metade do Século XX</i> , de José Manuel Melim Mendes, p. 115. Editor: Atelier Schaol, Hamburg.
ILUSTRAÇÃO 3	[O primeiro grupo de ilhas da Madeira aparece]. Vista aérea do Porto Santo, a primeira ilha avistada, a 12 de Outubro de 1928. Foto extraída do livro de Dr. Hugo Eckener, <i>Die Amerikafahrt des “Graf Zeppelin”</i> , edição de Rolf Brandt, Editora August Scherl G.m.b.H., Berlin SW, 1928. Foto gentilmente cedida pelo Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek.
ILUSTRAÇÃO 4	Chegada de grupos de turistas da <i>Kraft durch Freude</i> . Ao largo, o navio onde viajava Robert Ley. Foto gentilmente cedida por Elisabeth Gesche, ex cônsul da Alemanha na Madeira, [s.d]. Editor: Foto Figueiras.
ILUSTRAÇÃO 5	Elementos da Juventude Hitleriana, por altura do 3º Acampamento na ilha, de 23 de Julho a 18 de Agosto de 1937. Documento extraído do Livro de Honra III da Quinta Olavo, residência do cônsul da Alemanha na Madeira. Foto gentilmente cedida pela ex cônsul da Alemanha na Madeira, Elisabeth Gesche.
ILUSTRAÇÃO 6	Visita de Oficiais da Marinha Alemã. Foto tirada por altura de um jantar oficial. [s.d]. Foto gentilmente cedida pela ex cônsul da Alemanha na Madeira, Elisabeth Gesche e extraída do Livro de Honra III da Quinta Olavo, residência do cônsul da Alemanha na Madeira.

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO 1	Tratado de Comércio com a Alemanha – <i>Diário de Notícias</i> , 19 de Julho 1910, p. 1.
ANEXO 2	<i>Gesche & Schnitzer</i> e fornecimento de um motor Diesel ao navio <i>Madeirense</i> . [s.d.]
ANEXO 3	Publicidade da firma <i>Gesche & Schnitzer</i> . <i>Jornal Re-Nhau-Nhau</i> , 14 de Março de 1936, p. 9.
ANEXO 4	Notícia sobre o Certificado de Origem, publicada no <i>Diário de Notícias</i> a 20 de Setembro e 1939.
ANEXO 5	«O cravatório para os tuberculosos», jornal <i>Re-Nhau-Nhau</i> , 5 de Maio de 1938.
ANEXO 6	Ilustração referente ao escasso movimento marítimo na ilha, motivado pelo conflito mundial provocando grande impacto na economia regional. <i>Jornal Re-Nhau-Nhau</i> , de 16 de Setembro de 1939, última página.
ANEXO 7	Carta de Emil Gesche endereçada a Wilhelm Hoffman (o delegado do NSDAP na ilha). Documento do ARM, do acervo do Colégio Alemão ainda não catalogado.
ANEXO 8	Notícias sobre o novo dirigível alemão, o LZ 129 «Hindenburg», <i>Diário de Notícias</i> de 28 de Março de 1936 e 24 de Agosto de 1936.
ANEXO 9	A Alemanha pede a extinção do Tratado de Versalhes. <i>O Jornal</i> , 19 de Março de 1935, p. 1
ANEXO 10	Notícia sobre a ligação aérea Europa - América do Norte, efectuada pela Lufthansa. <i>Diário de Notícias</i> , 23 de Outubro de 1936, p. 3.
ANEXO 11	Notícia sobre o dirigível alemão «Conde Zeppelin». <i>O Jornal</i> , 29 de Setembro de 1928, p. 3.
ANEXO 12	Alusão ao Zeppelin e à entrega de correio. <i>Jornal Re-Nhau-Nhau</i> , 18 de Abril de 1936, última página.

ANEXO 13	Descrição do trajecto do dirigível, saindo de Friedrichshafen com destino a New York, sobrevoando a Madeira a 12 de Outubro, e regresso a Friedrichshafen. Foto extraída do livro de Dr. Hugo Eckener, <i>Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"</i> , edição de Rolf Brandt, Editora August Scherl G.m.b.H., Berlin, 1928. Desenho do modelo LZ 127: vista do corte longitudinal da aeronave e planta da cabine dos passageiros e do piloto. Origem da Foto: <i>Zeppelin-Museum Friedrichshafen</i> , extraída de «Zeppelin passou há setenta anos», Ricardo Dumont dos Santos. <i>Revista Saber</i> , Outubro de 1998, p. 20.
ANEXO 14	Lançamento de correio sobre o Funchal, Outubro de 1928. Foto extraída do livro de Dr. Hugo Eckener, <i>Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"</i> , edição de Rolf Brandt, Editora August Scherl G.m.b.H., Berlin, 1928.
ANEXO 15	Carta enviada pelo presidente do Ateneu Comercial do Funchal à direcção do Colégio Alemão a 9 de Junho de 1934.
ANEXO 16	Carta dirigida ao Colégio Alemão por Adão Abreu Nunes, onde este expressa o saudável relacionamento da colónia alemã com a comunidade madeirense.
ANEXO 17	«Os Nazis», «Excursões Alemãs». <i>Re-nhau-nhau</i> , 23 Março de 1935, p. 2.
ANEXO 18	Dedicatória com agradecimento e assinaturas de turistas do navio <i>Oceana</i> , datada de 24 e 26 de Março 1936.
ANEXO 19	1º Acampamento da Juventude Hitleriana, de 18 a 30 de Julho de 1935.
ANEXO 20	2º Acampamento da Juventude Hitleriana, de 15 de Julho a 5 de Agosto de 1936.
ANEXO 21	Kurt Gesche, 2º acampamento da Juventude Hitleriana.
ANEXO 22	3º Acampamento da Juventude Hitleriana, de 23 de Julho a 18 de Agosto de 1937.
ANEXO 23	Caricatura de Hermann Goering, comandante da Luftwaffe e Marechal do Reich. Comentário sobre a insegurança internacional relativa à ameaça de guerra. <i>Re-Nhau-Nhau</i> , 4 de Abril de 1935, p. 7.
ANEXO 24	Caricatura dos líderes europeus, concebida pelo <i>Re-Nhau-Nhau</i> , 4 de Abril de 1935, p. 8.
ANEXO 25	Visita oficial de dois navios de guerra alemães, <i>Panzerschiffe Deutschland</i> e <i>Admiral Scheer</i> . Data: 25 Outubro 1935.

O tratado de Commercio com a Allemanha

Quando foram conhecidas as bases do tratado de commercio entre Portugal e Allemanha, a maioria da imprensa rompen num hymno laudatorio em honra do ministro que entabou as respectivas negociações com o governo de Berlim.

Esse ministro, cremos, foi o sr. conselheiro Wenceslau de Lima.

As cláusulas do contracto, concedendo o tratamento de nação mais favorecida, eram, dizem-se, altamente vantajosas para Portugal, mormente no tocante á exportação de vinhos, sem duvida a maior riqueza agrícola e commercial do nosso país.

Este tratado começou a vigorar em 5 de junho ultimo, mas a sua execução ficou em parte dependente do regulamento que o governo portuguez deveria publicar e ainda não publicou, illicidando o commercio exportador sobre os tramites a seguir para que os seus vinhos possam ser recebidos nas mercados allemães gozando todas as vantagens garantidas no referido tratado.

Ocupando-se deste assumpto, diz o nosso illustrado collega *O Commercio do Porto*:

COISAS NOSSAS

Não é preciso esbochar muito para descobrir singularidades nas nossas regiões officiaes e extravagantes anomalias na nossa burocracia.

Vamos referir-nos a um facto que, dizendo respeito a um assumpto de maxima importancia, demonstra bem claramente o abandono, para não usarmos de termo mais severo, a que n'este país são votados os assumptos mais graves.

Foi assignado, no Porto, a 29 de novembro de 1906, o tratado de commercio com a Allemanha, entrou em vigor no dia 5 de junho do presente anno.

E' decorrido mais de um mes e uma parte importante d'esse tratado pôde considerar-se letta morta, pela simples razão de que ainda não foi publicado o regulamento respeitante á exportação dos vinhos portuguezes para a Allemanha e a entrada d'elles n'aquelle país.

Estabelecimentos bastante importantes de vinhos têm sido feitas para a Allemanha, achando-se alli detidas, porque os expedidores não podem apresentar os certificados de analyse que são exigidos, em razão de não serem conhecidos ainda os termos em que devam ser passados.

E' facil calcular quantos transtornos e quantos prejuizos está causando a demora na publicação de um regulamento, cuja elaboração aliás foi confiada a uma commissão muito competente, que ha bastante tempo deu por findos os seus trabalhos.

Infortunadamente, porém, as engrenagens da nossa machina official estão sempre tão oxydadas que nem mesmo a consideração dos mais altos interesses do país consegue servir de lubrificante para fazer desaparecer os attritos que surgem a todo o momento.

Appellamos para o novo governo, recommendando-lhe que um dos seus primeiros actos deve ser fazer publicar o regulamento para a exportação de vinhos para a Allemanha, salvaguardando assim os importantes interesses que se ligam a essa exportação.

Emil Röhrer
 Elisabeth Schnitzer
 Herbert Olivo
 Inma Johannsen

Na Quinta Olavo

Festa oferecida pela firma
 Gesche & Schnitzer

Como noticiámos, teve lugar ante-ontem, pelas 20 horas, na Quinta Olavo, residência do digno consul alemão, sr. Emile Gesche, uma festa oferecida aos proprietários do vapor «Madeirense», tendo assistido além dos homenageados, varias pessoas da colonia alemã na Madeira e representantes da Imprensa.

Durante esta festa, que decorreu interantissima, os convidados foram obsequiados com primoroso copo de agua tendo-se trocado ao champagne amistosos brindes.

As honras da casa foram feitas por Madame Gesche que foi duma extrema amabilidade para com todos os convivas.

Durante esta festa, o sr. Schnitzer executou ao piano alguns trechos de musica, sendo bastante aplaudido.

Mais uma vez agradecemos aos srs. Gesche & Schnitzer a gentileza do convite para assistirmos a esta festa.

Vapor «Madeirense»

Chegou ontem de manhã ao nosso porto, vindo de Lisboa, onde esteve durante algum tempo em reparações, o vapor «Madeirense», da praça do Funchal.

Este barco está agora dotado dum motor Diesel M. W. M. Patent Benz, com a força de 600 H P e 8 cilindros, que lhe imprime uma velocidade máxima de 11 milhas á hora.

O sr. Emil Gesche sócio da firma Gesche & Schnitzer Ltd., representantes daqueles motores na Madeira, reuniu ontem á noite, na sua residencia, na Quinta Olvo, o comandante, 1.º oficial e maquinista do «Madeirense», bem como os representantes da Imprensa, a quem proporcionou uma pequena festa.

Agradecemos a gentileza do convite feito a «O Jornal».

Navio-motor «Madeirense»

Procedente de Lisboa, em 2 e meio dias de viagem, chegou ontem ao nosso porto o navio-motor «Madeirense», da praça do Funchal.

O «Madeirense» encontra-se agora provido dum motor «Diesel», de 600 H. P. e 8 cilindros, que é o maior até agora fornecido á marinha mercante portuguesa.

Comemorando este facto o digno consul da Alemanha no Funchal, sr. Emil Gesche, ofereceu ontem á noite, na sua residencia, Quinta Olavo, ao Caminho dos Saltos, uma festa em que tomaram parte, além dos sociarios da empreza proprietaria do «Madeirense» o seu comandante e demais officiais do mesmo navio.

A' firma Gesche & Schnitzer Lda., representante daquela marca de motores no Funchal, agradecemos a gentileza do convite para assistirmos á referida festa, bem como a uma visita a realizar hoje a bordo «Madeirense».

Gesche & Schnitzer Lda. anuncia a abertura da sua

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO

no corrente ano, de aparelhos de radio-telefonía

14 modelos diferentes

TODOS PHILCO

Philco não precisa de elogios

PHILCO

É

PHILCO!

Já abrimos as nossas portas

Martins & Rebelo

participa a todos os seus
Ex.^{mos} Amigos, fornecedores,
clientes e a todo o comércio em geral que mudaram as instalações da sua fábrica de manteiga no Funchal, para a

Rua das Hortas N.º 13

onde esperam continuar merecendo a honra das suas ordens e preferências.

ENCERAR COM

ENCERITE

E' conseguir com menos tempo, menos dinheiro, o maior brilho nos soelhos e conservação da côr dos oleados.

A' venda nos principais estabelecimentos e no depósito:

CASA LONDRINA

Formidavel sortido

1.000 sacos de Begonias e Gloxinias

A mais linda colecção em sementes de flores proprias para a estação—**145 variedades diferentes.**

A' venda na

"Mercearia Probidade"

CERA "GALO,"

A MELHOR E A MAIS BARATA

Em cada 12 latas, oferece-se uma de brinde!

Conselho de Coordenação Económica de Importação e Exportação

A sua 1.^a reunião presidida
pelo Chefe do Distrito

Sua Ex.^a o sr. Governador Civil reuniu ante-ontem no Palácio de S. Lourenço todos os membros do Conselho de Coordenação Económica de Importação e Exportação, que ficou assim definitivamente instalado.

Nesta primeira reunião, que foi presidida pelo sr. Dr. José Nosolini, foram ventilados importantes assuntos do maior interesse para a economia regional.

O ilustre Chefe do Distrito, em nobres e elevadas palavras, poz o Conselho ao corrente dos seus projectos e da sua orientação administrativa, afirmando confiar na acção valiosa de todos os distritos do Conselho, que em muito poderá contribuir para impôr um ritmo regular á vida económica da Madeira, através das circunstancias especialíssimas criadas pela guerra europea.

O Conselho funcionará numa das salas da Junta Geral Autónoma do Distrito.

O «Diário de Notícias», seguro da importantíssima missão que está cometida áquelle novo organismo, saúda todos os seus ilustres membros com a certeza que os seus trabalhos hão-de corresponder plenamente ao que deles espera o prestigioso Chefe do Distrito e todos os madeirenses em geral.

O grande avião "Clipper" deceou em pleno oceano

LISBOA, 19. O grande avião norte-americano «Clipper», da carreira trans-oceânica entre a America e a Europa, que ontem havia saído de Lisboa, em viagem de regresso, deceou, devido a avaria, em pleno Oceano Atlântico, a 100 milhas do Faial (Açores).

Certificado de origem

Uma informação do sr. Consul
de Inglaterra

Do sr. Consul de Sua Majestade Britânica, nesta cidade, recebemos a comunicação que publicamos a seguir, cujo conhecimento é do maior interesse para o commercio:

...Sr. Director do «Diário de Notícias».

Informo V. Ex.^a de que Certificados de Origem desde já são obrigatórios para todas as mercadorias importadas pelo Reino Unido Britânico, dos países estrangeiros, incluindo Portugal e suas Colonias, ou importados para baldeação no Reino Unido.

Os requerimentos, para esses certificados, respeitantes a mercadorias exportadas da Madeira, deverão ser dirigidos ao Consulado Britânico no Funchal, com a garantia comprovada de que as mercadorias terem sido feitas com material e mão de obra nacional. O certificado de origem pode ser dado para mercadorias quando uma parte foi produzida ou manufacturada em territorio inimigo, destinadas para o Reino Unido Britânico, em casos onde não mais do que 25 do custo para o fabricante é devido ao material e mão de obra do inimigo.

De V... etc.

Cyril F. W. Andrews
Consul de S. M. Britânica

Aos senhores passageiros para o Cabo

Constatemos que dentro de alguns dias haverá um vapor que poderá receber passageiros para Capetown, para o que chamamos a attenção dos interessados.

O "Cravatório" para os Tuberculosos

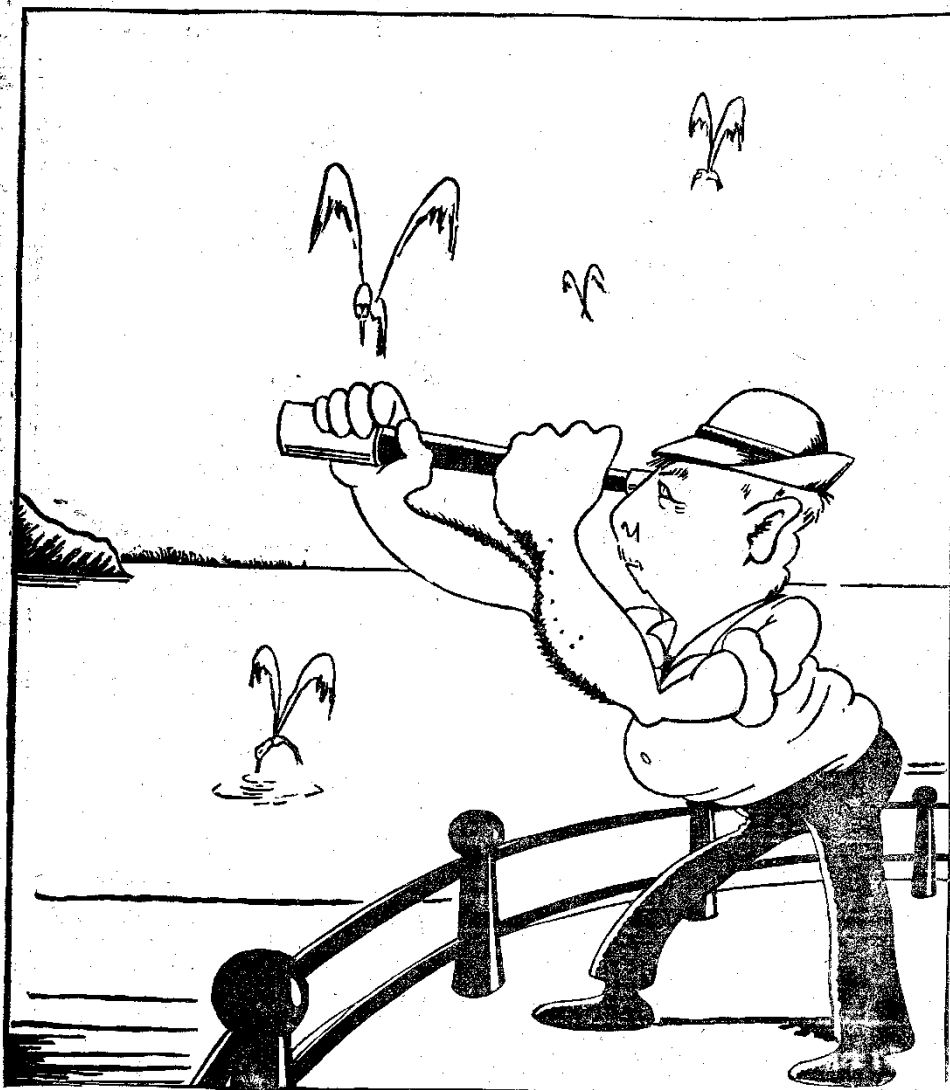


Desenho de Paulo

"Re-nhau-nhau,, lança à posteridade o Dr. Agostinho "Caridoso,, e o Dr. Almada, tal como andaram na QUINTA SANTANA durante o dia do "Cravatório", fazendo o Zé "escarrar" heroicamente o seu baguinho, para que os tuberculosos pobres tenham um lugar onde caírem mortos . . .

Alusão à recolha de donativos para a construção do dispensário Dr. Agostinho Cardoso e do sanatório Dr. João de Almada. Faz-se também alusão à adopção de medidas preventivas, sugeridas pelo Dr. João de Almada, a proibir o «escarro» nas ruas, para prevenir a propagação dos bacilos da tuberculose, sob o risco de coima até vinte escudos (Vasconcelos, 2008: 101). Caricatura do jornal *Re-Nhau-Nhau*, 5 de Maio de 1938, última página.

Na hora do lá vem um...



Des. e Grav: de Rosa

Afonso Coelho, Senhor d'Aquem e d'Alem Desertas, de óculo em punho na ponta do caes, a vê se descobre algum vapor com turistas, e tão entusiasmado que até as cagarras ao longe lhe parecem transatlânticos...

Ilustração referente ao escasso movimento marítimo na ilha, motivado pelo conflito mundial, provocando grande impacto na economia regional. Jornal *Re-Nhau-Nhau*, de 16 de Setembro de 1939, última página.

ANEXO 7

Funchal, den 17. Juni 1945

Lieber Herr Hoffmann!

Meine Tochter hat am Sonnabend, als sie in der Kueche der Schule auf mich wartete und las, ungewollt Ihre und Frl. Langes Aeusserungen ueber mich mit angehoert, wenn auch nicht bis zuletzt, da sie es dann vorzog, fortzugehen. Jedenfalls bestaetigen mir diese gemachten Aeusserungen das, was ich schon lange gehoert hatte, aber eigentlich von Ihnen nicht glauben wollte. Ueber Frl. Langes Aeusserungen waendere ich mich nicht, ich schaeetze sie auch demnach ein, ich bedaure aber die Ihrigen, nochzumal ich immer uneigennuetzig fuer Sie eingetreten bin und nie eine abfaellige Bemerkung ueber Sie gemacht habe. - Ein erspriessliches Zusammenarbeiten im Interesse aller hiesigen Deutschen laesst sich auf diesem Wege leider nicht erzielen.

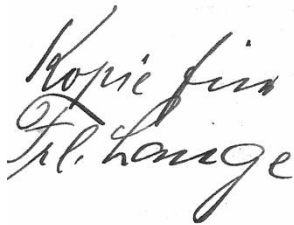
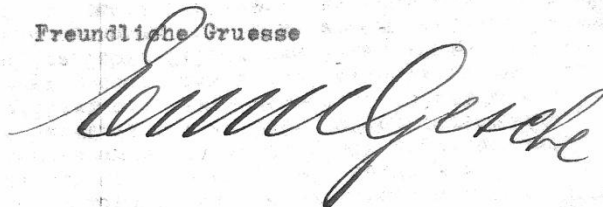
Nur die eine Bemerkung, "dass ich die Partei flaggen zurueckgesandt, weil ich Angst haette", moechte ich doch klar stellen, dass ich solche nicht zu haben brauche und sie auch nicht habe, denn sowohl in meiner Privatwohnung als auch in meinem Privatbuero im Konsulatsgebäude habe ich meine Fuehrer- und Mussolinibilder alle haengen lassen und sogar mit Lorbeer geschmueckt. - Ich sehe aber jetzt nach dem gemachten Erfahrungen und nachdem man mich hinterruecks verleumdet, keinen Grund mehr, fuer andere einzutreten.

*Um nicht persoenlich auch einmal unfreiwilliger Zeuge solcher "Unterredungen" zu werden, werde ich die Raeume der bisherigen Deutschen Schule nicht mehr betreten.

Ich bin bereit, mit irgend jemand, der mich sprechen will, mich in der Stadt zu treffen, (nach vorheriger telefonischer Vereinbarung) da ich jeden Tag hinunter gehe.

Ich warne aber Frl. Lange, ihre leichtsinnigen und boeswilligen Verleumdungen, - auch Nachlass Heinz betreffend, fortzusetzen, da ich mich sonst gezwungen sehe, die entsprechenden Schritte zu unternehmen.

Freundliche Gruesse



Carta de Emil Gesche endereçada a Wilhelm Hoffman (o delegado do NSDAP na ilha) a expressar-se sobre uma crítica de Fraulein Marlene Lange, directora do Colégio Alemão, feita à sua pessoa. Refere-se a umas bandeiras do partido que ele supostamente havia devolvido por receio. Acrescenta que não as tem porque não precisa delas, dado que tanto na sua casa como no consulado alemão mandara dependurar as imagens do «Führer» e de Mussolini, decoradas até com folhas de louro. Declara que a partir dessa data não irá mais pisar o chão da Escola Alemã e que está disposto a encontrar-se na cidade com quem quer que lhe queira falar (após telefonema prévio). Documento do ARM, do acervo ainda não catalogado, do Colégio Alemão.

<p>ções daquela sociedade.</p> <p>«O Estado cedeu, em face da fundamentação justa do pedido, tanto mais que essa cedência violava no encontro da solução dum outro simpático problema: a Assistência— como já tive ocasião de dizer-lhe na minha palestra anterior.</p> <p>—...</p> <p>—Essa cedência gratuita, em troca dos benefícios e modificações a introduzir no predio e jardins é de carácter provisório, isto é, durará até final da concessão do jogo dada á Sociedade de Turismo da Madeira, Lda.</p> <p>«Expirado esse prazo, as terras quintas devem passar á posse de-</p>	<p>ou residentes nesta ilha.</p> <p>Por todos os títulos é digna de ser visitada a interessante exposição do Caelo da Madeira (antigo Vitoria).</p> <hr/> <p>O «LZ 129»</p> <p>passou a denominar-se «Hindenburg»</p> <p>FRIEDERICHSHAFEN, 27.—O novo dirigível alemão «Lz 129» acaba de ser baptizado com o nome de «Hindenburg».</p> <p>Foi colocada no salão de passageiros do grande dirigível uma chapa de metal com uma escultura da autoria de Rosenberg, do Anado marechal.</p>	<p>mandante Gon- dava a direcção los Gonçalves Abel de Frei- Souza Brazão, de Almada e cisco Camacho sra. Dr. Juve- William Clode, capitão Eduard e Dr. Agostinho Fez a apre- rente o sr. com- Medeiros, illust- que proferiu cução. O sr. com- Medeiros depoi-</p>
--	--	---

Notícia sobre o novo dirigível alemão, o LZ 129 «Hindenburg». *Diário de Notícias*, 28 de Março de 1936.

<p>er all- las na- em ole dos ch, da das de por em ncis Voo avia erna bate men- oder virtu- do</p>	<p>na sessão do conselho que se realiza amanhã em Londres.</p> <p>As experiências do «Lz 129»</p> <p>Este dirigível foi acompanhado pelo «Graf Zeppelin»</p> <p>FRIEDERICHSHAFEN, 23. (As 14 horas).—Esta manhã levantou-se o dirigível «Lz 129», em viagem de experiência, conduzindo a bordo 121 convidados.</p> <p>O «Lz 129» foi acompanhado do conhecido dirigível «Graf Zeppelin» que levou 24 convidados.</p> <p>As condições atmosféricas são ótimas.</p> <p>Cerca das 13 horas o «Lz 129» radiografou para Berlim dizendo que os dois dirigíveis se encontram a 600 metros do Lago Constança e que a aterrisagem teria lugar ás 16 horas, aproximadamente.</p> <p>Uma família desgraçada</p> <p>Um chefe de família que, dvi-</p>	<p>gal, e principalmente a organização «Força pela Alegria» tem já 40.000 inscrições, vendo em dificuldade para atender tod-</p> <p>—Estas excursões são feitas clusivamente por trabalhadores nuaes e intellectuais, que assim lizam uma magnifica visgem de rias pagando menos de um qui- do que pagariam se fizessem a gem em qualquer paquete de ceira ordem.</p> <p>A Madeira era o sonho de to- os alemães que comigo viajaram proximas excursões estão já to- tomadas».</p> <p>Hoje, realizam-se novamente vas excursões.</p> <p>A' noite, pelas 20,30 a borda «St. Louisa» realisa-se uma festa recida á Colonia Alemã e á assistem as autoridades e impo- do Funchal.</p> <p>O illustre Chefe do Distrito rece hoje um passelo de aut- vel ao dr. Lefferenz e direc- da excursão, no qual tomam uma operaria e um operario excursionistas.</p> <p>Das 16 ás 17, realiza-se um</p>
--	--	--

«As experiências do LZ 129», *Diário de Notícias*, 24 de Agosto de 1936.

Seminário do Funchal**Nota Oficial**

Por este meio são avisados todos os alunos deste estabelecimento de ensino eclesástico, de que devem apresentar-se no dia 23 do corrente pelas 18 horas.

Seminário do Funchal 18 de Março de 1935.

Vice-Reitor

P.^o Jaime de Gouveia Barreto

Junta Geral do Funchal

A Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito, na sua reunião de ontem, tomou a seguinte deliberação:

A Comissão Administrativa da Junta Geral do Funchal verificando, com extraneza, que na reunião realizada a semana passada, no Ateneu Commercial do Funchal, a Direcção deste organismo apresentou sugestões e soluções sobre a situação desta Junta Geral, resolve officiar aos srs. Presidente do Conselho, Ministros e sub-Secretários de Estado de todas as repartições, comunicando que esta Comissão Administrativa não tem nem podia ter qualquer colaboração em tais sugestões e soluções.

Esta Comissão Administrativa não pode deixar de formular o seu veemente protesto e de tomar as medidas convenientes, por naquela Assembleia terem sido discutidas sugestões e soluções sobre os problemas da Junta Geral, para o efeito de serem apresentadas ao Governo Central como se não existisse o órgão especialmente habilitado a tratá-los: a sua Comissão Administrativa.

Tal orientação não é correcta nem compatível com o espirito não político que se diz ter presidido à referida reunião.

A Comissão Administrativa da Junta Geral do Funchal tem qualidade bastante de que não abdica para tratar directamente com as entidades competentes (e não através qualquer assembleia particular) os assuntos que dizem respeito a este Corpo Administrativo, dispondo, para isso de elementos que só ela tem à mão, e não vê na agitação leviana dos mesmos assuntos senão possibilidades de entravarem a sua acção, pela confusão que necessariamente se estabelece. Com certeza não é este o fim que se pretende atingir.

Esta Comissão Administrativa acha bem sejam elaborados pelos legítimos representantes das chamadas "forças economicas" trabalhos sobre os problemas que directamente lhes interessam, os quais poderão secundar, desde que se apoiem em elementos serios, mas exige que não venham quaisquer pessoas imiscuir-se na sua esfera de acção.

A Comissão Administrativa da Junta Geral tem a certeza de que o Governo, neste momento, está dedicando a maior atenção aos problemas da economia madeirense—muitos dos quais, senão a maioria, não tem sido agitados e traduzidos, com a devida clareza e que sobre estes problemas decretará salutares medidas.

Para este efeito a Madeira já teve o gosto de receber a visita de alguns representantes

A PAZ DO MUNDO**O governo alemão pede a extinção completa do tratado de Versalhes**

A Alemanha quer retomar a liberdade de acção em materia de armamentos

LISBOA, 17—O governo alemão promulgou uma lei, instituindo o serviço militar obrigatorio, tendo dirigido uma proclamação ao povo, na qual renova os ataques ao Tratado de Versalhes, pedindo a sua completa extinção.

Hitler declara que o governo compromete-se a não levar as medidas militares além do necessario para a defeza do país.

A decisão do ministério alemão causou grande sensação nos meios internacionais, visto equivaler à denuncia das clausulas militares do Tratado de Versalhes, demonstrando que a Alemanha quer retomar a liberdade de acção em materia de armamentos.—Marconi.

A attitude do governo germanico em matéria militar

BERLIM, 18—O ministro da Guerra, general von Blomberg declarou que, com a promulgação da lei que manda reintroduzir o serviço militar obrigatorio, o governo do Reich lançou as bases para a segurança da Alemanha.

O exercito e a marinha vão agora tornar-se o que era antes, e no futuro uma escola onde a juventude alemã poderá aprender a manejar as armas segundo o espirito de sacrificio e de amor pela Pátria.

"O nosso ideal deve ser uma Alemanha forte e armada," concluiu o ministro da Guerra que nunca mais capitulará e nunca mais colocará a sua assinatura por baixo de tratados que prejudiquem a sua honra, segurança e direitos vitais."

Apresiasi da decisão do Reich

LONDRES, 18—Para uma nova troca de impressões sobre a decisão do Reich houve, de tarde, uma conferencia entre MacDonal, Baldwin, Simon, Eden e Wansittart, Secretario permanente do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

A Hungria e a revisão dos tratados

BUDAPEST, 18—Foi antontem iniciada a campanha eleitoral, sendo pronunciados em toda a Hungria cerca de mil discursos de propaganda, entre os quais um do presidente do conselho Comboes que tornou a confirmar a intenção da Hungria conseguir pacificamente a revisão dos tratados.

O serviço militar obrigatorio na Alemanha. A attitude das potencias

LISBOA, 19—Os governos francès, inglês e italiano estão a tratar da situação criada em face da resolução do governo alemão acerca da obrigatoriedade do serviço militar. Parece que a Inglaterra enviará uma nota energica á Alemanha, declarando ter a attitude de Hitler destruido as possibilidades das conversações anglo-germanicas.

A medida governamental causou em toda a Alemanha grande regosijo, devendo o exercito organizado ficar com cerca de 400 mil homens.—Marconi.

Os Soviets e a Alemanha

MOSCOVO, 18—O "Izvestia" diz que o Reich é forçado a apressar a preparação militar, visto obriga-lo a isso a crise economica.

Os seus fins são então essencialmente praticos.

Qual cairá em primeiro lugar? a Austria, Dantzig ou Memei?

E' impossivel dizer mas é certo que Alemanha prepara a aggressão e as grandes potencias devem apressar-se na organização dum sistema de segurança que, com ou sem a Alemanha, lhe fará compreender que ela é mais fraca que o concerto das potencias pacificas.

O que diz a imprensa Francêsa

PARIS, 18—A imprensa insiste na necessidade de fazer face á situação nova criada pela Alemanha.

As potencias seguradoras da paz devem formar um bloco para não deixa-la, impunemente, violar os tratados e garantir o futuro da ordem europea.

Reclama uma colaboração cada vez mais estreita entre a França, Inglaterra e a Italia.

O Governo britânico e a Alemanha

LONDRES, 18—Sabe-se que o conselho de ministros resolveu enviar a Berlim nma comunicação da qual dependerá a viagem de Simon, e pergunta ao Reich se está disposto a regressar á S. D. N. e se está decidido a aderir ao sistema de segurança colectiva sob a egide de Genebra.

O conselho de ministros reconheceu por fim que a decisão da Alemanha constituiu uma violação do tratado de Versalhes.

Protesto contra o governo do Reich

PARIS, 18—O governo de Roma é favoravel ao protesto que deve ser apresentado ao governo de Berlim, juntamente com o das outras grandes potencias europeias.

A Alemanha regressará á S. D. N.

BERLIM, 18—Certos meios dão a entender que a Alemanha poderia regressar á S. D. N. Esta noticia, não tem, porém confirmação official.—Radio.

Cruzados de Fatima**Nota officiosa**

Previnem-se os Rev.^{os} Directores locais que as listas, devidamente preenchidas, de v e m ser enviadas até o dia 18 de cada mês, o mais tardar, afim de que o pedido da "Voz de Fatima" esteja em Lisboa, no dia 25.

A DIRECÇÃO**No Porto do Funchal****Roubo de Cabos**

As fragatas de carvão, do nosso porto, tem também sido visitadas nestas ultimas noites pela gatumagem.

De ante-ontem para ontem, a guarda-fiscal de serviço do porto, conseguiu capturar 3 gatumos que roubavam cabos a bordo dessas embarcações.

Ha dias, tambem desapareceu um cabo de bordo duma fragata da companhia alemã, sendo este facto participado á Capitania do Porto a qual pôz a sua policia em campo, nosentido de descobrir os gatumos.

O autor desta proeza, José de Jesus Cambé, sem profissão, ao ver-se perseguido pela policia, abandonou o furto, que ficou em poder do cabo de mar, tendo o Cambé tambem sido preso por se achar implicado num roubo feito há dias numa mercearia.

Imprensa local**A "Mocidade"**

Foi ontem distribuido o n.^o 94 de "A Mocidade", folha mensal, órgão da "Escola de Artes e Officios", que se apresenta, como sempre, com belo aspecto grafico e escolhida colaboração, comemorando o presente numero o 14.^o aniversario da fundação daquela prestantissimo instituição e do "Patronato de Nossa Senhora das Dóres" instalado na "Quinta de S. Filipe".

Agradecendo a referencia que faz a "O Jornal" ao artigo intitulado "A maior Chaga Social", desejamos a quele nosso estimado colega, sempre crescentes prosperidades.

General Machado

LISBOA, 17—Informam de Paris que os partidários do General Machado dizem estar próximo o seu regresso a Cuba.—Marconi.

O nomeada para Presidente da Liga Nacional da Acção Catolica F. a Vice-Presidente da Junta Nacional da Obra de Protecção ás Raparigas

Sua Eminência o Senhor Cardial Patriarca nomeou Presidente da Liga Nacional de Acção Catolica Feminina a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Luiza da Graça Van-Zeller.

Não podia Sua Eminencia ter escolhido melhor a Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Luiza da Graça Van-Zeller possue todas as qualidades necessarias para o importante cargo que vai desempenhar, merece com justiça a distincção com que Sua Eminencia a honrou.

A Junta Nacional da Obra de Protecção ás Raparigas é que vai perder, assim, uma das suas grandes forças, porquanto aquela Senhora exercia o cargo de Vice-Presidente Nacional desta Associação.

Europa-America do Norte, pelo ar

Um almoço na Legação da Alemanha

LISBOA, 22.—O sr. ministro da Alemanha em Lisboa, Barão von Howninghueno, ofereceu um almoço em honra dos aviadores que, depois de experiencias mais que satisfatorias, tendo em vista a ligação da Europa com a America do Norte, pelo ar, se encontram presentemente nesta capital.

Ao almoço assistiram os srs. governador civil de Lisboa, chefes da aviação portuguesa e dirigentes da União Nacional.

O sr. ministro da Alemanha pronunciou um discurso enaltecendo a importancia da obra dos aviadores alemães e agradecendo ás autoridades portuguesas a colaboração que lhes prestaram. A primeira etapa da ligação pelo ar entre o velho e o novo mundo foi vencida graças ao esforço de Portugal e do Reich, que veio estreitar a amizade entre os dois países.

Em Berlim

BERLIM, 30. — Berlim, em festa, receberá, na proxima segunda-feira, os 10 aviadores alemães que se encontram em Lisboa e que, a bordo dos aviões *Holus* e *Zephyr*, cobriram mais de 33.000 quilometros, entre a Europa e os Estados Unidos.

Os aviões referidos fizeram duas vezes, sem mudar de motor, a viagem mais difficil do mundo, de ida e retorno, entre os continentes europeu e norte-americano.

Os dois aparelhos regressaram á Alemanha, bem como o navio catapulta *Schwabrenland*.

A segunda serie de experiencias começará na proxima primavera.

O director da Lufthansa, Barão von Gablexy, que tomou parte na travessia, espera que a partir do outono de 1937 se faça um serviço regular de transportes aereos entre a Alemanha e Nova York, em 48 horas.

No Tejo

LISBOA, 22.—Chegou ao Tejo o avião «Zephyr», pertencente á Lufthansa, que estuda a ligação aerea entre a Europa e a America.

A PAZ EUROPEA

LISBOA, 22.—Reconhecendo, por falta de provas, as acusações contra a Alemanha, Italia e Portugal, países violado o acôrdo de não-intervenção, sabe-se, nos meios officiais estrangeiros, que se pretende retomar a sua liberdade de acção em Londres, a fim de ajudarem, oficialmente, a apontado como sintoma grave.

Por isso, lavra em todos os meios contra os processos do governo.

FUNDAÇÃO NACIONAL PARA A ALEGRIA NO TRABALHO

O «Diário do Governo», inseriu o decreto-lei n.º 27.125, abrindo um credito de 350 contos, destinado á concessão de um subsídio á Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

CONVITES



Luiz Antonio Bernes FALECEU

R. I. P.

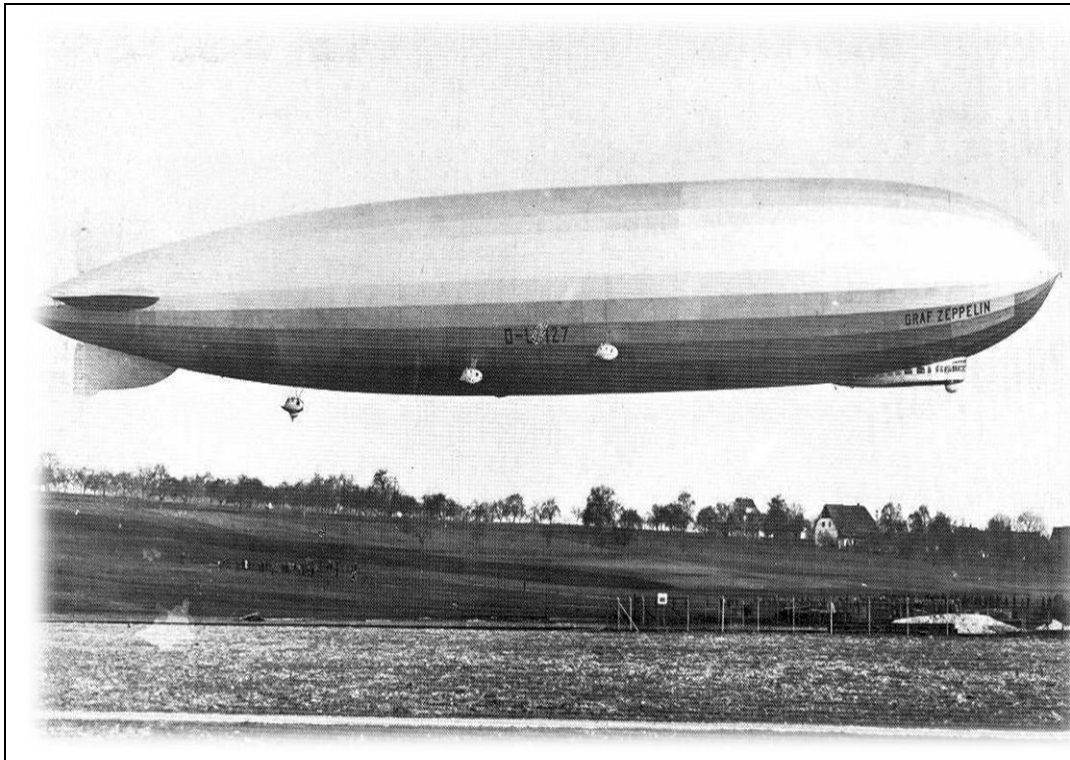
Maria Gomes Bento Bernes, Alberto Bernes, Luiz Bernes, Alfredo Bernes, Maria Alexandre Bernes, Celina Bernes, Gabriela Batista Bernes, noras, genro e demais familia participam e felicitações do seu saudoso marido, pai, sogro e parentes e que o seu funeral realiza-se hoje, ás 3 horas, salndo da Travessa de Pimenta, 24, para o cemiterio das Angustias, agradecendo reconhecidos desde já a todos que se dignarem acompanhar o extinto á sua ultima morada.

Funchal, 23 de Outubro de 1936.

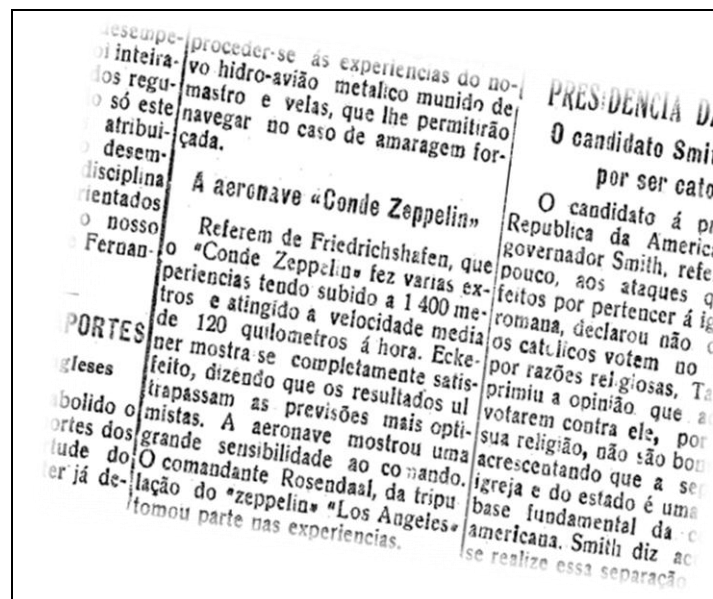


A Direcção da Sociedade 20


ANEXO 11



O LZ 127 «Graf Zeppelin» a aterrar. Ilustração extraída de Peter Meyer, "Luftschiffe - Die Geschichte der deutschen Zeppeline", Edição wehr & Wissen, Koblenz/Bonn, e Bernard & Graefe, Verlag, Bonn, 1996. Foto do arquivo privado do Prof. Dr. Eng. Elmar Wilczek.



Notícia sobre o dirigível alemão «Conde Zeppelin». O Jornal, 29 de Setembro de 1928, p. 3.



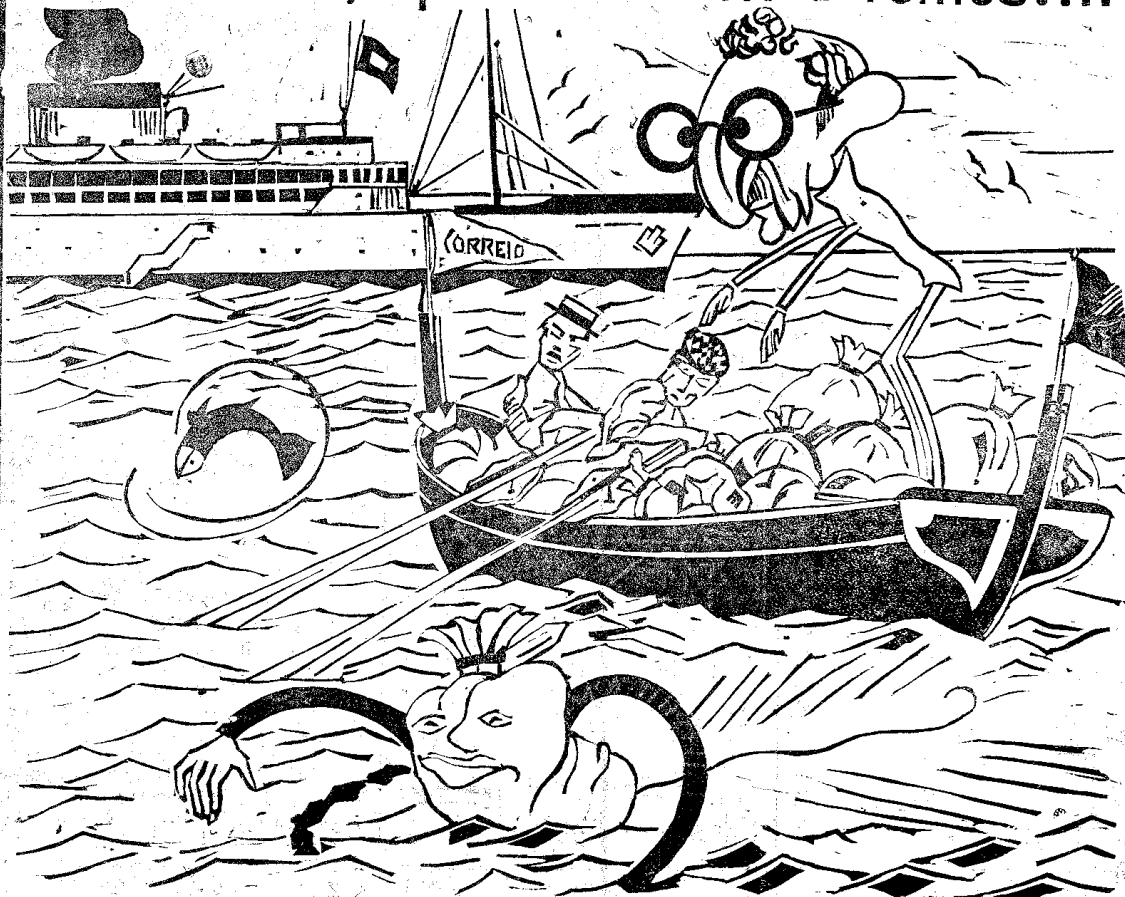
RE-NHAU-NHAU

Direcção de: **Gonsalves Preto**
João Miguel

Funchal, 18 de Abril de 1936

Trimensário humorístico | Red. Adm.—Rua do Esmeraldo n.º 28-1.º
Editor e proprietário—João Miguel | Comp. e impressão:—Rua dos Ferreiros, 42

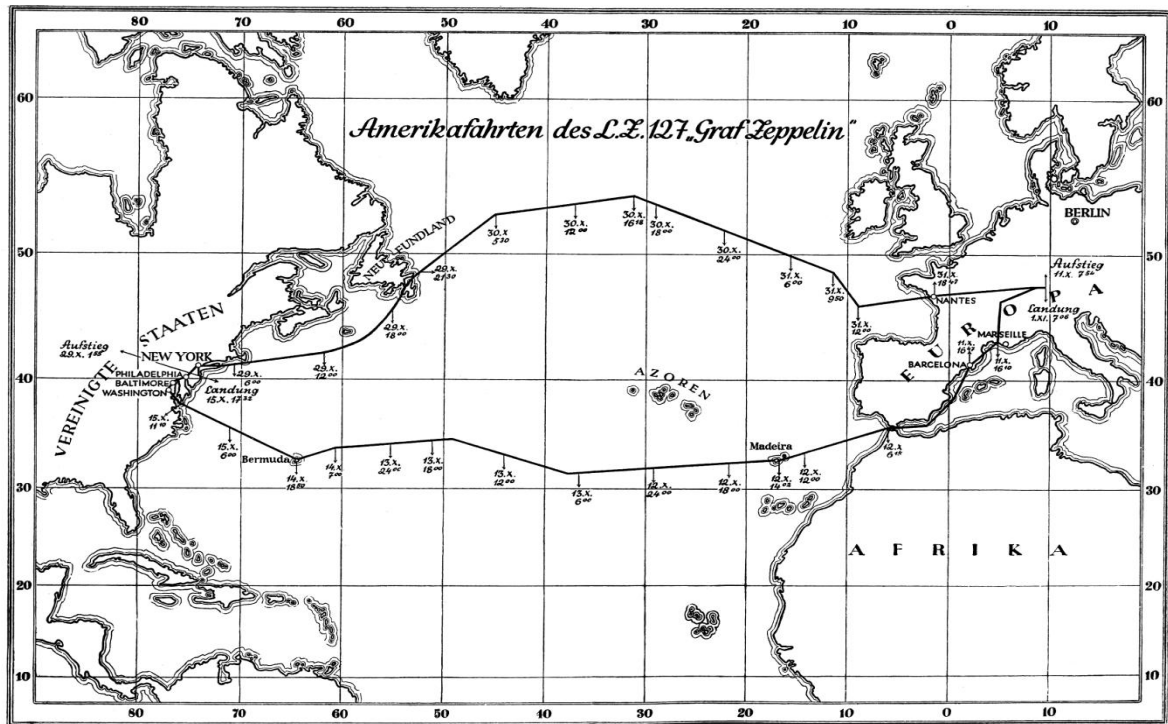
Adeus mala, que te vais... a remos!...



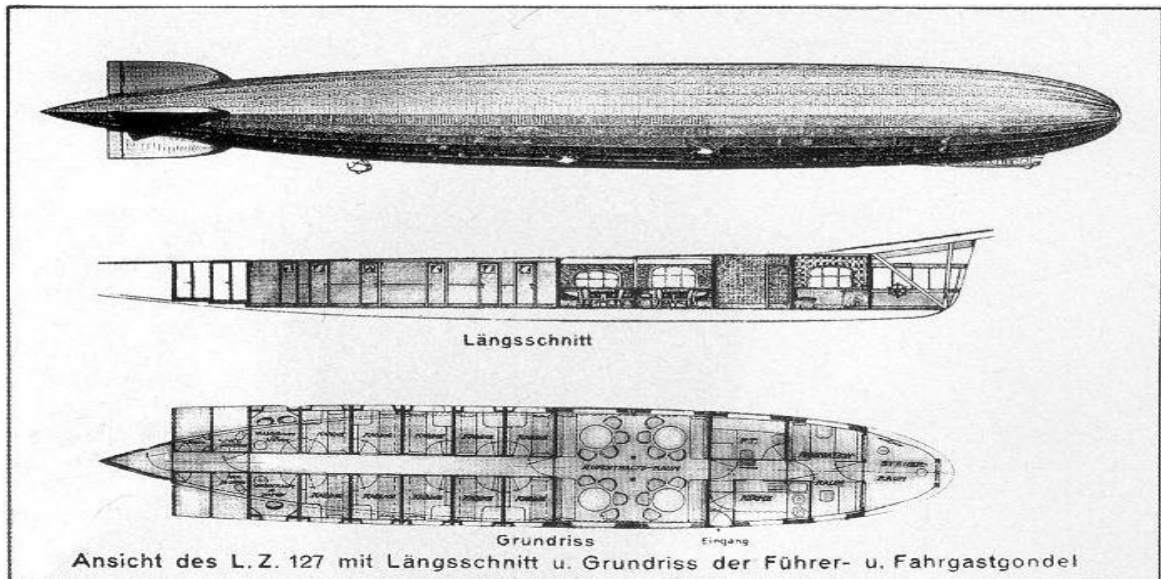
Des: de Julius

Julio, o Zupt, Zupt, Não Tenha Medo, chefe do pessoal menor do Correio, na hora trágico-marítima em que vai a bordo buscar a mala, num barco a remos, tal qual nas grandes cidades os zepelins a fazerem também ZUPT, ZUPT, caçado nesta pregação aos peixinhos: —É mais facil passar um camelo pelo fundo duma agulha, do que num calhambeque destes chegar a correspondência a terra, sem um ano de demora!...

ANEXO 13



Descrição do trajecto do dirigível, saindo de Friedrichshafen com destino a New York, sobrevoando a Madeira a 12 de Outubro, e regresso a Friedrichshafen. Os algarismos ao longo do trajecto indicam a posição do LZ 127 segundo data e horário. Foto extraída do livro de Dr. Hugo Eckener, *Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"*, edição de Rolf Brandt, Editora August Scherl G.m.b.H., Berlin, 1928.



Desenho do modelo LZ 127 que sobrevoou a ilha, em Outubro de 1928. Vista do corte longitudinal da aeronave e planta da cabine dos passageiros e do piloto. Origem da Foto: Zeppelin-Museum Friedrichshafen, extraída de «Zeppelin passou há setenta anos», Ricardo Dumont dos Santos. *Revista Saber*, Outubro de 1998, p. 20.

ANEXO 14



«Postabwurf über Funchal»: lançamento de correio sobre o Funchal, Outubro de 1928. Foto extraída do livro de Dr. Hugo Eckener, *Die Amerikafahrt des "Graf Zeppelin"*, edição de Rolf Brandt, Editora August Scherl G.m.b.H., Berlin, 1928.



Ateneu Comercial do Funchal

(ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DE PROFISSIONAIS DO COMERCIO-FUNDADA EM 1898)

500
I.º 4

Exma. Direcção de Collegio Alemão,
Funchal.

Acusando a recepção do amavel convite de V.Exas. para assistir a uma festa comemorativa, no proximo dia 10 de Junho, em homenagem, ao grande epico Portuguez, Luiz de Camões, venho muito penheradamente, agradecer a gentileza do mesmo convite, comunicando a V.Exas., que esta Direcção, se fará representar pelo seu presidente.

Aproveite a oportuniidade, para manifestar a V.Exas. a minha muito grande admiração, pelo esforço dispendido pelo Collegio Alemão, da digna direcção de V.Exas., a bem da instrução e da educação infantil, laços estes, que cada vez mais servem de ligação das duas patrias Alemanha e Portugal.

Com os protestos da minha maior consideração e reconhecimento, subscrevo-me de V.Exas.

A bem da Nação.

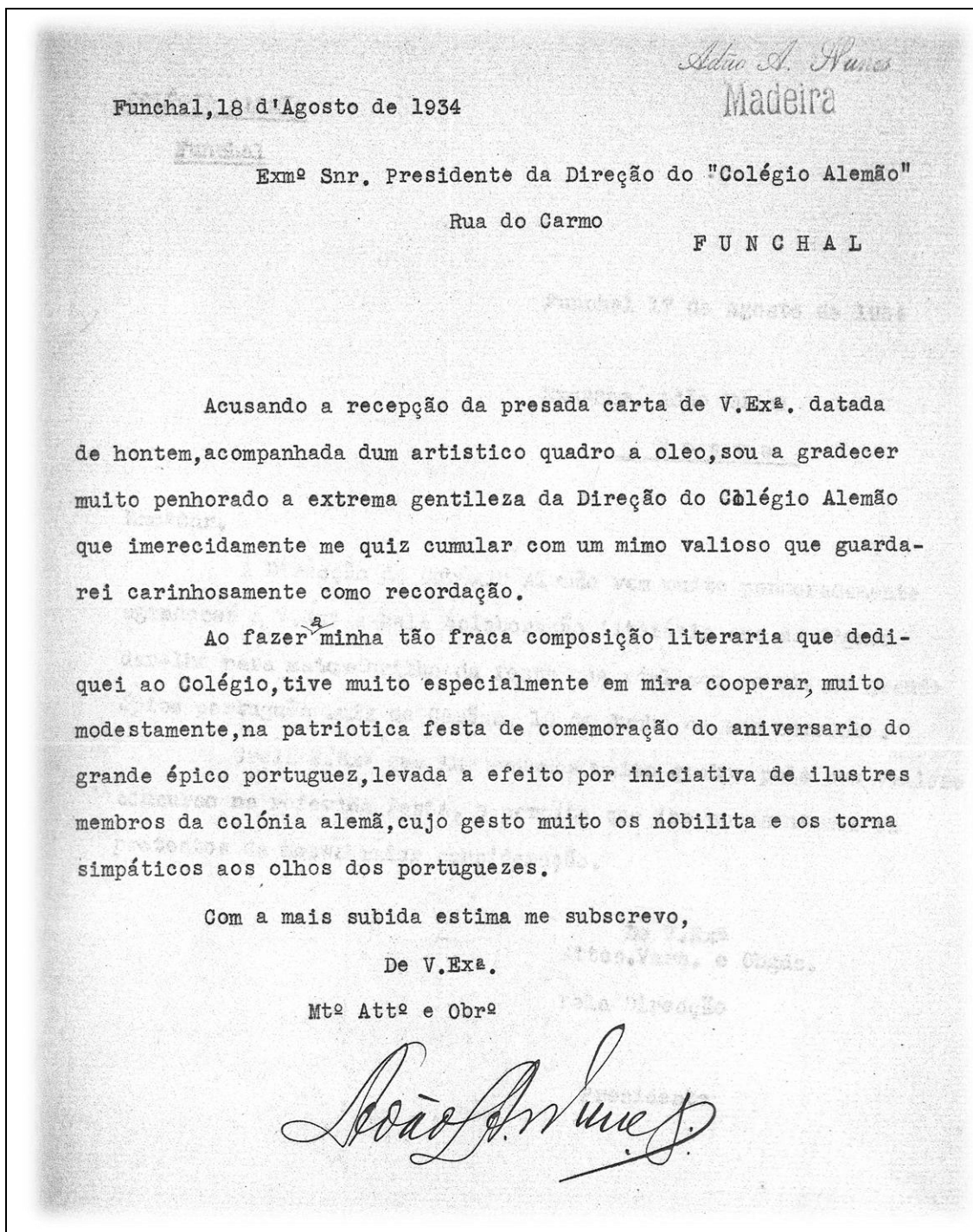
Funchal, aos 9 de Junho de 1934.

O Presidente da Direcção,

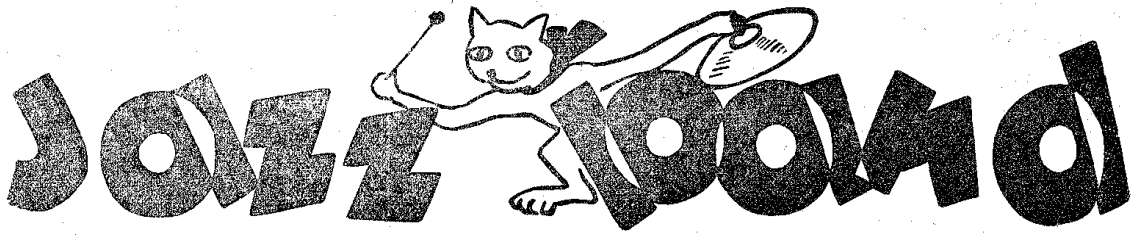
Jaime Cesar Nunes de Oliveira
Jaime Cesar Nunes de Oliveira.

Carta enviada pelo presidente do Ateneu Comercial do Funchal à direcção do Colégio Alemão a 9 de Junho de 1934, agradecendo o convite a este colégio para a festa de comemoração do feriado de 10 de Junho organizada pelo mesmo. A conotação das palavras patente no último período do texto traduz o bom relacionamento deste colégio com a comunidade portuguesa local e «das duas pátrias Alemanha e Portugal». Documento do espólio do Colégio Alemão, ainda não catalogado, pertencente ao ARM.

ANEXO 16



Carta dirigida ao Colégio Alemão por Adão Abreu Nunes, onde este expressa o saudável relacionamento da colónia alemã com a comunidade madeirense, tendo como objecto a comemoração da efemeridade do 10 de Junho organizada por membros da colónia alemã. Adão Abreu Nunes foi o autor da obra *Peixes da Madeira* (1953). Considerava-se um velho amigo e condiscípulo do Visconde do Porto da Cruz, de acordo com as palavras escritas por si no prefácio da sua obra. Documento do espólio do Colégio Alemão, ainda não catalogado, pertencente ao ARM.



Os nomes das ruas

Chamamos a atenção das instancias competentes para o que se vem fazendo nas pinturas dos nomes das ruas. Os nomes das ruas, deviam ficar numa pinturinha, mas assim como vão, estão ficando mas é numa miseranda borrada.

As letras, umas ficam maiores, outras menores; nem ficam em linha horizontal; nem ficam tão claras que se possam ver sem o auxilio de binóculo... Enfim: uma autentica borrada.

Se o sindicato dos pintores não dá conta do recado, entregue-se aquêle trabalho de pintura ao sindicato dos relojoeiros... contanto que se apresente obra asseada.

* * *

A proposito disto, temos a lembrar a quem desejar bater á porta de «Re-nhau-nhau» que já não moramos na Rua do Esmeraldo, mas sim na Rua do Esmeraldo Fidalgo Flamengo sec. XVI n.º 28 1.º.

Do mesmo modo já notamos que a Rua de João Tavira já não é de João Tavira mas sim de João Tavira Tabelaão sec. XVI.

Um voto de louvor

O sr. Loja, na reunião do Ateneu propôs um voto de louvor aos jornais «Povo» e «Noticias» pela forma como teem defendido os interesses da Madeira.

Foi pena que o sr. Loja se tivesse esquecido do «bichano» pois muito antes de qualquer jornal, falou o «Re-nhau-nhau» que era necessário mais receitas para a Madeira.

Se o sr. Loja não acredita faça o favor de ver o nosso n.º de 23 de maio de 1933.

E damos-lhe um doce se encontrar anteriormente a esta data algum

jornal que tivesse abordado este assunto com tanto dessassombro e largueza de vistas.

Lá por nós sermos uns brincalhões não quere dizer que mesmo a brincar não se façam meninos ou se não peça para as nossas ricas massinhas fiquem na Madeira.

Entendeu, sr. Loja? Agora, para a proxima vez pode esquecer-se de nós que não ficamos zangados consigo. Ainda se os louvores fossem alguma coisa de comer que se vendesse na mercearia Loja...

Os quiosques

E' bom que o sr. Dr. João Abel não se esqueça de reduzir a nada aqueles cazinhotos alapados á Sé.

De contrario, muito contra a nossa vontade, temos que meter o nosso bedelho nas atribuições da Junta, com o que o sr. Dr. João Abel affina solememente.

E' ou não verdade que aqueles cazinhotos estão a meter nas suas trazeiras a parte mais artistica da Sé?

Se é verdade não há que pensar duas vezes para pregar-lhe as competentes picaretadas.

Uma injustiga

De entre os nomes das ruas que não se lhes devia tocar, está o da Praça de Tenerife.

E' sabido que em tempos deu-se este cognome ao Campo da Barca, para correspondermos a uma gentileza de *nuestros hermanos* de Canarias que na cidade de Santa Cruz de Tenerife deram a uma das Praças mais centrais o nome de *Plaza Isla de la Madeira*.

Só por isto não havia razão de mudar o nome á Praça de Tenerife do Funchal, porque não só o amor com amor se paga mas também *plaza* com praça se paga.

A Iluminação

Bem, bem! A Camara dignou-se acender as velas da iluminação do «Largo do Chafariz». Cá estamos nós a dizer bem da Camara, tal qual como haviamos prometido no ultimo numero de «Re-nhau-nhau», se ela nos fizesse a ventadinha de fazer o *fiat Lux* nesta tenebrosa cidade.

Agora não vá a Camara criar fama e deitar-se a dormir porque no capitulo do *fiat Lux* ainda muito há que realizar. Quanto a nós cá ficamos á espera de voltar a dizer bem da douta edilidade funchalense...

Os nazis

No dia 20 deste mês, a Madeira foi invadida por 2 600 nazis, ao serviço de Hitler, da marca *Krup*, sem que todavia esse facto desse origem a qualquer protesto diplomatico, ou a qualquer denuncia dos tratados, tratados entre nós e a velha Germania.

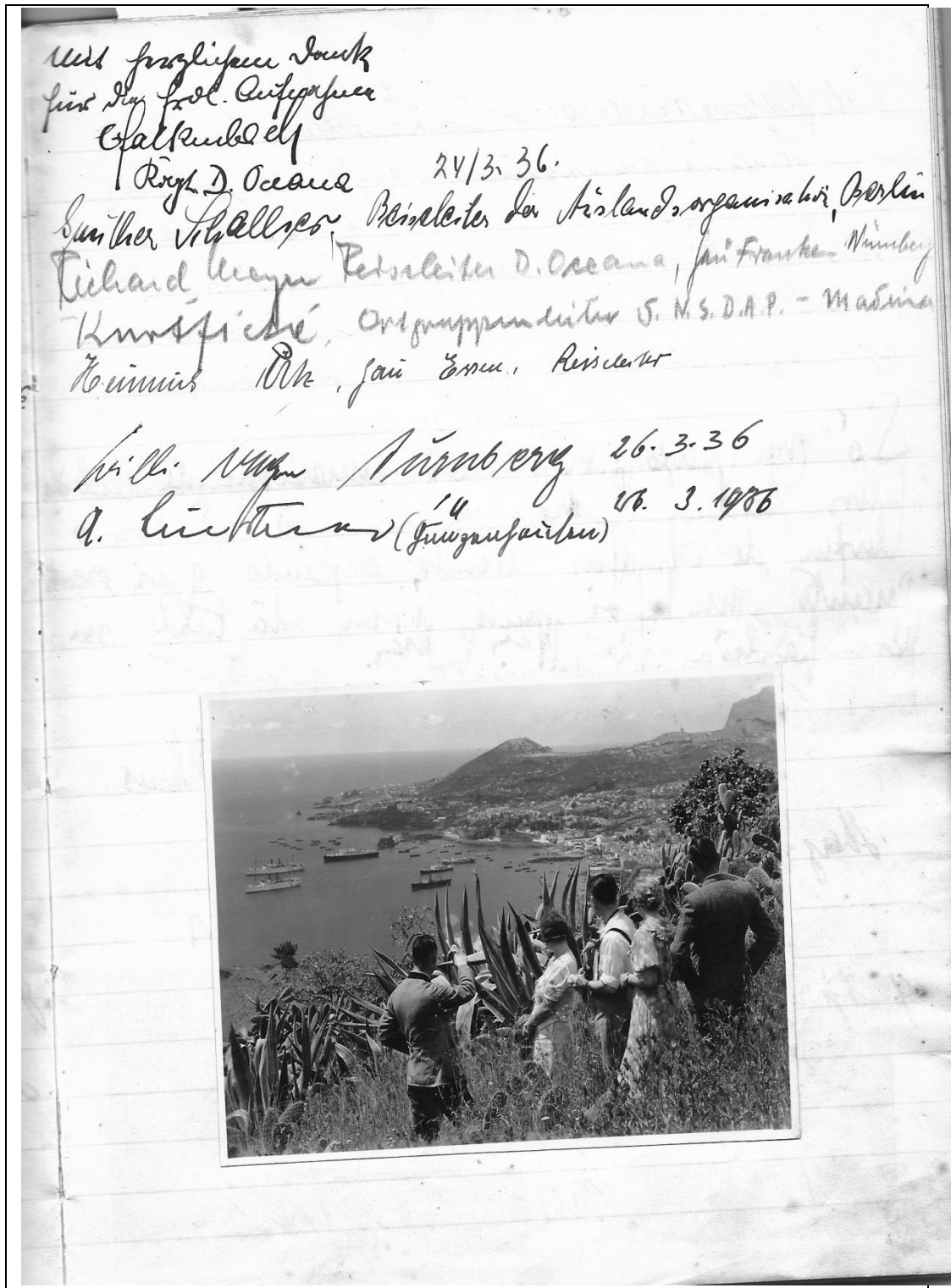
Apenas tiveram de prevenção rigorosa os «cineasnos» da nossa guarnição de Rudolfos, tendo estes recolhido aos seus quartéis á hora do rancho, depois de verificarem que não havia maneira de meter o dente ou coisa semelhante em tamanhos e tão rigidos canhões hitlerianos da marca *Krup*.

Excursões alemães

Como Portugal é um alho para a imitação das boas acções... estrangeiras, estamos a ver que mais dia menos dia, vão 2 650 operarios portugueses, espaiarecer o cadaver para as margens do Reno, tal qual os operarios alemães vieram para a margem da Ribeira de Santa Luzia.

E' uma questão de esperar porque como diz o anexam, o que se não faz no dia de S. Luzia faz-se em qualquer outro dia...

ANEXO 18



Dedicatória com agradecimento e assinaturas de turistas do navio *Oceana*, datada de 24 e 26 de Março 1936. Inclui a assinatura de Kurt E. Fiché, Delegado Regional do NSDAP na Madeira. Estes excursionistas teriam sido convidados pelo cônsul da Alemanha, a visitar a sua casa. Documento extraído do Livro de Honra III, da *Quinta Olavo* (residência do cônsul da Alemanha na Madeira). O cônsul possuía este livro onde, por tradição, assinavam todas visitas que aqui recebia.

A. Jellkofer



Nir durften glückliche Tage auf der herrlichen Insel verleben, dank der liebenswürdigen Gastfreundschaft der Familie Gesche. In der Quinta Olavo waren wir für die Zeit unseres Aufenthaltes "zu Hause". Für alle wird die Fahrt ein unvergessliches Erlebnis sein. Wir wollen dazu helfen, dass recht viele unserer Kameraden wie wir so viel Schönes kennen lernen, um dann heimgekehrt mit neuen Eindrücken und Erkenntnissen für unser liebes Vaterland schaffen zu können.

Funchal, am 30. Juli 1935 (vom 18/7-30/7)

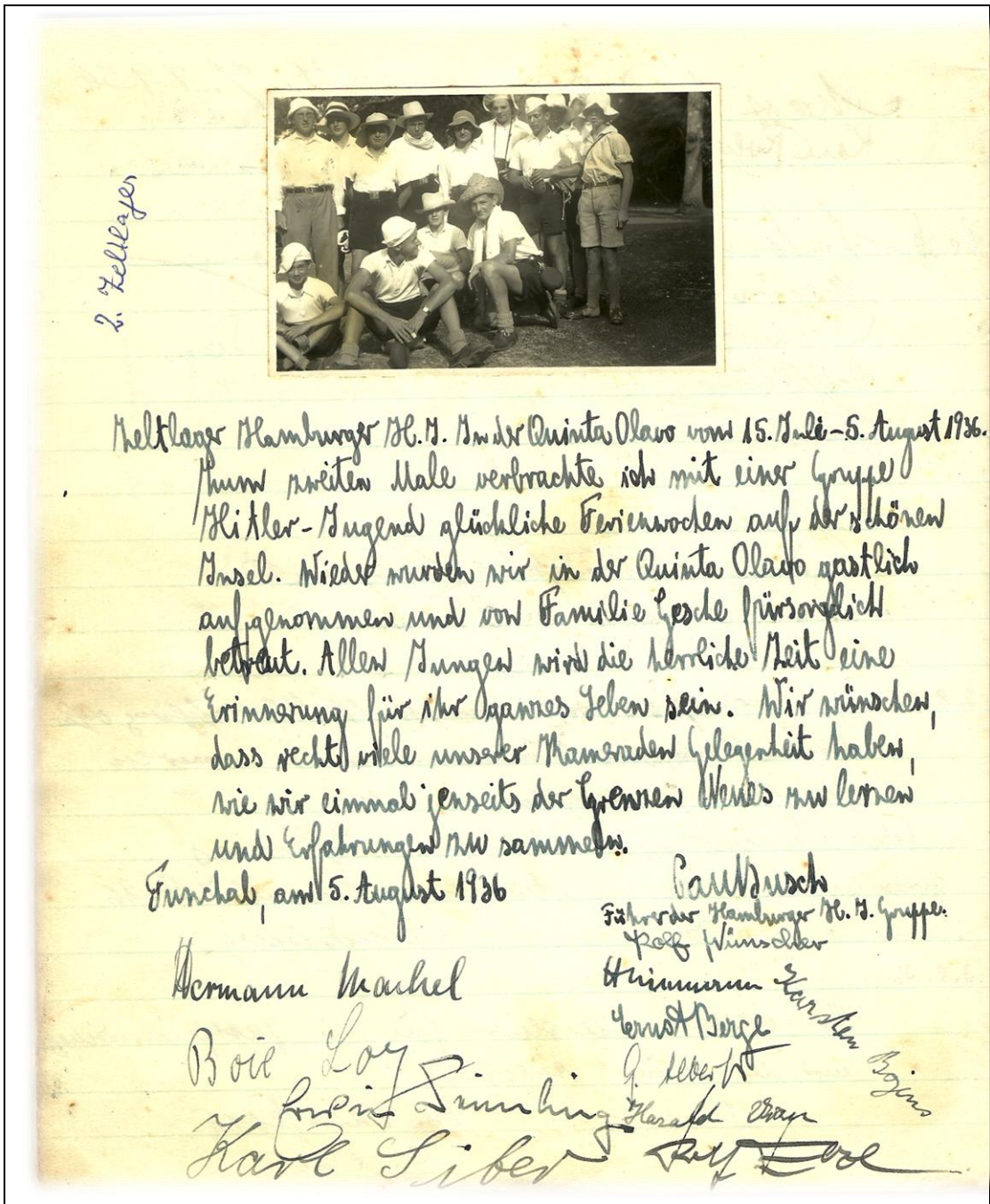
Paul Busch
Führer der Hitler-Jugend-Gruppe
auf grosser Fahrt nach Madeira.
Werner Wendland

Großmutter Witt
Carl-Heinz Kaiser
Günther Carl Engel

Joachim Seydewitz
Heinz Kurth
Klaus-Otto Weich
Elliott Juleit
Egon Pöhlke.

Emilping Pöhlke.

1º Acampamento - 18 a 30 de Julho de 1935. [Nós tivemos a oportunidade de viver dias felizes na magnífica ilha, graças à adorável hospitalidade da família Gesche. Durante a nossa estadia na Quinta Olavo sentimo-nos como em casa. A viagem será uma experiência inesquecível para todos. Nós queremos ajudar a garantir que muitos dos nossos camaradas venham a conhecer tantas coisas belas como nós, para que voltem a casa com novas impressões e conhecimentos para a nossa Pátria amada. Funchal, 30 de Julho de 1935]. Assina Paul Busch, «líder do grupo da Juventude Hitleriana, na grande viagem à Madeira», sentado ao centro, de óculos, e os dez jovens do grupo (tradução nossa). Documento extraído do Livro de Honra III da Quinta Olavo, residência do cônsul da Alemanha na Madeira, gentilmente cedido pela ex cônsul Elisabeth Gesche.



2º Acampamento – 15 de Julho a 5 de Agosto de 1936. [Acampamento da juventude hitleriana de Hamburgo, na Quinta Olavo. Pela segunda vez passei com um grupo da juventude hitleriana felizes semanas de férias na bela ilha. Fomos novamente recebidos na Quinta Olavo e tratados pessoalmente pela família Gesche. Para todos os rapazes este tempo aqui passado será uma recordação para toda a vida. Nós desejamos que muitos dos nossos camaradas tenham a oportunidade, como nós, de aprender coisas novas e de ganhar experiências para além das fronteiras. Funchal, 5 de Agosto de 1936.] Assina Paul Busch «líder do grupo de juventude hitleriana de Hamburgo», o primeiro de pé, da esquerda para a direita, de óculos, e os onze jovens do grupo (tradução nossa). Documento extraído do Livro de Honra III da Quinta Olavo, residência do cônsul da Alemanha na Madeira, gentilmente cedido pela ex cônsul Elisabeth Gesche.

Funchal, den 18. 8. 1936.

„Nicht um des Ruhmes willen,
nicht um des Kampfes willen,
um der Ehre willen sind wir da.“

Vielen Danke für die schönen Ferien, die ich
vom 15. Juli - 18. August in der Quinta Olavo
verlebt habe.

Ich will Euer Stolz
und Eure Freude sein.

Euer Kurt




[“Não é por causa da fama, não é por causa dos combates, é por causa do amor à honra que cá estamos.”Muito obrigado pelas ótimas férias que vivi de 15 de Julho a 18 de Agosto na Quinta Olavo. Eu quero ser o vosso orgulho e a vossa alegria. O vosso Kurt]

Kurt Gesche foi o único filho varão do cônsul da Alemanha na Madeira. Era natural do Funchal, onde nasceu a 10 de Abril de 1921. Fez parte do segundo acampamento da Juventude Hitleriana na ilha, no Verão de 1936. Três anos depois, aos dezoito, alista-se como voluntário, tornando-se tenente de Armada, acabando por falecer num submarino, no decurso da 2ª Guerra Mundial, em 1943. Documento extraído do Livro de Honra III da Quinta Olavo, gentilmente cedido pela ex cônsul da Alemanha na Madeira, Elisabeth Gesche e irmã de Kurt Gesche.

3. Zelllager

Ankunft:
mit "General
Artigas" am
23. Juli 1937



Abreise:
mit "Madria"
am
18. Aug. 1937.

Auch in diesem Jahre durften deutsche Hitler-Jungen
glückliche Wochen auf der herrlichen Insel erleben und fanden
spätsich Aufnahme in der Quinta Olavo mütterlich betreut von
der liebenswürdigen Gastgeberin. Wir können hier nur die üblichen
Danke Worte niederschreiben, doch weiß ich dass dieses glückliche
Ferienlebnis für die Jungen eine feste Erinnerung für das ganze
Leben bedeuten wird und das ist wohl die schönste Anerkennung für
alle Mühe und Sorgf. Paul Busch ^{Sachführer.}

Oskar Baumgarten Friedrich M. Hebstädt

Wolfgang Wenzel Franz Hirtner Ulrich Fricke

Carl-Wolfgang Schmidt Hermann Muechel

Teilnehmer des 3. Zelllagers am 21. 6. 37 (siehe Liste)
Günter Bogert, Jürgen Köster, Heinz Nyfoly

Wolfgang Pfaender? Helmut Richter.

3º Acampamento - 23 de Julho a 18 de Agosto de 1937. [Também este ano puderam os jovens da juventude hitleriana alemã passar férias alegres na ilha espectacular, sendo recebidos como convidados na Quinta Olavo e maternalmente tratados pela encantadora anfitriã. Aqui apenas podemos escrever novamente a habitual nota de agradecimento, apesar de eu saber que esta feliz experiência de férias significará para os rapazes uma alegre recordação para toda a vida e é a mais bonita homenagem para todos os esforços e preocupações.] (tradução nossa). Assina Paul Busch, o «líder da viagem», o primeiro da direita para a esquerda, de óculos, e os treze elementos do grupo. Documento extraído do Livro de Honra III da Quinta Olavo, residência do cônsul da Alemanha na Madeira, gentilmente cedido pela ex cônsul Elisabeth Gesche.

POLITIQUEICES

O centro nacionalista inaugurou há dias a sua séde á Rua da Ponte de S. Lazaro, em frente ao *Corner Shop*, com toda a pompa do estilo. Com não menor pompa inauguraram tambem varios e determinados retratos de figuras bastante prestantes á situação.

Usaram da palavra o sr. Vasco Mimoso, que fez afirmações da máxima importancia política: Que a política, disse, é uma espécie de mēsa pé-de-galo que tanto levanta o pé como levanta a mão e que nem sempre diz:—a paz do senhor seja convosco,...

Tambem, desta feita, fez o Mimoso senhor, varios gestos subversivos e nervosos com a ponta do nariz e com a perna esquerda.

Tambem ergueu-se para falar o sr. Manuel Correia do Desemprego, que demonstrou possuir um espirito limpido e cognoscitivo dos problemas nacionais e internacionais... Este orador no fim do seu eloquente discurso, fez a sala regorgitar de palmas fartas...

Falaram ainda mais alguns varões illustres e por fim o sr. governador civil declarou que o Governo Central, nunca se esqueceu, não se esquece nem se esquecerá da Madeira. Declarou ainda que ai daquele que se atreva a atravessar se ao regime que o povo implantou em 1910!

Por fim a festa de inauguração terminou com um Madeira de Honra cruzando-se por vezes no ar uns vivas á Republica que caíram como cavacas, como «avis rara» nos espíritos presentes da população republicana.

* * *



Gr. de Mendonça

Des. de Natalino

Goering—uma boa bisca... de espadas da Alemanha que brevemente vai casar com uma actriz.

revolucionarios de ontem, como serão os vencidos de amanhã...

Apesar do sentimento de humanidade que assistiu a Lerroux, poupando ao fuzilamento o chefe da revolução das Asturias, Gonzalez Pena, o que lhe valeu a queda do governo. Lerroux não deixou de ser um incoerente.

Fartou-se de fuzilar muitos revolucionarios da chamada baixa esfera, mas quando chegou a vez do chefe dos mesmos revolucionarios, naturalmente porque era senhor de gravata... Lerroux foi tão coerente que lhe comutou a pena.

Onde se vê que para o senhor Lerroux, a logica é uma batata. Ou então para poupar a vida aos senhores de gravata tambem devia ter poupado aos que não tiveram dinheiro para aquele adorno *pescogal*.

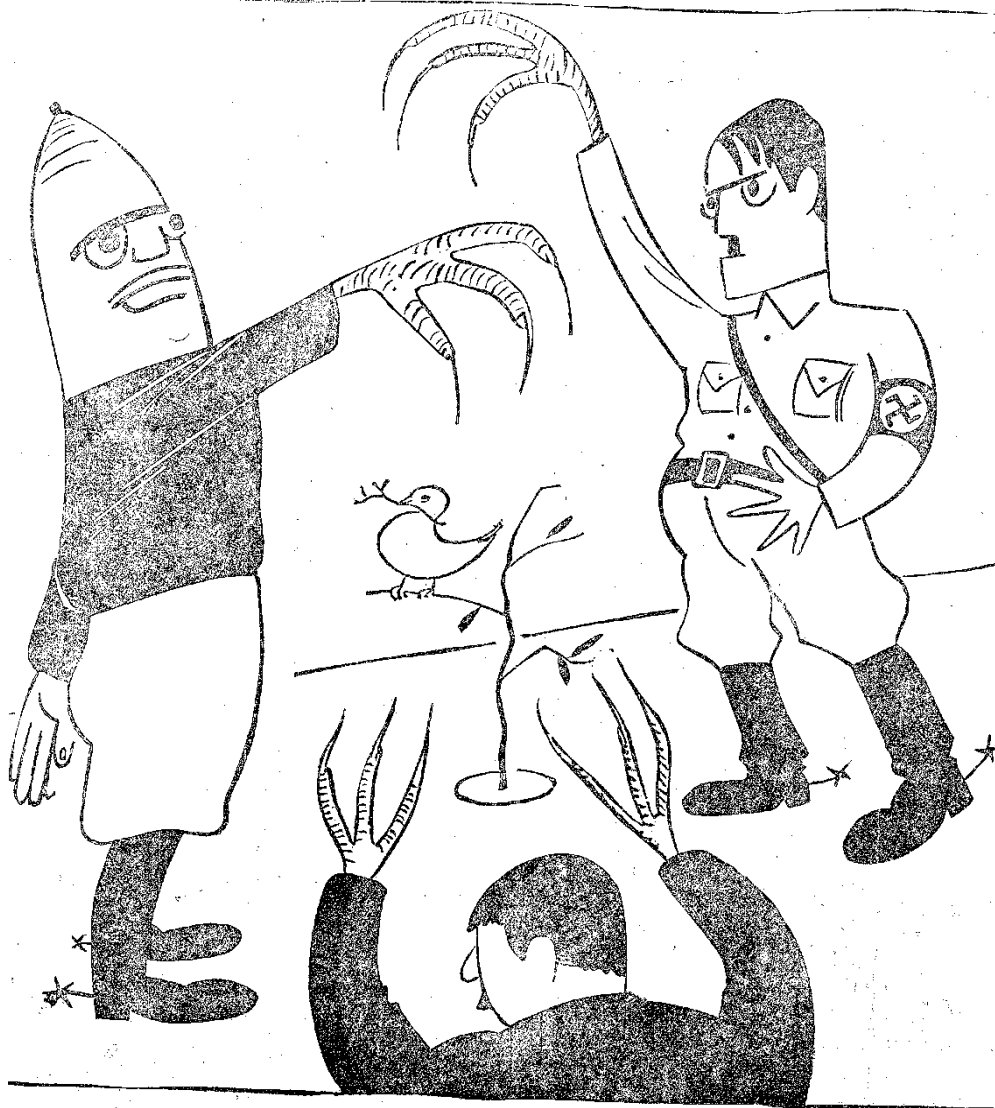
* * *

Continuam as nações altamente preocupadas no problema da guerra.

Vejam em que as nações se hão-de ocupar! Na forma mais pratica de tirar os miolos aos filhos alheios...

Quando esses filhos lhe pedem pão para o estomago e roupa para o pélo, vêm as nações e chegam-lhe a *roupa ao pélo* sem mais aquelas. Mas quando as nações estão a sentir-se com as costas quentes, não tem escrupulos em dirigir-se para os tais filhos e chamar-lhes os nomes mais lindos até convencê-los a virem para a barricada defender a patria, o sagrado torrão natal. Isto enquanto os senhores detentores da patria e dos sagrados torrões continuam placidamente em casa em fôtas otomanas a deliciar-se com perfumados charutos e a levantar as suas taças

A pomba da paz, em calças pardas...



Nas mãos destes mihafres—Hitler, Mussolini e Laval, nem um ossinho se se lhe aproveita...

Des. de Ivo—Grav. de Malho

Caricatura dos líderes europeus, concebida pelo *Re-Nhau-Nhau*, 4 de Abril de 1935, p. 8. Pierre Laval foi Primeiro-Ministro da França durante o regime de Vichy. Foi condenado à morte por alta traição, em França, por colaboração com o inimigo e por atentar contra a segurança do Estado.

ANEXO 25



Visita oficial de dois navios de guerra alemães, *Panzerschiffe Deutschland* e *Admiral Scheer*. Esta visita deveu-se á celebração dos 25 anos de consulado de Emil Gesche na Madeira. O cônsul Gesche mantinha uma relação de amizade muito directa com a Marinha Alemã. Nas fotos: visita oficial de um almirante dos navios, ao governador da Madeira, no Palácio de São Lourenço e acompanhado pelo Cônsul alemão. Era hábito no segundo dia celebrar-se um cocktail a bordo, onde compareciam as autoridades locais e alguns membros da colónia alemã, cuja lista de convidados ficava à responsabilidade do cônsul. Data: 25 Outubro 1935. Fotos do Livro de Honra da Quinta Olavo, gentilmente cedidas pela ex cônsul da Alemanha na Madeira, Elisabeth Gesche.